

Pio XII

RADIOMENSAGENS DE NATAL

1939 - 1953

*This is a MBS Library best viewed by Micro Book Studio.
You may download it at*

<http://www.microbookstudio.com>

- MENSAGEM DE NATAL DE 1939: PONTOS FUNDAMENTAIS PARA A PACÍFICA CONVIVÊNCIA DOS POVOS

- MENSAGEM DE NATAL DE 1940: ALEGRIA NA TORMENTA

- RADIOMENSAGEM DE NATAL DE 1941: BASES DA ORDEM NOVA

- RADIOMENSAGEM DE NATAL DE 1942: A PAZ NA VIDA SOCIAL

- RADIOMENSAGEM DE NATAL DE 1943: NATAL DE GUERRA

- RADIOMENSAGEM DE NATAL DE 1944: SOBRE A DEMOCRACIA

- **RADIOMENSAGEM DE 9
DE MAIO DE 1945:
SOBRE O FIM DA
GUERRA NA EUROPA**

- **RADIOMENSAGEM DE
NATAL DE 1945: MISSÃO
DA IGREJA E
PRESSUPOSTOS DE
UMA PAZ DURADOURA**

- **RADIOMENSAGEM DE
NATAL DE 1946: O
CAMINHO DA PAZ**

- **RADIOMENSAGEM DE
NATAL DE 1947: O
MUNDO NA CURVA DE
SEU DESTINO**

- **RADIOMENSAGEM DE
NATAL DE 1948: A
SEGURANÇA E O
APERFEIÇOAMENTO DA
PAZ**

- **RADIOMENSAGEM DE
NATAL DE 1949: O
JUBILEU DE 1950**

- **RADIOMENSAGEM DE
NATAL DE 1950: O FIM
DO ANO SANTO**

- **RADIOMENSAGEM DE
NATAL DE 1951: SOBRE
A IGREJA E A PAZ**

- **RADIOMENSAGEM DE 31 DE DEZEMBRO DE 1951: AOS DETIDOS NOS INSTITUTOS PENAI**

- **RADIOMENSAGEM DE NATAL DE 1952: A DESPERSONALIZAÇÃO DO HOMEM MODERNO**

- **RADIOMENSAGEM DE NATAL DE 1953: SOBRE OS PERIGOS DO TECNICISMO**

Pio XII

MENSAGEM DE NATAL DE 1939

PONTOS FUNDAMENTAIS PARA A PACÍFICA CONVIVÊNCIA DOS POVOS

Índice Geral

[INTRODUÇÃO](#)

[A LUZ DA FÉ](#)

[ACIMA DAS TEMPESTADES DO MUNDO](#)

[AO TROAR DO CANHÃO](#)

[ESFORÇOS SUPREMOS CONTRA A GUERRA](#)

[PARA UMA PAZ FASTA E HONROSA](#)

[DEUS O QUER!](#)

[NA GRUTA DO REI DA PAZ](#)

[CARTA DO PRESIDENTE ROOSEVELT A SUA
SANTIDADE, O PAPA PIO XII, MENCIONADA NA
RADIOMENSAGEM DE NATAL DE 1939](#)

▪ [Índice Anterior](#)

Pio XII

MENSAGEM DE NATAL DE 1940

ALEGRIA NA TORMENTA

Índice Geral

[INTRODUÇÃO](#)

[A ALEGRIA DO NATAL](#)

[OTIMISMO E PESSIMISMO](#)

[INABALÁVEL CONFIANÇA NO TRIUNFO FINAL DE JESUS CRISTO](#)

[ESPÍRITOS FRACOS E CORAÇÕES FORTES](#)

[NOVAS EXIGÊNCIAS DO APOSTOLADO](#)

[PÁGINAS DOLOROSAS DA HISTÓRIA DO MUNDO](#)

[PRISIONEIRO, DISPERSO, FUGITIVO](#)

[PRESSUPOSTOS DE UMA PAZ JUSTA E DURADOURA](#)

[ASPIRAÇÕES DUMA NOVA ORDEM](#)

[A POSIÇÃO E A AÇÃO DA IGREJA](#)

[CONDIÇÕES PARA UMA ORDEM VERDADEIRA E SÓLIDA](#)

[EXORTAÇÃO À ORAÇÃO](#)

■ *Índice Anterior*

Pio XII

RADIOMENSAGEM DE NATAL DE 1941

BASES DA ORDEM NOVA

Índice Geral

INTRODUÇÃO

A TRÁGICA SITUAÇÃO ATUAL

CAUSA DE TANTOS DESASTRES: A DESCRISTIANIZAÇÃO DO INDIVÍDUO E DA SOCIEDADE

FUNESTAS CONSEQUÊNCIAS

REMÉDIO: VOLTAR À FÉ E À OBSERVÂNCIA DA LEI MORAL

BASES DE UMA VERDADEIRA ORDEM NOVA

NADA DE AGRESSÕES CONTRA A LIBERDADE E VIDA DAS NAÇÕES MAIS PEQUENAS.

NEM OPRESSÃO DAS MINORIAS ÉTNICAS E DAS SUAS PECULIARIDADES CULTURAIS.

NEM AÇAMBARCAMENTO INJUSTO DAS RIQUEZAS NATURAIS POR PARTE DE ALGUMAS NAÇÕES COM PREJUÍZO DAS OUTRAS.

NEM CORRIDA AOS ARMAMENTOS NEM VIOLAÇÃO DOS TRATADOS.

NEM PERSEGUIÇÃO DA RELIGIÃO E DA IGREJA.

SAUDAÇÃO A ROMA CRISTÃ

-
- *Índice Anterior*

Pio XII

RADIOMENSAGEM DE NATAL DE 1942

A PAZ NA VIDA SOCIAL

Índice Geral

**INTRODUÇÃO: O SANTO NATAL E A HUMANIDADE
SOFREDORA**

**RELAÇÕES INTERNACIONAIS E ORDEM INTERNA DAS
NAÇÕES**

DUPLO ELEMENTO DA PAZ NA VIDA SOCIAL

CONVIVÊNCIA NA ORDEM

**DEUS, PRIMEIRA CAUSA E ÚLTIMO FUNDAMENTO DA
VIDA INDIVIDUAL E SOCIAL**

**DESENVOLVIMENTO E APERFEIÇOAMENTO DA
PESSOA HUMANA**

**ORDENAÇÃO JURÍDICA DA SOCIEDADE E DOS SEUS
FINS**

CONVIVÊNCIA NA TRANQUÍLIDADE

HARMONIA ENTRE TRANQUÍLIDADE E OPEROSIDADE

O MUNDO OPERÁRIO

**CINCO PONTOS FUNDAMENTAIS PARA A ORDEM E
PACIFICAÇÃO DA SOCIEDADE HUMANA**

**CONSIDERAÇÕES SOBRE A GUERRA MUNDIAL E
SOBRE S RENOVAÇÃO DA SOCIEDADE.**

INVOCAÇÃO AO REDENTOR DO MANDO

-
- *Índice Anterior*

Pio XII

RADIOMENSAGEM DE NATAL DE 1943

NATAL DE GUERRA

Índice Geral

INTRODUÇÃO

A LUZ DA ESTRELA DE BELÉM

AOS DESENGANADOS

**OS QUE PUSERAM A SUA CONFIANÇA NA EXPANSÃO
MUNDIAL DA VIDA ECONÔMICA**

**OS QUE PUSERAM A FELICIDADE NA CIÊNCIA SEM
DEUS**

AOS DESOLADOS SEM ESPERANÇA

**AQUELES PARA QUEM O TRABALHO ERA A
FINALIDADE DA VIDA**

**OS QUE PUSERAM A SUA ESPERANÇA NO GOZO DA
VIDA TERRENA**

**AOS FIÉIS: O CONFORTO DA FÉ NAS CALAMIDADES
ATUAIS**

DEVERES DOS CRISTÃOS

EXORTAÇÃO AO TRABALHO

PEDIDO DE AUXILIO

EXPECTATIVA DE PAZ

PRINCÍPIOS PARA UM PROGRAMA DE PAZ

BÊNÇÃO APOSTÓLICA

▪ ***Índice Anterior***

Pio XII

RADIOMENSAGEM DE NATAL DE 1944 SOBRE A DEMOCRACIA

Índice Geral

O SEXTO NATAL DE GUERRA

AURORA DE ESPERANÇA

O PROBLEMA DA DEMOCRACIA

**QUALIDADES PRÓPRIAS DOS CIDADÃOS QUE VIVEM
EM REGIME DEMOCRÁTICO**

POVO E "MASSA"

**QUALIDADES PRÓPRIAS DOS GOVERNANTES NAS
DEMOCRACIAS**

O ABSOLUTISMO ESTATAL

**NATUREZA E CONDIÇÕES DE UMA ORGANIZAÇÃO
EFICAZ PARA A PAZ: A UNIÃO DO GÊNERO HUMANO
E A SOCIEDADE DOS POVOS**

**CONTRA A GUERRA DE AGRESSÃO COMO SOLUÇÃO
DAS CONTROVÉRSIAS INTERNACIONAIS**

**FORMAÇÃO DE UM ÓRGÃO COMUM PARA A
MANUTENÇÃO DA PAZ**

SUA ORGANIZAÇÃO EXCLUI TODA IMPOSIÇÃO

INJUSTA

AUSTERAS LIÇÕES DA DOR

A PUNIÇÃO DOS DELITOS

**A IGREJA DEFENSORA DA VERDADEIRA DIGNIDADE
E LIBERTAÇÃO HUMANA**

CRUZADA DE CARIDADE

▪ *Índice Anterior*

Pio XII

RADIOMENSAGEM DE 9 DE MAIO DE 1945 SOBRE O FIM DA GUERRA NA EUROPA

Índice Geral

A TODO O MUNDO

-
- *Índice Anterior*

Pio XII

RADIOMENSAGEM DO NATAL DE 1945

MISSÃO DA IGREJA E PRESSUPOSTOS DE UMA PAZ DURADOURA

Índice Geral

[NATAL DE EXPECTATIVA E ORAÇÃO](#)

[O PRÓXIMO CONSISTÓRIO E SUAS
CARACTERÍSTICAS](#)

[QUANTO AO NÚMERO DOS FUTUROS CARDEAIS.](#)

[QUANTO À NAÇÃO A QUE PERTENCEM.](#)

[A SUPRANACIONALIDADE DA IGREJA](#)

[INDIVISÍVEL UNIDADE DA IGREJA](#)

[UNIVERSALIDADE DA IGREJA](#)

[A OBRA DA PAZ](#)

[TRÊS PRESSUPOSTOS FUNDAMENTAIS PARA UMA
PAZ DURÁVEL E VERDADEIRA](#)

[OS PRISIONEIROS DE GUERRA](#)

▪ [Índice Anterior](#)

Pio XII

RADIOMENSAGEM DE NATAL DE 1946

O CAMINHO DA PAZ

Índice Geral

[A VOZ DA CONSCIÊNCIA](#)

[CAMINHO LONGO E PENOSO](#)

[TRÍPLICE CONVITE AOS GOVERNANTES DOS POVOS](#)

[A LUZ DE BELÉM](#)

[O AÇOITE DA FOME](#)

▪ [Índice Anterior](#)

Pio XII

RADIOMENSAGEM DE NATAL DE 1947 O MUNDO NA CURVA DE SEU DESTINO

Índice Geral

INTRODUÇÃO

**CAUSA DA DECADÊNCIA DE NOSSO TEMPO: A
"INSINCERIDADE"**

**PARA GANHAR A PAZ, DEVEMOS ESTAR
PREPARADOS PARA TODOS OS SACRIFÍCIOS**

**REMÉDIO DOS GRANDES MALES DE NOSSA ÉPOCA:
A FRATERNIDADE**

CONCLUSÃO: EXORTAÇÃO À ESPERANÇA E À FÉ

BÊNÇÃO APOSTÓLICA

▪ *Índice Anterior*

Pio XII

RADIOMENSAGEM DE NATAL DE 1948 A SEGURANÇA E O APERFEIÇOAMENTO DA PAZ

Índice Geral

CONFIRMA FRATRES TUOS

DUPLO DEVER SAGRADO

FERVOR DE VIDA

SUBLIMES HEROÍSMOS

DOLOROSOS NAUFRÁGIOS

AMARGAS SEPARAÇÕES

**O CRISTIANISMO CATÓLICO NO ATORMENTADO
MANDO MODERNO**

A COMUNIDADE DOS POVOS

O PESADELO DE UMA NOVA GUERRA

**A VERDADEIRA VONTADE CRISTÃ DE PAZ VEM DE
DEUS**

É FACILMENTE RECONHECÍVEL

É PRÁTICA E REALÍSTICA

E' SINAL DE FORÇA. A SOLIDARIEDADE DOS POVOS

CONTRA O ESPÍRITO DE AGRESSÃO

O PRECEITO DIVINO DE PAZ

EXORTAÇÃO À JUVENTUDE CATÓLICA

INVOCAÇÃO FINAL. A PALESTINA

▪ ***Índice Anterior***

Pio XII

RADIOMENSAGEM DE NATAL DE 1949

O JUBILEU DE 1950

Índice Geral

EXPECTATIVA DOS POVOS

A ABERTURA DA PORTA SANTA

O ANO DO GRANDE RETORNO E DO GRANDE PERDÃO

ANO DO GRANDE RETORNO.

RETORNO A DEUS DOS INCRÉDULOS. RETORNO DOS ATEUS.

RETORNO DOS PAGÃOS

RETORNO DOS PECADORES A CRISTO

RETORNO DOS DISSIDENTES À IGREJA

RETORNO DO MUNDO AOS DESÍGNIOS DE DEUS

NO CAMPO SOCIAL

NO CAMPO INTERNACIONAL

ANO DO GRANDE PERDÃO

ARREPENDIMENTO E EXPIAÇÃO

PERDÃO ENTRE OS HOMENS

PERDÃO AMPLO

CONVITE A ROMA

"ROMA MIHI PATRIA".

-
- *Índice Anterior*

Pio XII

RADIOMENSAGEM DE NATAL DE 1950

O FIM DO ANO SANTO

Índice Geral

INTRODUÇÃO

MARAVILHAS INCOMPARÁVEIS.

RECORDAÇÕES COMOVENTES.

**ENCONTRO DO TÚMULO DO PRÍNCIPE DOS
APÓSTOLOS**

OS FRUTOS DO ANO SANTO

OBSTÁCULOS AO APOSTOLADO DA IGREJA

OS GRANDES AUSENTES

A PAZ INTERNA DOS POVOS

A PAZ EXTERNA

SOLICITUDE DA IGREJA PELA PAZ DO MUNDO

GRANDÍSSIMA INJUSTIÇA

RECURSO À ORAÇÃO

▪ *Índice Anterior*

Pio XII

RADIOMENSAGEM DE NATAL DE 1951 SOBRE A IGREJA E A PAZ

Índice Geral

INTRODUÇÃO: SUAVE FESTIVIDADE

O CONTRIBUTO DA IGREJA PARA A CAUSA DA PAZ.

EM QUE NÃO PODE ENTÃO CONSISTIR O
CONTRIBUTO DA IGREJA PARA A CAUSA DA PAZ.
SUPOSTA NEUTRALIDADE POLÍTICA DA IGREJA.

A IGREJA NÃO JULGA POR CRITÉRIOS
EXCLUSIVAMENTE POLÍTICOS.

SENDO ASSIM, EM QUE CONSISTIRA O CONTRIBUTO
QUE A IGREJA PODE E DEVE PRESTAR A CAUSA DA
PAZ?

O TÍTULO JURÍDICO E A NATUREZA DA MISSÃO
PACIFICADORA DA IGREJA.

RELAÇÕES DA IGREJA COM OS ESTADOS.

A SOCIEDADE DOS ESTADOS.

QUAL É, FINALMENTE, O CONTRIBUTO PRÁTICO QUE
A IGREJA PRESTA A CAUSA DA PAZ? A ORDEM
CRISTÃ, FUNDAMENTO E GARANTIA DA PAZ.

AS ARMAS MODERNAS.

O DESARMAMENTO.

A ORDEM CRISTÃ, ORDEM DE LIBERDADE.

**OS BONS SERVIÇOS DA SANTA SÉ NA SOLUÇÃO
PACÍFICA DOS CONFLITOS.**

A IGREJA DO SILÊNCIO.

▪ ***Índice Anterior***

Pio XII

RADIOMENSAGEM DE 31 DE DEZEMBRO DE 1951

AOS DETIDOS NOS INSTITUTOS PENAIIS

Índice Geral

AOS DETIDOS NOS INSTITUTOS PENAIIS

-
- *Índice Anterior*

Pio XII

RADIOMENSAGEM DE NATAL DE 1952 A DESPERSONALIZAÇÃO DO HOMEM MODERNO

Índice Geral

O NATAL, GRANDE ESPERANÇA DE SALVAÇÃO

**O DOLOROSO CORO DOS POBRES E DOS
OPRIMIDOS.**

**DOIS CONCEITOS FUNDAMENTAIS DA OBRA
SALVADORA DE DEUS.**

DOIS CAMINHOS FALSOS.

**A VIDA SOCIAL NÃO PODE CONSTRUIR-SE À
MANEIRA DAMA GIGANTESCA MÁQUINA INDUSTRIAL.**

A "DESPERSONALIZAÇÃO" DO HOMEM MODERNO.

**EFEITOS DO MULTÍPLICE DESCONHECIMENTO DA
PESSOA HUMANA.**

**A SOLIDARIEDADE RECÍPROCA DOS HOMENS E DOS
POVOS.**

**OS SOFRIMENTOS DE CONSCIÊNCIA NA SOCIEDADE
HODIERNA.**

**QUESTÃO DA NATALIDADE E PROBLEMA DA
EMIGRAÇÃO.**

OPRESSÕES E PERSEGUIÇÕES.

OS SOFRIMENTOS DOS POVOS.

JESUS E OS POBRES.

O SOCORRO DAS MISÉRIAS.

EXORTAÇÃO.

▪ ***Índice Anterior***

Pio XII

RADIOMENSAGEM DO NATAL DE 1953 SOBRE OS PERIGOS DO TECNICISMO

Índice Geral

EM VOLTA DO RADIOSO BERÇO DO REDENTOR

LUZ QUE BRILHA NAS TREVAS

O PROGRESSO TÉCNICO

VEM DE DEUS E CONDUZ POR SI A DEUS

A TÉCNICA MODERNA NO APOGEU DO ESPLENDOR E
DO RENDIMENTO

O PERIGO DE QUE ELA OCASIONE GRAVE DANO
ESPIRITUAL. O "ESPÍRITO TÉCNICO".

TENDE A RESTRINGIR À MATÉRIA O OLHAR DO
HOMEM...

... TORNA-O CEGO ÀS VERDADES RELIGIOSAS.

O INFLUXO DO "ESPÍRITO TÉCNICO" NA ORDEM
NATURAL DA VIDA DOS HOMENS MODERNOS E NAS
RELAÇÕES RECÍPROCAS ENTRE ELES...

... NA DIGNIDADE PESSOAL DE DEUS, NA ECONOMIA
GLOBAL...

... E NA FAMÍLIA

O "CONCEITO TÉCNICO DA VIDA" FORMA PARTICULAR DO MATERIALISMO.

GRAVIDADE DA HORA PRESENTE, ESPECIALMENTE PARA A EUROPA.

O CAMINHO RETO PARA A VERDADEIRA PAZ.

A UNIÃO DOS POVOS DA EUROPA.

GENUÍNA AÇÃO SOCIAL CRISTÃ.

A AUTORIDADE DO ESTADO.

CONCLUSÃO.

▪ *Índice Anterior*



Pio XII

MENSAGEM DE NATAL DE 1939

PONTOS FUNDAMENTAIS PARA A PACÍFICA CONVIVÊNCIA DOS POVOS

INTRODUÇÃO

1. Neste dia de santa e suave alegria, Veneráveis Irmãos e queridos Filhos, em que a ânsia do Nosso espírito, atento na expectativa do Advento divino, vai repousar na dulcíssima contemplação do mistério do nascimento do Redentor, consideramos, como prelúdio de tamanha alegria, o prazer muito íntimo de ver reunidos à Nossa volta os membros do Sacro Colégio e da Prelatura Romana, e de colher dos lábios eloqüentes do eminente Cardeal Decano, por todos amado e venerado, os sentimentos tão delicadamente afetuosos e os votos que - sublimados e acompanhados de fervorosas orações dirigidas ao Divino infante Nos fazem tantos corações fiéis e devotos, nesta alegre solenidade do santo Natal, a primeira do ciclo do ano litúrgico e primeira festa do Natal do Nosso Pontificado.

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



A LUZ DA FÉ

2. O Nosso espírito levanta-se convosco deste mundo para as esferas espirituais iluminadas pela grande luz da fé; convosco se absorve na recordação sagrada do mistério e do sacramento dos séculos, escondido e manifestado na gruta de Belém, berço da Redenção de todos os povos, revelação da paz entre o céu e a terra, da glória de Deus nas alturas dos céus e da paz na terra aos homens de boa vontade, princípio do novo curso de séculos, que adorarão esse divino mistério, dom de Deus e felicidade para toda a terra.

"Exultemos, vos diremos com as palavras do Nosso grande Predecessor S. Leão Magno, exultemos no Senhor, queridos filhos, "alegremo-nos numa alegria muito espiritual, porque amanheceu para nós o dia da nossa redenção nova, da antiga reparação, da felicidade eterna. Eis, com efeito, que com o volver do ano se renova para nós o sacramento da nossa salvação, prometido desde o princípio, realizado até o fim, de duração sem fim, no qual - coisa digna de nós - adoramos esse divino mistério, deslumbrando o coração com as coisas celestes, para que a Igreja celebre com grande alegria (S. Leon. M. Sermo XXII In Nativ. Dom. 11, cap. 1. PL, 54, col. 193-194) Aquele que nos foi dado como dom magnânimo de Deus".

3. Na celebração desse divino mistério, a alegria dos nossos corações eleva-se, faz-se espiritual, lança raízes no sobrenatural e tende para ele, voando para Deus com a magnífica expressão da oração da Igreja: Ut inter mundanas varietates ibi nostra fixa sint corda, ubi vera sunt gaudia (Or. Dom. IV post. Pasch.). No meio dos choques e do tumulto dos acontecimentos deste mundo, a verdadeira alegria refugia-se no domínio imperturbável do espírito, onde, como numa torre que as tempestades não podem abalar, se fixa confiadamente em Deus, e une-se com Cristo, princípio e razão de toda a alegria e de toda a graça. Não é porventura esse o sacramento do Rei das nossas almas, do Deus Menino do presépio de Belém? Quando este segredo real trespassa e se fixa nas almas, então a fé, a esperança e o amor se sublimam no êxtase do Apóstolo das gentes que grita ao mundo: "Eu vivo, mas não sou eu que vivo: é Cristo que vive em mim" (Gál 2, 20). Na transformação do homem em Cristo, o próprio Cristo se veste de homem, humilhando-se até ao homem para o levantar até junto de si nessa alegria do seu

próprio nascimento, - perene festa do Natal, para a qual a liturgia da Igreja nunca deixa em todas as estações de nos chamar, convidar e exortar, para que em nós se verifique a promessa que nos fez: o nosso coração se alegrará e ninguém atos roubará a nossa alegria (Jo 16, 22).

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



ACIMA DAS TEMPESTADES DO MUNDO

4. A luz celeste desta alegria e deste conforto sustenta a confiança daqueles em quem vive e resplandece; e não a pode obscurecer nem perturbar qualquer contrariedade ou trabalho, inquietação ou sofrimento que se levante ou murmure cá debaixo da terra semelhante àquela

**" ..
Iodoletta
che in
aere si
spazia
prima
cantando,
e poi face
contenta
dell'ultima
dolcezza
che la
sazia".**

**Par .
XX,
73**

Onde outros se aterram, onde as águas amargas da aflição e da desesperação submergem os pusilânimes, as alertas em que Cristo vive podem tudo, elevam-se acima das desordens e tempestades do mundo com coragem e ardor sempre igual, até ao ponto de cantar a ordem, a justiça e as magnificências de Deus. Sob as tempestades, sentem-se maiores que os redemoinhos, a terra que pisam e os mares que sulcam, mais do que pelo espirito imortal, pela elevação dos corações para Deus, sursum corda, pela oração e união com Deus, habemus ad Dominum.

5. Para Deus, misericordioso e onipotente, Veneráveis Irmãos e queridos Filhos, elevamos o Nosso olhar e a Nossa súplica, como a

melhor e mais eficaz expressão da Nossa gratidão pêlos vossos fervorosos rotos de Natal, os quais são também uma oração feita ao Pai Celeste, "donde voem toda a graça e todo o dom perfeito" (Tgo I, 17). Faça ele com que, nesta união de orações, cada um de vós obtenha, junto do presépio do seu Filho Unigênito que se fez homem e habitou entre nós, aquela medida plena, acogulada, abundante e a transbordar da alegria do Natal, que só ele pode dar; de sorte que, animados e sustentados por tão grande alegria, possais, generosa e virilmente, como soldados de Cristo, prosseguir o caminho, através do deserto da vida terrena, até àquele poente, em que, na aurora da eternidade, resplandecerá, diante do vosso olhar ansioso, a montanha do Senhor; e em cada um de vós, renascido para uma vida de alegria indefectível, se realizará a oração da Igreja para o Natal: "Contemprar com confiança, como juiz, o Filho único que agora acolhemos alegremente como Redentor" (Orar. in Vig. Nat.).

6. Mas esta hora em que a vigília da Santa Festa do Natal nos traz a doce alegria da vossa presença, junta-se com a lembrança saudosa, tão viva em nós - e sem dúvida não menos viva em vós -do Nosso glorioso Predecessor de santa memória (tão piedosamente invocado pelo Nosso Venerável Irmão Cardeal Decano); e recordamos as suas palavras, proferidas há apenas um ano, palavras inesquecíveis, solenes e graves, oriundas do intimo do seu coração de Pai, palavras que vós ouvistes conosco trespassados de dor muito viva, como o nunc dimittis do velho Simeão; palavras proferidas nesta sala, nesta mesma vigília, como que repassadas do peso do pressentimento, para não dizer da visão profética, de próximas desventuras; palavras de exortação suplicante, de heróico sacrifício da sua pessoa, cujos acentos inflamados ainda hoje Nos comovem a alma.

▪ [*Anterior*](#)

▪ [*Índice*](#)

▪ [*Posterior*](#)



AO TROAR DO CANHÃO

7. O indizível flagelo da guerra, que Pio XI previa com dor profunda e extrema, e, com a indomável energia do seu nobre, altíssimo espírito, queria por todos os meios afastar das contendas entre as nações, desencadeou-se finalmente, e agora é uma trágica realidade. Diante do rumor da guerra, uma amargura imensa invade a Nossa alma triste ao pensar que o Santo Natal do Senhor, do príncipe da paz, vai celebrar-se hoje no meio do funesto e fúnebre troar dos canhões, sob o terror das armas aéreas, no meio das ameaças e das insídias dos navios de guerra. Porque o mundo parece ter esquecido a pacífica mensagem de Cristo, a voz da razão, a fraternidade cristã, tivemos infelizmente de assistir a uma série de atos também inconciliáveis com as prescrições do direito natural e até com os sentimentos mais elementares de humanidade; atos que nos mostram em que círculo vicioso e caótico se perde o senso jurídico orientado por considerações puramente utilitárias. Nesta categoria entram a premeditada agressão contra um pequeno, laborioso e pacífico povo, sob pretexto de uma ameaça não existente, nem querida, e, nem sequer, possível; as atrocidades (cometidas por qualquer das partes) e o uso ilícito de meios de destruição até contra não combatentes e fugitivos, contra velhos, mulheres e crianças; o desprezo da dignidade, da liberdade e da vida humana, donde derivam atos que clamam vingança diante de Deus: *Vox sanguinis fratris tui clamat ad me de terra (Gn 4, 10)*; a propaganda anticristã e até atéia, cada vez mais extensa e metódica, sobretudo entre a juventude.

8. O Nosso dever, que é também Nossa vontade íntima e sagrada, de Pai e de Mestre da Verdade impele-nos a preservar a Igreja e a sua missão entre os homens de todo o contacto com este espírito anticristão; e, por isso, dirigimos uma calorosa e insistente exortação, sobretudo aos ministros do Santuário e aos "administradores dos Mistérios de Deus". a fim de que sejam sempre atentos e exemplares no ensino e na prática do amor, e nunca esqueçam que não há no Reino de Cristo preceito mais inviolável nem mais fundamental e sagrado que o serviço da verdade e o vínculo do amor.

▪ [*Anterior*](#)

▪ [*Índice*](#)

▪ [*Posterior*](#)



ESFORÇOS SUPREMOS CONTRA A GUERRA

9. Com viva e angustiosa ansiedade temos infelizmente de contemplar, sob os Nossos olhos, as ruínas espirituais que se vão acumulando por causa duma vasta aluvião de idéias, que mais ou menos voluntária e veladamente obscurecem e deformam a verdade no espirito de tantos indivíduos e povos, arrastados ou não pela guerra; e assim pensamos no imenso trabalho que será preciso dispender - quando o mundo, cansado de guerras, quiser restabelecer a paz - para derruir as muralhas ciclópicas da aversão e do ódio que se levantaram no ardor da luta.

10. Conscientes dos excessos, a que abrem caminho e arrastam inelutavelmente as doutrinas e obras duma política que não faz caso da lei de Deus, Nós, como sabeis, desde que estalaram as ameaças de conflitos, com todo o ardor da Nossa alma, esforçamo-Nos até ao fim por evitar o pior e persuadir os homens, que tinham nas suas mãos a força e sobre os ombros uma pesada responsabilidade, de que evitassem um conflito armado e poupassem o mundo de desgraças não fáceis de prever. Os Nossos esforços e os que Nos chegaram doutras partes influentes e respeitadas não alcançaram o efeito que se esperava, sobretudo porque pareceu irremovível a profunda desconfiança, desmesuradamente desenvolvida nas almas durante os últimos anos, a qual levantara barreiras espirituais intransponíveis entre os povos.

11. Não eram .insolúveis os problemas, que se agitavam entre as nações; mas aquela desconfiança, oriunda de uma série de circunstâncias particulares, impedia, quase com força irresistível, que ainda se tivesse fé na eficácia de eventuais promessas e na duração e vitalidade de possíveis convenções. A recordação da vida efêmera e agitada de semelhantes negociações ou acordos acabou por paralisar todos os esforços capazes de conduzir a uma solução pacífica.

12. Não Nos resta, Veneráveis Irmãos e queridos filhos, senão repetir com o profeta: Exspectavimus pacem, et non est borram, et tempos curationis, et ecce turbatio (Jer 14, 19), e trabalhar, tanto quanto pudermos, em aliviar as desventuras que nascem da guerra, ainda que tal ação seja muito difícil por causa da impossibilidade, não vencida ainda, de levar o socorro da caridade cristã às regiões, onde

a necessidade é maior e mais urgente. Com inexprimível angústia, desde há quatro meses, vemos esta guerra, que começou e prossegue em condições tão insólitas, acumular ruínas trágicas. E se até aqui - excetuado o solo ensangüentado da Polônia e da Finlândia - o número de vítimas pode considerar-se inferior ao que se esperava, a soma de dores e sacrifícios chegou ao ponto de inspirar viva ansiedade naqueles que se preocupam com o futuro estado econômico, social e espiritual da Europa, e não só da Europa. Quanto mais o monstro da guerra procura, absorve e chama a si os meios materiais, que inexoravelmente vêm sendo todos postos ao serviço das necessidades da guerra cada vez maiores, tanto mais direta ou indiretamente as nações feridas pelo conflito correm o perigo, diríamos, de uma anemia perniciosa: e vem-Nos então a pergunta torturante: - como poderá uma economia exausta e extenuada achar, depois da guerra, os meios necessários para a reconstrução econômica e social, no meio das dificuldades que aumentarão enormemente por toda parte, e das quais as forças e a arte dos inimigos da ordem, sempre alerta, tentarão aproveitar-se, na esperança de poder dar à Europa cristã o golpe decisivo?

13. Semelhantes considerações do presente e do futuro devem prender a atenção, até na febre da luta, dos governantes e da parte são de todos os povos, e movê-los a examinar os efeitos e a refletir sobre os fins e as finalidades justificáveis da guerra.

-
- *Anterior*
 - *Índice*
 - *Posterior*



PARA UMA PAZ FASTA E HONROSA

14. Pensamos que aqueles que olham vigilantemente para estas graves perspectivas e consideram serenamente os sintomas que em muitas partes do mundo indicam esta evolução dos acontecimentos, se acharão, não obstante a guerra e as suas duras necessidades, interiormente dispostos a definir, no momento oportuno e propício, claramente, no que lhes diz respeito, os pontos fundamentais de uma paz justa e honrosa, nem recusarão simplesmente as negociações se apresentasse ocasião com as precauções e garantias necessárias.

15. 1º Um postulado fundamental duma paz justa e honrosa é o assegurar o direito à vida e à independência de todas as nações, grandes e pequenas, poderosas e fracas. A vontade de viver duma nação nunca deve equivar à sentença de morte para outra. Quando esta igualdade de direitos se destrói ou lesa ou se põe em perigo, a ordem jurídica exige uma reparação, cuja medida e extensão se não determinem pela espada nem pelo egoísmo arbitrário, mas por normas de justiça e de equidade recíprocas.

16. 2º Afim de que a ordem, assim estabelecida, possa ter tranqüilidade e duração, - pontos cardeais de uma verdadeira paz, as nações devem ser libertas da pesada escravidão da corrida aos armamentos e do perigo de que a força material, em vez de servir para tutelar o direito, seja ao contrário um instrumento tirânico da sua violação. Conclusões de paz, que não atribuíssem fundamental importância a um desarmamento mutuamente consentido, orgânico, progressivo, tanto na ordem prática como na ordem espiritual, e não tratassem de o realizar lealmente, revelariam, cedo ou tarde, a sua inconsistência e falta de vitalidade.

17. 3º Em toda a organização da comunidade internacional, seria conforme com as máximas da humana sabedoria que todas as partes em causa deduzissem das deficiências ou lacunas do passado as conseqüências; e no criar ou reconstituir as instituições internacionais - as quais têm uma missão tão alta, mas ao mesmo tempo tão difícil e tão cheia de graves responsabilidades - deveriam ter-se presentes as experiências que se fizeram da ineficácia ou do defeituoso funcionamento de semelhantes iniciativas anteriores. E como é tão difícil à natureza humana, íamos a dizer quase

impossível, prever tudo e tudo assegurai no momento das negociações da paz, quando se torna tão difícil ser superior às paixões e amarguras, a constituição de instituições jurídicas, que servem para garantir a leal e fiel aplicação das convenções, e, em caso de reconhecida necessidade, para as rever e corrigir, é de importância decisiva para uma honrosa aceitação de um tratado de paz e para evitar arbitrarias e unilaterais lesões e interpretações das condições dos próprios tratados.

18. 4º Há um ponto, em particular, que deveria prender a atenção, se quer uma melhor organização da Europa: é o que se refere às verdadeiras necessidades e justas reivindicações das nações e dos povos, como também das minorias étnicas; reivindicações que, se nem sempre são suficientes para fundamentar o direito estrito, quando estão em vigor tratados reconhecidos ou sancionados ou outros títulos jurídicos que se lhe opõem, merecem contudo um exame benévolo, para ir ao seu encontro por meio de vias pacíficas e até, onde isso for necessário, por meio de uma eqüitativa, sábia e concorde revisão dos tratados. Restabelecendo assim um verdadeiro equilíbrio entre as nações, e reconstituindo as bases de uma mútua confiança, afastar-se-iam muitos incentivos para recorrer à violência.

19. 5º Além disso, os melhores regulamentos e mais completos seriam imperfeitos e condenados definitivamente ao insucesso, se aqueles que dirigem os destinos dos povos, e os próprios povos, não se deixassem penetrar cada vez mais daquele espírito, que pode dar vida, autoridade e força de obrigação à letra morta dos parágrafos dos regulamentos internacionais; daquele sentimento íntimo e -viva responsabilidade que mede e pondera os estatutos humanos segundo as santas e inabaláveis normas do direito divino; daquela fome e sede de justiça, que foi proclamada como bem- no Sermão da montanha, e que tem como natural pressuposto a justiça moral; daquele amor universal, que é o resumo e termo mais alto do ideal cristão e que por isso lança uma ponte até para aqueles que não têm a felicidade de participar da nossa fé.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



DEUS O QUER!

20. Não desconhecemos como são graves as dificuldades que se opõem à realização dos fins cujas grandes linhas acabamos de traçar para fundar, pôr em ato e conservar uma paz internacional. Mas se houve jamais objeto digno do concurso de todos os espíritos nobres e generosos, se houve em tempo algum, fervor de cruzada espiritual em que realmente ressoasse de novo o grito "Deus o quer", é verdadeiramente este o nobre objeto, esta a cruzada e a luta de corações puros e magnânimos, empreendida para arrancar os povos às águas turvas dos interesses materiais e egoístas e reconduzi-los à fonte viva do direito divino, o único que Ihe pode conferir aquela moralidade, nobreza e estabilidade, de que muito e muito, há tanto tempo, se tem sentido a falta e a necessidade, com grave dano das nações e da humanidade.

21. Para este ideal, onde residem ao mesmo tempo os fins reais duma verdadeira paz na justiça e no amor, Nós aguardamos e esperamos que todos aqueles que estão unidos conosco pelo vínculo da fé, cada qual no seu lugar e dentro dos limites da sua missão, tenham abertos o espírito e o coração, a fim de que, quando o furacão da guerra estiver para cessar e dissipar-se, surjam, ao seio de todos os povos e nações, espíritos previdentes e puros, animados de coragem, que saibam e possam opor ao tenebroso instinto de vingança a severa e nobre majestade da justiça, irmã do amor e companheira de toda a verdadeira sabedoria.

22. Desta justiça, a única que pode criar a paz e assegurá-la, Nós, e conosco todos os que escutam a Nossa voz, não ignoramos onde nos é dado encontrar o sublime exemplar, o íntimo impulso e a segura promessa. Transeamus usque Bethlehem, et vi- (Lc 9, 15). Vamos a Belém. Ai encontraremos reclinado num presépio o recém-nascido "Sol da justiça", Cristo nosso Deus, e junto dele a Virgem Maria, "Espelho da justiça" e "Rainha da paz", com o santo varão e guarda S. José, o "homem justo". Jesus é o Desejado das nações. Os profetas o apontaram e cantaram seus futuros triunfos: et vocabitur nomen eius admirabilis, conciliarius, Deus, fortis, pater futuri saeculi, princeps pacis (Is 9, 6).

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



NA GRUTA DO REI DA PAZ

23. Quando nasceu este celeste Menino, outro príncipe da paz estava sentado nas margens do Tibre e tinha solenemente erguido um "Altar da Paz de Augusto", cujas maravilhosas relíquias ainda que fragmentadas, sepultadas sob as ruínas de Roma, se descobriram em nossos dias. Sobre aquele altar Augusto sacrificou aos deuses que não salvam. Mas é lícito pensar que o verdadeiro Deus e eterno príncipe da paz que, alguns anos depois, descia ao meio dos homens, tenha ouvido os suspiros daquela época pela paz, e que a paz de Augusto fosse como que figura daquela paz sobrenatural, que só Ele pode dar, e em que toda a verdadeira paz terrestre necessariamente está compreendida, daquela paz conquistada, não como ferro, mas com o lenho do presépio deste Infante, Senhor da paz, e com o lenho da sua futura Cruz, onde morreu banhando-a com o seu sangue, não sangue de ódio e de rancor, unas de amor e de perdão.

24. Vamos, portanto, a Belém, à gruta do recém-nascido Rei da paz, cantada por cima do presépio por legiões de anjos; e de joelhos, diante dele, em nome desta humanidade inquieta e convulsa, em nome dos numerosos seres, sem distinção de povos e nações, que vertem o seu sangue e morrem, ou caíram na dor e na miséria, ou perderam a pátria, dirijamos a nossa invocação de paz e concórdia, de socorro e de salvação, com as palavras que a Igreja põe nestes dias nos lábios de seus filhos: O Emmanuel, rex et legifer noster, exspectatio gentium et salvator earum, veni ad salvandum nos, Domine, Deus noster (Breu. Rom.).

25. Enquanto nesta oração derramamos a Nossa insaciável aspiração para uma paz entre o céu e a terra, que ata sua benignidade e humanidade apareceu no meio de nós, e exortamos fervorosamente os fiéis cristãos a oferecer pelas Nossas intenções os seus sacrifícios e as suas orações, damos, Veneráveis Irmãos e queridos filhos, a vós e a todos aqueles que trazeis no vosso coração, a todos os homens de boa vontade, que se encontram sobre a face da terra, especialmente aos que sofrem, aos atormentados, perseguidos, encarcerados, aos oprimidos em todas as regiões e países, a Bênção Apostólica, como penhor de graças e de consolações e de conforto celeste.

26. No fim deste Nosso discurso não queremos privar-Nos da alegria de vos anunciar, Veneráveis Irmãos e queridos Filhos, que Nos chegou esta manhã da delegação apostólica de Washington um telegrama, de que vamos ler a introdução e a parte essencial: "O Senhor Presidente chamou esta manhã Mons. Spellmam, Arcebispo de Nova York; depois de conferenciar com ele, enviou-o à minha casa juntamente com o senhor Berle, Assistent Secretary of State, remetendo uma carta para Sua Santidade que aqui transcrevo literalmente, segundo o desejo do mesmo Senhor Presidente. Nela o Senhor Presidente declara nomear um representante do Presidente com função de embaixador extraordinário, mas sem titulo formal, junto da Santa Sé. Este representante será Sua Excelência o Senhor Myror Taylor, que partirá para Roma dentro dum mês. A noticia será publicada oficialmente amanhã".

27. Segue o texto da carta em língua inglesa que será publicado no "Osservatore Romano". Nenhuma notícia se Nos podia dar mais agradável no Natal, porque ela representa, da parte do - Chefe eminente de tão grande e poderosa nação, uma contribuição importante e prometedora, quer para o estabelecimento duma paz justa e honrosa, quer para uma ação mais eficaz e extensa, com o fim de aliviar os sofrimentos das vitimas da guerra. Por isso, queremos exprimir também aqui as Nossas felicitações e o Nosso reconhecimento por este nobre e generoso ato do Senhor Presidente Roosevelt.

▪ [*Anterior*](#)

▪ [*Índice*](#)

▪ [*Posterior*](#)



CARTA DO PRESIDENTE ROOSEVELT A SUA SANTIDADE, O PAPA PIO XII, MENCIONADA NA RADIOMENSAGEM DE NATAL DE 1939

Santíssimo Padre: Estando, por esta festa do Natal, o mundo envolto em tristeza, é muito próprio que eu vos envie uma mensagem de saudação e de fé. O mundo criou para si mesmo uma civilização capaz de garantir à humanidade paz e segurança, firmemente assentes na base do ensino religioso. Apesar da nossa civilização ter conquistado a terra, o mar e até o próprio ar, vemo-la atualmente sofrendo guerra e dores. Apraz-me recordar que foi em tempos semelhantes que Isaías profetizou, em primeiro lugar, o nascimento de Cristo. Assim, muitos séculos antes da sua vinda, a condição do mundo não era diferente daquela que hoje vemos. Então como hoje, tinha rebentado uma conflagração, e as nações da terra caminhavam perigosamente à luz do fogo que elas próprias tinham ateado. Mas nesse mesmo momento se previu um novo dia em que os cativos seriam livres e em que os conquistadores desapareceriam no fogo ateado por suas mãos; aqueles que tomaram a espada pereceram pela espada. De novo, durante muitos séculos, a que damos o nome de idade das trevas, as chamas e a espada dos bárbaros acometeram a civilização ocidental; mas, então, reacendendo-se, mais uma vez, a centelha espiritual, inerente na humanidade, honre um novo renascimento, que ressuscitou a ordem, a cultura e a religião. Creio que os sofrimentos de hoje são uma nova forma desses velhos conflitos. Sendo tão acelerado, nos nossos dias, o tempo das coisas mundanas, é de esperar que também este Período de trevas e de destruição seja muito mais abreviado do que ,nos tempos antigos. Os homens recusam-se a aceitar, no seu íntimo, por muito tempo, a lei de destruição, que lhes é imposta pêlos defensores da força bruta. Procuram sempre encontrar de -novo, embora por vezes em silêncio, aquela fé sem a qual o bem das nações e a paz do mundo não podem ser reconstruídos. Tenho o privilégio raro de lei de milhares de pessoas humildes cartas e confidências que vivem em muitas nações da terra. Os seus nomes não entram nas páginas da história, mas é o seu trabalho e coragem cotidianos que sustentam a vida do mundo. Eu sei que estes e uma legião inumerável de outros, como eles, em todos os países da tetra, estão à espera de uma luz que os guie. Sabemos que a estrela de Belém foi vista primeiramente pêlos pastores das montanhas, muito antes dos chefes do povo terem visto a grande luz, que tinha aparecido na terra. Creio que talvez já exista no meio de nós, a nova

ordem de coisas que os estadistas ainda mal divisam. Creio até que essa nova ordem já está sendo construída, silenciosa, mas inevitavelmente, nos corações das massas, cujas vozes não são ouvidas, mas cuja fé comum escreverá a última página da história do nosso tempo. Conhecem muito bem que, sem crença num princípio diretivo e sem confiança num plano divino, as nações ficarão nas trevas e os povos perecerão. Eles sabem que a civilização, herdada de nossos pais, foi edificada por homens e mulheres que conheciam, no seu íntimo, que todos éramos irmãos, porque todos éramos filhos de Deus. Eles criam que, pela sua vontade, as inimizades podiam ser curadas; que pela sua misericórdia os fracos podiam ser libertados, e que os fortes encontrariam graça, auxiliando os fracos. Se estas vozes silenciosas forem ouvidas, nesta hora de angústia e de horror, creio que nos poderão dizer coiro se há de reconstruir o mundo. E' próprio que o mundo pense .nisto, pela festa do Natal. Conhecendo perfeitamente o povo deste país que o tempo e a distância deixaram de existir, como noutras eras, sabe também que o que fere uma parte da humanidade, fere o resto do mundo. Só pela cooperação mútua e amiga daqueles que buscam a luz e a paz, poderá levar-se de vencida as forças do mal. Nas circunstâncias do momento presente, não há nenhum "leader" espiritual ou temporal que possa executar um plano determinado, capaz de pôr fim a esta destruição e reconstruir uma nova ordem. No entanto, esse tempo virá certamente. Estou, portanto, persuadido de que, embora não se veja ainda o modo nem o tempo de agir, é conveniente, desde já, trabalhar para uma união mútua de esforços de todos aqueles que, nas diversas partes do mundo - sejam líderes religiosos ou civis, têm a peito a mesma causa. Tomo, portanto, a liberdade de participar a Vossa Santidade que será para mim motivo de grande alegria enviar-vos o meu representante pessoal a fim de que os nossos comuns esforços pela paz e alívio dos que sofrem se tornem mais profícuos. Quando chegar o tempo para o restabelecimento da paz mundial, numa base mais segura, é de altíssima importância para a humanidade e para a religião que aqueles que têm a peites o mesmo ideal apresentem uma frente única de ação. Além disso, quando chegar esse dia feliz, todos nós teremos de resolver grandes problemas de importância prática. Milhões de pessoas de todas as raças, nacionalidades e credos religiosos deverão talvez Principiar uma nova vida, emigrando para outros países, ou regressando aos seus antigos lares. Neste ponto também, um ideal comum exige uma ação comum. Confio, pois, plenamente que todas as confissões religiosas do mundo, que crêm no mesmo Deus, envidarão todos

os seus grandes esforços, em prol duma tão grande causa. A vós, a quem tenho a honra de chamar um bom e velho amigo, envio as minhas respeitadas saudações, por esta festa do Natal.
Cordialmente vosso,

Franklin
D.
Roosevelt.

▪ *Autorias*

▪ *Índice*



Pio XII

MENSAGEM DE NATAL DE 1940

ALEGRIA NA TORMENTA

INTRODUÇÃO

1. Graças, Veneráveis Irmãos e diletos Filhos, graças vos damos com toda a efusão do Nosso coração, pelo dom querido da vossa presença nesta vigília do Santo Natal; graças, com emocionante e íntima gratidão, pelos vossos nobres augúrios e fervorosas orações pró Ecclesia et Pontifice; augúrios e orações de que o Venerando Decano do Sacro Colégio, tão íntimo ao Nosso Coração e tão digno da Nossa estima e afeto, se fez autorizado e eloqüente intérprete. As riquezas destes dons natalícios descem a nossa alma tanto mais suavemente quanto mais dolorosos são os tempos em que vivemos.

2. A vós respondam os Nossos sentimentos paternos, os Nossos votos, acompanhados e engrandecidos por fervorosas orações a Deus pelas próximas festas e pelo novo ano; a vós a quem o Senhor, na sua benigna Providência, chamou para estar ao Nosso lado como sábios e fiéis conselheiros, experimentados e prontos para o serviço do "rebanho do Senhor"; a vós, que, como membros da Cúria Romana, profundamente sentis e compreendeis a alta missão de colaborar e tomar parte, cada qual no próprio ofício e na própria esfera, na universal solícitude pastoral do Vigário de Jesus Cristo.

3. Para todos conjuntamente, e para cada um de vós em particular, ministros e guardas da civitas supra mentem posifa (Mt 5, 14), para todos vós, a quem cumpre, mais ainda que aos Outros, aceitar e praticar a palavra do Senhor: luceat lux vestra coram hominibus, imploramos do eterno Sumo Sacerdote, numa época tão grave de acontecimentos também para a Igreja e para as almas a ela confiadas, o que Ele mesmo pedia ao Pai para os apóstolos numa hora solene e santa: Pater sancte, serva eos in nomine Tuo... Non rogo ut tollas eos de mundo, sed ut serves eos a mofo... Sanctifica eos in veritate (Jo 17, 11, 15, 17).

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



A ALEGRIA DO NATAL

4. Esta manhã, Veneráveis Irmãos e diletos Filhos, a maravilhosa liturgia da Santa Igreja levantou os ânimos dos sacerdotes com as grandiosas palavras do Martirológio Romano:

***"Ab Urbe
Roma condita
anno
septingentesimo
quingentesimo
secundo, anno
imperii
Octaviani
Augusti
quadringentesimo
secundo, toto
Orbe in pace
composito...
Jesus
Christus
aeternus Deus
aeternique
Patris Filius,
mundum
volens
advento suo
piissimo
consecrare, de
Spiritu Sancto
conceptus, ..
in Bethlehem
Judae nascitur
ex Maria
Virgine factus
homo".***

5. Quando o tom solene desta alegre mensagem, que une Roma a Belém, o nascimento do Salvador do mundo com a recordação da fundação de Roma, que no seu mais alto e sagrado destino, não com

a glória das armas mas com as vitórias da graça divina, "*imperium terris, animos aequabit Olympo*" (Virgílio, Eneida, VI, 782, 783); quando esta augurai anunciação da vinda do Rei celeste, numa idade em que todo o Orbe estava em paz, ressoa de novo aos ouvidos dos fiéis de Cristo, desperta-se e levanta-se em milhões de almas de todos os povos e nações a memória da redenção do pecado. Como divina sinfonia universal, em todas as línguas sobe até ao céu um hino de júbilo, um canto de adoração de corações humildes e reconhecidos: "*Christus natus est nobis: venite, adoremos*" (Matinas do Natal). Hino imortal da liberdade dos desterrados filhos de Eva!, que quase esquecem a dor do paraíso perdido pela culpa dos nossos primeiros pais; os espinhos e as tribulações que a terra, profanada pelo pecado, gera desde a queda de Adão; mas perante o celeste Menino no presépio de Belém e da Virgem Mãe do recém nascido Emanuel, se prostram no pó, comovidos e cheios de santa admiração pêlos maravilhosos desígnios da divina Providência.

6. A santa alegria do Natal do Senhor, a íntima alegria, que nasce como palpação própria dos fiéis de Cristo, não depende, nem pode ser diminuída ou perturbada pelos acontecimentos externos; a alegria do Natal, que os enche de felicidade e de paz, tem raízes tão profundas e levanta cumes tão excelsos que não pode ser destruída pelo turbilhão de qualquer acontecimento terreno, viva o mundo em paz ou esteja ele em guerra. A consoladora verdade da palavra do Senhor: *gaudebit cor vestrum et gaudium vestrum nervo tollet a vobis* (Jo 16, 22), quem poderá jamais senti-la e experimentá-la melhor do que aquele que, sinceramente, com a alma purificada e o coração aberto, escuta o hino de paz aos homens de boa vontade, dirigido à terra do presépio, a primeira cátedra do Verbo divino encarnado?

▪ [Anterior](#)

▪ [Índice](#)

▪ [Posterior](#)



OTIMISMO E PESSIMISMO

7. Quem penetra o sentido deste hino, quem provou, ainda que apenas uma gota, do suave néctar, que contém, de verdade e amor, sabe onde encontrar refúgio no meio da desordenada seqüência dos acontecimentos, das penas e das angústias da presente tormenta; e defender-se-á igualmente tanto dum imponderado otimismo, que não tenha em conta a realidade, como da tendência, ainda menos apostólica, que inclina a um pessimismo pusilânime e deprimente. Não sabe ele talvez que a vida e a ação da Igreja, assim como a vida e a ação do Redentor, é sempre perseguida pelos satélites do despeitado e vacilante poder de Herodes? Mas também não esquecerá que a misteriosa estrela da graça do céu brilha e voltará a brilhar nas almas, que suspiram junto do berço de Deus, para as guiar do erro à verdade, da incredulidade à fé em Cristo Salvador.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



INABALÁVEL CONFIANÇA NO TRIUNFO FINAL DE JESUS CRISTO

8. Consciente da tenebrosa audácia do mal que se espraia nesta vida, o verdadeiro discípulo de Cristo experimenta em si vivo estímulo para maior vigilância sobre si, e sobre os irmãos em perigo. Seguro como está na promessa de Deus e na final vitória de Cristo sobre os seus inimigos e os do seu reino, sente-se interiormente robustecido contra desilusões e insucessos, derrotas e humilhações, e pode comunicar igual confiança a todos aqueles com quem priva no ministério apostólico, tornando-se desta guisa o seu baluarte espiritual, enquanto dá coragem e exemplo a quantos são tentados a ceder e desanimar perante o número e poder dos adversários. E sejam dadas infinitas graças ao Senhor! que também hoje a Igreja não é pobre destas almas eleitas e santas e fortes - tanto na ordem do clero como nas fileiras do laicado - que com heroísmo, o mais das vezes ignorado do mundo, com uma fidelidade que jamais vacila, no meio dos outros que caem na pusilanimidade e na fraqueza, põem em prática a exortação do Profeta:

***"Confortate
manus
dissolutas,
et genua
debilia
roborate.
Dicite
pusillanimis:
Confortamini,
et nolite
timere: ecce
Deus vester
ultionem
adducet
retributionis:
Deus ipse
veniet, et
salvabit
vos".***

Is
35,
3-
4

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



ESPÍRITOS FRACOS E CORAÇÕES FORTES

9. Mas entre os cristãos não faltam também aqueles e aquelas que, sob o peso cotidiano de sacrifícios e provas de todo o gênero, num mundo que se afasta da fé e da moral ou pelo menos do fervor da fé e da moral cristã, vão perdendo aquele vigor espiritual, aquela alegria e segurança - tanto na prática interior da fé como na profissão pública sem que não pode sustentar-se nem durar o verdadeiro e vital espírito de sentire cum Ecclesia. Vós vêde-los às vezes, talvez sem que eles o sintam, cair vítimas e fazer-se intermediários de concepções e de teorias, de pensamentos e preconceitos, que, nascidos em meios estranhos e hostis ao Cristianismo, acabam por apoderar-se das almas dos crentes. Caracteres deste gênero sofrem porém ao ver a Santa Madre Igreja - a quem no fundo queriam ser fiéis incompreendida diante do pretório de Pilatos, ou entre os servos de Herodes com vestes de zombaria. Crêem no mistério da cruz; mas esquecem-se de meditá-lo e aplicá-lo aos nossos dias. Nas fúlgidas e consoladoras horas do Tabor sentem-se perto de Cristo; nas horas tristes e obscuras do Getsêmani imitam com muita facilidade os discípulos que adormeceram. E quando as autoridades da terra lançam mão do seu poder externo, à semelhança do que fizeram os ministros do Sinédrio com Jesus, eis que se escapam timidamente na fuga, ou, o que vale o mesmo, evitam francas e corajosas resoluções.

10. Toda esta estranha agitação, Veneráveis Irmãos e diletos Filhos, não pode nem deve maravilhar-nos ou perturbar-nos; muito menos fazer-nos esquecer a exemplar fortaleza de Animo e a comovente fidelidade, com que numerosos filhos Nossos, graças ao auxílio divino, permanecem agrupados e firmes, mais fortes que todas as tempestades, em torno da pedra inabalável da sua fé e da Igreja de Deus, protetora, depositária, e infalível mestra da verdade. E por isso agradecemos comovidamente ao altíssimo e com paternal comoção pela coroa de tantos e tão nobres filhos de toda a condição e classe, e não duvidamos afirmar que a consciência, o fervor, a incondicionada e sincera dedicação a Cristo e ao seu Reino são virtudes que crescem a olhos vistos em muitos e muitos, precisamente lá onde a profissão da fé custa sacrifícios nunca antes conhecidos.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



NOVAS EXIGÊNCIAS DO APOSTOLADO

11. Mas qualquer que seja em si a relação, só conhecida de Deus, entre vitórias e derrotas, entre almas que se conquistam e almas que se perdem, não deixa de ser verdadeiro e indubitável que a condição exterior e interior da idade presente dá origem e põe ao apostolado exigências gigantescas, não só no desenvolver-se desta formidável guerra, mas ainda para o dia em que, acabadas as hostilidades, os povos deverão consagrar-se a curar as profundas chagas da amarga herança, social e econômica, quando as nações envolvidas na guerra saírem dela com feridas espirituais, precisadas, como nunca, de cuidado assíduo e vigilante, para que se evitem e diminuam os perniciosos efeitos.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



PÁGINAS DOLOROSAS DA HISTÓRIA DO MUNDO

12. Com trágica e quase fatal persistência o conflito, uma vez desencadeado, continua pela sua estrada ensangüentada, acumula ruínas, não poupa templos venerandos, monumentos insignes, hospícios de caridade, e no fácil esquecimento das normas da humanidade, na indiferença pelos costumes e convenções de guerra, vai por vezes tão longe que uma época menos perturbada e agitada que a nossa lhe insere. verá um dia os acontecimentos dentro das páginas mais dolorosas e obscuras da história do mundo.

13. O Nosso pensamento corre com angústia para o momento em que a tristíssima crônica de tantos sofrimentos - de corpos' despedaçados de almas doloridas, de feridos, prisioneiros, fugitivos, oprimidos, famintos, desfalecidos, dispersos - crônica hoje ignorada ou só em parte conhecida, se venha a revelar inteiramente. Mas o que presentemente conhecemos basta já para oprimir e dilacerar o coração! Das mulheres e mães de mais que de uma nação parece-nos ouvir ressoar ó grito aflitivo do Profeta, que a sacra liturgia recorda durante a oitava do santo Natal: Vox in Rama auditor est, ploratus et ululatus multas: Rachel plorans filios suos, et noluit consolara, quis non sunt (MI 2, f 8).

▪ [*Anterior*](#)

▪ [*Índice*](#)

▪ [*Posterior*](#)



PRISIONEIRO, DISPERSO, FUGITIVO

14. Mas entre tantos infortúnios nascidos do ingente conflito um especialmente pesou logo e pesa ainda sobre Nosso coração: o dos prisioneiros de guerra, sendo para Nós tanto mais doloroso quanto menos é a possibilidade dada à Nossa paternal solicitude de correr em auxílio lá onde é maior o número e mais digna de compaixão a miséria que clama socorro eficaz e conforto. Lembrados de quanto nós mesmos, no augusto nome do Sumo Pontífice Bento XV de feliz memória, pudemos fazer durante a precedente guerra para aliviar as penas materiais e morais de numerosos prisioneiros, esperávamos que também desta vez permanecesse aberta a porta às iniciativas religiosas e caritativas da Igreja.

15. Todavia, se nalguns países se frustrou o Nosso intento, não tem sido inteiramente vão o Nosso esforço, já que não poucas provas materiais e espirituais da Nossa dedicação pudemos fazer chegar a uma parte ao menos dos prisioneiros polacos: alguma coisa, e mais freqüente, a prisioneiros e internados italianos especialmente no Egito, na Austrália, no Canadá.

16. Nem quisemos que o santo dia do Natal amanhecesse no mundo sem fazer chegar, mediante a obra dos Nossos Representantes, aos prisioneiros ingleses e franceses na Itália, alemães na Inglaterra, gregos na Albânia, e italianos espalhados pelas diversas regiões do Império britânico, principalmente no Egito, Palestina, Índia, alguma coisa em que se revelasse a Nossa lembrança de bênção e conforto.

Desejosos pois de fazer Nossa a Ânsia das inquietas famílias sobre a sorte dos seus longínquos e infelizes parentes, outra obra, de não pequena grandeza, iniciamos e andamos ativamente desenvolvendo e alargando para pedir e transmitir notícias, apenas no que seja possível e lícito fazê-lo, não só de muitos prisioneiros, mas também de fugitivos e de quantos as presentes calamidades afastaram tristemente da sua pátria e do seu lar.

17. Temos deste modo podido sentir palpitar junto do Nosso milhares de corações com o impressionante tumulto dos seus mais íntimos afetos ou com a ansiosa tensão e pesadelo grave da incerteza, com a alegria exultante da recuperada segurança, com a profunda pena e reconfortante indicação sobre a sorte dos seus

entes queridos.

18. Nem de menos conforto é para Nós o estar em condições de poder consolar, com a assistência moral e espiritual de Nossos representantes ou com o óbolo dos Nossos subsídios, ingente número de fugitivos, refugiados, emigrantes, também entre os "não arianos": aos polacos pôde ser particularmente grande o Nosso auxílio, como àqueles a quem o contributo da caridade dos Nossos filhos nos Estados Unidos da América nos tornava mais fácil a Nossa dedicação.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



PRESSUPOSTOS DE UMA PAZ JUSTA E DURADOURA

19. Ora, há um ano, Veneráveis Irmãos e diletos Filhos, fizemos deste lugar algumas declarações de máximas sobre os pressupostos essenciais da paz conforme aos princípios da justiça, da equidade e da honra.

20. E se o subsequente desenvolvimento dos acontecimentos adiou a sua atuação, os pensamentos então expostos não perderam nada da sua intrínseca verdade e espírito de realidade, nem do seu valor de obrigação moral.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



ASPIRAÇÕES DUMA NOVA ORDEM

21. Hoje encontramos-Nos em presença de um fato que tem notável importância sintomática. Das polémicas apaixonadas das partes em luta sobre os objetivos da guerra e o regulamento da paz emerge cada vez mais clara uma quase commUnitis opinio, que as severa que tanto a Europa anterior à guerra como as suas instituições públicas se encontram num processo de tal transformação que assinale o início de uma época nova. A Europa e a ordem dos Estados, afirmase, não serão o que eram antes; alguma coisa de novo, de melhor, de mais progressivo, de orgânicamente mais sã e livre e forte deve substituir o passado, para lhe evitar os defeitos, a fraqueza, as deficiências, que dizem ter sido reveladas manifestamente à luz dos recentes acontecimentos.

22. Verdade é que as várias partes divergem nas idéias e nos objetivos; concordam todavia na aspiração duma nova ordem, e não consideram possível nem desejável o puro e simples regresso às condições anteriores.

23. Nem só a rerum novarum cupiditas pode explicar suficientemente tais correntes e sentimentos. A luz das experiências desta época de trabalho, sob a pressão esmagadora dos sacrifícios, que ela pede e impõe, novos conhecimentos e novas aspirações nascentes subjagam os espíritos e os corações. Uma luz meridiana sobre as deficiências de hoje. Uma aspiração resoluta para uma ordem que assegure as normas jurídicas da vida estatal e internacional. Que esta imensa aspiração se faça sentir mais profundamente entre os vastos núcleos daqueles que vivem do trabalho das suas mãos, sempre condenados, na paz e na guerra, a sofrer mais que os outros a amargura das desarmonias econômicas, estatais ou internacionais, ninguém se poderá admirar; menos ainda se admirará a Igreja, a qual, Mãe comum de todos, melhor sente e compreende o grito que se solta espontâneo da alma atormentada da humanidade.

▪ [*Anterior*](#)

▪ [*Índice*](#)

▪ [*Posterior*](#)



A POSIÇÃO E A AÇÃO DA IGREJA

24. Entre os sistemas contrastantes, ligados aos tempos e deles dependentes, a Igreja não pode ser chamada a tomar posição por um ponto de vista antes que por outro. No âmbito do valor universal da lei divina, cuja autoridade tem força não só para os indivíduos mas também para os povos, há largo campo e liberdade de movimento para as mais variadas formas de concepções políticas; além de que a prática afirmação de um sistema político ou de outro depende, em larga medida e muitas vezes decisiva, de circunstâncias e causas, que, em si mesmas consideradas, são estranhas ao fim e à ação da Igreja. Defensora e pregoeira dos princípios da fé e da moral, Ela tem só o interesse e o zelo de transmitir, com os seus meios educativos e religiosos, a todos os povos sem exceção, a clara torrente do patrimônio e dos valores da vida cristã; para que cada povo, de harmonia com a sua índole, se ajude dos conhecimentos e dos impulsos ético-religiosos cristãos para estabelecer uma sociedade humanamente digna, espiritualmente elevada, fonte de verdadeiro bem-estar.

25. Mais duma vez a Igreja teve de pregar a surdos: a dura realidade prega agora à sua volta e, ao seu grito - Erudimini, abrem-se ouvidos dantes fechados à voz materna da esposa de Cristo. Épocas de angústias são muitas vezes, mais que os tempos de bem-estar, ricas de verdadeiros e profundos ensinamentos, daquela mesma maneira que a dor é muitas vezes mestra mais eficaz que o êxito fácil. Tantummodo sola vexatio intellectum dabit auditui (Is 28, 19). E esperemos em Deus que a humanidade inteira, como cada nação em particular, sairá da hodierna, dolorosa e sangrenta escola, mais sábia, experimentada e amadurecida; saberá distinguir com olhos límpidos a verdade, da aparência enganadora; e abrirá e dará ouvidos à voz da razão, agradável ou não, e os fechará à oca retórica do erro; formar-se-á a convicção da realidade, que tomará a sério a atuação do direito e da justiça, não só quando se tratar de exigir o cumprimento das próprias, mas também quando se devam satisfazer as justas exigências dos outros.

▪ [*Anterior*](#)

▪ [*Índice*](#)

▪ [*Posterior*](#)



CONDIÇÕES PARA UMA ORDEM VERDADEIRA E SÓLIDA

26. Só com tais disposições de espírito se poderá dar à sedutora expressão "nova ordem" um conteúdo belo, digno, estável, apoiado sobre as normas da moralidade; e será afastado o perigo de concebê-la e plasmá-la como um mecanismo puramente externo, imposto pela força, sem sinceridade, sem consentimento pleno sem alegria, sem paz, sem dignidade, sem valor. Então se poderá dar à humanidade uma nova esperança que tranqüilize, um objetivo que corresponda às nobres aspirações; e desaparecerá o poder oculto e claro, oprimente e ruinoso da discórdia crônica, que pesa agora sobre o mundo.

27. Mas os pressupostos indispensáveis para tal nova ordem são:

(1) A vitória sobre o ódio, que hoje divide os povos; a renúncia conseqüente a sistemas e a práticas de que ele recebe sempre novo alento. E em verdade, presentemente em alguns países, uma propaganda sem freio e que não evita manifestar alterações da verdade, mostra, dia a dia e quase hora a hora, à opinião pública, as nações adversárias, a uma luz falsa e injuriosa. Mas quem quer verdadeiramente o bem-estar do povo, quem deseja contribuir para preservar de incalculáveis danos as bases espirituais e morais da futura colaboração das gentes, considerará como dever sagrado e alta missão não deixar perderem-se, no pensamento e no sentimento dos homens, os ideais naturais da veracidade, da justiça, da cortesia e da cooperação no bem, e sobretudo o sublime ideal sobrenatural do amor fraterno trazido por Cristo ao mundo.

28. (2) A vitória sobre a desconfiança, que pesa e oprime o direito internacional, torna impraticável todo o verdadeiro entendimento; um regresso portanto ao princípio: *Justitiae soror incorrupta* (ides (Horácio, Odes, I, 24, 6-7) ; àquela fidelidade na observância dos pactos, sem que não é possível a convivência segura entre os povos, e sobretudo a coexistência de povos poderosos e povos fracos. *Fundamentum autem - proclamava a antiga sabedoria romana - est justitiae fides, id est dictorum convento- constantia et veritas* (Cícero, *De officiis*, 1, 7, 23).

29. (3) A vitória sobre o funesto princípio de que a utilidade é a base e a regra dos direitos, que a força cria o direito; princípio que torna

frágil o entendimento internacional, com grave dano especialmente para aqueles estados que, ou pela sua tradicional fidelidade aos métodos pacíficos ou pela sua menor potencialidade bélica, não querem ou não podem combater com os outros; o regresso portanto a uma séria e profunda moralidade nas normas do convívio entre as nações, o que evidentemente não exclui nem a procura do útil honesto nem o oportuno e legítimo uso da força para tutelar direitos pacíficos com violência impugnados ou reparar os danos.

30. (4) Vitória sobre aqueles germes de conflito, que são as divergências assaz estridentes no campo da economia mundial; dal uma ação progressiva, equilibrada por correspondentes garantias, para se chegar a um arranjo que dê a todos os estados os meios de assegurar aos cidadãos de todas as classes conveniente teor de vida.

31. (5) Vitória sobre o espirito de frio egoísmo, o qual, confiado na força, facilmente acaba por violar não menos a honra e a soberania dos estados do que a justa, sã e disciplinada liberdade dos cidadãos. Em seu lugar deve introduzir-se uma sincera solidariedade jurídica e econômica, uma colaboração fraterna, segundo os preceitos da lei divina, entre os povos seguros da sua autonomia e independência. Enquanto nas duras necessidades da guerra falam as armas, dificilmente se poderão esperar atos definitivos no sentido da restauração de direitos moral e juridicamente imprescritíveis. Vias seria de desejar que desde já uma declaração de principio a favor do seu reconhecimento viesse serenar a agitação e a amargura de quantos se sentem ameaçados ou lesados na sua existência ou no livre desenvolvimento da sua atividade.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



EXORTAÇÃO À ORAÇÃO

32. Veneráveis Irmãos e diletos Filhos! No momento, por todos desejado, a juízo humano ainda imperscrutável, em que se calarão as armas, e se inscreverão nos parágrafos do tratado de paz os efeitos deste gigantesco conflito, :dós desejamos que a humanidade, e aqueles que lhe abrirão os caminhos do progresso, estejam tão amadurecidos no espírito e sejam de tal capacidade de ação que aplanem o terreno para o advento duma sólida, verdadeira e justa nova ordem. Suplicamos a Deus que assim aconteça. E exortamos todos a que juntem as suas às Nossas orações, a fim de que a luz e a proteção do Onipotente preserve aqueles, em cujas mãos estarão postas as decisões de tanta importância para a tranqüilidade do mundo e de tanta responsabilidade, de repetirem, noutra forma, antigos erros e de recaírem em faltas do passado, encaminhando - sem o saber e o querer - o futuro dos povos e o da própria nação por um caminho em que se não encontrará nenhuma verdadeira ordem, mas só temores e razões para novas desgraças. Possam os espíritos daqueles de cuja perspicácia, força de vontade, providência e moderação dependerá a felicidade ou infelicidade dos povos, deixar-se guiar pela luz da bem conhecida sentença: *Bis vincit qui se vincit in victoria.* (Publilii Siri sententiae. Lipsia 1869, n. 64).

33. Nós depomos nas pequeninas, onipotentes e misericordiosas mãos do recém-nascido Redentor, com confiança ilimitada e inabalável, os fossos desejos, as Nossas esperanças e orações; e imploramos convosco, com todos os sacerdotes e com todos os fiéis da Santa Igreja, com todos aqueles que em Cristo reconhecem o seu Senhor e Salvador, que liberte a humanidade das discórdias para que a guerra a arrastou: *O radix Jesse, qui stas in signum populorum, super quem continebunt reges os suum, quem gentes deprecabuntur: veni ad liberandam nos, jam noli tardare!*

34. Com estas ansiosas palavras nos lábios e esta intenção no coração, a vós, Veneráveis Irmãos e diletos Filhos, a todos os Nossos filhos do mundo inteiro, especialmente às vítimas da guerra de todas as nações, damos com paternal afeto a Bênção Apostólica, como penhor da graça divina.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*



Pio XII

RADIOMENSAGEM DE NATAL DE 1941

BASES DA ORDEM NOVA

INTRODUÇÃO

1. No dia que refulgente precede a festa do santo Natal, esperada sempre com vivo anélito de alegria suave e penetrante, quando toda a fronte está prestes a inclinar-se e todo o joelho a dobrar-se em adoração diante do inefável mistério da misericordiosa bondade de Deus, que na sua caridade infinita quis dar à humanidade o maior e mais augusto de todos os dons, o seu Filho Unigênito; - o Nosso coração, amados filhos e filhas, espalhados sobre a face da terra, dilata-se até vós, e, sem esquecer a terra, remonta-se às alturas e se profunda no céu.

2. A estrela, que, há vinte séculos, indica o berço do recém-nascido Redentor, resplandece ainda maravilhosa no céu da cristandade. Revoltem-se as gentes, conjurem embora as nações contra Deus e contra o seu Cristo (S1 2, 1-2) ; através das tempestades do mundo humano a estrela não conheceu, não conhece, não conhecerá jamais ocaso: o passado, o presente e o futuro são seus. Ela exorta a não desesperar nunca: resplandece sobre os povos, mesmo quando na terra, como sobre o oceano a bramir encapelado, se adensam negros bulhões, geradores de destruições e misérias. A sua luz é luz de conforto, de esperança, de fé inabalável, de vida e certeza no triunfo final do Redentor, que transbordará, como torrente de salvação, na paz interior e na glória para todos os que, elevados à ordem sobrenatural da graça, tiverem recebido o poder de se tornarem filhos de Deus, porque nascidos de Deus.

3. Por isso Nós, que nestes acerbos tempos de cataclismos bélicos sofremos com vossos sofrimentos e penamos com vossas dores, Nós que vivemos, como vós, sob o gravíssimo pesadelo de um flagelo que dilacera, vai já em três anos, a humanidade, na vigília de tão grande solenidade queremos com comovido coração de pai dirigir-vos a palavra, para vos exortar a permanecerdes firmes na fé,

e para vos comunicar o conforto daquela verdadeira, exuberante e sobrenatural esperança e certeza, que irradiam do berço do recém-nascido Salvador.

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



A TRÁGICA SITUAÇÃO ATUAL

4. Realmente, amados filhos, se o nosso olhar se não levantasse acima da matéria e da carne, mal poderia encontrar algum motivo de conforto. E' verdade que os sinos difundem a alegre mensagem do Natal, iluminam-se igrejas e oratórios, as harmonias religiosas alegram os espíritos, tudo é festa e esplendor nos sagrados templos; mas a humanidade não cessa de dilacerar-se numa guerra de extermínio. O sagrado rito faz ecoar nos lábios da Igreja a admirável antífona: Rex pacificus magnificatus est, cuias voltam desiderat universa terra - "O Rei pacífico mostrou-se na sua magnificência; toda a terra deseja contemplar a sua face" (In Nativ. Domini, in 1 Verse composition., Antiph. 1); mas ela ressoa em estridente contraste com os acontecimentos, que ribombam por planícies e montes com ruído aterrador, assolam terras e casas em vastas regiões, lançam milhões de homens com suas famílias na infelicidade, na miséria e na morte. E' certo que há muitos espetáculos admiráveis de indômito valor na defesa do direito e do solo pátrio; de serenidade na dor; de almas que vivem como chamas de holocausto pelo triunfo da verdade e da justiça. Nós todavia com angústia, que nos oprime a alma, ponderamos, e vemos, como num sonho mau, os terríveis recontros de armas e de sangue deste ano que agora finda; a infeliz sorte dos feridos e dos prisioneiros; os sofrimentos corporais e espirituais, as mortandades, destruições e ruínas, que a guerra aérea leva e despenha sobre grandes e populosas cidades, sobre centros e vastas regiões industriais; as riquezas dilapidadas dos Estados, os milhões de pessoas que o imane conflito e a dura violência vão lançando na miséria e na fome.

5. E ao passo que diminui o vigor e a saúde de grande parte da juventude no período do crescimento em razão das privações impostas pelo atual flagelo, sobem ao contrário a alturas vertiginosas os gastos e os pesados encargos da guerra, os quais originando contração das forças produtivas no campo civil e social, dão sério fundamento às sinistras preocupações de quantos volvem o olhar ansioso para o futuro. A idéia da força sufoca ou perverte a norma do direito. Tornai possível e dai porta aberta a indivíduos ou a grupos sociais ou políticos para prejudicarem os bens e a vida alheia; deixai que todas as outras destruições morais perturbem e escaldem a atmosfera civil a calor de tempestade; e vereis as noções de bem e de mal, de direito e de injustiça perder os seus

contornos definidos, embotar-se, confundir-se e em perigo de desaparecerem. Quem em virtude do ministério pastoral tem meio de penetrar nos corações, sabe e vê que cúmulo de dores e de ansiedades inenarráveis pesa, e cresce em muitas almas, cerceando-lhes o desejo e a alegria de trabalhar e de viver; sufocando-lhes os espíritos e tornando-os mudos e indolentes, desconfiados e quase sem esperança perante os acontecimentos e as necessidades: perturbações da alma que não se podem olhar com indiferença, quando se tem a peito o verdadeiro bem dos povos e se deseja promover para breve a volta às condições normais e ordenadas da vida e atividade. Diante desta visão do presente, nasce uma amargura que nos invade o peito, tanto mais que hoje não se vê possibilidade de entendimento entre os beligerantes, cujos recíprocos fins e programas de guerra parecem estar em oposição irreconciliável.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



CAUSA DE TANTOS DESASTRES: A DESCRISTIANIZAÇÃO DO INDIVÍDUO E DA SOCIEDADE

6. Quando se indagam as causas das presentes ruínas, diante das quais a humanidade que as considera, fica perplexa, ouve-se não raro afirmar que o Cristianismo falhou na sua missão. De quem e donde parte tal acusação? Porventura daqueles após tolos, glória de Cristo, daqueles heróicos zeladores da fé e da justiça, daqueles pastores e sacerdotes, arautos do cristianismo que através de perseguições e martírios amansaram a barbárie e a prostraram de vota ao altar de Cristo, iniciaram a civilização cristã, salvaram as relíquias da sabedoria e da arte de Atenas e de Roma, uniram os povos no nome cristão, difundiram o saber e a virtude, alçaram a cruz sobre os zimbórios e abóbadas das catedrais, imagens do céu, monumentos de fé e de piedade, que ainda levantam a fronte veneranda em meio das ruínas da Europa? Não; o Cristianismo, cuja força deriva daquele que é caminho, verdade e vida e com ele está e estará até à consumação dos séculos, o cristianismo não faltou à sua missão; mas os homens rebelaram-se contra o verdadeiro cristianismo, fiel a Cristo e à sua doutrina; forjaram um cristianismo a seu talante, um novo ídolo que não salva, que não repugna às paixões da concupiscência da carne, à avidez do ouro e da prata que fascinam a vista, à soberba da vida; uma nova religião sem alma ou uma alma sem religião, uma máscara de cristianismo morto, sem o espírito de Cristo; e proclamaram que o Cristianismo faltou à sua missão.

7. Cavemos até ao fundo da consciência da sociedade moderna procuremos a raiz do mal: Onde é que ela prende? Também aqui não queremos calar o louvor devido à prudência dos -homens de governo, que ou favoreceram sempre ou quiseram e souberam repor em seu lugar com vantagem do povo os valores da civilização cristã nas felizes relações entre a Igreja e o Estado, na tutela da santidade do matrimônio, na educação religiosa da juventude. Mas não podemos fechar os olhos à triste visão da descristianização progressiva individual e social, que da relaxação dos costumes passou ao enfraquecimento e à negação declarada de verdades e forças destinadas a iluminar as inteligências sobre o bem e o mal, a -corroborar a vida familiar, a vida particular, a vida nacional e pública. Uma anemia religiosa, semelhante a contágio que alastra, feriu assim muitos povos da Europa e do mundo e produziu nas almas

um tal vácuo moral que nenhum simulacro de religião, nem mitologia nacional ou internacional o poderá encher. Com palavras e com fatos e com providências governativas que outra coisa se tem sabido fazer, há dezenas e centenas de anos, senão arrancar dos corações dos homens, desde a puerícia à velhice, a fé em Deus, criador e pai de todos, remunerador do bem e vingador do mal, desnaturando a educação e a instrução, combatendo e oprimindo com todas as artes e meios, com a difusão da palavra e da imprensa, com o abuso da ciência e do poder, a religião e a Igreja de Cristo?

8. Precipitado o espírito no bártro moral com o afastamento de Deus e da prática cristã, que outra coisa restava senão que pensamentos, propósitos, cuidados, estima das coisas, ação e trabalho dos homens se voltassem e olhassem só para o mundo material, afanando-se e suando por se dilatarem no espaço, por crescerem cada vez mais, além de todos os limites, na conquista das riquezas e do poder, para competirem em produzir, a qual mais rapidamente e melhor, tudo o que parecia requerer o adiantamento e o progresso material? Daqui na política a prevalência de um ímpeto desenfreado para a expansão e para o mero prestígio político, sem preocupações de moralidade; na economia o dominar das grandes e gigantescas empresas e associações; na vida social o acorrer e acumular-se de multidões de povo em prejudicial superabundância nas grandes cidades e nos centros industriais e comerciais, com . a instabilidade que segue e acompanha sempre uma multidão de homens que mudam de casa e residência, de terra e emprego, de paixões e amizades.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



FUNESTAS CONSEQÜÊNCIAS

9. A conseqüência de tudo isto foi, que as mútuas relações da vida social tomaram um caráter puramente físico e mecânico. Com desprezo de todo o razoável resguardo e moderação sobrepôs-se o império da coação externa, a simples posse do poder às normas da ordem reguladora da convivência humana, emanadas de Deus, que estabelecem as relações naturais e sobrenaturais do direito e do amor para com os indivíduos e para com a sociedade. A majestade e a dignidade da pessoa humana e das sociedades particulares foi cerceada, aviltada e suprimida pela idéia da força que cria o direito; a propriedade particular para uns tornou-se num poder direto de desfrutar o trabalho alheio, noutros gerou inveja, descontentamento e ódio; e a organização que daí nasceu, converteu-se em forte arma de luta para fazer prevalecer os interesses de classe. Em alguns países um conceito ateu e anticristão do Estado com os seus vastos tentáculos enleou de tal modo o indivíduo, que quase o despojou da independência, não menos na vida particular que na pública.

10. Quem poderá hoje maravilhar-se, se esta oposição radical aos princípios da doutrina cristã veio enfim a converter-se em ardente choque de tensões internas e externas, que levou a esse extermínio de vidas humanas e destruição de bens, que estamos vendo e a que assistimos com profunda pena? A guerra, funesta conseqüência e fruto das condições sociais descritas, bem longe de lhes sustar o influxo e o desenvolvimento, promove-o, acelera-o, amplifica-o, com tanto maior ruína, quanto mais se prolonga, tornando a catástrofe cada vez mais geral.

11. Das nossas palavras contra o materialismo do último século e do tempo presente, argumentaria mal, quem deduzisse uma condenação do progresso técnico. Não; Nós não condenamos o que é dom de Deus; o qual, como faz surgir o pão das leiras da terra, assim nos dias da criação do mundo escondeu nas entranhas mais profundas do solo tesouros de fogo, de metais, de pedras preciosas, a fim de que um dia a mão do homem os escavasse para a sua necessidade, para as suas obras, para o seu progresso. A Igreja, mãe de tantas Universidades da Europa, que ainda hoje exalta e reúne os mais ousados mestres das ciências, perscrutadores da natureza, não ignora porém que de todos os bens e até da liberdade, se pode fazer um uso digno de louvor e de prêmio, ou pelo contrário

de censura e condenação. Assim sucedeu que o espírito e a tendência com que muita vez se usou do progresso técnico foram causa de que na hora que passa, a técnica deva expiar o seu erro e ser como punidora de si mesma, criando instrumentos de ruína, que destróem hoje o que ontem edificou.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



REMÉDIO: VOLTAR À FÉ E À OBSERVÂNCIA DA LEI MORAL

12. Perante a vastidão do desastre, originado dos erros indicados, não se vê outro remédio, senão a volta aos altares, ao pé dos quais inumeráveis gerações de crentes tem encontrado a bênção e a energia moral necessárias ao cumprimento dos próprios deveres; à fé que iluminava indivíduos e sociedades e ensina os direitos e os deveres competentes a cada um; às normas prudentes e inabaláveis da ordem social, que tanto no terreno nacional como no internacional, levantam uma barreira igualmente eficaz contra o abuso da liberdade e contra o abuso do poder. Mas o apelo a estas benéficas fontes deve ressoar alto, persistente, universal na hora em que estiver para desaparecer a ordem antiga e ceder o passo e o lugar a uma nova.

13. A futura reconstrução poderá oferecer preciosas oportunidades de promover o bem, não isentas porém do perigo de cair em erros e com os erros favorecer o mal; e exigirá seriedade prudente e madura reflexão, não só por causa da gigantesca dificuldade da empresa, mas também pelas graves conseqüências que, se falhasse, produziria no campo material e espiritual; exigirá inteligências de largas vistas e vontades de firmes propósitos, homens corajosos e ativos, mas sobretudo e acima de tudo consciências, que nos planos, nas deliberações e nas ações sejam animadas e movidas e sustentadas por um vivo sentimento de responsabilidade, e não hesitem a inclinar-se perante as santas leis de Deus; porque se com a força plasmada na ordem material não se aliar suma ponderação e sincero propósito na ordem moral, verificar-se-á sem dúvida a sentença de S. Agostinho: Bene currunt, sed in via noa currunt. Quanto Plus currunt, Plus errant, quia a via recedunt - "Correm bem, mas não correm no caminho. Quanto mais correm, mais erram, porque mais se extraviam" (Sermo 141, 4. - Migne, PL, 38, 777).

14. Nem seria a primeira vez que homens, esperançados de coroar-se com os louros de vitórias bélicas sonhassem dar ao mundo uma ordem nova, mostrando novos caminhos que a seu parecer conduziriam ao bem-estar, à prosperidade e ao progresso. Mas todas as vezes que cederam à tentação de impor a sua construção contra os ditames da razão, da moderação, da justiça e da nobre humanidade, encontraram-se caídos por terra, a contemplar assombrados as ruínas de esperanças falidas, e de projetos

abortados. A história ensina que os tratados de paz estipulados com espírito e condições contrastantes quer com os ditames morais quer com uma genuína sabedoria -política, tiveram sempre vida raquítica e breve, descobrindo assim e atestando um erro de cálculo certamente humano, mas nem por isso menos funesto.

15. Ora, as ruínas desta guerra são demasiado ingentes para que se lhes possam acrescentar ainda as de uma paz ilusória; e por isso, para evitar tamanha desgraça, convém que nela colaborem com sinceridade de vontade e de energia, com propósito de generosa contribuição, não só este ou aquele partido, não. só este ou aquele povo, mas todos os povos, ou antes a humanidade inteira. E' uma empresa universal de bem comum, que requer a colaboração da cristandade, por causa dos aspectos religiosos e morais do novo edifício que se quer construir.

16. Usamos, portanto, de um Nosso direito, ou melhor, cumprimos um Nosso dever, se hoje na vigília do Santo natal, divina aurora de esperança e de paz para o mundo, com a autoridade do Nosso ministério apostólico e o caloroso incitamento do Nosso coração, chamamos a atenção e a consideração do universo inteiro para os perigos que insidiam e ameaçam uma paz, que deve ser base conveniente de uma ordem nova e corresponder à expectativa e aos votos dos povos por um mais tranqüilo porvir.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



BASES DE UMA VERDADEIRA ORDEM NOVA

17. Tal ordem nova, que todos os povos anelam ver realizada depois das provações e ruínas desta guerra, tem de ser levantada sobre a rocha inabalável da lei moral, manifestada pelo próprio Criador por meio da ordem natural, e por ele inculpada nos corações dos homens com caracteres indelévels; lei moral cuja observância deve ser inculcada e promovida pela opinião pública de todas as nações e de todos os Estados com tal unanimidade de voz e de força, que ninguém se possa atrever a pô-la em dúvida ou atenuar-lhe o vínculo obrigatório.

18. Como farol resplandecente, deve com a luz de seus princípios dirigir o curso da atividade dos homens e dos Estados, os quais terão de seguir as suas admoestações e indicações salutares e profícuas, se não quiserem condenar à tempestade e ao naufrágio todo o trabalho e esforços para estabelecer uma ordem nova. Resumindo, pois, e completando o que em outras ocasiões foi por Nós exposto, insistimos também agora sobre alguns pressupostos essenciais de uma ordem internacional, que, assegurando a todos os povos uma paz justa e duradoura, seja fecunda de bem estar e prosperidade.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



NADA DE AGRESSÕES CONTRA A LIBERDADE E VIDA DAS NAÇÕES MAIS PEQUENAS.

19. 1º No campo de uma nova ordem fundada sobre princípios morais, não há lugar para a lesão da liberdade, da integridade e da segurança das outras Nações, qualquer que seja a sua extensão territorial ou a sua capacidade de defesa. Se é inevitável que os grandes Estados, pelas suas maiores possibilidades e poderio, tracem o caminho para a constituição de grupos econômicos entre si e as Nações mais pequenas e mais fracas; é todavia incontestável - como para todos, no âmbito do interesse geral - o direito destas ao respeito da sua liberdade no campo político, à guarda eficaz, nas contendas entre os Estados, daquela neutralidade que lhes compete segundo o direito natural e das gentes, à tutela do seu livre desenvolvimento econômico, pois que só em tal modo poderão conseguir adequadamente o bem comum, o bem-estar material e espiritual do próprio povo.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



NEM OPRESSÃO DAS MINORIAS ÉTNICAS E DAS SUAS PECULIARIDADES CULTURAIS.

20. 2º No campo de uma nova ordem fundada sobre princípios morais, não há lugar para a opressão manifesta ou súbdola das peculiaridades culturais ou lingüísticas das minorias nacionais, para o impedimento ou contração das suas possibilidades econômicas, para a limitação ou abolição da sua natural fecundidade. Quanto mais conscienciosamente a competente autoridade do Estado respeitar os direitos das minorias, tanto mais segura e eficazmente lhes pode exigir o leal cumprimento dos deveres civis, como aos outros cidadãos.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



**NEM AÇAMBARCAMENTO INJUSTO DAS RIQUEZAS
NATURAIS POR PARTE DE ALGUMAS NAÇÕES COM
PREJUÍZO DAS OUTRAS.**

21. 3º No campo de uma nova ordem fundada sobre princípios morais, não há lugar para acanhados cálculos egoísticos, tendentes a açambarcar as fontes econômicas e as matérias de uso comum, de modo que as Nações menos favorecidas pela natureza fiquem delas excluídas. Ao qual propósito é-Nos de suma consolação ver afirmada a necessidade da participação de todos aos bens da terra, ainda naquelas Nações que ao atuar este princípio pertenceriam à categoria das "Nações que dão" e não "das que recebem". Mas é conforme à equidade que a solução de tal questão, decisiva para a economia do mundo, se faça metódica e progressivamente com as necessárias garantias, e aproveitando a lição das faltas e omissões do passado. Se na futura paz não se arcasse corajosamente com este ponto, ficaria nas relações entre os povos uma profunda e vasta raiz a germinar amargos contrastes e exasperadas invejas, que acabariam por levar a novos conflitos. Note-se porém que a solução satisfatória deste problema está estreitamente ligada com outro princípio fundamental de uma ordem nova, do qual falamos no ponto seguinte.

▪ [*Anterior*](#)

▪ [*Índice*](#)

▪ [*Posterior*](#)



NEM CORRIDA AOS ARMAMENTOS NEM VIOLAÇÃO DOS TRATADOS.

22. 4º No campo de uma nova ordem fundada sobre princípios morais, uma vez eliminados os focos mais perigosos de conflitos armados, não há lugar para uma guerra total, nem para uma corrida desenfreada aos armamentos. Não se deve permitir que a calamidade de uma guerra mundial com as suas ruínas econômicas e sociais, com as suas aberrações e perturbações morais, se despenhe pela terceira vez sobre a humanidade. Para que esta seja tutelada contra tal flagelo é necessário que com seriedade e lealdade se proceda a uma limitação progressiva e adequada dos armamentos. O desequilíbrio entre o exagerado armamento dos Estados poderosos e o deficiente armamento dos fracos cria um perigo para a conservação da tranqüilidade e da paz dos povos e aconselha a descer a uma ampla e proporcionada limitação no fabrico e posse de armas ofensivas.

Segundo a medida em que se realizar o desarmamento, será preciso estabelecer meios apropriados, honrosos para todos e eficazes, a fim de restituir à norma pacta sunt servanda "os tratados devem ser observados", a função vital e moral que lhe compete nas relações jurídicas entre os Estados. Esta norma, que no passado sofreu crises preocupantes e infrações inegáveis, tem por isso mesmo encontrado contra si uma desconfiança quase insanável nos vários povos e respectivos governantes. Para que renasça a confiança recíproca, devem surgir instituições, que, conciliando o respeito geral, se dediquem ao nobilíssimo ofício de garantir o sincero cumprimento dos tratados, e de promover, segundo os princípios do direito e equidade, oportunas correções ou revisões.

Não Nos passa despercebido o cúmulo de dificuldades que será preciso superar e a dose quase sobre humana de boa vontade que se requer de ambas as partes, para que concordem em solucionar a dupla empresa aqui traçada. Mas este trabalho comum é tão essencial para uma paz duradoura, que nada deve embargar os homens de Estado responsáveis de o empreenderem e nele cooperarem com as forças de uma .boa vontade que, olhando ao bem futuro, vença as dolorosas recordações de tentativas frustradas no passado, e não se deixe aterrar à vista do gigantesco vigor que se requer para semelhante tarefa.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



NEM PERSEGUIÇÃO DA RELIGIÃO E DA IGREJA.

23. 5º No campo de uma nova ordem fundada sobre princípios morais, não há lugar para a perseguição da religião e da Igreja. Da fé viva em um Deus pessoal transcendente deriva uma clara e constante energia moral que informa todo o curso da vida; porque a fé não é só uma virtude, mas a porta divina por onde entram no templo da alma todas as virtudes e se forma aquele caráter forte e constante que não vacila nas lutas da razão e da justiça.

Isto vale em todos os tempos; mas muito mais num tempo em que tanto do homem de Estado como do último cidadão se exige a máxima coragem e energia moral para reconstruir uma nova Europa e um novo mundo sobre as ruínas que o conflito mundial com a sua violência, com o ódio e a divisão dos espíritos acumulou. Quanto à questão social em particular, que ao fim da guerra se apresentará mais aguda, aí estão as normas traçadas pelos Nossos Predecessores e por Nós mesmo para a resolver. Convém notar, porém, que elas só se poderão aplicar plenamente e dar todo o seu fruto, se os homens de Estado e os povos, os patrões e os operários estiverem animados da fé em um Deus pessoal, legislador e juiz supremo, a quem todos devem responder pelas próprias ações. Porque ao passo que a incredulidade, que se revolta contra Deus, ordenador do universo, é a mais perigosa inimiga de uma justa ordem nova, ao contrário todo o homem que crê em Deus será um seu decidido fautor e paladino. Quem crê em Cristo, na sua divindade, na sua lei, na sua obra de amor e de fraternidade entre os homens, contribuirá com elementos particularmente preciosos para a reconstrução social; com maior razão e mais contribuirão os homens de Estado, se mostrarem prontos a franquear as portas e aplanar o caminho à Igreja de Cristo, para que, livre e sem peias, pondo as suas energias sobrenaturais ao serviço do bom entendimento entre os povos da paz, possa cooperar com o seu zelo e com o seu amor no imenso trabalho de curar as feridas da guerra.

24. Torna-se-nos por isso inexplicável como em algumas regiões repetidas determinações embaraçam o caminho à mensagem da fé cristã, enquanto dão ampla e livre passagem a uma propaganda que a combate. Subtraem a juventude à benéfica influência da família e alheiam-na da Igreja; educam-na num espírito adverso a Cristo, instilando-lhe idéias, máximas, e práticas anticristãs; tornam árdua e

embaraçada a obra da Igreja na cura de almas e no exercício da beneficência; desconhecem e rejeitam o seu influxo moral sobre os indivíduos e a sociedade; determinações estas que longe de terem sido mitigadas ou abolidas no decurso da guerra, têm sido sob diversos pontos de vista progressivamente agravadas. Que tudo isto e mais ainda, tenha podido continuar em meio dos sofrimentos da hora presente, é um triste sinal do espírito com que os inimigos da Igreja impõem aos fiéis, além de todos os outros não pequenos sacrifícios, ainda o peso angustioso de uma terrível ansiedade a amargar e oprimir as consciências.

25. Nós amamos, - Deus nos é testemunha! - com igual afeto a todos os povos sem exceção; e para evitar até a aparência de nos deixarmos levar por espírito de facção, temo-nos imposto até agora a máxima reserva; mas as disposições contra a Igreja e os fins que com elas se pretendem, são tais que Nos sentimos obrigado, em nome da verdade, a proferir uma palavra, mesmo para que não venha, por desgraça, a nascer desorientação entre os fiéis.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



SAUDAÇÃO A ROMA CRISTÃ

26. Nós contemplamos hoje, amados filhos, ao Homem Deus nascido numa gruta, para de novo levantar o homem àquela grandeza, donde tinha caldo por sua culpa: para o repor sobre o trono de liberdade, de justiça e de honra que os séculos dos falsos deuses lhe tinham negado. O fundamento daquele trono será o Calvário; o seu ornato não será o ouro e a prata, mas o sangue de Cristo, sangue divino que há vinte séculos corre sobre o mundo e purpureia as faces da sua Esposa a Igreja, e, purificando, consagrando, santificando, glorificando os seus filhos, se torna candor de paraíso.

27. O' Roma cristã, aquele sangue é a tua vida; por aquele sangue és tu grande e iluminas com tua grandeza as próprias ruínas e restos das tuas grandezas pagãs, e purificas e consagras os códigos da sapiência jurídica dos pretores e dos Césares. Tu és mãe de uma justiça mais alta e mais humana, que te honra a ti, a tua sede, e quem te escuta. Tu és farol de civilização, e a Europa civil e o mundo devem-te quanto de mais sagrado e de mais santo, quanto de mais sábio e mais honesto exalta os povos e torna bela a sua história. Tu és mãe de caridade: os teus fastos, os teus monumentos, os teus hospícios, os teus mosteiros, os teus conventos, os teus heróis e as tuas heroínas, os teus arautos e os teus missionários, as tuas idades e os teus séculos, com suas escolas e universidades, atestam os triunfos da tua caridade, que tudo abraça, tudo sofre, tudo espera, tudo opera, para se fazer tudo a todos, e a todos confortar e aliviar, a todos sarar e chamar à liberdade dada ao homem por Cristo, e tranqüilizar a todos naquela paz que irmana os povos e de todos os homens, sob todos os climas, quaisquer que sejam as línguas e os costumes que os distingam, faz uma só família e do mundo uma pátria comum.

28. Desta Roma, centro, cidadela e mestra do Cristianismo, cidade que Cristo, mais do que os Césares, fez eterna no tempo, Nós movido pelo ardente e vivíssimo desejo do bem de cada povo e da humanidade inteira, a todos dirigimos a Nossa voz rogando e suplicando que venha depressa o dia em que nas terras, onde hoje a hostilidade contra Deus e contra o seu Cristo .arrasta os homens à ruína temporal e eterna, prevaleçam melhor conhecimento da religião e novos propósitos; o dia em que sobre o berço da nova

ordem dos povos : resplandeça a estrela de Belém anunciadora de um novo espírito que mova a cantar com os anjos: Gloria in excelsis Deo, e a proclamar; como dom enfim concedido pelo céu a todas as gentes: Pax hominibus bonde voluntatis. Despontada a aurora daquele dia, com que júbilo Nações e Governos, livres dos temores de insídias e de verem renovar-se os conflitos, transformarão as espadas, que rasgam agora peitos humanos, em arados que sulquem, ao sol da bênção divina, o fecundo seio da terra, para _ dela arrancarem um pão, banhado sim de suor, mas não já de sangue e de lágrimas!

29. Nesta esperança e com esta anelante oração sobre os lábios, enviamos a nossa saudação e a nossa bênção a todos os nossos filhos do mundo inteiro. Desça a Nossa bênção mais copiosa sobre aqueles, - sacerdotes, religiosos e leigos, - que sofrem penas e angústias pela sua fé; desça também sobre os que, embora não pertençam ao corpo visível da Igreja católica, estão perto de Nós pela fé em Deus e em Jesus Cristo e conosco concordam na ordem e dos fins fundamentais da paz; desça com particular afeto sobre quantos gemem na tristeza, duramente torturados pelas angústias da hora presente. Seja escudo a quantos militam sob as armas; refrigério aos doentes e feridos; conforto aos prisioneiros, aos expulsos da terra pátria, aos que estão longe do lar doméstico, aos deportados para terras estrangeiras, aos milhões de infelizes que a todas as horas lutam contra os espantosos estímulos da fome. Seja bálsamo a todas as dores e desventuras; seja amparo e consolação a todos os mesquinhos e necessitados que esperam uma palavra amiga que derrame em seus corações força, coragem, suavidade de compaixão e de auxílio fraterno. Repouse enfim a nossa bênção sobre aquelas almas e sobre aquelas mãos piedosas que com inexaurível generosidade e sacrifício, Nos tem dado com que poder, mais do que permitia a estreiteza dos nossos meios, enxugar as lágrimas, suavizar a pobreza de muitos, especialmente dos mais pobres e abandonados entre as vítimas da guerra; fazendo assim ver por experiência, como a bondade e benignidade de Deus cuja suma e inefável revelação é o Menino do presépio que nos enriqueceu com sua pobreza, não cessam nunca, através dos anos e das desventuras, de viver e de operar na sua Igreja.

A todos damos com profundo amor paterno, da plenitude do Nosso coração, a Bênção apostólica.

▪ *Autorias*

▪ *Índice*



Pio XII

RADIOMENSAGEM DE NATAL DE 1942

A PAZ NA VIDA SOCIAL

INTRODUÇÃO: O SANTO NATAL E A HUMANIDADE SOFREDORA

1. Com sempre nova frescura de alegria e de piedade, diletos filhos do universo inteiro, cada ano, ao ocorrer o Santo Natal, ressoa do Presépio de Belém aos ouvidos dos cristãos, repercutindo-se docemente nos seus corações, a mensagem de Jesus, que é luz no meio das trevas: uma mensagem que ilumina, com o esplendor de celestial verdade, um mundo obscurecido por erros trágicos, que infunde alegria exuberante e esperançosa à humanidade angustiada por profunda e amarga tristeza, proclama a liberdade aos filhos de Adão, constrangidos pelas cadeias do pecado e do erro, e promete misericórdia, amor e paz às multidões infinitas dos padecentes e atribulados, que vêem dissipada a sua felicidade e quebradas as suas energias sob a rajada das lutas e dos ódios, dos nossos dias borrascosos.

2. Os bronzes sagrados, anunciadores dessa mensagem em todos os continentes, não somente recordam o dom divino outorgado a toda a humanidade, no começo da era cristã, mas também anunciam e proclamam a consoladora realidade presente, realidade eternamente nova, por isso sempre viva e vivificante, realidade da "luz verdadeira que ilumina todo o homem vindo a este mundo" e não conhece ocaso. O Verbo Eterno, caminho, verdade e vida, nascendo na desolação de uma gruta e de tal modo nobilitando e santificando a pobreza, dava assim inicio à sua missão de doutrina, de salvação, de resgate do gênero humano, e dizia e consagrava uma palavra que ainda hoje é a palavra de vida eterna, com força para resolver os problemas mais tormentosos, não resolvidos e insolúveis por quem só tem vistas e meios puramente humanos: problemas que se apresentam sangrando, exigindo imperiosamente uma resposta ao pensamento e ao sentimento da humanidade amargurada e exacerbada.

3. A frase "Misereor super turbam" (compadeço-me da multidão) é para nós senha sagrada, inviolável, válida e impulsionadora em todos os tempos e em todas as situações humanas, como era a divisa de Jesus; e a Igreja renegar-se-ia a si mesma, deixando de ser mãe, se tornasse surda ao grito angustioso e filial que todas as classes da humanidade fazem chegar aos seus ouvidos. Ela não intenta tomar partido por uma ou por outra das formas particulares e concretas com as quais cada povo e Estado tendem a resolver os gigantescos problemas de sistematização interna e de colaboração internacional, quando "elas respeitam a lei divina; mas, por outra parte, coluna e base da verdade" (1 Tim 3, 15), guarda, pela a vontade de Deus por missão de Cristo, da ordem natural e sobrenatural, a igreja não pode renunciar a proclamar diante dos seus filhos e diante do universo inteiro, as irrefragáveis normas fundamentais, preservando-os de todo descaminho, caligem, inquinamento, falsa interpretação e erro; tanto mais que da sua observância, e não simplesmente do esforço dum vontade nobre e ousada, depende a segurança definitiva de qualquer nova ordens nacional e internacional, instada por todos os povos com veemente anelo. Povos dos quais conhecemos os dotes de fortaleza e de sacrifício e também as dores e angústias, a todos, sem exceção alguma, nesta hora de indizíveis provas e contrariedades, Nos sentimos ligado não só por profundo, imparcial e imperturbável amor, mas também pelo imenso desejo de lhes levar todo o conforto e socorro que de qualquer modo esteja em Nosso poder.

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



RELAÇÕES INTERNACIONAIS E ORDEM INTERNA DAS NAÇÕES

4. A Nossa última Mensagem do Natal expunha os princípios, sugeridos pelo pensamento cristão, para estabelecer uma ordem de convivência e colaboração internacional, conforme com as normas divinas. Hoje, certo do assentimento e do interesse de toda gente honesta, queremos deter-Nos, brevemente, com cuidado particular e igual imparcialidade, sobre as normas fundamentais de ordem interna dos Estados e dos povos. Relações internacionais e ordem interna estão intimamente conexas, sendo o equilíbrio e a harmonia, entre as nações, dependentes do equilíbrio interno e da maturidade interna de cada Estado, no campo material, social e intelectual. Nenhuma sólida e imperturbável frente de paz resulta possível, ou é de fato realizável, para o exterior, sem uma frente de paz interna que inspire confiança. Por conseguinte, só a aspiração de paz integral, nos dois campos, virá a livrar os povos do cruel pesadelo da guerra, a diminuir ou a superar gradualmente as causas materiais e psicológicas de novos desequilíbrios e perturbações.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



DUPLO ELEMENTO DA PAZ NA VIDA SOCIAL

5. Toda convivência social, digna desse nome, assim como se origina no desejo da paz, assim também tende à paz, ou seja, àquele "tranquilo convívio na ordem" em que S. Tomás (Summa Theol., 2-2, q. 29, a. 1 ad 1) via a essência da paz. Dois elementos primordiais, portanto, regem a vida social: a convivência na ordem e a convivência na tranquilidade.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



CONVIVÊNCIA NA ORDEM

6. A ordem, base da vida consociada dos homens, isto é, de seres intelectuais e morais que tendem a realizar um fim adequado à sua natureza, não é mera conexão extrínseca de partes numericamente diversas: é antes, e há de ser, tendência e atuação sempre mais perfeita da unidade interior, o que não exclui as diferenças, realmente fundadas e sancionadas pela vontade do Criador ou pelas normas sobrenaturais.

7. Uma clara inteligência dos fundamentos genuínos de toda a vida social tem importância suprema, hoje mais do que nunca, ante o espetáculo de uma humanidade que, intoxicada pela virulência de erros e desvarios sociais, atormentada pela febre da discórdia de cobiças, doutrinas e ambições, se debate angustiosamente na desordem, por ela mesma criada, e se ressentido dos efeitos da foixa destrutiva das idéias sociais errôneas que esquecem as leis de Deus ou lhes são contrárias. E já que a desordem não pode ser sobrepujada senão com uma ordem, que não seja meramente forçada e fictícia (assim como a escuridão com os seus efeitos deprimentes e medonhos não pode ser banida senão pela luz e não por fogos fátuos); a salvação, o renascimento e um progressivo melhoramento não se pode esperar nem originar-se senão pelo regresso de generosas e influentes classes à reta concepção social, regresso este que exige extraordinária graça de Deus, vontade inquebrantável, pronta e aprestada ao sacrifício, ânimos bons e de vistas largas. Por estas classes, mais influentes e mais abertas para penetrar e ponderar a beleza atraente das justas normas sociais, passará e entrará, depois, nas multidões a convicção da origem verdadeira, divina e espiritual da vida social, aplanando desta forma o caminho ao despertar, ao incremento e à consolidação daqueles conceitos morais, sem os quais ainda as mais enfatuadas realizações semelharão uma Babel, cujos habitantes, embora tenham muros comuns, falam línguas diversas e discrepantes.

▪ [Anterior](#)

▪ [Índice](#)

▪ [Posterior](#)



DEUS, PRIMEIRA CAUSA E ÚLTIMO FUNDAMENTO DA VIDA INDIVIDUAL E SOCIAL

8. Da vida individual e social convém subir até Deus, primeira causa e último fundamento, como Criador da primeira sociedade conjugal, fonte da sociedade familiar, da sociedade dos povos e das nações. Refletindo, embora imperfeitamente, o seu exemplar, Deus Uno e Trino, que com o mistério da Encarnação remiu e exaltou a natureza humana, a vida consociada no seu ideal e no seu fim, possui, à luz da razão e da revelação, uma autoridade moral e um absolutismo que ultrapassa todas as transformações dos tempos; é uma força de atração que, longe de ser reprimida e minguada por desilusões, erros, insucessos, irresistivelmente move os espíritos mais nobres e mais fiéis ao Senhor a retomar, com renovada energia, com novos conhecimentos, com novos estudos, meios e métodos, o que, noutros tempos e noutras circunstâncias, se tentou em vão.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



DESENVOLVIMENTO E APERFEIÇOAMENTO DA PESSOA HUMANA

9. Origem e fim essencial da vida social deve ser a conservação, o desenvolvimento da pessoa humana, ajudando-a a realizar retamente as normas e os valores da religião e da cultura, assinalados pelo Criador a cada homem e a toda a humanidade, já no seu conjunto, já nas suas ramificações naturais. Uma doutrina ou construção social que renegue esta interna e essencial conexão com Deus, de quanto respeita ao homem, ou disso prescindida, segue falso caminho; ao passo que edifica com uma mão, prepara com a outra os meios que, cedo ou tarde, insidiarão e destruirão a obra feita. E quando, desconhecendo o respeito devido à pessoa e à vida que lhe é própria, não lhe concede nenhum posto nas suas ordenações, na atividade legislativa e executiva, longe de servir a sociedade, prejudica-a; longe de promover e animar o pensamento social e tornar realidade as suas expectativas e esperanças, rouba-lhe todo o valor intrínseco, servindo-se dele como de frase utilitária, á qual, em classes sempre numerosas, encontra resoluta e franca repulsa.

10. Se a vida social importa em unidade interior, não exclui, contudo, as diferenças que beneficiam a realidade e a natureza. Mas, quando se obedece ao Supremo Legislador de tudo o que respeita ao homem, Deus, as semelhanças não menos que as diferenças dos homens encontram o posto conveniente na ordem absoluta do ser, dos valores e, por conseguinte, da moralidade. Pelo contrário, abalado tal fundamento, abrir-se-á, entre os vários campos da cultura, uma perigosa descontinuidade, aparecerá uma incerteza e fragilidade de contornos, de limites e de valores, de modo que só meros fatores externos e muitas vezes cegos instintos vêm, depois, a determinar, segundo a dominante tendência do dia, a quem incumbe o predomínio de uma ou outra orientação.

11. A ruínosa economia dos decênios passados, durante os quais toda a vida civil foi subordinada ao estímulo do lucro, sucede agora uma não menos danosa concepção, que, enquanto olha tudo e todos sob o aspecto político, exclui toda a consideração ética e religiosa. Mudança e transviamento fatais, repletos de conseqüências imprevisíveis para a vida social, que nunca está tão vizinha da perda das suas mais nobres prerrogativas como quando se ilude com poder renegar ou esquecer impunemente a eterna fonte da sua

dignidade: Deus.

12. A razão, iluminada pela fé, a cada pessoa e sociedade particular designa, na organização social, um posto fido e nobre; e sabe, para falar só do mais importante, que toda a atividade do Estado, política e econômica, serve para a realização durável do bem comum: isto é, daquelas condições externas, que são necessárias ao conjunto dos cidadãos para o desenvolvimento das suas qualidades e dos seus ofícios, da sua vida material, intelectual e religiosa, desde que, de um lado, as forças e as energias da família e dos outros organismos, aos quais pertence uma natural precedência não bastam, e, do outro, a vontade salvífica de Deus não determinou na Igreja outra universal sociedade ao serviço da pessoa humana e das realizações dos seus fins religiosos. Numa concepção social, informada e sancionada pelo pensamento religioso, a operosidade da economia e de todos os outros campos da cultura representa uma universal. nobilíssima oficina de atividade, riquíssima na sua variedade, coerente na sua harmonia, onde a igualdade intelectual e a diferença funcional dos homens alcançam os seus direitos e têm adequada expressão; no caso diverso, deprime-se o trabalho e rebaixa-se o operário.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



ORDENAÇÃO JURÍDICA DA SOCIEDADE E DOS SEUS FINS

13. Para que a vida social, conforme Deus a quer, obtenha o seu objetivo, é essencial uma ordenação jurídica que lhe sirva de apoio externo, reparo e proteção. A função dela não é 'dominar, mas servir, tender a desenvolver e acrescentar a vitalidade da sociedade na rica multiplicidade dos seus fins, conduzindo ao aperfeiçoamento de cada uma em pacífico concurso todas as energias, defendendo-as com meios apropriados e honestos de tudo o que seja desvantajoso ao seu pleno desenvolvimento. A fim de garantir o equilíbrio, segurança e harmonia da sociedade, tal ordenação dispõe também do poder de coerção contra aqueles que só por esse processo podem ser mantidos na nobre disciplina da vida social. Mas, precisamente, no justo cumprimento deste direito não haverá jamais autoridade verdadeiramente digna de tal nome que não sinta a angustiosa responsabilidade perante o Eterno juiz ante cujo tribunal toda sentença falsa e, sobretudo, toda e qualquer perturbação das normas estabelecidas por Deus receberá a sua infalível sanção e condenação.

14. As últimas, profundas, lapidares e fundamentais normas da sociedade não podem ser profanadas por intervenções do engenho humano. Poderão ser negadas, ignoradas, desprezadas, transgredidas; mas abrogadas com eficácia jurídica, nunca. Não há dúvida de que as condições de vida mudam com o andar dos tempos; mas não se dá jamais hiato absoluto nem perfeita descontinuidade entre o direito de ontem e de hoje, entre o desaparecimento de antigos poderes e constituições e o surto de novas organizações. Em todo caso, ao dar-se esta ou aquela mudança ou transformação, o fim de toda e qualquer vida social permanece idêntico, sagrado, obrigatório, a saber, o desenvolvimento dos valores pessoais do homem como imagem de Deus, permanecendo também em todo momento da humana família a obrigação de realizar os seus fins imutáveis, seja qual for o legislador e a autoridade a quem obedece. Persiste, por conseguinte, sempre e do mesmo modo, pois não cessa, em virtude de qualquer oposição, o seu direito inalienável, que a amigos e inimigos cumpre reconhecer, de uma ordem e pragmática jurídica, que sintam e compreendam ser seu essencial dever servir ao bem comum.

15. A ordenação jurídica tem, além disso, como alto e árduo objetivo, assegurar as relações harmônicas, quer entre os indivíduos, quer entre as sociedades, quer ainda no seio destas. Conseguir-se-á isto se os legisladores se absterem de seguir aquelas perigosas teorias e práticas infaustas à comunidade e sua coesão, cuja origem e difusão se deve filiar numa série de postulados errôneos. Entre estes deve-se incluir o positivismo jurídico, que atribui uma enganosa majestade à publicação de leis puramente humanas e abre caminho a uma perniciosa separação entre as leis e a moralidade; da mesma forma, o conceito que reivindica para certas nações, raças ou classes o instinto jurídico, como último imperativo e norma sem apelação; finalmente, aquelas várias teorias que, embora diversas em si e procedendo de pontos de vista ideologicamente opostos, concordam umas com as outras em considerar o Estado, ou o organismo que o representa, entidade absoluta e suprema, isenta de fiscalização e de crítica, mesmo quando os seus postulados teóricos e práticos vão de encontro à aberta negação dos dados essenciais da consciência humana e cristã.

16. Quem, com olhar límpido e penetrante, considerar a conexão vital entre a genuína ordem social e a genuína ordenação jurídica e tiver presente que a unidade interna nos seus aspectos multiformes depende do predomínio de forças espirituais, do respeito da dignidade humana em si e nos outros, do amor à sociedade e aos fins que Deus lhe assinalou, não pode maravilhar-se dos tristes efeitos de concepções jurídicas que, afastando-se da estrada real da verdade, caminham sobre terreno escorregadio de postulados materialistas; mas sem demora descobrirá a improrrogável necessidade da volta a uma concepção espiritual e ética, séria e profunda, aquecida ao fogo de verdadeira humanidade e iluminada pelo esplendor da fé cristã, a qual faz encarar a ordenação jurídica como uma refração externa da ordem social desejada por Deus e luminoso fruto do espírito humano, o qual é também imagem do espírito divino.

17. Sobre esta concepção orgânica, única vital, e em .que a mais nobre humanidade se harmoniza com o mais genuíno espírito cristão, está insculpida a sentença da Escritura, ilustrada pelo grande Aquinate: "A paz é obra da justiça" (Summ. Theol., 2-2 q. 29 a. 3) e que se aplica tanto ao lado interno como ao externo da vida social. Ela não admite nem oposição nem alternativa: amor ou direito, mas síntese fecunda: amor e direito.

18. Em ambos, irradiações do mesmo espírito de Deus, está o programa e síntese da dignidade do espírito humano; um e outro, conforme os casos, se integram, cooperam, se animam, sustentam e dão as mãos no caminho da concórdia e da pacificação, sempre o direito aplanar o caminho ao amor e o amor mitiga e sublima o direito. Ambos elevam a vida humana àquela atmosfera social onde mesmo entre os defeitos, impedimentos e asperezas desta terra se torna possível um convívio fraternal. Pelo contrário, se imperar o mau espírito de idéias materialistas; se a tendência ao poder e à prepotência concentrar nas suas rudes mãos as rédeas dos acontecimentos, vereis então aparecer cada dia mais os seus efeitos desagregadores; vereis desaparecer o amor e a justiça, triste prenúncio de ameaçadoras catástrofes sobre uma sociedade apóstata de Deus.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



CONVIVÊNCIA NA TRANQUILIDADE

19. O segundo elemento fundamental da paz, para a qual tende quase instintivamente toda sociedade humana, é a tranquilidade. O' bem-aventurada tranquilidade, tu não tens nada que ver com o apego duro e obstinado, tenaz e infantilmente convencido do que é; nem com a relutância, filha da indolência e do egoísmo, em aplicar o espirito aos problemas e questões que o correr dos tempos e o curso das gerações com as suas necessidades e com o progresso vão amadurecendo e levam consigo como improrrogável necessidade do presente. Alas para um cristão, consciente da sua responsabilidade mesmo perante o mais pequeno de seus irmãos, não há tranquilidade preguiçosa, nem há a ação contra lugar à fuga; há-o para a luta, para toda inatividade e deserção na grande arena espiritual, onde se propõe à porfia a construção ou antes a própria alma da sociedade futura.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



HARMONIA ENTRE TRANQUÍLIDADE E OPEROSIDADE

20. Tranqüilidade, no sentir do Aquinate, e ardente operosidade não se opõem, mas, pelo contrário, acordam-se harmônicamente naquele que se deixa possuir beleza e necessidade no substrato espiritual da sociedade e da nobreza do seu ideal. E precisamente a vós, jovens, inclinados a voltar as costas ao passado e volver ao futuro os olhos das aspirações e das esperanças, vimos dizer, movidos de vivo amor e paternal solicitude: exuberância e audácia, de si não bastam, x não são, como cumpre, postas ao serviço do bem e de uma bandeira imaculada. E' vã a agitação, a fadiga, o afã que não repousa em Deus e na sua lei eterna. Convém serdes animados da convicção de que combateis pela verdade e fazerdes-lhe doação das próprias simpatias e energias, dos próprios anelos e sacrifícios: de combater pelas eternas leis de Deus, pela dignidade da pessoa humana e pela consecução dos seus fins. Quando homens experimentados e jovens, sempre ancorados no mar da eternamente viva tranqüilidade em Deus, coordenam diversidades de temperamento e atividade com genuíno espírito cristão, se o elemento propulsor diz com o elemento moderador, a diferença natural entre as gerações nunca se tornará perigosa, mas, pelo contrário, conduzirá vigorosamente à realização das leis eternas de Deus no instável curso dos tempos e das condições de vida.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



O MUNDO OPERÁRIO

21. Num setor particular da vida social, onde durante um século surgiram movimentos e ásperos conflitos, há hoje calma, ao menos aparente, a saber, no mundo vasto e sempre crescente do trabalho, no exército imenso dos operários, dos assalariados e dos subordinados. Se considerarmos o presente, com suas necessidades bélicas, como um elemento positivo, semelhante tranqüilidade poderá dizer-se exigência necessária e fundada; mas se olharmos a situação hodierna sob o ponto de vista da justiça, ou seja como um legítimo e regulado movimento operário, a tranqüilidade será apenas aparente enquanto tal objetivo não for alcançado.

22. Levada sempre por motivos religiosos, a Igreja condenou os vários sistemas do socialismo marxista e condena-os ainda hoje como é seu dever e direito permanente de preservar os homens de correntes e influências que põem em risco a sua salvação eterna. Mas a Igreja não pode ignorar ou deixar de ver que o operário, no esforço de melhorar a sua condição choca com qualquer engenho que, longe de ser conforme à natureza, contrasta com a ordem do Deus e com o objetivo que ele assinalou aos bens terrenos.

Por mais falsos, condenáveis e perigosos que tenham sido e sejam os caminhos seguidos, quem, sobretudo se é sacerdote ou cristão, poderia permanecer surdo ao grito que se levanta dos profundos e, num mundo dum Deus justo, clama por justiça e espírito de fraternidade? Tal coisa seria um silêncio culpado e injustificável diante de Deus, e além disso contrário ao sentir iluminado do apóstolo, o qual, assim como inculca que cumpre ser resolutos contra o erro, sabe também que devemos manter-nos cheios de atenções para com os que erram, com a alma aberta para compreender as suas aspirações, esperanças e motivos.

23. Deus, ao abençoar os nossos progenitores, disse-lhes: "Crescei e multiplicai-vos e enchei a terra e dominai-a" (Gn 1, 28). E, ao primeiro chefe de família, dizia depois: "Comerás o pão com o suor de teu rosto" (Gn 3, 19). A dignidade da pessoa humana exige, pois, normalmente, como fundamento natural para viver, o direito ao uso dos bens da terra; a tal direito corresponde a obrigação fundamental de facultar uma propriedade privada possivelmente a todos. As

normas jurídicas positivas, reguladoras da propriedade privada, podem mudar e conceder um uso mais ou menos circunscrito; mas se querem contribuir para a pacificação da comunidade, deverão impedir que o operário, que é ou será pai de família, seja condenado a uma dependência e escravidão econômica, inconciliável com os seus direitos de pessoa.

24. Quer esta servidão derive da prepotência do capital privado, quer venha do poder do Estado, o efeito não muda; antes, pelo contrário, sob a pressão de um Estado que tudo domina e regula por completo a vida pública e privada, penetrando até no campo das concepções e persuasões e da consciência, semelhante falta de liberdade pode ter conseqüências ainda mais onerosas, como a experiência o manifesta e testemunha.

-
- *Anterior*
 - *Índice*
 - *Posterior*



CINCO PONTOS FUNDAMENTAIS PARA A ORDEM E PACIFICAÇÃO DA SOCIEDADE HUMANA

25. Quem pondera à luz da razão e da fé os fundamentos e os fins da vida social que Nós acabamos de traçar em breves linhas e os contempla na sua pureza e altura moral pelos seus benéficos frutos em todos os campos, não pode deixar de se persuadir dos princípios poderosos de ordem e pacificação que as energias, canalizadas para grandes ideais e resolvidas a enfrentar os obstáculos, poderiam dar, ou, digamos melhor, restituir a um mundo internamente abalado, quando viessem a destruir as barreiras intelectuais e jurídicas, criadas pelos preconceitos, erros, indiferença e por um longo processo de secularização do pensamento, do sentimento e da ação que terminou por separar e subtrair a cidade terrena à luz e à força da cidade de Deus.

26. Hoje mais do que nunca, ressoa a hora de reparar, de sacudir a consciência do mundo do grave letargo em que o fizeram cair os tóxicos das falsas idéias, amplamente difundidas; tanto mais que, nesta hora de esfacelamento material e moral, o conhecimento da fragilidade e inconsistência de qualquer ordenação puramente humana está a desenganar ainda mesmo aqueles que, em dias aparentemente de felicidade, não sentiam, em si e na sociedade, a falta de contacto com o eterno e não consideravam esta falta como um defeito essencial das suas construções.

27. Isto que aparecia claro ao cristão que, profundamente crente, sofria pela ignorância dos outros, patenteia-nos com maior clareza o fragor da espantosa catástrofe do presente conflito, a revestir a terrível solenidade dum juízo universal, mesmo aos ouvidos dos tíbios, dos indiferentes e dos inconsiderados: uma verdade antiga que se manifesta tragicamente em formas sempre novas e vai retroando de século em século,, de povo em povo, pela boca do Profeta: "Omnes qui te derelinquunt, cofundenrecedentes a Te in terra scribentur: quoniam de reliquerunt venam aquarum viventium, Dominum" (Jer 17, 13).

28. O preceito da hora presente não são lamentos, mas ação; não lamentos sobre o que foi ou o que é, mas reconstrução do que surgirá e deve surgir para bem da sociedade. Pertence aos membros melhores e mais escolhidos da cristandade, penetrados por um

entusiasmo de cruzados, reunirem-se em espirito de verdade, de justiça e de amor, ao grito de "Deus o quer", prontos a servir, a sacrificar-se, como os antigos cruzados. Se então se tratava da libertação da terra santificada pela vida do Verbo de Deus Encarnado, hoje trata-se, se assim podemos falar, de uma nova travessia, superando o mar dos erros do dia e do tempo, para libertar a terra santa espiritual, destinada a ser a base e o fundamento das normas e leis imutáveis para as construções sociais de interna e sólida consistência.

29. Para fim tão alto, Nós, desde o presépio do Príncipe da Paz, confiados em que a sua graça se difundirá em todos os corações, dirigimo-Nos a vós, amados filhos, que reconheceis e adorais em Cristo o vosso Salvador, a todos aqueles que estão unidos conosco, ao menos, pelo vínculo espiritual da fé em Deus, a todos finalmente quantos anelam por se libertar das dúvidas e dos erros, ansiosos de luz e de guia; exortamo-vos com encarecida insistência paterna não só a compreender intimamente a seriedade angustiosa da hora presente, mas também a meditar as suas possíveis auroras benéficas e sobrenaturais, e a unir-vos e trabalhar juntos pela renovação da sociedade em espirito e em verdade.

30. Objeto essencial desta cruzada, necessária e santa, é que a estrela da paz, a estrela de Belém, desponte de novo sobre toda a humanidade, com o seu brilho rutilante, com a sua consolação pacificadora, como promessa e auspicio de um futuro melhor, mais fecundo e mais feliz. E' bem verdade que o caminho desde a noite até manhã luminosa é comprido; mas são decisivos os primeiros passos pela senda que leva insculpidas sobre as suas cinco primeiras pedras miliárias as máximas seguintes:

A. Dignidade e direitos da pessoa humana.

**31. Quem deseja
que a estrela da
paz desponte e
se estabeleça
sobre a
sociedade,
concorra pela
sua parte em
restituir à
pessoa humana
a dignidade que
Deus lhe
concedeu desde
o princípio;
oponha-se à
excessiva
aglomeração
dos homens, ao
modo de
multidões sem
alma; à sua
inconsistência
econômica,
social e política,
intelectual e
moral; à sua
falta de
princípios
sólidos e de
profundas
convicções; à
sua
superabundância
de excitantes
dos sentidos e
instintos e à sua
volubilidade;
favoreça com
todos os meios
lícitos, em todos
os campos da
vida, aquelas
formas sociais**

em que se encontra possibilidade e garantia para uma plena responsabilidade pessoal, tanto na ordem terrestre como na eterna; defenda o respeito e atuação prática dos seguintes direitos fundamentais da pessoa: o direito a manter e desenvolver a vida corporal, intelectual e moral e particularmente o direito a uma formação e educação religiosa; o direito ao culto de Deus, particular e público, incluindo a ação da caridade religiosa; o direito, máxime, ao matrimônio e à consecução do seu fim; o direito à sociedade conjugal e doméstica; o direito ao

**trabalho como
meio
indispensável
para manter a
vida familiar; o
direito à livre
escolha de
estado, mesmo
sacerdotal e
religioso; o
direito ao uso
dos bens
materiais,
consciente dos
seus deveres e
das limitações
sociais.**

B. Defesa da unidade social e particularmente da família.

**32. Quem
deseja que a
estrela da paz
desponte e se
estabeleça
sobre**

**a sociedade,
rejeite qualquer
forma de
materialismo,
que não vê no
povo mais que
um rebanho de
indivíduos, os
quais,
desunidos e
sem
consistência
interna, vêm a
ser**

**considerados
como matéria
de domínio e de
arbitrariedade;
Procure
compreender a
sociedade como
uma unidade
interna,
crescida e
amadurecida da
Providência,
unidade que
tenda, no sob o
governo espaço
que lhe foi
assinalado, em
conformidade
com as suas
qualidades
particulares,
mediante a
colaboração
das diferentes
classes e
produções, aos
fins eternos e
sempre novos
da cultura e da
religião;
defenda a
indissolubilidade
do matrimônio;
dê à família,
célula
insubstituível
do povo,
espaço, luz e ar,
para que ela
possa atender à
missão de
perpetuar nova
vida e de educar**

**os filhos num
espírito que
corresponda às
próprias e
verdadeiras
convicções
religiosas;
consERVE e
fortifique ou
reconstitua,
segundo as
suas forças, a
própria unidade
econômica,
espiritual, moral
e jurídica;
trabalhe por que
das vantagens
materiais e
espirituais da
família
participem
também os
criados; pense
em procurar a
cada família um
lar, onde uma
vida familiar, sã
material e
moralmente,
consiga
patentear-se em
todo o seu vigor
e valor; procure
que os locais de
trabalho e as
habitações não
estejam tão
separados que
tornem o chefe
da família e
educador dos
filhos quase que**

**um estranho à
própria casa;
trate, sobretudo,
de que entre as
escolas oficiais
e a família
renasça aquele
vínculo de
confiança e de
ajuda mútua,
que em tempos
idos sazonou
frutos tão
benéficos e que
hoje em dia deu
lugar à
desconfiança
nas terras onde
a escola, sob o
influxo do
materialismo,
envenena e
destrói o que os
pais tinham
instilado na
alma dos filhos.**

C. Dignidade e prerrogativas do trabalho.

**33. Quem
deseja que a
estrela da paz
desponte e se
estabeleça
sobre a
sociedade, dê
ao trabalho o
posto que
Deus, desde o
princípio, lhe
marcou. Gomo**

**meio
indispensável
para o domínio
do mundo, que
Deus quis para
a sua glória,
todo trabalho
possui uma
dignidade
inalienável e, ao
mesmo tempo,
em correlação
íntima com o
aperfeiçoamento
da pessoa;
nobre
dignidade e
prerrogativa do
trabalho, que
em nenhum
modo
conseguiu
aviltar nem
fadiga nem
peso, que
devem suportar
como efeitos do
pecado original
em obediência
e submissão à
vontade de
Deus. Quem
conhece as
grandes
Encíclicas dos
Nossos
Predecessores
e as Nossas
Mensagens
precedentes,
não ignora que
a Igreja não
hesita em**

**deduzir as
conseqüências
práticas, que
derivam da
nobreza moral
do trabalho, e
apoiá-las com
toda a força da
sua autoridade.
Estas
exigências
compreendem,
além dum
salário justo,
suficiente para
as
necessidades
do operário e
da família, a
conservação e
o
aperfeiçoamento
de uma ordem
social, que
torne possível,
a todas as
classes do
povo, uma
propriedade
particular
segura, se bem
que modesta,
favoreça uma
formação
superior para
os filhos das
classes
operárias,
particularmente
dotados de
inteligência e
de boa vontade;
promova o**

**cultivo e a
atividade
prática do
espírito social
na vizinhança,
nas povoações,
na província, no
povo e nas
nações, que,
mitigando os
contrastes de
interesses e de
classes, impeça
nos operários a
impressão de
afastamento
com a certeza
confortante
duma
solidariedade
genuinamente
humana e
cristãmente
fraterna.**

**34. O progresso
e o grau das
reformas
sociais
improrrogáveis
depende das
possibilidades
econômicas de
cada nação. Só
com um
intercâmbio
inteligente e
generoso de
forças entre
fortes e fracos
é que será
possível levar a
cabo uma**

**pacificação
universal, de
forma que não
persistam fofos
de incêndio e
de infecção,
dos quais se
poderão
originar novas
desgraças.
Sinais
evidentes
levam-nos a
pensar que no
fermentar de
todos os
preconceitos e
sentimentos de
ódio, inevitável
mas triste
conseqüência
desta aguda
psicose bélica,
não se tenha
extinguido nos
povos a
consciência da
sua íntima e
recíproca
dependência no
bem e no mal,
antes se
tornasse mais
viva e ativa.
Não é,
porventura,
verdade que os
pensadores
profundos
vêm cada vez
mais
claramente que
é na renúncia**

**ao egoísmo e
ao isolamento
nacional que se
encontra o
caminho para a
salvação
universal,
prontos como
estão para
pedir aos seus
povos uma
parte pesada de
sacrifícios,
necessários
para a
pacificação
social de outros
povos? Oxalá
esta Nossa
Mensagem de
Natal, dirigida a
todos os que
estão animados
de boa vontade
e de coração
generoso os
anime e
aumente as
fileiras da
Cruzada social
junto de todas
as nações! E
queira Deus
conceder à sua
bandeira
pacífica a
vitória de que é
digna a sua
nobre empresa!**

D. Reintegração da ordenação jurídica.

35. Quem deseja que a estrela da e se detenha sobre funda reintegração mento jurídico de paz desponte a vida social, coopere numa profunda reintegração da ordenação jurídica. O sentimento juridico de nossos dias tem sido frequentemente alterado e perturbado pela proclamação e prática dum positivismo e utilitarismo subordinados e vinculados ao serviço de determinados grupos, classes e movimentos, cujos programas traçam e determinam o caminho à legislação e à prática forense.

O saneamento desta situação torna-se possível, quando desperta a consciência duma ordem jurídica, baseada no supremo domínio de Deus e ao

**abrigo de todo
arbítrio humano;
consciência de
uma ordem que
estenda a sua mão
protetora e
vindicativa mesmo
sobre os
invioláveis direitos
do homem e os
proteja contra os
ataques de todo
poder humano.**

**Da ordem jurídica,
querida por Deus,
dimana o
inalienável direito
do homem à
segurança jurídica
e,
consequentemente,
a uma esfera
concreta de
direito, protegida
contra todo ataque
arbitrário.**

**As relações do
homem com o
homem, do
indivíduo com a
sociedade, a
autoridade e os
deveres civis; as
relações da
sociedade e da
autoridade com os
particulares, têm
de colocar-se
sobre uma clara
base jurídica e, se
for necessário,**

**debaixo da tutela
da autoridade
judicial. Isto
supõe:**

**a) Um tribunal
e um juiz que
tomem as suas
diretrizes de
um direito
claramente
formulado e
circunscrito;**

**b) normas
jurídicas claras
que não se
possam
sofismar com
apelações
abusivas para
um suposto
sentimento
popular ou
com meras
razões de
utilidade;**

**c) o
reconhecimento
do princípio
segundo o qual
também o
Estado, com os
seus
funcionários e
organizações
que dele
dependem,
está obrigado a
reparar e**

**revogar
medidas que
lesem a
liberdade, a
propriedade, a
honra, o
adiantamento e
saúde dos
indivíduos.**

E. Concepção do Estado segundo o princípio cristão.

**36. Quem
deseja que a
estrela da paz
nasça e se
detenha sobre
a sociedade
humana,
colabore para
que surja uma
concepção e
prática
estadual
fundadas sobre
uma disciplina
racional, uma
nobre
humanidade e
um
responsável
espírito
cristão;**

**ajude a que o
Estado e seu
poder sornem
ao serviço da
sociedade, ao
pleno respeito
da pessoa**

humana e da
sua atividade
em ordem à
consecução do
seu fim eterno;
esforce-se e
trabalhe por
dissipar os
erros que
tendem a
extraviar o
Estado e seu
poder da senda
moral, a desatá-
los do laço
eminentemente
ético que os
une à vida
individual e
social e a fazer-
lhes rechaçar
ou ignorar na
prática a
essencial
dependência
que os une á
vontade do
Criador;
promova o
reconhecimento
e a difusão da
verdade que
ensina, ainda
no campo
terreno, como
o sentido
profundo e a
última
legitimidade
moral e
universal do
"reinar" é
"servir".

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



CONSIDERAÇÕES SOBRE A GUERRA MUNDIAL E SOBRE S RENOVAÇÃO DA SOCIEDADE.

37. Amados filhos! Queira Deus que, enquanto a Nossa voz chega aos vossos ouvidos, o vosso coração se sinta profundamente impressionado e comovido pela profunda seriedade, a ardente solicitude e o pedido insistente com que vos inculcamos estas idéias, que querem ser um chamamento à consciência universal e um grito que convoque a todos quantos estão dispostos a ponderar e medir a grandeza da sua missão e responsabilidade com a amplitude da calamidade universal.

38. Grande parte da humanidade e, não recusamos dizê-lo, também não poucos dos que se chamam cristãos, entram de algum modo na responsabilidade coletiva do desenvolvimento errôneo, dos danos e da falta de elevação moral da sociedade de hoje em dia.

39. Esta guerra mundial e tudo quanto se relaciona com ela, sejam os precedentes remotos ou próximos, ou seus procedimentos e efeitos materiais, jurídicos e morais, que outra coisa representa senão o esfacelo, inesperado talvez para os incautos, mas previsto e deplorado pelos que penetravam com o seu olhar até ao fundo de uma ordem social que debaixo do enganoso rosto ou máscara de fórmulas convencionais escondia a sua fatal debilidade e o seu desenfreado instinto de lucro e poderio?

40. O que em tempos de paz jazia comprimido explodiu, ao romper da guerra, numa triste série de atos em oposição com o espírito humano e cristão. Os acordos internacionais para fazer menos desumana a guerra, limitando-a aos combatentes, e para regular as normas da ocupação e do cativo dos vencidos, ficaram letra morta em várias partes; e quem é capaz de ver o fim deste progressivo empioramento?

41. Querem talvez os povos assistir inertes a tão desastroso progresso? Não devem, ao contrário, reunir-se os corações de todos os magnânimos e honestos, sobre as ruínas de uma ordem social que tão trágica prova deu da sua inaptidão para o bem do povo, com o voto solene de não descansar até que em todos os povos e nações sejam legião os grupos dos que, decididos a levar de novo a sociedade ao indefectível centro de gravidade da lei divina, anelam

pelo serviço das pessoas e da sua comunidade enobrecida por Deus?

42. Este voto deve-o a humanidade aos inumeráveis mortos que jazem nos campos batalha: o sacrifício da sua vida no cumprimento seu dever é o holocausto a favor duma nova e melhor ordem social.

Este voto deve-o a humanidade à infinda e dolorosa fila de mães, viúvas e órfãos que viram arrancar-lhes a luz, a consolação e o sustento da sua vida.

Este voto deve-o a humanidade aos inumeráveis desterrados que o furacão desta guerra desarraigou da pátria e dispersou por terras estranhas, os quais podiam lamentar-se com o Profeta: "Hereditas nostra versa est ad alienos, domus nostrae ad extraneos" (Lam 5, 2). "A nossa herança passou à mão de estrangeiros, em poder de estrangeiros se encontram nossas casas".

Este voto deve-o a humanidade às centenas de milhar de pessoas que sem culpa nenhuma da sua parte, às vezes só por motivos de nacionalidade ou raça, se vêem destinados à morte ou a um extermínio progressivo.

Este voto deve-o a humanidade aos muitos milhares de não-combatentes, mulheres, crianças, doentes e velhos, a quem a guerra aérea - cujos horrores Nós denunciámos já repetidas vezes desde o princípio tirou, sem discernimento ou com insuficiente inadvertência, vida, bens, saúde, casa, locais de caridade e de oração.

Este voto deve-o a humanidade ao rio de lágrimas e de amarguras, ao cúmulo de dores e tormentas que procedem da ruína mortífera do descomunal conflito e que clamam ao céu, invocando a vinda do Espírito que livre o mundo da invasão do terror e da violência.

▪ [*Anterior*](#)

▪ [*Índice*](#)

▪ [*Posterior*](#)



INVOCAÇÃO AO REDENTOR DO MANDO

43. E onde podereis depor este voto a favor da renovação da sociedade com mais tranqüila segurança e confiança e com fé mais eficaz senão aos pés do "Desejado de todas as nações", reclinado diante de nós no presépio, com todo o encanto da sua doce humanidade de Menino, mas também com o enternecedor atrativo da sua incipiente missão redentora?

Esta nobre a santa cruzada a favor da purificação e renovação da sociedade, em que lugar pode ter consagração mais expressiva a estímulo mais eficaz do que em Belém, onde, no adorável mistério da Encarnação, apareceu o novo Adão, em cujas fontes de verdade a de graça tem que buscar a humanidade a água salutar, se não quiser perecer no deserto desta vida? "De plenitudine eius omnes nos accepimus" "Todos recebemos de sua plenitude" (Jo 1, 16).

44. Também hoje, como ha vinte séculos, a sua plenitude de verdade a de graça se derrama sobre o mundo com força não diminuída; a sua luz k mais poderosa que as trevas; o raio do seu amor, mais vigoroso que o egoísmo gelado que impede a tantos homens o crescer a sobressair no seu ser melhor. Vós, cruzados voluntários de uma nova a nobre sociedade, erguei o novo lábaro da redenção moral a cristã declarai luta as trevas da apostasia de Deus, à frialdade da discórdia fraterna; lutai em nome duma humanidade gravemente enferma a que é preciso curar em nome da consciência levantada pelo Cristianismo.

45. A Nossa benção e o Nosso paterno augúrio e encorajamento acompanhe a vossa generosa empresa e permaneça com todos os que não fogem dos sacrifícios duros, arenas mais potentes que o ferro para combater o mal de que sofre a sociedade. Sobre a vossa cruzada em prol dum ideal social, humano e cristão, luza consoladora a incitadora a estrela que brilha sobre a gruta de Belém, astro augural e perene da era cristã. Da sua vista tirou, tira a tirará forças todo coração fiel: "Si consistant adversum me castra... in hoc ego sperabo". "Ainda que acampem exércitos contra mim, não perderei a esperança" (Sl 26, 3). Onde esta estrela resplandece, está Cristo: "Ipsa ducente, non errabimus; per ipsum ad ipsum eamus, ut cum nato hodie puero in perpetuum gaudeamus". "Sendo ele nosso guia, não nos desviaremos; vamos por Ele a Ele, para gozar por toda

a eternidade com o Menino que hoje nasceu" (S. Agostinho, Sermo 189, c. 4. - Migne, PL, t. 38, col. 1007).

▪ *Autoria*

▪ *Índice*



Pio XII

RADIOMENSAGEM DE NATAL DE 1943

NATAL DE GUERRA

INTRODUÇÃO

1. Mais uma vez, a quinta, amados filhos e filhas de todo o mundo, a grande família cristã se prepara para celebrar a magnífica solenidade da paz e do amor que redime a irmana, numa sombria atmosfera de morte e de ódio; também neste ano sente a experimentada amargura e o horror de uma oposição irreconciliável entre a suave mensagem de Belém e o encarniçamento feroz com que a humanidade se dilacera.

2. Dolorosos eram os anos passados, agitados pelo atroz tumultuar das armas; mas os sinos do Natal, elevando os espíritos, despertavam e faziam surgir tímidas esperanças, suscitavam veementes e poderosos anelos de paz.

3. Desgraçadamente o mundo, olhando em redor, deve ainda contemplar com espanto uma realidade de luta e ruína que, tornando-se cada dia mais extensa e cruel, quebranta as suas esperanças e, com glacial e dura experiência, oprime e sufoca os mais ardentes impulsos.

4. Que vemos, realmente, senão que a contenda degenera naquela forma de guerra que exclui qualquer restrição e consideração, como se fosse um produto apocalíptico engendrado por uma civilização em que o Progresso sempre crescente da técnica é acompanhado de mingua cada vez mais profunda de espírito e moralidade; uma forma de guerra que avança sem se deter pelo seu horroroso caminho, e consuma tais estragos que, comparadas com ela, empalidecem as mais ensangüentadas e espantosas páginas das épocas passadas? Os povos tiveram de assistir com terror a um novo e imenso aperfeiçoamento de meios e modos de destruição, e de ser ao mesmo tempo espectadores de uma decadência interior que, desde o resfriamento e o desvio da sensibilidade moral, se vai precipitando

cada vez mais para o abismo da sufocação de todo o sentimento de humanidade a do ofuscamento da razão a do espirito, que tornam realidade as palavras da Sabedoria: "todos ficavam presos por uma mesma cadeia de trevas" (Sab 17, 17).

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



A LUZ DA ESTRELA DE BELÉM

5. Mas no meio desta noite tenebrosa, brilha para os fiéis a luz da estrela de Belém, que lhes indica e ilumina o caminho para Aquele de cuja plenitude de graça e verdade todos participamos (Jo 1, 16); o caminho para o Redentor que, com a sua vinda, se tornou neste mundo Príncipe da paz a nossa paz: "Ipse enim est pax nostra" (Ef 2, 14).

6. Unicamente Cristo pode afastar os funestos espíritos do erro e do pecado, que submeteram a humanidade a uma escravidão tirânica e degradante, tornando-a escrava de um pensamento e de uma vontade dominados e movidos pela ânsia insaciável de bens sem limite.

7. Unicamente Cristo, que nos libertou da triste escravidão da culpa, pode indicar e aplanar o caminho para uma liberdade nobre e disciplinada, apoiada e mantida numa verdadeira retidão e consciência moral.

8. Unicamente Cristo, sobre cujos ombros repousa o principado (cfr. Is 9, 6), com a sua onipotência e o seu auxílio, pode levantar e arrancar o gênero humano das angústias sem nome, que o atormentam no curso da vida presente, e encaminha-lo para a felicidade.

9. Um cristão, que se alimenta e vive da fé em Cristo, na certeza de que só Ele é o caminho, a verdade e a vida, leva a sua parte de sofrimentos e contrariedades do mundo ao presépio do Filho de Deus, e encontra diante do Menino recém nascido um conforto e um apoio que o mundo não conhece, que lhe dá ânimo e força para resistir e se manter impertérrito, sem desanimar nem desfalecer, no meio das provações mais graves e atormentadoras.

▪ [Anterior](#)

▪ [Índice](#)

▪ [Posterior](#)



AOS DESENGANADOS

10. E' triste a doloroso pensar, amados filhos, que inumeráveis homens, embora tendo sentido a amargura de ilusões falazes a penosas desilusões, enquanto buscavam uma felicidade que os satisfizesse nesta vida, tenham barrado o caminho a toda a esperança, e, vivendo como vivem longe da fé cristã, ano atinem a descobrir o caminho para o presépio do Menino-Deus, e para aquela consolação que fez superabundar de gozo os heróis da fé em todas as suas tribulações. Contemplam, reduzido a escombros, o edifício de crenças, em que humanamente tinham confiado a posto o seu ideal; mas não foi nunca verdade que encontrassem aquela fé, única verdadeira, que teria podido dar-lhes alento a novo Animo. Nesta hesitação intelectual e moral, são presa de uma deprimente incerteza de espírito, e vivem num estado de inércia que lhe oprime a alma, a que só pode entender profundamente e compadecer fraternalmente quem tem a fortuna de viver no fagueiro ambiente familiar de uma fé sobrenatural, que salta sobre os torvelinhos de todas as contingências temporais para permanecer firme no eterno.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



OS QUE PUSERAM A SUA CONFIANÇA NA EXPANSÃO MUNDIAL DA VIDA ECONÔMICA

11. Entre as filas destes amargurados e desenganados não é difícil indicar aqueles que puseram a sua inteira confiança na expansão mundial da vida econômica, julgando só ela fosse capaz de reunir em fraternidade os povos, a prometendo a si próprios obter da sua grandiosa organização, cada dia mais aperfeiçoada e requintada, progressos inauditos e inesperados de bem-estar para a sociedade humana.

12. Com quanta - complacência e orgulho contemplaram o aumento mundial do comércio, o intercâmbio, através dos continentes, de todos os bens e de todos os inventos e produções, o caminho triunfal da difundida técnica moderna, que transpunha todos os limites do espaço e do tempo! Hoje, ao contrário, na realidade, que é o que experimentam? Vêm já que essa economia, com as suas gigantescas relações e vínculos mundiais, e com a sua superabundante divisão e multiplicação do trabalho, cooperava de mil maneiras para tornar geral e mais grave a crise da humanidade, ao passo que, se não a corrigisse nenhum freio moral, e se nenhum olhar para além da terra a iluminasse, não podia deixar de terminar numa indigna e humilhante exploração da pessoa humana e da natureza, numa triste e pavorosa indigência por um lado, e por outro lado numa discórdia atormentadora e implacável entre privilegiados e destituídos: desgraçados efeitos que não ocupam o último lugar na larga cadeia de causas que conduziram à imensa tragédia atual.

13. Não receiem apresentar-se diante do presépio do Filho de Deus estes desenganados da ciência e da potência econômica. Que lhes dirá o Menino, que aí vêm nascido e adorado por Maria e por José, pelos pastores e pelos anjos? Sem dúvida que a pobreza do estábulo de Belém é uma condição de vida que Ele escolheu meramente para si, e que portanto não implica a condenação ou a rejeição da vida econômica, no que é necessário para o progresso e o aperfeiçoamento físico e natural do homem. Mas essa pobreza do Senhor, Criador do mundo, por Ele livremente querida, que o há de acompanhar também na oficina de Nazaré, e durante todo o tempo da sua vida pública, significa e manifesta que domínio e superioridade Ele tinha sobre todas as coisas materiais, indicando assim, com poderosa eficácia, que os bens terrenos estão natural e

essencialmente ordenados para a vida do espírito e para uma perfeição cultural, moral e religiosa mais alta, necessária ao homem racional. Os que esperavam obter do mecanismo do mercado econômico mundial a salvação da sociedade ficaram tão desenganados porque tinham chegado a ser, não senhores e donos, mas escravos das riquezas materiais a que tinham servido, desligando-as do fim supremo do homem e tornando-as fim em si mesmas.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



OS QUE PUSERAM A FELICIDADE NA CIÊNCIA SEM DEUS

14. Nem procederam e pensaram diversamente outros desenganados do passado, que colocavam a felicidade e o bem-estar unicamente num gênero de ciência e de cultura que não reconheciam o Criador do universo; esses promotores e esses sequazes não da verdadeira ciência, admirável reflexo da luz de Deus, mas de uma ciência soberba que, não dando lugar algum à obra de um Deus pessoal, independente de qualquer limitação e superior a tudo o que é terreno, se jactava de poder explicar os acontecimentos do mundo só com o encadeamento rígido e determinístico de férreas leis naturais.

15. Mas semelhante ciência não pode dar nem a felicidade nem o bem-estar. O ter apostatado do Verbo divino, por meio do qual foram feitas todas as coisas, levou o homem à apostasia do espírito, tornando-lhe árdua a consecução de ideais e de fins intelectuais e morais em alto grau. Deste modo, a ciência apóstata da vida espiritual, que vivia na ilusão de ter conseguido plena liberdade e autonomia, renegando a Deus, vê-se hoje condenada à servidão mais humilhante, tendo-se convertido em escrava e quase executora automática de orientações e ordens que não têm consideração nenhuma pelos direitos da verdade e da pessoa humana. O que àquela ciência pareceu liberdade foi cadeia de humilhação e envilecimento; e, destronada como está, nunca adquirirá a primitiva dignidade, senão regressando de novo ao Verbo eterno, fonte de sabedoria tão loucamente abandonada e esquecida.

16. A este regresso convida precisamente o Filho de Deus, que é caminho, verdade e vida, caminho de felicidade, verdade que sublima, vida que imortaliza o homem; em muda e penetrante linguagem, com a sua própria vinda ao mundo. Ele convida esses desenganados, porque Ele, longe de defraudar a alma humana, imprime-lhe o ímpeto que a ergue até a Si.

▪ [*Anterior*](#)

▪ [*Índice*](#)

▪ [*Posterior*](#)



AOS DESOLADOS SEM ESPERANÇA

17. Junto dos que vivem profundamente desatinados pela falência de orientações sociais ou intelectuais que largamente seguiram políticos e homens de ciência, esta a plêiade não menos numerosa dos que se vêem em grande mal-estar e pena ante o descalabro do seu ideal de vida própria e particular.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



AQUELES PARA QUEM O TRABALHO ERA A FINALIDADE DA VIDA

18. E' grande o número daqueles para quem a finalidade da vida era o trabalho, e a meta das suas fadigas uma cômoda existência material, mas que na luta para conseguir esse fim tinham arremessado para longe as considerações religiosas, não pensando em dar à sua existência uma orientação sã e moral. A guerra arrancou-os a esta habitual e amada atividade, que era o penhor e o amparo da sua vida, desarraigou-os da sua profissão e da sua arte de tal maneira que sentem em si um vácuo pavoroso. E se alguns podem ainda ocupar-se no seu trabalho, a guerra impôs condições de trabalho e de vida em que desaparece toda a característica pessoal, falta e torna-se ímpoaluet uma vida familiar ordenada, e já se não encontra aquela satisfação da alma que é fruto unicamente do trabalho tal como Deus o enobreceu e quis.

19. O' trabalhadores, acercai-vos do presépio de Jesus! Não vos pareça horrível aquela gruta e aquele refúgio do Filho de Deus: não por casualidade, mas por profundo e inefável desígnio, encontrareis ali apenas simples trabalhadores: Maria, a Virgem Mãe, de família operária; José, o Pai de família, operário; os pastores, que guardam o rebanho, e finalmente os Magos vindos do Oriente: trabalhadores manuais, pastores vigilantes, trabalhadores do pensamento, todos eles se prostram e adoram o Filho de Deus, que, com o seu consciente e amável silêncio, mais forte que a palavra, explica a todos o sentido e a virtude do trabalho. Este não é somente trabalho dos membros humanos, desprovido de sentido e de valor, nem, muito menos, humilhante servidão. O trabalho é serviço de Deus, dom de Deus, vigor e plenitude da vida humana, merecedor do eterno repouso. Erguei e mantende alta a vossa frente, trabalhadores! Olhai para o Filho de Deus, que, com o seu eterno Pai, criou e ordenou o universo. e que, feito homem como nós, excetuando o pecado, e tendo crescido em idade no meio da grande comunidade do trabalho e na sua missão salvadora, se cansa consumindo a sua vida terrena. Ele, Redentor do gênero humano, que, com a sua graça que penetra o nosso ser e agir, eleva e enobrece todo o trabalho honesto, o elevado e o humilde, o grande e o pequeno, o agradável e o custoso, o material e o intelectual, a um valor meritório e sobrenatural diante de Deus, unindo assim todo o desenvolvimento da multiforme atividade humana numa única e

constante glorificação do Pai que está no céu.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



OS QUE PUSERAM A SUA ESPERANÇA NO GOZO DA VIDA TERRENA

20. Desventurados são também os que vêm falida a sua esperança de felicidade, sonhada e colocada unicamente no gozo da vida terrena transitória, imaginada exclusivamente ou como plenitude de energias corporais e beleza de forma e de pessoas, ou como opulência e superabundância de comodidades, ou como posse de força e poder.

21. Mas eis que hoje em dia, no torvelinho da guerra, o vigor e a formosura de tanta juventude, crescida e adestrada nos campos desportivos, se desfaz e desaparece nos hospitais militares, e muitos jovens, mutilados ou enfermos física e moralmente, vagueiam pelas ruas de uma pátria desolada e reduzida a montão de ruínas, em várias cidades das suas melhores regiões, pelos bombardeamentos aéreos e pelas operações de guerra.

22. Se parte da juventude masculina já não tem força para a fadiga do trabalho, as futuras mães da próxima geração, forçadas como estão a um trabalho excessivo para além de toda a medida e todo o limite de tempo, vão perdendo o poder de subministrar ao povo sangrado aquele incremento são de corpo e de espírito que favorece a vida e a educação dos filhos, e sem o qual o porvir da pátria está ameaçado de triste ocaso.

23. A penosa irregularidade de trabalho e de vida, longe de Deus e da sua graça, lisonjeada e extraviada pelo mau exemplo, insinua e prepara um pernicioso relaxamento das relações conjugais e familiares, de modo que o tóxico da luxúria trata de envenenar agora, muito mais que antes, o manancial sagrado da vida. Destes dolorosos fatos e perigos se deduz com dura experiência como, quando por um lado o robustecimento da família e do povo se costumava considerar em muitas nações como um dos fins mais nobres, se difundam, em vez disso, e crescem espantosamente, um atrofiamento físico e uma perversão espiritual, que, só mediante ação curativa e educativa de várias gerações, poderão lentamente, pelo menos em parte, desaparecer. Se o conflito bélico causou, em tantos, ruínas tão vastas de corpo e de espírito, não perdoou aos ávidos da opulência e do mero prazer da vida, que estão agora mudos e perplexos perante as destruições que caíram também

sobre os seus bens como furacão devastador: riquezas e lares exterminados a ferro e fogo, vida cômoda e de prazeres desaparecida, trágico o presente, e o porvir com poucas esperanças e muitos temores.

24. Mais triste é a visão que perturba e espanta os que aspiraram a possuir força e predomínio: agora contemplam com terror o oceano de sangue e lágrimas que banha o mundo, as sepulturas e fossas de cadáveres multiplicadas e espalhadas por todas as regiões da terra e ilhas dos mares, o lento extinguir-se da civilização, o progressivo desaparecer do bem-estar, mesmo material, a destruição de insignes monumentos e nobilíssimos edifícios de arte soberana, que podiam chamar-se patrimônio comum do mundo civilizado; os ódios que se acirram e aprofundam e inflamam os povos uns contra os outros, e não permitem esperar nenhum bem para o porvir.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



AOS FIÉIS: O CONFORTO DA FÉ NAS CALAMIDADES ATUAIS

25. Vinde agora vós, ó cristãos; vós, ó fiéis ligados por inefável vínculo sobrenatural ao Filho de Deus. que se tornou pequeno por nós; guiados e santificados pelo seu Evangelho, e alimentados pela graça, que é fruto da Paixão e Morte do Redentor. Também vós sentis a dor, embora com a esperança de um conforto que vos vem da vossa fé.

26. As misérias presentes são também vossas; a guerra destruidora também vos visita e atormenta, aos vossos corpos e às vossas almas, às vossas propriedades e aos vossos bens, à vossa casa e ao vosso lar. A morte dilacerou-vos o coração e abriu feridas que dificilmente cicatrizam. A recordação das remotas sepulturas queridas, que permanecem talvez ignoradas; a ansiedade pelos desaparecidos ou dispersos, o desejo anelante de tornar a abraçar os vossos amados prisioneiros ou deportados, mergulham-vos em tal pena que vos oprime o espírito, enquanto de todos, jovens e velhos, se aproxima, grave e obscuro, o futuro.

27. Todos os dias, e mais que nunca na hora presente, o Nosso coração de Pai, com profundo e inalterável afeto se sente junto de cada um de vós, amados filhos e filhas, que viveis doloridos e angustiados. Contudo, todos os Nossos esforços não podem fazer cessar de repente esta horrenda guerra, nem restituir á vida os vossos queridos mortos, nem reconstruir o vosso lar aniquilado, nem libertar-vos plenamente das vossas ansiedades. Muito menos Nos é possível manifestar-vos o futuro, cujas chaves estão nas mãos de Deus, que dirige o desenrolar dos acontecimentos e lhes marcou o termo pacífico.

28. Duas coisas todavia, podemos e queremos dizer. A primeira é que fizemos e faremos sempre tudo quanto cabe em Nossas forças materiais e espirituais para aliviar as tristes conseqüências da guerra, pelos prisioneiros, feridos, dispersos, errantes, necessitados, por todos os que padecem e sofrem, de qualquer língua e nação.

29. A segunda, que, no transcurso do triste tempo de guerra, Nós queremos recordeis, sobretudo, o grande alento que a fé Nos inspira, quando Nos ensina que a morte e os sofrimentos desta vida

terrena perdem a sua dolorosa amargura naqueles que, com tranqüila e serena consciência, podem tornar sua a comovedora prece da Igreja na Missa d" Defuntos: "Para os teus fiéis, Senhor, a vida não fenece, transforma-se; ao desfazer-se a casa da nossa habitação terrena, prepara-se-nos eterna morada no céu" (Praef. Mis. Pro Defunct.). Ao passo que os outros que não têm esperança se encontram ante um espantoso abismo, e as suas mãos, tateando à procura de um ponto de apoio, palpam o nada, não das suas almas imortais, mas de uma felicidade ultramundana, que se esvai em fumo, vós, ao contrário, pela graça e liberalidade de Deus misericordioso, mais para além da morte certa, "certa moriendi conditio", tendes a inefável e divina consolação da promessa da imortalidade, "futurae immortalitatis promissio".

30. Graças a esta fé, conseguis uma serenidade interior, uma confiante fortaleza moral, que não sucumbem nem sequer aos mais rudes sofrimentos. Graça sublime esta e privilégio inestimável, que deveis atribuir à benignidade do Salvador; graça e privilégio que exige de vós correspondais com uma ação de constância exemplar, e que requer um apostolado cotidiano, dirigido a restituir a confiança a quem a perdeu e a encaminhar para a salvação espiritual os , que, como náufragos no oceano das atuais desventuras, estão a ponto de ' afundar-se e perecer.

▪ [*Anterior*](#)

▪ [*Índice*](#)

▪ [*Posterior*](#)



DEVERES DOS CRISTÃOS

31. O caminho da Humanidade na presente confusão de idéias tem sido um caminho sem Deus, mais ainda, contra Deus; sem Cristo, mais ainda, contra Cristo. Com isto não queremos nem pretendemos ofender os que erram; são e continuam a ser Nossos irmãos.

32. Convém, contudo, que também a Humanidade considere aquela parte de responsabilidade que lhe cabe nas provações presentes; ou porventura muitos cristãos não fizeram também concessões às falsas idéias e orientações da vida, tantas vezes desaprovadas pelo magistério da Igreja?

33. Qualquer tibieza e qualquer pacto considerado com o respeito humano na profissão da fé e dos seus princípios; qualquer pusilanimidade e vacilação entre o bem e o mal na prática da vida cristã, na educação dos filhos e no governo da família; qualquer pecado oculto ou público; tudo isto e o mais que se podia acrescentar foi e é deplorável contribuição para a desventura que perturba o mundo. E quem teria alguma vez direito a considerar-se isento de qualquer culpa? A reflexão sobre vós mesmos e sobre as vossas obras, e o humilde reconhecimento de tal responsabilidade moral, vos farão vislumbrar e sentir no mais íntimo da alma quão devida e santa é a oração e a ação que aplaque e implore a misericórdia de Deus, e contribua para salvar os irmãos, restituindo a Deus aquela honra que, por espaço de tantos decênios, lhe foi negada, conquistando e obtendo para os homens aquela paz interior que se não pode tornar a encontrar senão acercando-nos da luz espiritual da gruta de Belém.

▪ [Anterior](#)

▪ [Índice](#)

▪ [Posterior](#)



EXORTAÇÃO AO TRABALHO

34. Ao trabalho, pois, ù ação, amados filhos! Cerrai vossas fileiras. - Não diminua o vosso valor, não vos quedeis inertes entre as ruínas: Sai delas para a reconstrução de um novo mundo para Cristo.

35. Brilhe sobre vós a estrela que guiou o caminho dos Magos até Jesus. O espírito que dele emana perdeu da sua força e do seu poder para sanar a Humanidade caída. Ele triunfou um dia sobre o paganismo dominante; por que não havia de triunfar também hoje, quando penas e desilusões de todas as espécies mostram a tantas almas a vaidade e os extravios das sendas seguidas até agora na vida pública e particular? Grande número de inteligências vão buscando novos ideais políticos e sociais particulares e públicos, instrutivos e educativos, e sentem ânsias interiores de satisfazer o desejo do seu coração. Que lhes sirva de guia e exemplo a vossa vida cristã; que a vossa palavra ardente os sacuda. Enquanto passa a figura deste mundo, mostrai-lhes que a verdadeira vida consiste em "conhecer-te a Ti, único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo a quem Tu enviaste" (Jo 17, 3).

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



PEDIDO DE AUXILIO

36. Renasça pela vossa palavra nos vossos irmãos o conhecimento do Pai celestial, que também em tempos de terrível miséria governa o mundo com sábia e pródida bondade; provem a tranqüila felicidade que procede de uma vida que arde em amor de Deus. Mas o amor de Deus torna a alma também delicadamente sensível perante as necessidades dos seus irmãos, disposta ao auxilio espiritual e material, preparada para qualquer renúncia, a fim de que o amor fervoroso e ativo torne a florescer nos corações de todos.

37. O poder da caridade de Cristo! Nós o sentimos vibrante na ternura do Nosso coração de Pai, que, aberto e inclinado igualmente para todos, Nos faz inculcar, com o grito da Nossa palavra, as obras de misericórdia e do amor que socorre.

38. Quantas vezes tivemos de repetir, com a alma acabrunhada, a exclamação do Divino Mestre: "misereor super turbam" ("tenho compaixão desta multidão"), e quantas vezes tivemos de acrescentar Nós também: "Non habent quod manducent" ("não têm que comer") (Mc 8, 2), olhando especialmente para muitas regiões devastadas e desoladas pela guerra! E em nenhuma ocasião ou momento deixamos de sentir duramente o contraste entre a Nossa estreiteza de meios, insuficiente para o socorro, e a gigantesca extensão das necessidades de muitos que fazem chegar até Nós as suas vozes suplicantes e os seus gemidos dolorosos de regiões antes afastadas e agora cada vez mais próximas.

39. Em face de tal indigência, que aumenta cada dia, Nós dirigimos ao Mundo cristão um grito insistente de paternal pedido de auxílio e de piedade: "*Ecce sto ad ostium et pulso*" (Apoc 3, 20).

40. E não duvidamos dirigir-Nos, com a confiança que Deus Nos inspira, ao sentimento humano e cristão daqueles povos e daquelas nações que a Providência tem poupado até agora ao sofrimento direto dos horrores da guerra, ou que, embora estejam em guerra, vivem ainda em condições que lhes permitem dar generoso desafogo ao seu desejo de misericórdia e de prestar ajuda e amparo a quantos se encontram no meio do duro mal-estar do conflito e, sem auxilio exterior, lhes falta já hoje o necessário e lhes faltará ainda mais no futuro.

41. A tal pedido Nos impele e Nos dá ânimo a esperança de que encontrará eco profundo no coração dos fiéis e de quantos sentem no peito um vivo espírito de humanidade, enquanto entre os embates ocasionados e agravados pelo conflito mundial se revela cada dia mais claro um consolador desenvolver-se de pensamentos e propósitos; aludimos ao despertar de uma responsabilidade solidária perante os problemas que suscitou o empobrecimento geral originado pela guerra. As destruições e devastações que a acompanharam exigem imperiosamente um trabalho de reconstrução e de auxílio tão extenso como os danos ocasionados. Os erros de um passado não muito remoto tornam-se para os espíritos independentes e esclarecidos em admoestações a que, tanto por prudência como por espírito de humanidade, não é possível que permaneçam surdos. Consideram estes o restabelecimento da saúde espiritual e a restauração material dos povos e dos Estados como um todo orgânico, em que nada seria mais pernicioso que o deixar que se aninhem focos de infecção donde amanhã poderia nascer nova ruína. Consideram eles que numa nova ordem de paz, de direito e de trabalho não deviam surgir perigos pelo fato de serem tratados alguns povos de modo não consentâneo com a justiça, a equidade e a prudência, nem deveriam ficar na estrutura da organização total lacunas que pusessem em perigo a sua consistência e estabilidade.

▪ [*Anterior*](#)

▪ [*Índice*](#)

▪ [*Posterior*](#)



EXPECTATIVA DE PAZ

42. Com o desejo de permanecer estreitamente unidos e fiéis à obrigatória imparcialidade do Nosso múnus pastoral, manifestamos o desejo de que os Nossos amados Filhos nada omitam para fazer triunfar uma inteligente e equânime justiça e fraternidade em questões tão fundamentais para a salvação dos Estados. Efetivamente, é virtude própria dos espíritos prudentes e dos verdadeiros amigos da Humanidade compreender que uma paz conforme com a dignidade do homem e a consciência cristã não é possível que em tempo algum seja uma dura imposição da espada, mas sim o fruto duma justiça previdente e duma responsável equidade para com todos.

43. E se, enquanto aguardais que uma paz assim traga a tranqüilidade ao mundo, continuais, amados filhos e filhas, a sofrer amargamente nas almas e nos corpos os golpes do desconforto e da injustiça, não deveis manchar essa paz no futuro pagando injustiça com injustiça, ou cometendo uma injustiça ainda maior.

44. Nesta vigília do Natal, que os vossos corações e espíritos se voltem para o Divino Infante no seu presépio! Olhai e refleti como nesta Gruta abandonada, exposto ao frio e ao vento, Ele compartilhou da vossa pobreza e miséria - Ele, o Senhor do céu e da terra, e de todas as riquezas pelas quais os homens contendem. Tudo é d'Ele. Contudo, quantas vezes nestes tempos Ele teve de abandonar igrejas e capelas destruídas e queimadas, devastadas ou ameaçando ruína! Talvez em lugares onde a devoção de vossos antepassados lhe dedicou suntuosos templos, com delicados arcos e esplêndidos tetos, vós não possais oferecer-lhe agora mais do que uma pobre habitação no meio das ruínas, nalguma capela de refúgio ou casa particular. Nós vos agradecemos e louvamos, sacerdotes e leigos, homens e mulheres, que não raras vezes arrostando com todos os perigos, acolhestes e guardastes nalgum lugar seguro o Senhor e Salvador Eucarístico. O vosso zelo não quis que se dissesse, pela segunda vez, o que uma vez se disse de Cristo: "In propria venit, et sui cum non receperunt": ("veio para o meio dos seus e os seus não o receberam"). E o Senhor não se recusou a ir para o meio de vós na vossa pobreza: Ele, que uma vez escolheu Belém de preferência a Jerusalém, um estábulo e um presépio de preferência ao Templo magnífico de seu Pai. A pobreza e a miséria

são amargas, mas tornam-se doces, se retém Deus, o Filho do Homem, Cristo Jesus, com a sua graça e verdade. Ele permanecerá convosco enquanto os vossos corações conservarem fé e esperança, amor, obediência e devoção.

45. Juntamente convosco, amados filhos e filhas, depomos as nossas orações aos pés de Cristo Menino, e imploramos-lhe que este seja o último Natal em tempo de guerra, e que, no ano que vem, a Humanidade possa celebrar o aniversário do Natal de Cristo, iluminada pela luz e alegria de uma verdadeira paz cristã.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



PRINCÍPIOS PARA UM PROGRAMA DE PAZ

46. E agora, - vós todos que tendes responsabilidade, e vós todos que, por disposição ou permissão de Deus, tendes nas mãos poder sobre os destinos da vossa própria gente e do povo das outras nações, escutai esta suplicante lição - "Erudimini" ("estais sendo ensinados") - que, ressoando em vossos ouvidos do abismo sanguinolento e ruinoso desta guerra gigantesca, é um aviso a todos, um toque de trombeta do futuro juízo, anunciando condenação e castigo para todos os que permanecem surdos à voz da Humanidade, que é também a voz de Deus: Vox populi, vox Dei.

47. Os vossos objetivos de guerra e a consciência do vosso poder raras vezes podem ter abrangido nações e continentes inteiros. A questão da culpa da presente guerra e a exigência de reparações podem bem induzir-vos a levantar a voz. Hoje, contudo, a devastação causada pelo presente conflito em todos os campos da vida, material e espiritual, atingiu tal gravidade e extensão sem paralelo, e o perigo de que ela possa desenvolver-se, pelo prolongamento em indizíveis horrores para ambos os grupos beligerantes e para aqueles que, embora relutantes, para ela foram arrastados, mostra-se tão sombria e ameaçadora aos nossos olhos, que Nós vos pedimos e exortamos:

48. Elevai-vos acima de vós mesmos, acima de qualquer mesquinho juízo e cálculo, acima de qualquer orgulho de superioridade militar, acima de qualquer proclamação unilateral de direito e de justiça. Aceitai a existência de alguns fatos desagradáveis, e ensinai os vossos povos a encará-los com seriedade e fortaleza de Animo.

49. Uma verdadeira paz não é o resultado matemático de uma proporção de forças; no seu significado último e mais profundo é um ato moral e jurídico. Não se pode, de fato, realizar, sem recorrer à força, e a sua própria estrutura deve ter o apoio de uma justa proporção de força. Mas a função desta força, se quer permanecer moralmente justa, deve ser a defesa e proteção do direito, e não diminuí-lo e oprimi-lo.

50. Não houve, talvez, nunca na história da Humanidade nenhum tempo tão capaz como o presente de grande e benéfico progresso, assim como de feitos e erros fatais. E esta época exige

imperiosamente que os objetivos de guerra e os programas de paz sejam ditados pelo mais alto senso moral. O seu único e definitivo escopo deve ser entendimento e concórdia entre as nações beligerantes; um resultado que deixará cada nação consciente de pertencer à família de nações como a um todo, e dos deveres que isto implica; a oportunidade de se associar a si própria, com dignidade e sem se desconfessar ou destruir a si mesma, na grande atividade futura do mundo para o saneamento e a reconstrução. A conclusão de tal paz de modo nenhum significaria naturalmente o abandono das necessárias garantias e sanções perante qualquer atentado praticado pela força contra o direito.

51. Não exigais de nenhum membro da família das nações, embora pequeno ou fraco, que renuncie a direitos fundamentais e necessidades vitais a que vós próprios julgaríeis impossível renunciar, se ao vosso povo se pedisse essa renúncia. Dai, quanto antes, à Humanidade angustiada uma paz que remirá a raça humana aos seus próprios olhos e perante a história; uma paz sobre cujo berço se não agitem vingativas chamadas de ódio, nem os instintos dum desejo imoderado de represálias, mas Unicamente o alvor de um novo espírito de cooperação extensiva a todo o mundo que, sustentado pela força indispensável da fé cristã, será só ele capaz de preservar a Humanidade, depois desta malfadada guerra, do inenarrável infortúnio de uma paz assente em falsos fundamentos, e por isso ilusória e efêmera.

▪ [*Anterior*](#)

▪ [*Índice*](#)

▪ [*Posterior*](#)



BÊNÇÃO APOSTÓLICA

52. Animado por esta esperança, concedemos com paterna afeição, como prova da largueza dos favores divinos; a Nossa Bênção Apostólica a vós, Nossos amados filhos e filhas; e especialmente àqueles que estão sofrendo, de maneira particularmente cruel, as privações e penas da guerra e estão necessitados do conforto divino; e, em último mas não menos importante lugar, àqueles que, correspondendo ao Nosso apelo, abrem os corações a um amor ativo e caridoso, ou que governando os destinos dos povos procuram acalmá-los com o ramo de oliveira da paz. Amém.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*



Pio XII

RADIOMENSAGEM DE NATAL DE 1944

SOBRE A DEMOCRACIA

O SEXTO NATAL DE GUERRA

1. "Benignitas et humanitas apparuit Salvatoris nostri Dei" (Tito 3, 4). E já pela sexta vez, desde o início desta guerra horrível, que a Santa Liturgia do Natal saúda, com essas palavras, cheias de paz serena, a vinda a nós de Deus Salvador. O presépio humilde e esquálido de Belém faz convergir em si, com atração indizível, o pensamento de todos os crentes.

2. Ao fundo dos corações entenebrecidos, aflitos e abatidos, desce, invadindo-os todos, uma grande torrente de luz e alegria. As fronteiras inclinadas se levantam serenas, porque o Natal é a festa da dignidade humana, a . festa do "comércio admirável, pelo qual o Criador do gênero humano, tomando um corpo vivo, se dignou nascer da Virgem, e com sua vinda nos deu sua divindade" (Antífona • das Primeiras Vésperas da Circuncisão do Senhor).

3. Mas espontaneamente nosso olhar se desvia do luminoso Menino do presépio para o mundo que nos cerca, e o doloroso suspiro do Evangelista S. João aflora aos nossos lábios: "Lux in tenebris lucet et tenebrae eam non comprehenderunt (Jo 1, 5); A luz resplandece nas trevas, e as trevas não a receberam".

4. E infelizmente também desta sexta vez a aurora do Natal surge sobre os campos de batalha cada vez mais extensos, sobre cemitérios em que se acumulam cada vez mais numerosos os despojos das vítimas, sobre terras desertas, onde raras torres vacilantes indicam em sua silenciosa outrora florescentes e prósperas, e onde os sinos caídos ou roubados já não despertam os habitantes com seu alegre coro de Natal. São outros tantos testemunhos mudos, que acusam essa mancha na história da humanidade que, voluntariamente cega diante da claridade d'Aquele que é o esplendor e luz do Padre, voluntariamente afastada de

Cristo, resvalou e caiu na ruína e na abdicação da própria dignidade. Até a pequena lâmpada se extinguiu em muitos templos majestosos, em muitas capelas modestas, onde junto do tabernáculo havia participado das vigílias do divino Hóspede sobre o mundo adormecido. Que desolação! Que contraste) Não haverá, portanto, roais esperança para a humanidade?

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



AURORA DE ESPERANÇA

5. Bendito seja o Senhor! Dos lúgubres gemidos da dor, do seio mesmo da angústia dilacerante dos indivíduos e países oprimidos, surge uma aurora de esperança. Numa plêiade sempre crescente de espíritos nobres, surge um pensamento, uma vontade cada vez mais clara e firme: fazer desta guerra mundial, deste cataclisma universal, o ponto de partida de uma era nova, para a renovação profunda e reconstrução total do mundo. De tal forma, enquanto os exércitos continuam a afanar-se em lutas mortíferas, com meios de combate cada vez mais cruéis, os homens do governo, representantes responsáveis das nações, se reúnem em colóquios e conferências, como fito de determinar os direitos e deveres fundamentais sobre que se deverá reconstruir uma comunidade dos Estados, e de traçar o caminho para um futuro melhor, mais seguro e mais digno da humanidade.

6. Estranha antítese esta coincidência de uma guerra cuja aspereza tende a chegar ao paroxismo e do notável progresso das aspirações e dos propósitos de um entendimento em benefício de uma paz sólida e duradoura! Pode-se indubitavelmente discutir o valor, a aplicabilidade, a eficácia desta ou daquela proposta; pode-se deixar em suspenso o juízo sobre elas: mas é sempre verdade que o movimento se delinea.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



O PROBLEMA DA DEMOCRACIA

7. Ademais, - e é talvez este o ponto mais importante - sob o fulgor sinistro da guerra que os envolve, no ardor escaldante da fornalha em que se encontram, os povos como que despertaram de um longo torpor. Tomaram diante do Estado e dos governantes uma nova atitude, interrogativa, crítica, desconfiada. Ensinados por uma experiência amarga, opõem-se com maior violência aos monopólios de um poder ditatorial, indevassável e intangível, e requerem um sistema de governo mais compatível com a dignidade e a liberdade dos cidadãos.

8. Estas multidões, irrequietas, revolvidas pela guerra até nas mais profundas camadas, estão hoje dominadas pela persuasão (a principio talvez vaga e confusa, mas já agora incoercível) de que, se não tivesse faltado a possibilidade de syndicar e corrigir a atividade dos poderes públicos, o mundo não teria sido arrastado na voragem desastrosa da guerra; e que a fim de evitar para o futuro a repetição de semelhante catástrofe, faz-se mister proporcionar ao mesmo povo garantias eficazes.

9. Em tal disposição de ânimos, seria talvez para maravilhar-nos, se a tendência democrática domina os povos e obtém largamente o sufrágio e consenso daqueles que aspiram a colaborar mais eficazmente nos destinos dos indivíduos e da sociedade?

10. Basta-nos recordar que, segundo os ensinamentos da Igreja, "não é proibido preferir governos mitigados de forma popular, salva, porém, a doutrina católica acerca da origem e uso do poder público", e que "a Igreja não reprova nenhuma das diversas formas de governo, desde que sejam aptas a proporcionar o bem estar dos cidadãos" (Leão XIII, Encíclica Libertas •, de 20 de junho de 1888, fim).

11. Se, portanto, nesta solenidade que comemora a um tempo a benignidade do Verbo encarnado e a dignidade do homem (dignidade entendida não só sob o aspecto pessoal, mas também na vida internacional), Nós dirigimos a Nossa atenção ao problema da democracia, para examinar as normas por que deve ser regulada a fim de poder chamar-se uma verdadeira e sã democracia, condizente às circunstâncias da hora atual - isto indica claramente que o

cuidado e solicitude da Igreja se volta não tanto para a sua estrutura e organização exterior (as quais dependem das aspirações próprias de cada povo), quanto para o homem como tal que, longe de ser o objeto e um elemento passivo da vida social, é ao Contrário, e deve ser e permanecê-lo, o seu sujeito, o fundamento e o fim.

12. Suposto que a democracia, entendida num sentido lato, admite várias formas, e pode verificar-se tanto nas monarquias como nas repúblicas, duas questões ainda se apresentam ao nosso exame:

1) Que caracteres devem distinguir os homens que vivem na democracia e sob o regime democrático?

2) Que caracteres devem possuir os homens que na democracia têm o poder público nas mãos?

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



QUALIDADES PRÓPRIAS DOS CIDADÃOS QUE VIVEM EM REGIME DEMOCRÁTICO

13. Externar a própria opinião sobre os deveres e sacrifícios que lhe são impostos, não ser obrigado a obedecer sem ter sido ouvido: eis dois direitos do cidadão que na democracia, como o próprio nome o indica, encontram a sua expressão. Da solidez, da harmonia, dos bons frutos deste contacto entre os cidadãos e o governo do Estado, se pode reconhecer se uma democracia é verdadeiramente sã e equilibrada, e qual seja a sua força de vida e crescimento. E pelo que diz à extensão e natureza dos sacrifícios exigidos de todos os cidadãos: em nossos dias em que a atividade do Estado é tão vasta e decisiva, a forma democrática de governo parece a muitos como um postulado natural imposto pela própria razão. Quando, porém, se reclama "mais democracia e melhor democracia", tal exigência nada mais pode significar que colocar o cidadão em condições cada vez melhores de ter a própria opinião pessoal, e de exprimi-la e fazê-la valer de um modo adequado ao bem comum.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



POVO E "MASSA"

14. Daqui deriva uma primeira conclusão necessária, com a sua consequência prática. O Estado não contém em si, e não reúne mecanicamente, em dado território, uma aglomeração amorfa de indivíduos. Ele é e deve ser realmente a unidade orgânica e organizadora de um verdadeiro povo.

15. Povo e multidão amorfa ou, como se costuma dizer, "massa", são dois conceitos diversos. O povo vive e move-se por vida própria; a massa é de si inerte, e não pode mover-se senão por um agente externo. O povo vive da plenitude da vida dos homens que o compõem, cada um dos quais - no próprio lugar e do próprio modo - é uma pessoa consciente das próprias responsabilidades e das próprias convicções. A massa, pelo contrário, espera uma influência externa, brinquedo fácil nas mãos de quem quer que jogue com seus instintos ou impressões, pronta a seguir, vez por vez, hoje esta, amanhã aquela brincadeira. Da exuberância de vida de um verdadeiro povo, a vida se difunde abundante e rica no Estado e em todos os seus órgãos, infundindo neles, com vigor incessantemente renovado, a consciência da própria responsabilidade e o verdadeiro sentido do bem comum. O Estado pode servir-se da força elementar da massa, habilmente manobrada e usada: nas mãos ambiciosas de um só ou de diversos artificialmente agrupados por tendências egoístas, o próprio Estado pode, com o apoio da massa, reduzida a não ser mais que uma simples máquina, impor o seu arbítrio à parte melhor do verdadeiro povo; o interesse comum fica então gravemente e por longo tempo golpeado, e a ferida é bem freqüentemente de cura difícil.

16. Daí desponta clara outra conclusão: a massa qual acabamos de definir - é a principal inimiga da verdadeira democracia, e do seu ideal de liberdade e de igualdade.

17. Num povo digno de tal nome, o cidadão sente em si mesmo a consciência da sua personalidade, dos seus deveres e dos seus direitos, da própria liberdade conjugada com o respeito da dignidade e liberdade alheia. Num povo digno de tal! nome, todas as desigualdades, não arbitrárias mas derivadas da mesma natureza das coisas, desigualdades de cultura, posses, posição social (sem prejuízo, bem entendido, da justiça e da caridade) não são de modo

algum obstáculo à existência e ao predomínio de um autêntico espírito de comunidade e fraternidade. Pelo contrário, longe de lesar de algum modo a igualdade civil, lhe conferem o seu legítimo significado: isto é, que defronte ao Estado cada qual tem o direito de viver honradamente a própria vida pessoal, no lugar e nas condições em que os desígnios e disposições da Divina Providência o tiver colocado.

18. Em contraste com este quadro do ideal democrático de liberdade e igualdade num povo governado por mãos honestas e providentes, que espetáculo oferece um Estado democrático entregue ao capricho da massa! A liberdade, enquanto dever moral da pessoa, se transforma numa pretensão tirânica de dar desafogo livre aos impulsos e apetites humanos, em detrimento dos outros. A igualdade degenera em nivelamento mecânico, numa uniformidade monocroma: sentimento de verdadeira honra, atividade pessoal, respeito da tradição, dignidade, numa palavra, tudo o que dá à vida o seu valor, pouco a pouco definha e desaparece. E sobrevivem apenas: de uma parte, as vítimas iludidas pela fascinação aparente de democracia, ingenuamente confundida com o genuíno espírito democrático e com a liberdade e igualdade; e doutra parte, os aproveitadores mais ou menos numerosos, que souberam, por meio da força do dinheiro ou da organização, assegurar para si sobre os outros uma condição privilegiada e o mesmo poder.

-
- *Anterior*
 - *Índice*
 - *Posterior*



QUALIDADES PRÓPRIAS DOS GOVERNANTES NAS DEMOCRACIAS

19. O Estado democrático, seja monárquico ou republicano, deve como qualquer outra forma de governo, estar investido do poder de mandar, com uma autoridade verdadeira e efetiva. A mesma ordem suprema dos seres e dos fins - que mostra o homem como pessoa autônoma, quer dizer como sujeito de deveres e direitos invioláveis, raiz e termo de sua vida social - abraça também o Estado como sociedade necessária, revestida da autoridade, sem a qual não poderia existir nem viver. E se os homens, prevalecendo-se da liberdade pessoal, negassem toda dependência de uma autoridade superior dotada do direito de coação, abalariam com isso o fundamento da própria dignidade e liberdade, ou seja aquela ordem suprema dos seres e dos fins.

20. Estabelecidos sobre esta mesma base, a pessoa, o Estado e o poder público (com seus respectivos direitos) estão intimamente ligados e conexos, de tal modo que juntamente sobrevivem ou perecem.

21. E já que esta ordem suprema, sob a luz da sã razão e particularmente da fé cristã, não pode ter outra origem que um Deus pessoal, nosso Criador, resulta que a dignidade do homem é a dignidade da imagem de Deus, a dignidade do Estado é a dignidade da comunidade moral estabelecida por Deus, a dignidade da autoridade política é a dignidade de sua participação na autoridade de Deus.

22. Nenhuma forma de Estado poderá deixar de levar em conta esta conexão íntima e indissolúvel; e a democracia menos que qualquer outra. Portanto, se quem tem nas mãos o poder público não a vê, ou mais ou menos dela descuida, abala pela base a própria autoridade. Igualmente, se ele não tiver em suficiente conta esta relação, e não vir no seu cargo a missão de realizar a ordem estabelecida por Deus, nascerá o perigo de que o egoísmo do domínio ou dos interesses prevaleça sobre as exigências essenciais da moral, política e social, e que as aparências mentirosas de uma democracia de pura forma sirvam não raro de máscara a_ quanto realmente existe de menos democrático.

23. Somente a compreensão clara dos fins designados por Deus a toda sociedade humana, compreensão unida ao sentimento profundo dos deveres sublimes da obra social, pode colocar aqueles a quem foi confiado o poder em condições de cumprir as próprias obrigações de ordem legislativa, judiciária ou executiva, com aquela consciência da própria responsabilidade, com aquela objetividade, com aquela imparcialidade, com aquela lealdade com aquela generosidade, com aquela incorruptibilidade, sem as quais um governo democrático dificilmente conseguiria conquistar o respeito, a confiança e a adesão da melhor parte do povo.

24. O sentimento profundo dos princípios de uma ordem política e social são e conforme às normas do direito e da justiça, é de particular importância naqueles que, em qualquer forma de regime democrático, têm como representantes do povo, total ou parcialmente, o poder legislativo. E pois que o centro de gravidade de uma democracia normalmente constituída reside naquela representação popular donde as correntes políticas se irradiam para todos os campos da vida pública (tanto para o bem quanto para o mal), a questão da elevação moral, da idoneidade prática, de capacidade intelectual dos deputados ao parlamento, é para todos os povos de regime democrático uma questão de vida ou de morte, de prosperidade ou decadência, de saneamento ou perpétuo mal-estar.

25. Para desenvolver uma ação fecunda, para conciliar a estima e confiança, todo e qualquer corpo legislativo deve - como o atestam experiências inegáveis - recolher em seu seio uma plêiade de homens, espiritualmente eminentes e de caráter firme, que se considerem como representantes de todo o povo, e não já como mandatários de uma turba a cujos interesses particulares não raro se sacrificam as verdadeiras necessidades e exigências do bem comum. Uma plêiade de homens, que não se limite a alguma profissão ou condição, mas que seja a imagem da multiplicidade da vida de todo o povo. Uma plêiade de homens de sólida convicção cristã, de juízo justo e seguro, de senso prático e equânime, coerente consigo mesmo em todas as circunstâncias; homens de doutrina clara e são, de propósitos sólidos e retilíneos, homens sobretudo capazes. (em virtude da autoridade que emana de sua consciência pura, e largamente irradia em torno deles) de serem guias e chefes, especialmente nos tempos em que as necessidades prementes super-excitam a impressionabilidade do povo e o tornam fácil de ser transviado e perder-se; homens que, nos períodos de

transição, geralmente trabalhados e dilacerados pelas paixões, pelas divergências das opiniões e pelas oposições de programas; se sintam duplamente no dever de fazer circular nas veias febricitantes do povo e do Estado o antídoto espiritual das visões claras, da bondade solícita, da justiça igualmente favorável a todos e a inclinação da vontade para a união e a concórdia nacional num espírito de sincera fraternidade.

26. Os povos cujo temperamento espiritual e moral está bastante são e fecundo, acham em si mesmos e podem dar ao mundo os pregoeiros e os instrumentos da democracia, que vivem naquelas disposições e sabem realmente traduzi-las em ato. Onde, porém, faltam tais homens, outros vêm ocupar-lhes o lugar para fazer da atividade política a arena de suas ambições, uma corrida aos ganhos próprios e de sua casta ou sua classe, ao passo que a caça aos interesses particulares faz perder de vista, e lança mesmo em perigo, o verdadeiro bem comum.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



O ABSOLUTISMO ESTATAL

27. Uma sã democracia, fundada sobre os princípios imutáveis da lei natural e das verdades reveladas, será resolutamente contrária àquela corrupção que atribui à legislação do Estado um poder sem freios nem limites, e que faz também do regime democrático, não obstante as aparências contrárias mas mentirosas, um puro e simples sistema de absolutismo.

28. O absolutismo do Estado (que não se deve confundir, enquanto tal, com a monarquia absoluta, da qual aqui não se trata) consiste, com efeito, no princípio errôneo de que a autoridade do Estado é ilimitada e diante dela - ainda quando dá livre curso a suas miras despóticas, ultrapassando os limites do bem e do mal - não se admite apelo algum a uma lei superior e moralmente obrigatória.

29. Um homem possuído de idéias retas acerca do Estado e da autoridade e do poder de que se acha revestido enquanto guarda da ordem social, não pensará jamais em ofender a majestade da lei positiva no âmbito de sua competência natural. Mas esta majestade do direito positivo humano só será inapelável quando se conformar - ou pelo menos não se opuser - à ordem absoluta estabelecida pelo Criador, e posta em nova luz pela revelação do Evangelho. Ela não pode subsistir senão enquanto respeitar o fundamento sobre que se apoia a pessoa humana, não menos que o Estado e o poder público. E' este o critério fundamental de toda forma sadia de governo, inclusive a democracia; critério com que deve ser julgado o valor moral de toda lei particular.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



NATUREZA E CONDIÇÕES DE UMA ORGANIZAÇÃO EFICAZ PARA A PAZ: A UNIÃO DO GÊNERO HUMANO E A SOCIEDADE DOS POVOS

30. Nós quisemos, diletos filhos e filhas, colher a ocasião da festa do Natal para indicar os caminhos por que uma democracia que corresponda à dignidade humana possa, em harmonia com a lei natural e com os desígnios de Deus manifestados na revelação, chegar a resultados benéficos. Com efeito, Nós sentimos a suprema importância deste problema para o, progresso pacífico da família humana; mas ao mesmo tempo somos conscientes das profundas exigências que esta forma de governo impõe à maturidade moral de cada cidadão; maturidade moral que em vão se poderia esperar atingir plenamente e com segurança, se a luz da gruta de Belém não iluminasse o caminho escuro por que os povos transitam de um presente tempestuoso para um futuro que almejam mais sereno.

31. Até que ponto, porém, os representantes e os pioneiros da democracia serão possuídos, em suas deliberações, da convicção de que a ordem suprema dos seres e dos fins, por Nós repetidas vezes lembrada, inclui ainda, como exigência moral e coroa do desenvolvimento social, a união do gênero humano e da família dos povos? Do reconhecimento deste princípio depende o futuro da paz. Nenhuma reforma mundial, nenhuma garantia de paz pode abstrair dele sem debilitar-se e renegar-se a si mesma. Se, porém, essa mesma exigência moral encontrasse sua realização numa sociedade dos povos, que soubesse evitar os defeitos estruturais e as falhas das soluções que precederam, então a majestade daquela ordem regularia e dominaria igualmente as deliberações desta sociedade e a aplicação dos seus meios de sanção.

32. Pelo mesmo motivo se compreende como a autoridade de tal sociedade dos povos deverá ser verdadeira e efetiva sobre os Estados-membros, de forma, porém, que cada qual conserve igual direito à sua relativa soberania. Somente assim o espírito de uma democracia sadia poderá penetrar também no vasto e escabroso campo da política externa.

▪ [*Anterior*](#)

▪ [*Índice*](#)

▪ [*Posterior*](#)



CONTRA A GUERRA DE AGRESSÃO COMO SOLUÇÃO DAS CONTROVÉRSIAS INTERNACIONAIS

33. Um dever, de resto, obriga a todos, um dever que não admite nenhuma demora, nenhuma protelação, nenhuma hesitação, nenhuma tergiversação: o de fazer tudo quanto é possível para proscrever e banir, de uma vez para sempre, a guerra de agressão como solução legítima das controvérsias internacionais e como instrumento de aspirações nacionais. Vimos no passado empreenderem-se muitas tentativas com este fim. Todas faliram. E falirão todas, sempre, enquanto a parte mais sã do gênero humano não tiver vontade firme, santamente obstinada, como uma obrigação de consciência, de cumprir a missão que os tempos passados haviam iniciado com insuficiente seriedade e resolução.

34. Se jamais uma geração deveu sentir no fundo da consciência o grito de "Guerra à guerra!", é certamente a presente. Caminhando através de um oceano de sangue e lágrimas, como talvez os tempos passados jamais conheceram, ela viveu suas indescritíveis atrocidades tão intensamente, que a lembrança de tantos horrores deverá ficar impressa na memória e no mais profunda da alma como a imagem de um inferno, à qual quem quer que nutra no coração sentimentos de humanidade, não poderá ter desejo mais ardente que o de fechar-lhe as portas para sempre.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



FORMAÇÃO DE UM ÓRGÃO COMUM PARA A MANUTENÇÃO DA PAZ

35. As resoluções das Comissões Internacionais, até agora trazidas a público, autorizam-nos a concluir que um ponto essencial de qualquer futuro reajustamento mundial seria a criação de um órgão para a manutenção da paz; órgão investido, por consenso de todos, de autoridade suprema, e cujo ofício deveria ser também o de sufocar no nascedouro qualquer ameaça de agressão isolada ou coletiva. Ninguém poderia saudar esta evolução com maior alegria do que quem há já muito tempo tem defendido o principio de que a teoria da guerra como meio apto e proporcionado a resolver os conflitos internacionais já é passada. A esta colaboração comum a realizar-se com uma seriedade de intenções antes desconhecida, ninguém poderia augurar pleno e feliz êxito com maior ardor do que quem se dedicou conscienciosamente por conduzir a mentalidade cristã e religiosa a reprovar a guerra moderna com seus monstruosos meios de luta.

36. Monstruosos meios de luta! Sem dúvida o progresso das invenções humanas, que devia assinalar a verificação de um maior bem-estar para toda a humanidade, foi pelo contrário dirigido à destruição de tudo o que os séculos haviam edificado. Mas precisamente por isto se tornou sempre mais evidente a imoralidade da guerra e a agressão. E se agora, ao reconhecimento desta imoralidade, se acrescentar a ameaça de uma intervenção jurídica das Nações e de um castigo infligido ao agressor pela sociedade dos Estados, de modo que a guerra se sinta sempre proscrita, sempre vigiada por uma ação preventiva - então a humanidade, saindo da noite escura em que esteve por tanto tempo submersa, poderá saudar a aurora de uma nova e melhor história.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



SUA ORGANIZAÇÃO EXCLUI TODA IMPOSIÇÃO INJUSTA

37. Com uma condição, porém: que a organização da paz (cujas mútuas garantias e, onde for necessário, as sanções econômicas e até a intervenção armada, deveriam dar-lhe vigor e estabilidade) não consagre definitivamente injustiça alguma, não comporte alguma lesão de algum direito em detrimento de algum povo (pertença ele ao grupo dos vencedores, dos vencidos ou dos neutros), não perpetue alguma imposição ou gravame, que só poderá permitir-se temporariamente, como reparação dos danos da guerra.

38. Que alguns povos, a cujos governos - ou talvez também em parte ao próprio povo - se atribui a responsabilidade da guerra, tenham que suportar por algum tempo os rigores das providências de segurança, até que os vínculos de confiança violentamente despedaçados sejam pouco a pouco renovados, é coisa que, apesar de dura, é outro tanto difícil de evitar-se. Apesar disso, estes mesmos povos deverão ter também eles a bem fundada esperança (na medida de sua cooperação efetiva e leal aos esforços para a futura restauração) de poder ser, junto com os outros Estados e com a mesma consideração e os mesmos direitos, associados à grande comunidade das nações. Recusar-lhe esta esperança, seria o oposto de uma sabedoria previdente, seria assumir a grave responsabilidade de atravancar o caminho para a libertação geral de todas as desastrosas conseqüências materiais, morais, políticas do gigantesco cataclisma que abalou até o mais profundo a pobre família humana, mas que ao mesmo tempo lhe indicou o caminho para novas metas.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



AUSTERAS LIÇÕES DA DOR

39. Não queremos renunciar à confiança de que os povos - que passaram todos pela escola da dor tenham sabido aprender as lições austeras. E nesta esperança Nos sentimos confortados com as palavras de homens que têm provado mais os sofrimentos da guerra e têm achado acentos generosos para exprimir, juntamente com a afirmação das próprias exigências de segurança contra qualquer agressão futura, o seu respeito pelos direitos vitais dos outros povos, e a sua aversão contra toda usurpação dos mesmos direitos. Seria vão esperar que esta sábia posição, ditada pela experiência da historia e por um alto senso político, seja - enquanto os ânimos ainda se encontram incandescentes - comumente aceita pela opinião pública, ou mesmo apenas pela maioria. O ódio, a incapacidade de se compreenderem mutuamente, fez surgir, entre os povos que se vêm combatendo, uma nuvem demasiado densa para que se possa esperar ter já chegado a hora em que um facho de luz desponte a iluminar o trágico panorama dos dois lados da escura muralha. Mas de uma coisa sabemos: chegará o momento (e talvez antes que se pense) em que uns e outros reconhecerão como, tudo bem considerado, não há senão um caminho para sair da maranha em que a luta e o ódio envolveram o mundo, e é a volta a uma solidariedade há muito esquecida, solidariedade não restringida a estes ou aqueles povos, mas universal, fundada na íntima conexão de sua sorte e sobre os direitos que igualmente lhes compete.

▪ [Anterior](#)

▪ [Índice](#)

▪ [Posterior](#)



A PUNIÇÃO DOS DELITOS

40. Ninguém certamente pensa em desarmar a justiça em relação àqueles que se valeram da guerra para cometer verdadeiros e provados delitos de direito comum, aos quais as supostas necessidades militares poderiam no máximo oferecer um pretexto, mas nunca uma justificação. Mas se alguém presumisse julgar e punir, não já os indivíduos singularmente, mas comunidades inteiras coletivamente, quem poderia deixar de ver em tal procedimento uma violação das normas que presidem a qualquer julgamento humano?

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



A IGREJA DEFENSORA DA VERDADEIRA DIGNIDADE E LIBERTAÇÃO HUMANA

41. Num tempo em que os povos se acham frente a deveres que não encontraram talvez nunca, em curva alguma da sua história, eles sentem ferver em seu coração atormentado o desejo impaciente e como que inato de tomar as rédeas do próprio destino, com maior autonomia que no passado, esperando que assim lhes será mais fácil defender-se contra as irrupções periódicas do espírito de violência, que, como uma torrente de lava incandescente, a nada poupa de quanto lhes é caro e sagrado.

42. Graças a Deus, podem-se crer passados os tempos em que a apelação aos princípios morais e evangélicos para a vida dos Estados e dos povos, era desdenhosamente excluída como irreal. Os acontecimentos destes anos de guerra se encarregaram de refutar, do modo mais cruel que se teria podido imaginar, os propagandistas de semelhantes doutrinas. O desdém por eles ostentado contra aquele pretendido irrealismo, mudou-se numa espantosa realidade: brutalidade, iniquidade, destruição, aniquilamento.

43. Se o futuro pertencer à democracia, uma parte essencial de sua realização deverá pertencer à religião de Cristo e à Igreja, mensageira da palavra do Redentor e continuadora da sua missão salvadora. Ela de fato ensina e defende as verdades, comunica as forças sobrenaturais da graça, para realizar a ordem dos seres e dos fins estabelecida por Deus, fundamento último e norma diretiva de toda democracia.

44. Com a sua mesma existência a Igreja se ergue de frente ao mundo, qual farol esplendoroso a recordar constantemente esta ordem divina. A sua história reflete claramente sua missão providencial. As lutas que, constrangida pelo abuso da força, deveu sustentar pela defesa da liberdade recebida de Deus, foram ao mesmo tempo lutas pela verdadeira liberdade do homem.

45. A Igreja tem a missão de anunciar ao mundo, ansioso por melhores e mais perfeitas formas de democracia, a mensagem mais alta e mais necessária que possa existir: a dignidade do homem, a vocação à filiação divina. É o grito poderoso que ressoa, do

presépio de Belém até os extremos confins da terra, aos ouvidos dos homens, num tempo em que esta dignidade é mais dolorosamente rebaixada.

46. O mistério do Santo Natal proclama esta inviolável dignidade humana com um vigor e uma autoridade inapelável, que ultrapassa infinitamente aquela a que poderiam chegar todas as possíveis declarações dos direitos do homem. Natal, a grande festa do Filho de Deus aparecido em carne, a festa em que o céu se inclina para a terra com uma inefável graça e benevolência, é também o dia em que a cristandade e a humanidade, diante do Presépio, na contemplação da benignitas et humanitas Salvatoris nostri Dei, se tornam mais intimamente conscientes da estreita união que Deus estabeleceu entre eles. O berço do Salvador do mundo, do Restaurador da dignidade humana em toda a sua plenitude, é o ponto indicado da aliança de todos os homens de boa vontade. Lá ao pobre mundo, dilacerado pelas discórdias dividido pelos egoísmos, envenenado pelos ódios, será concedida a luz, restituído o amor e será dado encaminhar-se, em cordial harmonia, para o escopo comum, a fim de achar finalmente, na paz de Cristo, a cura de suas feridas.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



CRUZADA DE CARIDADE

47. Não queremos concluir esta Nossa Mensagem de Natal sem dirigir uma palavra comovida a todos aqueles - Estados, Governos, Bispos, povos - que nestes tempos de inenarráveis desastres Nos têm prestado valioso auxílio em atender ao grito de dor que Nos chega de todas as partes do mundo, e em dar Nossa mão socorredora a inúmeros diletos filhos e filhas que as vicissitudes da guerra reduziram à extrema pobreza e miséria.

48. E em primeiro lugar é justo recordar a vasta obra de assistência desenvolvida, não obstante as extraordinárias dificuldades de transportes, pelos Estados Unidos da América, e, no que diz respeito particularmente à Itália, pelo Exmo. Representante pessoal, junto a Nós, do Presidente daquela União.

49. Nem menor louvor e reconhecimento Nos é grato expressar à generosidade do Chefe de Estado, do Governo e do povo espanhol, do Governo Irlandês, da Argentina, da Austrália, da Bolívia, do Brasil, do Canadá, do Chile, da Itália, da Lituânia, do Peru, da Polônia, da Rumânia, da Eslováquia, da Suíça, da Hungria, do Uruguai, que porfiaram em nobres sentimentos de fraternidade e caridade, cujo eco não há de ressoar em vão pelo mundo.

50. Enquanto os homens de boa vontade se esforçam por lançar uma ponte espiritual de união entre os povos, esta obra de bem, pura e desinteressada, assume um aspecto e um valor de singular importância.

51. E quando - como todos auguramos - as dissonâncias do ódio e da discórdia que dominam a hora presente não forem mais que uma triste recordação, amadurecerão com abundância ainda mais larga os frutos desta vitória do amor magnânimo e operante sobre o veneno do egoísmo e das inimizades.

52. A quantos têm participado nesta Cruzada de caridade, sirva de estímulo e recompensa a Nossa Bênção Apostólica e o pensamento de que na festa do amor se levantará por eles ao céu, de inumeráveis corações angustiados mas não esquecidos, a oração de reconhecimento: Retribuere dignare, Domine, omnibus nobis borra facientibus propter nomen tuum, vitam aeternam! Dignai-vos,

Senhor, retribuir com a vida eterna a todos aqueles que nos fazem o bem pelo vosso nome!

▪ *Autoria*

▪ *Índice*

Pio XII

RADIOMENSAGEM DE 9 DE MAIO DE 1945

SOBRE O FIM DA GUERRA NA EUROPA

A TODO O MUNDO

1. Finalmente terminou esta terrível guerra que amarrou a Europa com os laços do mais horrível e tremendo sofrimento, durante quase seis anos. Uma profunda e humilde exclamação de gratidão ergue-se do fundo de nosso coração para o "Pai das misericórdias e Deus de toda consolação" (2Cor 1,3). Com nossos agradecimentos, fazemos também uma prece fervorosa, implorando da bondade e onipotência divina o fim, segundo justiça, das sangüinárias lutas também no Extremo Oriente.

2. Ajoelhados diante dos túmulos e dos despenhadeiros revolvidos e manchados de sangue, onde jazem os restos de inúmeros seres humanos que tombaram vítimas das batalhas ou dos massacres desumanos ou presa da fome e da miséria, em nossas orações, e especialmente no santo sacrifício, lembramo-nos deles e oramos a Jesus Cristo, seu salvador e seu juiz. Os que tombaram parecem admoestar os sobreviventes deste conflito desumano e dizer-lhes: que os plasmadores e arquitetos de uma Europa nova e melhor surjam de nossos túmulos e da terra sobre a qual estamos espalhados, como sementes de trigo. Que surja um mundo novo e melhor baseado no temor filial de Deus, na fidelidade a seus santos mandamentos, no respeito à dignidade humana e aos direitos comuns de todos os povos e de todos os estados, grandes ou pequenos, fracos ou fortes.

3. A guerra criou um caos de ruínas, tanto no sentido moral como no material, tão grande como nunca antes a humanidade testemunhara no decorrer de toda sua longa história. Chegou agora o momento de reconstruir o mundo. Como primeira pedra fundamental deste processo de restauração, desejamos ver - após tão longa espera - até onde as circunstâncias permitirem, um pronto regresso dos prisioneiros de guerra e de outros internados, soldados ou civis,

para seus lares, a suas esposas, a seus filhos e ao nobre trabalho da paz.

4. Dizemos; portanto, a todos: não permitais que vossa coragem vacile e que vossa energia decaia. Lançai-vos animadamente ao trabalho de reconstrução. Permitted que vosso trabalho seja sustentado pela divina Providência. Mãos ao trabalho, cada um em seu lugar; resoluto e tenaz, com o coração animado por um indestrutível amor por seu próximo. Certamente difícil, mas ao mesmo tempo santa, é a tarefa que vos espera, de reparar os efeitos imediatos e desastrosos da guerra, de transformar em bem seus mil e um desastrosos efeitos. Queremos nos referir à decadência da ordem pública, à miséria e à fome, à brutalização dos costumes e à falta de disciplina entre os jovens. Fazendo isso, pouco a pouco preparareis para vossas cidades e vossas aldeias, para vossas províncias e vossas pátrias, um futuro mais aceitável e o vigor de um sangue rejuvenescido.

5. Com as ameaças ocultas de morte afastadas da terra, dos mares e do céu, e, daqui por diante, assegurada pela deposição das armas, a vida do homem, criatura de Deus e do que lhes resta de propriedade privada e comum, os homens podem agora manter seu espírito e sua mente livres para a edificação da paz.

6. Considerando a Europa isoladamente, encontramos face a face agora com problemas e dificuldades gigantescas que deverão ser vencidas se desejarmos abrir caminho para uma paz verdadeira - a única paz que pode ser duradoura. Esta não pode realmente florescer e prosperar senão numa atmosfera de segurança e perfeita fidelidade, aliada a uma confiança recíproca, à compreensão mútua e à benevolência. A guerra fez surgir por toda parte a discórdia, a suspeita e o ódio. Assim sendo, se o mundo desejar conquistar a paz, devem desaparecer as falsidades e os rancores e em seu lugar devem reinar a verdade e a caridade.

Acima de tudo, porém, em nossas preces diárias, devemos constantemente suplicar ao Deus do amor que cumpra sua promessa feita pela boca de Ezequiel: "Dar-lhes-ei um só coração, porei no seu íntimo um espírito novo: removerei do seu corpo o coração de pedra, dar-lhes-ei um coração de carne, a fim de que andem de acordo com os meus estatutos e guardem as minhas normas e as cumpram. Então serão o meu povo e eu serei o seu Deus" (Ez 11,19-20). Que o Senhor se digne criar esse novo espírito,

o seu espírito; nos povos e particularmente no coração daqueles aos quais foi confiada a responsabilidade de estabelecer a futura paz! Somente então o mundo renascido evitará a repetição do tremendo flagelo e haverá um reinado de fraternidade verdadeira, estável e universal, aquela paz garantida pelo Cristo, também aqui na terra a quem quiser acreditar e esperar na sua lei de amor.

PIO

PP.

XII

▪ *Índice*



Pio XII

RADIOMENSAGEM DO NATAL DE 1945

MISSÃO DA IGREJA E PRESSUPOSTOS DE UMA PAZ DURADOURA

NATAL DE EXPECTATIVA E ORAÇÃO

1. Durante os últimos seis anos, todos nós, Veneráveis Irmãos e amados filhos, tivemos de saborear, na vigília do Natal do Senhor, o amargo contraste entre os sentimentos de santa alegria e de fraterna união que a amorosa festa da Natividade infunde nos ânimos, e os tristes rancores e as ânsias de vingança que imperam no mundo; entre os suaves acentos do Gloria in excelsis Deo discordantes de et in terra pax hominibus e as vozes ódio, no fragor de uma guerra fratricida; entre a doce claridade de Belém e o sinistro clarão dos incêndios; entre o suave esplendor que irradia do rosto do divino Menino e o estigma de Caim, que permanecerá impresso ainda por muito tempo na face do nosso século.

2. Por isso, que suspiro de consolo brotou de todos os nossos peitos ao anunciar-se que o sangrento conflito havia terminado, primeiro na Europa e depois na Ásia! Quantas súplicas ardentes subiram ao trono do Altíssimo naqueles largos anos de luta, pedindo .que abreviasse os dias de aflição, e detivesse a mão dos anjos, que seguram a taça da ira divina pelos pecados do mundo! Agora, pela primeira vez, mercê da misericórdia divina, a família humana celebrará de novo o Natal, no qual os terrores da guerra em terra, no mar e sobretudo no ar, não oprimirão já tantos corações de temor nem de angústia mortal. Por esta mudança de circunstâncias, demos todos, humildemente, graças ao Senhor Onipotente.

3. Mas haverá paz na terra? A verdadeira paz? Não; unicamente o pós-guerra, expressão dolorosa e ainda demasiado confusa. Quanto tempo será mister para curar o mal-estar material e moral, quantos esforços para cicatrizar tantas chagas! Ontem semearam-se destruições, calamidades e misérias sobre territórios imensos, e hoje, que se trata de reconstruir, os homens começam apenas a dar-

se conta de quanta perspicácia e sagacidade, quanta retidão e boa vontade são necessárias para conduzir novamente o mundo, das devastações e ruínas, físicas e espirituais, ao direito, à ordem e à paz.

4. Assim, também este Natal é um tempo de expectativa, de esperança e de oração ao Filho de Deus feito Homem, para que Ele, que é Rex pacificus cuius vultum desiderat universa terra (primeira antífona das primeiras vésperas do Natal), dê ao mundo a sua paz.

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



O PRÓXIMO CONSISTÓRIO E SUAS CARACTERÍSTICAS

5. Como já foi anunciado, pela primeira vez desde que o Senhor, não obstante a Nossa indignidade, quis elevar-Nos ao supremo Pontificado, vamos, com a graça de Deus, nomear novos membros do Sagrado Colégio. Em Nosso discurso no Natal do ano passado aludimos às graves e múltiplas dificuldades que desgraçadamente Nos haviam impedido até então de prover as não poucas vagas tristemente ocorridas na Cúria Romana. Quão agradável será, pois, para Nós, vermo-Nos aqui em festa próxima rodeado de um número tão considerável de novos Cardeais, que, por suas insignes virtudes e assinalados méritos, Nos não parecido particularmente dignos de ser elevados à dignidade da sagrada Púrpura! Este acontecimento excepcional merece, em Nosso juízo, algumas especiais considerações que o ilustrem.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



QUANTO AO NÚMERO DOS FUTUROS CARDEAIS.

6. Observaremos, antes de, mais nada, que com estas nomeações ficará completo o Sacro Colégio. E' sabido que o Nosso Predecessor de feliz memória, Sisto V, na sua constituição Postquam verus, de 3 de Dezembro -de 1586, depois de ter feito notar que nos tempos antigos o Sacro Colégio fora demasiado reduzido e que, pelo contrário, em tempos mais recentes, excessivamente numeroso, fixou em setenta o número de Cardeais, à semelhança do número dos anciãos de Israel (Cf. Ex 24, 1-9). E proibiu, sob severíssimas sanções, que por nenhum motivo, por mais grave que fosse, se ultrapassasse este número. Sem dúvida estas disposições não obrigavam os Romanos Pontífices seus sucessores, que poderiam aumentar ou diminuir aquele número se o houvessem julgado necessário; não consta todavia que algum deles haja derogado aquela lei, que, ao contrário, teve expressa confirmação no cânone 231 do Código do Direito Canônico. O Sacro Colégio encontrou-se muito freqüentemente completo, com o seu número de setenta Cardeais, nos séculos XVII e XVIII, mas jamais no século XIX e até no século XX. Para citar um só exemplo, recordaremos o Consistório secreto de 17 de Maio de 1706, no qual Clemente XI quis nomear tantos Cardeais, ou sejam vinte, quantos faltavam para completar o número de setenta: Creare infendimus eos omnes nempe viginti, qui ad septuagenarium vestrum numerum complendum in praesens desunt cardinales (Clemente XII, Orationes Consistoriales, Romae, 1722, p. 32), e havendo um dos recém-nomeados, Gabriel Filippucci, renunciado a tão eminente dignidade, Clemente XI, no Consistório seguinte, a 7 de junho do mesmo ano, ao mesmo tempo que aceitava esta renúncia, imediatamente preencheu a vaga com Miguel Angelo Conti, que foi mais tarde seu imediato sucessor com o nome de Inocêncio XIII (ob. cit., p. 38). Nós quisemos volver àquele antigo costume de completar o número dos membros do Sacro Colégio e ao mesmo tempo respeitar o limite imposto por Sisto V. Sentimos que o querer ater-Nos a este limite Nos haja impedido de incluir nesta Nossa primeira nomeação outros não poucos Prelados e Religiosos, em especial da Cúria e Clero romanos, os quais, sobretudo pelos seus continuados serviços à Santa Sé, se tornaram igualmente merecedores dessa dignidade.

7. E tanto mais Nos pareceu conveniente não exceder aquele limite, quanto é certo que nunca se há nomeado um tão grande número de

Cardeais, isto é, trinta e dois, no mesmo Consistório. As duas maiores nomeações até agora realizaram-se nos Pontificados de Leão X e Pio VII, que elegeram num só Consistório 31 Cardeais. Pois Leão X, ainda que, no Consistório de 26 de junho de 1517, houvesse manifestado o seu propósito de nomear 27 Cardeais, no subsequente, em 1 de Julho daquele mesmo ano, nomeou 31 (Arquivo Consistorial, Acta Vicecancellarii, 2, folios 39-40); e Pio VII, após seu regresso a Roma, havendo dirigido as suas atenções ao Sacro Colégio, mui diminuído no número devido aos acerbíssimos acontecimentos daquele tempo, no Consistório secreto de 8 de Março de 1816, nomeou igualmente 31 Cardeais, dos quais todavia só publicou 21, reservando os outros dez in pectore (Cf. Pio VII, Allocutio habita in Cons. secr. die octava martii 1816).

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



QUANTO À NAÇÃO A QUE PERTENCEM.

8. Outra característica desta nomeação será a variedade de nações a que pertencem os futuros Cardeais, pois tivemos empenho em que esteja representado o maior número possível de raças e de povos e que seja, por conseguinte, a viva imagem da universalidade da Igreja. Deste modo, assim como temos visto durante Nosso pontificado confluir à cidade eterna, não obstante a guerra, e mais ainda como consequência dela, homens de todas as nações e das mais remotas regiões; da mesma maneira teremos também, agora que cessou o conflito mundial, o consolo de ver, se Deus quiser, afluir ao Nosso redor os novos membros do Sacro Colégio, provenientes das cinco partes do mundo. Roma aparecerá desta sorte verdadeiramente como a cidade eterna, a cidade universal, a cidade caput mundi, a urbs por excelência, a cidade da qual todos são cidadãos, cidade sede do Vigário de Cristo, para onde convergem os olhares de todo o mundo católico: nem por isso ficará defraudada a Itália, a terra bendita que acolhe em seu seio esta Roma, antes melhor resplandecerá aos olhos de todos os povos como participe desta grandeza e universalidade.

▪ [*Anterior*](#)

▪ [*Índice*](#)

▪ [*Posterior*](#)



A SUPRANACIONALIDADE DA IGREJA

9. A Igreja Católica, da qual Roma é centro, por sua mesma essência é supranacional. Tem este fato um duplo sentido: negativo e positivo. A Igreja é mãe sancta mafer Ecclesia - uma verdadeira mãe, mãe de todas as nações e de todos os povos, não menos que de todos e cada um dos homens; e precisamente por ser mãe não pertence nem pode pertencer exclusivamente a este ou àquele povo, nem tão pouco a um povo mais nem a outro menos, senão a todos igualmente. E' mãe e, por conseguinte, não pode ser estrangeira em nenhuma parte. Vive, ou, ao menos, por razão da sua natureza, deve viver em todos os povos; e, além disso, enquanto a mãe, com seu esposo e seus filhos forma uma família, a Igreja, em virtude de uma união incomparavelmente mais estreita, constitui o que é mais e melhor do que uma família: o Corpo Místico de Cristo. A Igreja é, portanto, supranacional, porque é um todo indivisível e universal.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



INDIVISÍVEL UNIDADE DA IGREJA

10. A Igreja é um todo indivisível, porque Cristo, com a sua Igreja, é uno e indivisível. Cristo, como Cabeça da Igreja, para Nos servirmos de um profundo pensamento de S. Agostinho (sermão 341, c. 1; Migne PL., tomo 39; col. 1943), é totus Christus, Cristo inteiro. Esta integridade de Cristo, segundo o santo Doutor, significa a indivisível unidade da Cabeça e do Corpo, "in plenitude Ecclesiae", naquela plenitude de vida da Igreja que une todas as zonas e todos os tempos da Humanidade redimida, sem exceção alguma.

11. Estabelecida firmemente com tão profunda raiz, a Igreja, presente como se acha no meio de toda a história do gênero humano, no campo agitado e revoltado de energias divergentes e de tendências opostas, embora exposta a todos os assaltos dirigidos contra a sua indivisível integridade, está tão longe de ser por eles abalada que da sua própria vida de integridade e de unidade irradia e difunde sempre novas forças salutares e unificadoras na humanidade lacerada e dividida, forças de unificante graça divina, forças do espírito unificante, de que todos têm tanta fome; verdades que sempre e em todas as partes valem, ideais que ardem sempre e em todas as partes.

12. Por isto se vê que era e é um sacrílego atentado contra o totus Christus, Cristo em sua integridade, e ao mesmo tempo um golpe nefasto contra a unidade do gênero humano, o haver pretendido ou pretender tornar a Igreja como prisioneira ou escrava deste ou daquele povo particular e confiná-las nos estreitos limites de uma nação ou também desterrá-la. Este desmembramento da integridade da Igreja diminuiu e diminui - tanto mais quanto por mais tempo se prolonga - nos povos que são vítimas dele o bem da sua efetiva e plena vida.

13. Porém o individualismo nacional e estatal dos últimos séculos não pretendeu somente vulnerar a integridade da Igreja, debilitar e pôr obstáculo às suas forças unitárias e unificadoras, aquelas mesmas forças que exerceram outrora uma função essencial na formação da unidade do Ocidente europeu. Um liberalismo antiquado quis, sem a Igreja e contra ela, criar a unidade mediante uma cultura laica e um humanismo secularizado. Aquém e além, como fruto da sua ação dissolvente, e ao mesmo tempo, como seu

inimigo, sucedeu-lhe o totalitarismo. Numa palavra, qual foi, após pouco mais de um século, o resultado de todos aqueles esforços sem a Igreja e muitas vezes contra ela? O túmulo da verdadeira liberdade humana, as organizações forçadas, um mundo que em brutalidade e barbárie, em destruições e ruínas, mas, sobretudo, em funesta desunião e em falta de segurança, não havia conhecido outro igual.

14: Num tempo turbulento como é o nosso, a Igreja, por seu bem próprio e da humanidade, deve procurar por todos os meios fazer valer sua indivisível e indivisa integridade. Ela tem que ser, hoje mais do que nunca, supranacional. Este espírito deve penetrar e imbuir a sua Cabeça visível, o Sacro Colégio, toda a ação da Santa Sé, sobre a qual agora gravitam importantes deveres relacionados não só com o presente, mas mais ainda com o futuro.

15. Aqui se trata principalmente de um fato do espírito, de ter o sentimento justo desta supranacionalidade e não de medi-la, ou de calculá-la com proporções matemáticas ou na base de estatísticas rigorosas sobre a nacionalidade de cada uma das pessoas. Nos largos períodos de tempo, em que, por disposição da Providência, a nação italiana mais que outras tem dado à Igreja a sua Cabeça e muitos colaboradores ao governo central da Santa Sé, a Igreja no seu conjunto conservou sempre intacto o seu caráter supranacional. Mais ainda, precisamente por esta via, não poucas circunstâncias não contribuído para preservá-la de perigos, que de outra maneira se poderiam ter feito sentir mais. Para citar um exemplo, recordem-se as batalhas renhidas nos séculos passados pela hegemonia dos Estados nacionais europeus e das grandes dinastias.

16. Ainda depois da conciliação entre a Igreja e o Estado, mediante os tratados de Latrão, o clero italiano no seu conjunto, sem nenhum prejuízo do seu natural e legítimo amor da pátria, continuou fiel sustentáculo e patrocinador da supranacionalidade da Igreja. Nós desejamos e pedimos que assim permaneça, sobretudo o clero jovem, na Itália e em todo o orbe católico; de todos os modos, as delicadas circunstâncias presentes exigem particular cuidado e tutela daquela supranacionalidade e indivisível unidade da Igreja.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



UNIVERSALIDADE DA IGREJA

17. Supranacional porque abraça, com um mesmo amor, todas as nações e todos os povos, tem ainda este - caráter porque, como já dissemos, em parte alguma é estrangeira. Vive e desenvolve-se em todos os países do mundo e, por sua vez, todos os países do mundo contribuem para a sua vida e desenvolvimento. Tempos atrás, a vida eclesiástica, enquanto visível, florescia louçã preferentemente nos países da velha Europa, donde afluía, como rio majestoso, para o que poderia chamar-se periferia do mundo; hoje, pelo contrário, nota-se como que um intercâmbio de vida e energias entre todos os membros do Corpo Místico de Cristo sobre a terra. Não poucas regiões doutros continentes não ultrapassado desde há muito tempo a fase missionária da sua organização eclesiástica: possuem uma hierarquia própria que as governa e dão a toda a Igreja bens espirituais e materiais, quando outrora unicamente os recebiam.

18. Acaso não se revela neste progresso e enriquecimento da vida sobrenatural e também da vida natural, da humanidade, o verdadeiro sentido da supranacionalidade da Igreja? Por motivo desta supranacionalidade não está ela como que suspensa, a uma distância inacessível e intangível, por cima das nações; mas, como Cristo esteve no meio dos homens, assim também a Igreja, em que Ele continua a viver, se encontra no meio dos povos. Como. Cristo tomou uma verdadeira natureza humana, assim a Igreja toma em sua plenitude de tudo o que é genuinamente humano e o eleva à fonte de força sobrenatural em qualquer lugar e de qualquer forma que o encontre.

19. Assim hoje se cumpre cada vez mais na Igreja o que S. Agostinho louvou na sua "Cidade de Deus". A Igreja, escrevia, "chama os seus cidadãos de entre todas as gentes, e em todas as línguas reúne sua comunidade peregrina sobre a terra, sem se preocupar com a diversidade de costumes, de leis, ou instituições; nada disso rescinde ou destrói; antes tudo conserva e segue. Embora varie de nação para nação, dirige para o mesmo e único fim de paz terrena, se não puser obstáculo à religião do único, sumo e verdadeiro Deus".

20. A Igreja na sua universal integridade, como farol potente, projeta seu raio de luz nestes dias de obscuridade que atravessamos. Não

menos tenebrosos eram aqueles em que o grande doutor de Hipona via aquele mundo, que amava tanto, começar a afundar-se. Confortava-o então aquela luz, e ao seu clarão saudava, como em visão profética, a nova aurora de um dia mais belo. O seu amor para com a Igreja, que outra coisa não era senão o seu amor a Cristo, foi o seu consolo a sua felicidade. Oxalá que todos os que no dia de hoje, no meio das dores e perigos da sua pátria, sofrem penas semelhantes às de S. Agostinho, possam encontrar como ele alívio e amparo no amor da Igreja, desta morada universal que, em virtude da promessa divina, perdurará até ao fim dos tempos!

21. De Nossa parte, Nós ansiamos por tornar este edifício cada vez mais sólido, cada vez mais habitável para todos sem exceção. Por isso nada queremos omitir de quanto possa expressar visivelmente a supranacionalidade da Igreja, como sinal do seu amor a Cristo, a quem ela vê e serve na riqueza dos seus membros espalhados pelo mundo inteiro.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



A OBRA DA PAZ

22. Nesta hora em que celebramos o nascimento d'Aquele que veio reconciliar os homens com Deus e entre si mesmos, Nós não podemos deixar de dizer uma palavra sobre a obra da paz que se dispõem a edificar as classes dirigentes no Estado, na política e na economia.

23. Com uma riqueza, até agora quiçá nunca possuída, de experiência, de boa vontade, de prudência política e de poder organizador se têm iniciado os preparativos para a elaboração da paz mundial. Jamais, talvez, desde que o mundo é mundo, os estadistas se encontraram em face de uma empresa tão vasta e complexa pelo número, grandeza e dificuldade das questões que se têm de resolver, nem tão grave pelos seus efeitos em amplitude e profundidade, para bem ou para mal, como a de instaurar atualmente no gênero humano, após três decênios de guerras mundiais, de catástrofes econômicas e de empobrecimento desmedido, ordem e prosperidade. Ingente e formidável é a responsabilidade dos que se aprestam a realizar obra tão gigantesca.

24. Não é Nossa intenção entrar no exame das soluções práticas que poderão dar a tão árduos problemas; cremos, porém, que é próprio da Nossa missão, em continuação das Nossas precedentes mensagens do Natal durante a guerra, indicar os pressupostos morais e fundamentais de uma paz verdadeira e perdurável. Reduzi-los-emos todos a três breves considerações.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



TRÊS PRESSUPOSTOS FUNDAMENTAIS PARA UMA PAZ DURÁVEL E VERDADEIRA

25. Primeiro. A hora presente exige imperiosamente a colaboração, boa vontade e recíproca confiança de todos os povos. Os motivos de ódio, vingança, rivalidade, antagonismos de desleal e baixa competência devem ser alheios às discussões e resoluções políticas e econômicas. "Quem poderá dizer -perguntamos com a Sagrada Escritura (Prov 29, 10) -: O meu coração está limpo e estou puro de todo o pecado? Duplo peso e dupla medida são duas coisas que Deus abomina". Assim quem exige a expiação de culpas, como justo castigo de criminosos em razão dos seus delitos, deve procurar com todo o empenho não fazer o mesmo que condena nos outros como crime ou delito. Quem quer reparações deve pedi-las com base na ordem moral, no respeito dos direitos naturais invioláveis, que perduram até para os que se renderam sem condições ao vencedor. Quem pede segurança para o futuro não deve olvidar que a sua única e verdadeira garantia consiste na própria força interna, ou seja: na proteção à família, aos filhos e ao trabalho, no amor fraternal, na suspensão de todo o ódio, de toda a perseguição ou vexação injusta de honrados cidadãos, na leal concórdia entre os Estados e entre os povos.

26. Segundo. Para este fim é necessário que em toda a parte se renuncie a criar artificialmente, com o poder do dinheiro, duma arbitrária censura, de juízos unilaterais e falsas afirmações, o que se chama opinião pública, que move o pensamento e a vontade do eleitorado como canas agitadas pelo vento. Dê-se o devido valor à verdadeira e grande maioria formada por todos aqueles que vivem honrada e pacificamente dó seu trabalho e com suas famílias e desejam cumprir a_ vontade divina. Aos seus olhos, as divergências por fronteiras mais favoráveis, a luta pelos tesouros da terra, se não são necessariamente e "a priori" imorais por si mesmos, constituem sempre um jogo perigoso que não se pode afrontar senão com o perigo de ocasionar um mundo de mortes e de ruínas. Esta é a grande maioria dos bons pais e mães de família, que querem proteger e defender o porvir de seus próprios filhos contra as pretensões de toda a política de pura força, contra os arbítrios do totalitarismo do Estado forte.

27. Terceiro. A força do Estado totalitário! Cruel e sanguinária ironia.

A superfície inteira do globo, manchada com o sangue derramado nestes terríveis anos, proclama bem alto a tirania desse Estado.

28. Os alicerces do edifício da paz ameaçariam sempre afundar-se se não se pusesse fim a semelhante totalitarismo, para o qual o homem não passa de uma ficha insignificante no jogo político e um número nos cálculos econômicos. Com um traço de pena desfaz as fronteiras dos Estados; por uma decisão perentória subtrai a economia de um povo, sempre parte integrante de toda a vida nacional, às suas possibilidades naturais; com uma mal dissimulada crueldade despoja das suas casas e terras milhões de homens, lança centenas de milhares de famílias na mais mísera indigência e destrói uma civilização e cultura para cuja elaboração trabalharam muitas gerações. O mesmo absolutismo põe também limites arbitrários à necessidade e ao direito da migração e ao desejo de colonização. Tudo isto constitui um sistema contrário à dignidade e ao bem do gênero humano. E, sem embargo, segundo a ordenação divina, o senhor do mundo não é nem a vontade nem a potência de fortuitos e mutáveis grupos de interesses, mas o homem no meio da família e da sociedade, com seu trabalho. Destarte, aquele totalitarismo falha no que é a única medida do progresso, que é criar sempre maiores e melhores condições públicas para que a família possa existir e desenvolver-se como uma unidade econômica, jurídica, moral e religiosa.

29. Dentro das fronteiras de cada nação, como no seio da grande família dos povos, o totalitarismo do Estado forte é incompatível com uma verdadeira e sã democracia. Como um bacilo perigoso envenena a comunidade de nações e torna-a incapaz de garantir a segurança de cada um dos povos. Representa um contínuo perigo de guerra. A futura organização de paz quer desterrar do mundo todo o uso agressivo da força, toda a guerra de agressão. Quem deixará de saudar de coração semelhantes propósitos e especialmente sua eficaz atuação! Porém, para que se passe além de uma magnífica intenção, há que excluir toda a opressão e todo o arbítrio, tanto de dentro como de fora.

30. Em face deste :negável estado de coisas, só resta uma solução: o regresso a Deus e à ordem estabelecida por Deus. Quanto mais se desvendam e conhecem o surgir e o crescer das forças que desencadearam a guerra, tanto mais claramente se vê que eram elas as herdeiras, portadoras e continuadoras de erros, cujo elemento essencial era o abandono, a subversão, a negação e o desprezo do

pensamento e dos princípios cristãos.

31. Se é esta, pois, a raiz do mal, o remédio é simples: voltar à ordem posta por Deus nas relações entre Estados e povos e regressar a um verdadeiro cristianismo no Estado e entre os Estados. Nem se alegue que não é realista esta política. A experiência já devia ter ensinado a todos que a política orientada pelas eternas verdades e as leis de Deus é a mais real e concreta de todas as políticas. Os políticos realistas que pensam diversamente não semeiam senão ruínas.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



OS PRISIONEIRO DE GUERRA

32. E agora, finalmente, depois de volvermos a vista em observação, apenas de relance, pela situação atual do mundo, não podemos deixar de contemplar mais uma vez as legiões ainda ingentes de prisioneiros de guerra.

33. Com efeito, ao prepararmo-nos para passar com devota e interna alegria e em fervorosa oração a festa do santo Natal, que confirma e enobrece com harmonia secular e sempre viva os vínculos da família humana e atrai ao lar doméstico, como a lugar sagrado até aos que vivem habitualmente afastados dele, Nós recordamo-nos com profunda tristeza de todos aqueles que, não obstante haver-se declarado o fim da guerra, terão ainda este ano de passar em terra estrangeira tão evocadora festividade e sentir, na noite da alegria, o tormento da incerteza da sua situação e do afastamento dos pais, das esposas, dos filhos, dos irmãos, das irmãs, de todos aqueles que lhes são queridos.

34. Conquanto desejemos tributar justo reconhecimento e louvor àquelas Autoridades, obras ou pessoas, que hão procurado e procuram aliviar ou tornar menos dura a sua penosa situação, não podemos ocultar Nossa dor ao ter notícia dos sofrimentos, a que quase deliberadamente foram submetidos os prisioneiros e deportados, além dos que inevitavelmente traz consigo a guerra; ao ver que em alguns casos se vai prolongando sem razão suficiente o tempo de cativo; ao ver que o jugo do cativo, já de si angustiante, se agravou com o peso de fatigantes ou indevidos trabalhos; ou ao ver que se nega, com modos inumanos, o tratamento devido aos vencidos, desprezando levianamente normas sancionadas em convenções internacionais e ainda outras mais invioláveis da consciência cristã e civil.

35. Que os anjos do Natal de Cristo levem sobre as suas asas a Nossa mensagem paternal, portadora de alentos, de esperança e de luz, a esses filhos ainda prisioneiros, e que a eles chegue Nosso voto, acompanhado com o de quantos sentem vivamente a fraternidade humana, para que sejam restituídos rapidamente às suas ansiosas famílias e às suas ordinárias e pacíficas ocupações.

36. E Nós interpretamos certamente a aspiração de todos os bem

intencionados se tornarmos extensivo este Nosso voto aos homens, mulheres e adolescentes, presos políticos, expostos talvez a duros sofrimentos, a esses, a quem acaso unicamente se pode reprovar a sua passada atitude política e não uma ação criminosa nem alguma violação da lei. Mencionaremos também aqui com emocionante solicitude os missionários e civis no Extremo-Oriente, os quais, devido aos recentes e graves acontecimentos, vivem em -aflição e perigo. E' um manifesto dever natural que todos estes infelizes sejam tratados com humanidade, já que a ambicionada pacificação e concórdia nos povos e entre os povos não poderia iniciar-se melhor do que com a sua libertação e, em quanto seja factível, com a devida, conveniente e justa reabilitação.

37. Com estes sentimentos e desejos nos lábios e no coração, Nós invocamos sobre vós, Veneráveis Irmãos e amados filhos, como também sobre todos os Nossos amados filhos e filhas dispersos pela terra, a abundância das graças do Salvador divino, das quais é penhor a bênção apostólica que vos damos com paternal afeto.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*



Pio XII

RADIOMENSAGEM DE NATAL DE 1946

O CAMINHO DA PAZ

A VOZ DA CONSCIÊNCIA

1. Houve jamais na história do gênero humano, na história da Igreja, um Natal e um Ano Novo, em que, de forma mais viva que no presente, arda nos corações e se manifeste a ânsia de ver desaparecer o contraste entre a pacífica mensagem de Belém e as agitações interiores e exteriores de um mundo que, com tanta freqüência, abandona o reto caminho da verdade e da justiça?

2. A Humanidade, apenas saída dos horrores de uma guerra cruel, cujas conseqüências ainda a enchem de aflição, contempla estupefata o abismo aberto entre as esperanças de ontem e as realizações de hoje, abismo que esforços, ainda os mais tenazes, dificilmente logram encerrar, porque o homem, que é capaz de destruir, não é sempre por si só idôneo a restaurar.

3. Há já quase dois anos que se calou o ribombar do canhão. O jogo das armas nos campos de batalha deu a uma das partes beligerantes uma vitória fulgurante, e à outra, uma derrota sem precedentes. Poucas vezes na história do mundo havia a espada traçado uma linha divisória tão nítida entre vencedores e vencidos. - já passou a embriaguez jubilosa e exuberante da vitória. As inevitáveis dificuldades manifestaram-se com toda a sua crueza. - E como se manifestaram elas! Por cima de todos os desígnios e de todas as disposições humanas está a palavra do Senhor: "Ex fructibus eorum cognoscetis eos" (Mt 7, 20). Pelos seus frutos os conhecereis.

4. Uma coisa fica fora de dúvida: os frutos da vitória e suas repercussões não só têm sido até agora indizivelmente amargos para os vencidos, mas também se têm feito sentir como fonte de múltiplas ânsias e de perigosas divisões entre os vencedores. - Os reflexos destas divisões foram-se sucessivamente acentuando cada

vez mais, até ao ponto de ninguém que ame verdadeiramente a Humanidade, e menos ainda a Igreja de Cristo, sempre solícita no cumprimento da sua missão, poder cerrar os olhos ante semelhante espetáculo.

5. A Igreja, enviada pelo divino Salvador a todos os povos para conduzi-los à salvação eterna, não pretende intervir e tomar partido nas controvérsias sobre matérias puramente terrenas. - Ela é Mãe, e não peçais a uma mãe que favoreça ou se oponha a um ou a outro de seus filhos. Todos devem encontrar e experimentar igualmente nela aquele amor perspicaz e generoso, aquela íntima e inalterável ternura que dá força aos filhos fiéis para marchar com passo mais firme pelo largo caminho da verdade e da luz e inspira aos extraviados e errantes a ânsia de acolher-se de novo à sua direção maternal.

6. Talvez nunca a Igreja de Cristo, nunca seus ministros e seus fiéis de toda a classe e condição tenham tido tanta necessidade, como agora entre as angústias dos tempos presentes, ante as quais parecem fenecer as dolorosas vicissitudes do passado, deste amor luminoso, sempre disposto ao sacrifício, que não conhece fronteiras na terra nem prejuízos humanos.

7. Somente, pois, o espírito de caridade e o sagrado dever do Nosso apostólico ministério Nos fazem abrir os lábios nesta' véspera de Natal; só eles Nos induzem a dirigir-Nos ao mundo inteiro e a confiar às ondas etéreas, para que a levem até aos confins da terra, a expressão de Nossas solitudes e de Nossos temores, de Nossas preces e de Nossas mais ardentes esperanças, na certeza de que muitos corações nobres -e compreensivos, mesmo fora da comunhão católica, se farão eco deste Nosso grito de angústia e Nos prestarão a sua eficaz colaboração.

8. Não temos intenção de criticar, senão de estimular. Não de acusar, senão de socorrer. Movem Nosso coração, e quiséramos reavivá-los tua alma dos que Nos escutam, desígnios de paz e não de aflição (Jer 29, 11). - Não ignoramos que as Nossas palavras e as Nossas intenções correm perigo de ser mal interpretadas ou desfiguradas com mira na propaganda política. - Mas a possibilidade de tais comentários errôneos ou malévolos não poderia cerrar Nossos lábios. Ter-Nos-íamos por indignos de Nosso ofício e da cruz que o Senhor colocou sobre os Nossos débeis ombros, creríamos atraiçoar as almas, que esperam de Nós a luz da verdade

e um guia seguro, se, para evitar sinistras interpretações, hesitássemos fazer, numa hora tão crítica, tudo o que pudéssemos para despertar as consciências adormecidas e chamá-las ao cumprimento dos deveres da santa milícia de Cristo.

9. Nenhum direito de veto, venha de onde vier, poderia prevalecer contra o preceito de Jesus Cristo: "Ide e ensinai". Com inquebrantável obediência ao divino Fundador da Igreja, Nos esmeramos e continuaremos a esmerar-Nos até onde cheguem Nossas forças, no cumprimento de Nossa missão de defensor da verdade, de tutor do Direito e de propugnador dos eternos princípios da humanidade e do amor. Bem pode ser que no exercício deste dever topemos com resistências e incompreensões. Mas conforta-Nos a recordação do que aconteceu ao próprio Redentor e aos que seguiram suas pisadas, e mais uma vez Nos lembra o humilde, mas confiante pensamento do Apóstolo S. Paulo: "Mui pouco se me dá o ser julgado em qualquer juízo humano, pois o que me julga é o Senhor" (1 Cor 4, 3-4).

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



CAMINHO LONGO E PENOSO

10. Havia boas razões para temer que entre as ruínas e a confusão que o gigantesco conflito deixava no mundo, o caminho a percorrer desde o final da guerra até a assinatura da paz, haveria de ser longo e penoso. Mas este caminho que atualmente estamos percorrendo, sem poder ainda prever, apesar de alguns notáveis progressos já alcançados, nem quando, nem como chegará à sua meta, este prolongar-se indefinido de um estado anormal, de instabilidade e de incerteza, é sintoma claro de um mal, que constitui a triste característica do nosso tempo.

11. A Humanidade, que foi testemunha de uma prodigiosa 'atividade em todos os campos da potência militar, formidável pela precisão e amplitude na preparação e na organização, fulminante pela rapidez e improvisação na contínua adaptação às circunstâncias e às necessidades, 'vê agora desenrolar-se a elaboração e a organização da paz, com grande lentidão e entre atritos ainda sem eliminar no que se refere à determinação do fim e dos métodos.

12. Quando se publicou pela primeira vez a Carta do Atlântico, todos os povos lhe prestaram cuidadosa atenção. Podia respirar-se, finalmente. - Mas que resta agora daquela mensagem e dos princípios nela afirmados? Até nalguns daqueles Estados que, por deliberação própria ou sob a égide de outras potências maiores, quiseram apresentar-se à Humanidade de hoje como porta-estandartes de um novo e verdadeiro progresso, as "quatro liberdades", antes saudadas por muitos com entusiasmo, quase já não parecem mais que uma sombra ou uma adulteração do que eram na idéia e nas intenções dos seus mais leais promulgadores.

13. Nós com muito gosto reconhecemos os incessantes esforços dos insignes homens de Estado, que, há cerca de um ano, numa série quase ininterrupta de laboriosas conferências, se têm dedicado à constituição daquilo que todos os homens de boa vontade desejavam, ou ardentemente aspiravam.

14. Desgraçadamente a diversidade de opiniões, a desconfiança e as recíprocas suspeitas; a discussão do valor, de fato e de direito, de não poucas decisões já adotadas, ou a adotar, tornaram muito frágil a consistência e a vitalidade daqueles compromissos e soluções

que se apoiam na força ou no prestígio do poder político, e que deixam no fundo de muitos corações a desilusão e o descontentamento. Os povos, em vez de se encaminharem para uma pacificação verdadeira, em vastos territórios do mundo, em regiões amplas, especialmente da Europa, encontram-se num estado de constante agitação, de que pode num instante mais ou menos próximo saltar a chispa de novos conflitos.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



TRÍPLICE CONVITE AOS GOVERNANTES DOS POVOS

15. Quem vê e medita em tudo isto fica intimamente convencido da gravidade da hora e sente a necessidade de pôr ante os que governam os povos, os que têm nas suas mãos os destinos do mundo, e de cujas resoluções depende o êxito e o progresso ou a quebra da paz, uma tríplice consideração:

16. 1 A primeira condição para corresponder à expectativa dos povos, para atenuar e gradualmente dissipar as perturbações que padecem no interior, para afastar as perigosas tensões internacionais, consiste em que todas as vossas energias e toda a vossa boa vontade concorram para pôr termo ao intolerável estado atual de incerteza, e acelerar o mais possível o advento de uma paz definitiva entre todos os Estados, apesar das dificuldades que nenhuma inteligência serena pode deixar de ver.

17. A natureza humana, vítima, durante os largos anos de guerra e do após-guerra, de inumeráveis e indizíveis sofrimentos, deu provas de uma incrível capacidade de resistência. Mas esta força tem limites, atingidos já por milhões de seres. A corda está já demasiado tensa. Um nada bastaria para rompe-la, e a rotura poderia ter consequências irremediáveis. - A Humanidade aspira a poder ter mais uma vez esperança. Todos quantos sabem que só uma rápida volta às normais relações econômicas, jurídicas e espirituais entre os povos pode preservar o mundo de incalculáveis agitações e desordens, que aproveitariam somente às forças obscuras do mal, têm vivo interesse em que se chegue à paz de maneira rápida e completa. - Fazei, portanto, que o ano ora a findar seja o último da vã e não satisfeita expectativa, e que o novo veja a realização da paz.

18. 2 O ano da realização. Este pensamento leva ao segundo apelo, que todo o homem reto dirige àqueles que governam os povos. Vós anelais justamente - e como poderia ser de outra maneira? a que vossos nomes fiquem escritos em letras de ouro na história e nos dípticos dos benfeitores do gênero humano. A simples dúvida de que, pelo contrário, possam, um dia, os vossos nomes, embora sem culpa voluntária, ser postos no pelourinho, entre os fatores da sua ruína, horroriza-vos. Ponde, pois, em jogo todas as energias da vontade e da capacidade para imprimir ao vosso labor em favor da paz o selo de uma verdadeira justiça, de uma previdente prudência,

de um sincero serviço aos interesses solidários de toda a família humana.

19. A profunda prostração em que a horrível guerra lançou a humanidade exige imperiosamente ser superada e curada por meio de uma paz moralmente elevada e incensurável, que ensine as futuras gerações a desterrar todo o espírito de violência brutal e a dar de novo à idéia do Direito a primazia, que iniquamente lhe havia sido arrebatada.

20. Apreciamos, porém, como é devido, o árduo e nobre trabalho daqueles governantes que, surdos às enganosas vozes da vingança e do ódio, se dedicaram e se dedicam ainda sem descanso à consecução de tão alto ideal. Mas, apesar dos seus generosos esforços, quem poderá afirmar que as discussões e as negociações, no ano que corre para o ocaso, hajam produzido -resultado claro, logicamente ordenado em suas linhas principais, capaz de despertar em todos os povos a confiança num porvir de tranquilidade e justiça?

21. Sem dúvida, uma guerra tão funesta, desencadeada por injusta agressão e prolongada além do razoável, isto é, até quando já estava irreparavelmente perdida, não podia simplesmente terminar com uma paz seta garantias que impeçam a repetição de semelhantes violências. - Mas todas as disposições repressivas e preventivas devem conservar caráter de meio e, por conseguinte, estar sempre subordinadas ao último e elevado fim de uma verdadeira paz, que consiste em associar gradualmente, com as necessárias garantias, vencedores e vencidos, num labor de reconstrução, para utilidade tanto da família inteira das nações como de cada um dos seus membros.

22. Todo o observador equânime deve reconhecer que estes indiscutíveis princípios grandemente progrediram entre muitos no ano que finda, como consequência também das dolorosas repercussões sofridas pelos interesses vitais dos próprios Estados vencedores.

23. Sirva também de satisfação notar que algumas vozes autorizadas e competentes se erguem cada -vez mais contra o ilimitado aproveitamento das presentes condições por parte de algum dos Estados vencedores, e contra uma excessiva restrição nas

condições de vida e no ressurgimento econômico dos vencidos. - Em algumas zonas o contacto imediato com a indizível miséria do após-guerra despertou em muitos corações a consciência de uma responsabilidade mútua e solidária em favor da efetiva mitigação e da definitiva extinção de mal tão grande, sentimento que, honrando uns, serve de alento a outros.

24. Apareceu nestes últimos tempos um fator novo para estimular o desejo da paz e a decisão de procurá-la com mais eficácia. O poder de novos instrumentos de destruição, que a técnica moderna intensificou e continua intensificando sem cessar, até apresentá-los aos olhos da humanidade, horrorizada, como espectros do inferno, fez com que uma das questões principais nas discussões internacionais ou com aspectos totalmente novos e ânsias nunca sentidas até agora, seja o problema do desarmamento, suscitando se a esperança de que chegue a ser realidade o que antes apenas foi uma aspiração.

25. Apesar destes motivos de esperança tão bem fundados, pelos quais ninguém mais do que a Igreja se pode alegrar, parece que no estado atual das coisas deve prever-se com grande probabilidade que os futuros trabalhos de paz não sejam mais que "opus imperfectum", onde não poucos dos seus próprios autores reconhecerão antes o resultado de transações entre as tendências ou as pretensões das diversas forças políticas do que a expressão de suas idéias pessoais fundadas em conceitos verdadeiros é justos, do direito e da equidade, da humanidade e da cordura.

26. 3 Esta consideração conduz por si mesma ao terceiro apelo aos governantes dos povos. Se quereis dar estabilidade interna ao vosso labor em prol da futura ordenação e da segurança da paz; se quereis impedir que mais cedo ou mais tarde se quebre por sua própria dureza, pela dificuldade prática de execução, por seus inerentes defeitos e faltas, por suas omissões e insuficiências, hoje acaso inevitáveis; por seus longínquos efeitos reais e psíquicos, que agora não é possível calcular, procurai deixar prevista a possibilidade de correção através de um procedimento claramente determinado, quando a maioria dos povos, a voz da razão e da equidade revelem que tais modificações são oportunas e desejáveis ou quiçá até necessárias.

27. Uma máquina pode parecer de perfeição indiscutível pela sua precisão rigorosamente matemática, mas depois mostrar-se

gravemente defeituosa na realidade das provas, onde está facilmente sujeita a muitos incidentes, tecnicamente imprevistos. Quanto mais, na ordem moral, social e política, um projeto pode parecer excelente no papel, fruto de laboriosas discussões, mas sucumbir na prova do tempo e da experiência, onde os fatores psicológicos têm um posto de primeira ordem! Na realidade não se pode prever tudo. E', por isso, prudente deixar uma porta aberta aos futuros retoques e aos possíveis reajustamentos.

28. Obrando assim, mostrareis vossa fidelidade às palavras pronunciadas em circunstâncias memoráveis por intérpretes autorizados da opinião pública. Estareis seguros de não trazer nenhum prejuízo aos vossos interesses, dareis a toda a família humana um exemplo luminoso demonstrando que não há caminho mais seguro para a desejada paz do que aquele que se funda em reeducar a Humanidade no espírito da solidariedade fraterna.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



A LUZ DE BELÉM

29. Sabendo-se que se marcha em senda segura, que formoso é caminhar na luz! A luz! Contemplai-a vós todos, a quem une a mesma fé no Salvador do Mundo. Olhai a estrela que brilha sobre Belém para iluminar o caminho.

30. Se se quer volver aos grandes princípios da justiça que conduzem à paz, é mister passar por Belém; é necessário recordar o exemplo e a doutrina d'Aquele que, desde o berço à cruz, não conhecia missão mais elevada que cumprir a vontade do Pai celestial, tirar o mundo da noite do erro e do lodo do pecado, onde então jazia miseravelmente; despertar nele a consciência da sua sujeição à, majestade da lei divina, como norma de reto pensar, como impulso de enérgica vontade, como regra de sã e conscienciosa atividade.

31. Nunca o mundo teve mais necessidade do que hoje de regressar às máximas da mensagem de Belém. E contudo, raras vezes como hoje se manifestou tão dolorosamente entre os homens o contraste entre os preceitos daquela mensagem divina e - a realidade.

32. Quereis desanimar talvez, amados filhos, aterrorizados por este contraste? Quereis vós também aumentar o número dos que, desconcertados pela instabilidade do momento, vacilam, ou pouco menos que conscientemente se prestam ao jogo dos inimigos de Cristo? Quereis dar prova de pusilanimidade ante a crescente maré de orgulho e de violência anticristãos?

33. Nenhum cristão tem direito a dar mostras de cansaço na luta contra a onda anti-religiosa da hora presente. Pouco importa quais sejam as formas, os métodos, as armas, as palavras melífluas ou ameaçadoras, o disfarce com que se encobre o inimigo. A ninguém se poderia perdoar que ante esta onda se quede de braços cruzados, cabeça baixa e as pernas a tremer.

34. A tática contra a Igreja é sempre a mesma: "Fere o pastor, e serão dispersas as ovelhas" (Zac 13-15). A mesma tática que não muda; sempre tão inútil como pouco gloriosa; repete-se aqui e além e aventura-se até aos próprios pés da Sé de Pedro. A Igreja não teme, embora sangue o seu coração. Não teme por si mesma, pois

conta com as promessas divinas; mas teme pela perdição de tantas almas. Aí estão seus "Anais" para recordar-lhe quantas vezes os mais furiosos assaltos se desfizeram em espuma contra a rocha firme e tranqüila onde repousa, segura da sua imortalidade. Hoje como ontem, amanhã como hoje, todos os esforços para vencê-la ou desagregá-la não de ceder e despedaçar-se ante a força vital do vinculum caritatis que une o Pastor com a sua grei.

35. Se no árduo mas firme cumprimento do Nosso dever algo há que nos dá serenidade e força é, depois da Nossa confiança n'Aquele que nasceu num presépio para confundir a arrogância dos fortes, a convicção solidamente cimentada de poder contar com a oração, a fidelidade, a vigilância de um exército em ordem de batalha (Cânt 6, 3), cuja prontidão e experiência soube dar boa conta nas mais duras provas.

36. Recentemente tivemos o prazer de elevar à honra dos altares uma heróica falange de mártires que, selando com o sangue a profissão da sua fé, ilustraram os alvares do nosso século. - Desde então outras falanges de sacerdotes e de fiéis, soldados de Cristo ainda desconhecidos, têm dado e dão o mesmo testemunho. Estamos seguros de que virá o dia que os tirará da sombra e os fará escalar os cumes da glória, quando se levante o pesado véu que oculta e obscurece a história dos nossos dias. - Oxalá que o exemplo do seu valor, da sua fidelidade, e desprezo da morte, inflame os corações de Nossos queridos filhos e filhas e infunda neles os mesmos sentimentos de fortaleza e de confiança, que assegurarão à bandeira de Cristo a sua pacífica vitória para o maior bem de toda a Humanidade!

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



O AÇOITE DA FOME

37. Não podemos terminar esta Nossa mensagem de Natal sem aludir às dores e às necessidades, conseqüência da grave situação alimentícia e sanitária, nas nações castigadas pela guerra. - Já a 5 de Abril deste ano lançamos um apelo aos governantes e aos povos daqueles países que com suas reservas pudessem vir em auxílio das populações famintas. Realmente fez-se muito. Ante às trágicas desventuras que afligem principalmente os débeis, os anciãos e as crianças, o mundo civilizado não ficou insensível, nem foi surdo, e é mister louvar o sentimento humano e cristão daqueles homens e daqueles povos que fizeram o preciso para criar diversas socorro. Seguindo as rotas ensangüentadas dos exércitos levaram auxílio de todas as espécies às vítimas da guerra; salvaram a honra da Humanidade, tão amesquinhada pela violência e pelo ódio.

38. Prouvera a Deus que estes tesouros de energias e de socorros, caritativamente empregados em assistir os mais miseráveis e em salvá-los da última ruína, houvessem sido suficientes para remediar as necessidades. Não é assim desgraçadamente. E por isso Nos vemos obrigados a renovar o apelo da primavera passada. Em vastos territórios da Europa, do Extremo Oriente erguem-se ameaçadores, os espectros da mais espantosa carestia e da negra fome. - Falta o pão, no sentido literal da palavra, a populações inteiras, que, por conseguinte, se vão definhando miseravelmente, consumidas, debilitadas, vitimas das enfermidades e da miséria, perigosamente agitadas por surdos estímulos de desesperados rancores e de profundas agitações sociais. - Tal é o tremendo perigo que obscurece o amanhecer do Ano Novo, perigo tanto mais grave quanto, por alguns sintomas que deixam transparecer incerteza e cansaço, aquele magnânimo labor de solidariedade humana parece próximo do seu fim, sem haver chegado a remediar os males que viera socorrer.

39. E' certamente natural que os favorecidos péla fortuna sejam propensos a pôr-se de lado, olvidando os males alheios. Cerrando os olhos e o coração às desgraças do próximo, desconhecido ou distante, crêem que podem justificar ante sua consciência o isolamento e o desinteresse para com as necessidades dos demais. As exigências pessoais esgotam os produtos que as artes da caridade arrecadavam e os meios de auxílio deixam de pôr-se ao

serviço do socorro efetivo a que os havia destinado a caridade fraternal. - Por isso repetimos a todos os que podem abrir a mão para .ajudar: Não se esfrie vosso zelo, vossa ajuda seja pronta e generosa. Abata-se todo o estreito egoísmo, toda a vacilação mesquinha, toda a amargura, toda a indiferença e todo o rancor. Volva-se vosso olhar somente para a miséria e sobretudo para a ansiedade de milhões de crianças e de jovens, entre os quais a fome faz estragos. Assim dareis e receberéis ao mesmo . tempo o inefável presente de Natal: "Paz na terra aos homens de boa vontade".

40. Efetivamente, nada é tão propício para criar as indispensáveis premissas espirituais da paz como o socorro dispensado com generosidade, de Estado a Estado, entre povos e povos, sem olhar a fronteiras, de tal maneira que, aplacados por toda parte os sentimentos de rivalidade .e de vingança, refreadas as ânsias de domínio, desterrada a idéia de um privilegiado isolamento, aprendam os povos com suas próprias desventuras a conhecer-se, a tolerar-se e a ajudar-se, e sobre as ruínas de uma civilização, esquecida dos preceitos evangélicos, se reconstrua a cidade cristã, onde é lei suprema o amor.

41. Com estes votos desejamos a todos os que Nos escutam, nesta véspera de Natal, "a paz de Deus, que sobrepuja todo o entendimento" (Filip 4, 7), e com toda a efusão da Nossa alma damos a todos os Nossos amados filhos e filhas do mundo inteiro, como penhor das melhores graças do Verbo de Deus feito Homem, Nossa paternal Bênção Apostólica.

▪ [*Anterior*](#)

▪ [*Índice*](#)



Pio XII

RADIOMENSAGEM DE NATAL DE 1947

O MUNDO NA CURVA DE SEU DESTINO

INTRODUÇÃO

1. A festividade do Natal e o Ano Novo já próximo anunciam-se com sinais advertidores, índices do futuro. - Os votos tradicionais, que se permutam nesta data e ascendem ao céu entre nuvens de incenso e de orações, não podem nem querem, apesar da íntima sinceridade do amor que os dita, fazer perder de vista as condições da hora presente, nas quais se encontram, numa curva do seu destino, a Europa e o mundo inteiro, cuja gravidade é indubitável, cuja evolução para o bem ou para o mal é incalculável e cujas conseqüências são imprevisíveis: - Ainda no ano passado, nesta mesma ocasião, Nós endereçamos a Nossa Mensagem de Natal a todos os católicos, e ao mesmo tempo a todos os homens de bom-senso e de boa vontade. Quem jamais teria bastante ânimo para pressagiar à humanidade, esgotada de guerra e faminta de paz, isto que é hoje uma dura e inegável realidade?

2. Os sinos de Natal continuarão a bimbalar festivamente, como há séculos; mas para muitos corações fechados, amargurados, turbados, eles soarão num deserto, onde não mais despertarão qualquer eco vivo. - Transcorrido mais um ano do após guerra, cheio de misérias e de sofrimentos, de desilusões e de privações, cada qual que tenha olhos para ver e ouvidos para ouvir, deve deter-se à vista deste fato doloroso e humilhante: a Europa e o mundo - até à remota e martirizada China - estão hoje mais do que nunca longe da verdadeira paz, de uma completa e perfeita cura de seus males, do estabelecimento de uma nova ordem na harmonia, no equilíbrio e na justiça.

3. Os fautores da negação e da discórdia, com toda a sorte de aproveitadores que rastejam em seu seguimento, rejubilam-se com o pensamento ou a ilusão de que a sua hora se aproxima. - Os amigos da paz, os promotores de uma reconciliação estável entre os povos,

ao contrário, sentem o coração confranger-se de ânsia, diante do contraste entre a riqueza moral e social da boa nova de Belém e a miséria de um mundo que se afasta de Cristo.

4. Mas os verdadeiros cristãos, para os quais toda a vida, sua luz e seu mérito consiste no sentire cum Ecclesia, conhecem e compreendem, melhor que qualquer outro, o sentido e o valor de épocas como a nossa, épocas de trevas densas e, ao mesmo tempo, de fulgurante luz, quando o inimigo de Cristo recolhe tragicamente larga messe de almas, mas quando também muitos bons se tornam melhores; quando os corações generosos se elevam aos cimos do heroísmo vitorioso, e quando, igualmente muitos tópidos e pusilânimes, escravos -do respeito humano, receosos do sacrifício, tombam na mediocridade, degeneram na vileza, semelhantes àqueles "que não foram rebeldes - nem foram fiéis a Deus, mas viveram para si" (Div. Com. Inf. 3, 38-39).

5. Na luta titânica entre os dois espíritos opostos, que se disputam o mundo, se é o ódio suficiente para agrupar em torno do espírito do mal homens que tudo empreendem para dividir a humanidade, o que não poderá fazer o amor para reunir numa liga, vasta como o mundo, todos quantos, pela elevação de vistas, pela nobreza de sentimentos, pela comunhão de sofrimentos, uniram-se por vínculos bem mais fortes e apertados que as diferenças ou divergências que os poderiam separar?

6. Aos milhões de homens dispostos a aderir a essa liga mundial, cuja lei fundamental é a mensagem de Belém e cujo Chefe invisível é o Rei pacífico nascido no presépio, endereçamos nesta hora a Nossa fervorosa exortação.

▪ [Índice](#)

▪ [Posterior](#)



CAUSA DA DECADÊNCIA DE NOSSO TEMPO: A "INSINCERIDADE"

7. O estigma que marca a fronte do nosso tempo e é causa de desagregação e de decadência, é a tendência cada vez mais manifesta à "insinceridade". Ausência de verdade, que não é somente um expediente ocasional, um recurso para fugir a um impasse em momento de imprevistas dificuldades ou de obstáculos inesperados. Não! Ela se nos depara atualmente como que elevada a sistema, indicada como uma espécie de estratégia na qual a mentira, o falseamento da palavra e dos fatos, o engano, tornaram-se armas clássicas de ofensiva, que alguns manejam com mestria, orgulhosos de sua habilidade; tanto o olvido de todo senso moral é, aos seus olhos, parte integrante da moderna técnica na arte de formar a opinião pública, de dirigi-la e de submetê-la ao serviço de sua política, resolvidos que estão a triunfar a toda custa, na luta de interesses e de opiniões, de doutrinas e de supremacias.

8. Não temos o propósito de descrever aqui especificadamente as ruínas produzidas por este torneio de "insinceridade" na vida pública; temos, porém, o dever de abrir os olhos aos católicos de todo o mundo - e também a quantos têm comum conosco a fé em Cristo e num Deus transcendente - acerca dos perigos que este predomínio da falsidade faz correr a Igreja, a civilização cristã, todo o patrimônio religioso e também o simplesmente humano, que há dois milênios vem proporcionando aos povos a substância de sua vida espiritual e de sua real grandeza.

9. Como outrora Herodes, ansioso de fazer assassinar _ o Menino de Belém, dissimulou sob a máscara da devoção o seu propósito, procurando transformar os Magos, de coração reto, em espiões inconscientes, assim os seus modernos imitadores empregam todos os esforços para ocultar aos povos seus verdadeiros desígnios e torná-los ignaros instrumentos de seus fins. - Alas; uma vez conquistado o poder, apenas se sentem senhores absolutos das rédeas, deixam pouco a pouco cair a máscara e passam progressivamente da opressão da dignidade e da liberdade humanas à supressão de toda sã e independente atividade religiosa.

10. Ora, perguntamos Nós a todas as pessoas honestas: Como é possível à humanidade curar-se; como pode surgir, dos erros e

agitações da torva hora presente, uma "nova ordem", digna deste nome, se os limites entre amigo e inimigo, entre o sim e o não, entre a fé e a incredulidade estão cancelados e deslocados?

11. A Igreja, repleta sempre de caridade e de bondade para com as pessoas dos transviados, fiel no entanto à palavra de seu Divino Fundador, que declarou: "Quem não está comigo, é contra mim" (Mt 12, 30). não pode fugir ao dever de denunciar o erro, de arrancar a máscara dos "fabricantes de mentiras" (Job 13, 4), que se apresentam, lobos vestidos de peles de cordeiros (Mt 7, 15), como precursores e iniciadores de uma nova época de felicidade, e de advertir os fiéis que se não deixem desviar do caminho reto nem iludir por falazes promessas.

12. A Nossa posição, em frente aos dois campos, é despida de qualquer preconceito, de qualquer preferência para com este ou aquele povo, por qualquer bloco de nações, como está alheia a qualquer consideração de ordem temporal. Estar com Cristo ou contra Cristo: eis a questão.

13. Vós compreendereis facilmente, portanto, quanto Nos é doloroso o ver uma propaganda hostil desnaturar os Nossos pensamentos é palavras, exacerbar os espíritos, impedir as pacíficas trocas de idéias e aprofundar o abismo que de Nós separa tantas almas, remidas pelo sangue e pelo amor do mesmo divino Salvador. Reconhece-se, no fundo de tudo isto, sempre a mesma duplicidade, desejada e friamente utilizada como a mais penetrante arma contra a justiça e a verdade, para impedir a reaproximação, a reconciliação e a paz.

14. A inevitável conseqüência deste estado de coisas é a cisão da humanidade em grupos poderosos e adversários, cuja suprema lei de vida e de ação é uma desconfiança fundamental e invencível, que é ao mesmo tempo um trágico paradoxo e a maldição do nosso tempo.

15. Cada qual das partes contrárias se julga obrigada a manter essa desconfiança como uma necessidade de elementar cautela. E eis que, por este mesmo fato, ergue-se uma gigantesca muralha a tornar vão todo esforço para proporcionar à desalentada família humana os benefícios de uma paz verdadeira.

16. E não pudemos, acaso, ainda no curso das últimas semanas, palpar com a mão os efeitos dessa recíproca desconfiança, ao ver uma tão importante Conferência das Grandes Potências atingir o término sem que conseguisse qualquer progresso essencial e definitivo no caminho da paz, que ansiosamente dela esperávamos?

17. Para sair destas estreitezas, a que o culto da "insinceridade" conduziu o mundo, só uma senda é possível: o retorno ao espírito e à prática de uma veracidade retilínea.

18. Ninguém, hoje - seja qual for o campo ou partido social ou político a que pertença - que pretenda fazer valer, na balança do destino dos povos, no presente ou no futuro, o peso de suas convicções e de seus atos, tem o direito de mascarar seu rosto, de querer aparecer como não é, de recorrer à estratégia da mentira, da constrição, da ameaça, para restringir os honestos cidadãos de todos os países no exercício de sua justa liberdade e de seus direitos civis.

19. Nós vos dizemos, portanto, diletos filhos e filhas: Amanhã celebraremos a Natividade d'Aquele de cuja boca saiu um dia o grito: "peritas liberabit vos" (Jo 8, 32): a verdade (que é a sua doutrina) vos fará livres! Mas talvez este grito jamais tenha ressoado tão forte como o será hoje, num mundo faminto de paz, que sente pesar sobre si o jugo da mentira.

20. E a Ele, que se encarnou para servir a todos de "caminho, verdade e vida", responda a suplicante oração de toda a Cristandade, para que a verdade reencontre o caminho dos corações dos dirigentes dos povos, dos quais um sim ou um não pode determinar a sorte do mundo; e com a verdade refulja sobre a terra, não uma enganadora miragem, mas a estrela luminosa da divina paz de Belém.

▪ [*Anterior*](#)

▪ [*Índice*](#)

▪ [*Posterior*](#)



PARA GANHAR A PAZ, DEVEMOS ESTAR PREPARADOS PARA TODOS OS SACRIFÍCIOS

21. Aqueles que absolutamente desejavam ganhar a guerra, mostraram-se prontos a todos os sacrifícios, mesmo ao da vida. Quem deseja sinceramente ganhara paz, deve estar pronto a sacrifícios não menos generosos, porque nada custa mais, a uma humanidade batida, amargurada, que renunciar a represálias e a rancores implacáveis.

22. As injustiças e crueldades, cometidas por aqueles que desencadearam a segunda guerra mundial, levantaram ondas de justa indignação, mas ao mesmo tempo fizeram amadurecer imediatamente os germes de uma instintiva inclinação à vingança.

23. A fração mais sã da humanidade - mesmo nos países maiormente empenhados no conflito - reprovava unanimemente os excessos e atrocidades que uma política tombada no niilismo moral não só praticava na guerra por ela provocada, mas até procurava justificar tetricamente. Os fatos e documentos alusivos, vindos a lume, puderam somente confirmar que os autores e executores dessa política são os principais responsáveis pela miséria que o mundo hoje sofre.

24. Os homens do após-guerra teriam podido facilmente opor a essa decadência a própria superioridade moral; mas desventuradamente em não poucos casos deixaram escapar-se-lhes uma tão oportuna ocasião. E' preciso reconhecer que a história da humanidade durante os dias, semanas e meses que se sucederam ao fim da guerra, está bem longe de ser gloriosa em tudo.

25. Os merecidos castigos, infligidos aos grandes culpados, teriam podido inspirar cenas infernais à pena de, Dante; mas o sumo Poeta teria recuado diante das represálias exercidas contra inocentes.

26. As deportações forçadas, o assujeitamento a pesados trabalhos, pareceram a seu tempo como que uma repulsa aos mais elementares princípios de humanidade, à letra e ao espírito do direito das gentes. E então, quem se poderia admirar de que a mesma consciência, que se indignara justamente ao ver tais atos realizados por uns, haja reagido com igual veemência, ao vê-los

cometidos por outros?

27. Quem poderá avaliar que novas misérias morais familiares, sociais, que danos ao equilíbrio cultural! e econômico da Europa, e não somente dela, poderão ocasionar as forçadas e indiscriminadas transferências de povos? Que tristeza para o presente! Que angústias para o futuro! Somente uma maior largueza de vistas, uma mais sábia e avisada política por parte dos Homens que em suas mãos detém o destino do mundo, poderão alcançar uma solução tolerável a um problema insolúvel por qualquer outro meio!

28. Honra, portanto, àqueles que, em todas as Nações, não se poupam a nenhuma privação ou fadiga para atingir a consecução de tão nobre escopo! Que eles não se deixem turbar pelas contradições e resistências que -lhes não poderão faltar, e que -precisamente nestes dias parece crescerem de intensidade para suscitar uma nova guerra de nervos, para atizar a discórdia, para arrasar os esforços dos campeões da união e da pacificação! Aguardem eles que esteja próxima a hora, na qual - como Nós confiamos e impetramos em Nossas orações - o Rei da paz concederá a vitória àqueles que com intenção pura e com armas pacíficas combatem pela sua causa.

▪ [*Anterior*](#)

▪ [*Índice*](#)

▪ [*Posterior*](#)



REMÉDIO DOS GRANDES MALES DE NOSSA ÉPOCA: A FRATERNIDADE

29. A humanidade, portanto, não poderá sair da crise e da desolação presente, e caminhar para um futuro harmônico, se não frear e dominar as forças da divisão e da discórdia, graças a um sincero espírito de fraternidade que estreite num mesmo amor todas as classes, todas as estirpes e todas as nações.

30. Se hoje, na vigília do Natal, Nós lançamos tal convite ao mundo inteiro, é porque vemos este espírito de fraternidade em risco de extinguir-se e de morrer; vemos as paixões egoísticas adiantarem-se à sã razão; os duros procedimentos de desmando e de violência, à compreensão leal e à reciprocidade de vistas; o desprezivo cuidado que daí derivam, à assídua gestão do bem público. - A Igreja, cujo maternal coração abraça com igual solicitude todos os povos, observa com angústia essa evolução nos conflitos nacionais e internacionais.

31. Quando a fé em Deus, Pai de todos os homens, começa a esvaír-se, também o espírito de união fraternal perde sua base moral e sua força de coesão; e quando o senso de comunidade desejada por Deus e que inclui recíprocos direitos e deveres, regulados por determinadas normas, começa a desfalecer, o seu lugar passa a ser ocupado por uma mórbida hipersensibilidade por tudo quanto divide, uma instintiva inclinação à exagerada afirmação dos direitos próprios, verdadeiros ou supostos, uma negligencia, às vezes inconcebível mas não menos perniciosa por isso, de outras necessidades vitais. - Inicia-se então a luta de todos contra todos, luta que não admite senão o direito do mais forte. O nosso tempo tem nos oferecido dolorosos exemplos de guerras fratricidas, saídas com lógica implacável do esmorecimento do espírito de fraternidade.

32. Finalmente, a terra que ouviu o canto dos Anjos, anunciando a paz aos homens, que viu resplender a estrela do Salvador, a terra onde o Redentor divino morreu crucificado para a nossa salvação, aquela terra santa, com as suas recordações e seus santuários sumamente caros a todo coração cristão, agora dividida, tornou-se teatro de sangui nolentos conflitos. E não é hoje, porventura, a própria Europa, centro de toda a grande família católica uma

advertência e uma prova da situação a que o desaparecimento do espírito fraternal pôde reduzir uma parte do mundo, outrora tão bela e florescente? Ela nos apresenta, não cicatrizadas ainda, as feridas que lhe infligiu a última guerra, e começa já a relampejar a luz sinistra de novos dissídios.

33. Ah! se todas as pessoas honestas se unissem estreitamente, como estaria próxima a vitória da fraternidade humana, e com ela a cura do mundo! Representam elas hoje uma parte considerável da opinião pública e dão provas de um senso verdadeiramente humano e até de sabedoria política. - Mas outras, ao contrário, não menos numerosas, e cujo sim ou não tem notável. peso para acelerar ou retardar a pacificação da Europa, primeiro passo para a pacificação universal, seguem rumo oposto. Temem estas, pois, que uma Europa restaurada, revigorada, novamente consciente de sua missão, cristãmente inspirada, queira expelir de seu organismo os germes deletérios do ateísmo e da revolta, viver vida própria e livre de malsãos influxos estranhos?

34. E' claro, realmente, que uma Europa, abalada pelos calafrios febris das dificuldades econômicas e das turbulências sociais, se deixaria mais facilmente seduzir pela ilusão de um impraticável Estado ideal, que uma Europa sã e clarividente não admitiria.

35. Os propugnadores de tão falazes propósitos esforçam-se no entanto, por angariar prosélitos entre os exaltados e os ingênuos, por impelir também seus povos para o abismo da ruína, em que outros já mergulharam, menos por sua livre escolha que sob a sistemática opressão das liberdades civis e religiosas.

36. E já não temos Nós visto, neste mesmo solo sagrado da Cidade em que a vontade divina estabeleceu a Cátedra de Pedro, os mensageiros de uma concepção do mundo e da sociedade humana assentes sobre a incredulidade e a violência tornarem-se semeadores de cizânia na boa terra de Roma e esforçarem-se por persuadir os seus filhos de que eles idealizaram e realizaram uma nova cultura mais digna do homem que a antiga e eternamente jovem civilização cristã?

37. Tendo chegado as coisas a tal ponto, é verdadeiramente chegado o tempo, em que cada qual, que tem como cara e sagrada a herança humana e espiritual de seus pais, desterre o sono de suas

pálpebras e se arme de fé e coragem para preservar a Urbe, mãe da civilização, de cair numa condição religiosa, moral, social, que tornaria, com Nosso vivo sentimento, bem difíceis as solenes celebrações do próximo Ano Santo, desejado pelos católicos do mundo inteiro.

38. De resto, se nas atuais circunstâncias as Nossas claras palavras ultrapassam fronteiras, elas não visam senão as doutrinas negadoras da fé em Deus e em Cristo, e não, de certo, os povos que são vítimas. Por estes, nutre sempre a Igreja imutável amor, e com tanto maior ternura, quanto mais eles sofrem. Nos dias de provações, mais do que nas horas serenas, devem os homens de todas as nações sentir-se irmãos, com aquela fraternidade da qual ninguém tem mais exaltado nem melhor exaltará o profundo sentido, a elevada missão e a capacidade de reconciliação, com tanto calor como "o primogênito entre muitos irmãos" (Rom 8, 29), que de Belém ao Gólgota pregou, com o seu exemplo mais do que com as suas palavras, a grande e universal fraternidade.

39. Sobre o Natal de hoje adensa-se escura nuvem. Enquanto nos povos se torna cada vez mais ansioso o anelo de paz, em grau não menor se patenteia nos seus dirigentes a impossibilidade de satisfazer-los pelos meios humanos. - Os esforços honestos de uns para a consecução de uma paz equânime e o sistemático propósito de outros por impedir-lhe o advento, sugere-Nos a imagem de um perigoso jogo de azar, do qual dependerá a fortuna ou a ruína. Nas assembléias humanas insinua-se solertemente o espírito do mal, "o anjo do abismo" (Apoc 9, 11), inimigo da verdade fomentador de ódios, negador e destruidor de todo sentimento fraternal. Crendo próxima a sua hora, tudo empreende para apressá-la.

▪ [*Anterior*](#)

▪ [*Índice*](#)

▪ [*Posterior*](#)



CONCLUSÃO: EXORTAÇÃO À ESPERANÇA E À FÉ

40. Não obstante isso, Nós queremos encerrar a Nossa Mensagem de Natal com uma veemente exortação à esperança e à fé. Se a fé no divino Redentor move os cristãos a considerar cada coisa à luz da verdade, sempre antiga e sempre nova, das palavras que o velho Simeão pronunciou acerca do Menino Jesus. apresentado no templo: "Eis que este foi posto para a ruína e a ressurreição de muitos... e como sinal de contradição" (Lc 2, 34); sabemos que o número daqueles que não se afastam de Cristo pela incredulidade, que a Ele aderem, que estão prontos a dar por Ele a própria vida, que n'Ele e na ressurreição depositam a sua inabalável esperança, sabemos que este número é grande, que cresce e se fortifica, vemos que eles irradiam a sua energia e o seu benéfico influxo em todos os campos da vida, e que outros homens de boa vontade a eles se vêm unir. - A vós todos, portanto, diletos filhos e filhas, Nós dizemos: A vossa hora chegou!

41. As Assembléias dos Homens de Estado preside, como Senhor Soberano, um outro Espírito invisível, aquele Deus onipotente, a cujos olhos nada escapa e que em suas mãos tem os pensamentos e os corações, para incliná-los a seu bel-prazer e na hora da sua escolha, aquele Deus, cujos imperscrutáveis desígnios são todos ditados pelo seu amor paternal. Mas, para realizá-los, Ele quer valer-se da vossa cooperação. Nos dias de luta, vosso posto é na primeira linha, na frente de batalha. Os tímidos e os que se ocultam estão bem próximo de tornar-se desertores e traidores. Desertor e traidor seria todo aquele que quisesse prestar a sua colaboração material, os seus serviços, a sua capacidade, a sua ajuda, o seu voto a partidos e a governos que negam a Deus, que sobrepõem a força ao direito, a ameaça e o terror à liberdade, que fazem da mentira, dos embustes, da sublevação das massas, outras tantas armas da sua política, tornando impossível a paz interna e externa.

42. Reportemo-nos a três séculos atrás. A Europa convulsionada pelos horrores da guerra dos Trinta Anos, trouxe finalmente o ano de 1648 a mensagem de paz, aurora da restauração. - Rogai e trabalhai por obter de Deus que o ano de 1948 seja para a Europa ferida, para os povos divididos pelas discórdias, o ano do renascimento e da paz, e que, expulso o espírito das trevas, o anjo do abismo, erga-se sobre o mundo o Sol da justiça, Jesus Cristo,

Senhor Nosso, ao qual sejam dados honra e glória no tempo e na eternidade.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



BÊNÇÃO APOSTÓLICA

43. E agora, que se estenda a Nossa Bênção Apostólica, auspício de graças e de auxílios divinos, a todos os Nossos diletos filhos e filhas, tanto desta Nossa Cidade episcopal, como do mundo inteiro, mas sobretudo àqueles que mormente gemem sob o peso da miséria e da dor: aos doentes, aos pobres, aos trabalhadores desocupados, aos sem-teto, a quantos sofrem fome e frio; àqueles que, tendo perdido, ou pelos trágicos acontecimentos do pavoroso conflito, ou pela violência dos homens, ou ainda por passados erros e culpas próprios, a liberdade, a família, a pátria, nesta sagrada oportunidade sentem mais agudo o rigor do desconforto e da angústia; aos prisioneiros de guerra, ainda não restituídos aos seus entes caros; aos refugiados, aos dispersos; de modo particular a quantos, especialmente sacerdotes, sofrem perseguições, cárceres, exílio, ameaças de torturas e de morte, por permanecerem fiéis a Deus, a Cristo, à Igreja, ao cumprimento de seus deveres.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*



Pio XII

RADIOMENSAGEM DE NATAL DE 1948

A SEGURANÇA E O APERFEIÇOAMENTO DA PAZ

CONFIRMA FRATRES TUOS

1. Graves e ao mesmo tempo afetuosas, como o estamento e o adeus de despedida de um Pai amantíssimo, as palavras do divino Redentor ao seu primeiro Vigário sobre a terra: "Confirma fratres tuos - Confirma teus irmãos" (Lc 22, 32), não cessaram de soar ao Nosso espírito e ao Nosso coração, desde o dia em que Ele, em seus imperscrutáveis desígnios, quis confiar a Nossas fracas mãos o leme da barca de Pedro.

2. Palavras imortais profundamente insculpidas no mais íntimo de Nossa alma, elas se tornam também mais penetrantes, cada vez que, no exercício do ministério apostólico, tenhamos de transmitir ao Episcopado e aos fiéis do mundo os ensinamentos, as normas e exortações que o perfeito cumprimento da missão salvadora da Igreja reclama e que, sem prejuízo de sua substancial imutabilidade, devem contudo adaptar-se oportunamente às sempre variáveis circunstâncias e variedades dos tempos e lugares.

3. Mas com particular comoção e intensidade experimentamos em Nós mesmo a força daquele divino andamento nesta ocasião em que, pela décima vez, fringimos Nossa Mensagem Natalícia a vós, diletos Ihos e filhas do universo, após um decênio que, pelos seus acontecimentos e subversões, por seus trabalhos e solitudes, por suas amarguras e dores, não tem similar nos séculos da história humana.

4. Quando, no íntimo Natal, Nós reclamávamos, em idêntica oportunidade, as vossas orações e a vossa colaboração, exprimíamos o augúrio de que o então incipiente 1948 fosse para toda a Europa e para toda a sociedade dos povos, atormentada por tantas dissensões, um ano de fervorosa reconstrução, o início de um rápido caminho para uma verdadeira paz.

5. Hoje, ao cabo de um ano, que começou com tantas esperanças, a Nossa voz paternal exorta novamente a vós, espíritos retos e refletidos, a vós, cristãos sinceros, a considerar qual seja no momento presente a condição da humanidade e da cristandade, e qual o meio de avançar com passo firme e franco na trilha que a dura necessidade dos tempos e a vossa consciência vos indicam.

6. Quem quer que tenha clarividência, força moral e coragem para encarar, de olhos fixos, a verdade, embora penosa e humilhante, deve reconhecer que este ano de 1948, objeto, ao nascer, de elevadas e bem compreensíveis esperanças, aparece-nos hoje, ao terminar, como uma dessas encruzilhadas onde o caminho, que denunciava alegres perspectivas, parece desembocar ao contrário sobre as bordas de um precipício, cujas insídias e perigos enchem de crescente ansiedade todos os povos nobres e generosos.

7. Mas, apesar de tudo, ou antes exatamente por isto, diletos filhos e filhas, quando começa a pusilanimidade a apoderar-se até dos ânimos mais corajosos e as dúvidas a assaltar os espíritos mais esclarecidos e resolutos, Nós Nos sentimos mais do que nunca obrigados a corresponder à ordem divina: "Confirma fratres tuos", e a todos vós, até aos extremos confins do mundo, enviamos, como Nossa saudação de Natal, as palavras com as quais o Profeta anunciava a obra da redenção e a definitiva vitória do reino de Cristo: "Confortai as mãos frouxas e robustecei os joelhos débeis. Dizei aos pusilânimes: Tomai ânimo e não temais; eis que o vosso Deus... virá e vos salvará" (Is 35, 3-4).

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



DUPLO DEVER SAGRADO

8. Como sucessor daquele a quem foi feita a promessa divina: "Eu roguei por ti" (Lc 22, 32), Nós sabemos muito bem que, quando a luta com os espíritos das trevas é mais dura e entra em fase decisiva e, humanamente falando, inquietante, tanto mais, então, está o Senhor ao lado de sua Igreja e de seus fiéis. Profundamente convicto e consciente dessa assistência divina, Nós recordamos, a todos quantos se gloriam do nome de cristãos católicos, um duplo dever sagrado, indispensável ao melhoramento da presente situação da sociedade humana:

9. 1º Inabalável fidelidade ao patrimônio de verdades que o Redentor trouxe ao mundo;

10. 2º Consciosamente cumprimento do preceito de justiça e de amor, condição necessária para o triunfo, sobre a terra, de uma ordem social digna do divino Rei da paz.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



FERVOR DE VIDA

11. Faltaríamos à gratidão para com o Onipotente, doador de todas as graças e consumidor de todos os bens, se não reconhecêssemos que o ano agora transcorrido, não obstante todas as ânsias e dores, foi igualmente rico de santas alegrias e consolações, de felizes experiências e encorajadores sucessos. Um ano, pois, no qual em todos os povos e nações, em todos os países e continentes, a Igreja deu indubitáveis e esplêndidos sinais de vida, de força, de operosidade, de resistência, de rápidos progressos, que não somente fizeram brotar as mais radiosas esperanças no campo espiritual, mas produziram também visíveis frutos nos gigantescos debates em que a humanidade se acha empenhada na luta pelo seu restabelecimento e sua pacificação.

12. Uma magnífica série de solenidades religiosas, de Congressos eucarísticos e marianos, de importantes celebrações centenárias e de grandiosas reuniões mostraram a qualquer observador imparcial que nem a guerra, nem o após-guerra, nem a contumácia dos inimigos de Cristo nos seus propósitos desagregadores e destruidores estiveram em condições de atingir, para secá-las ou contaminá-las, as fontes puras das quais a Igreja há vinte séculos tira a sua força vital. Por toda parte nasce e se agita uma vida nova, que, de modo particular na juventude católica, se esforça por levar as verdades do Evangelho e a força salutífera da sua doutrina a todos os campos do viver humano para vantagem e salvação mesmo daqueles que até agora, com grande dano próprio, haviam cerrado seus corações a tão benéfica ação.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



SUBLIMES HEROÍSMOS

13. As duras provações que a Igreja sofreu devido à guerra e ao pós-guerra, as perdas dolorosas e os graves danos que a afligiram, não resultaram senão em tornar mais confortadora e estimulante a sua energia e resistência; batida pelas tempestades e pelas ondas, ela conservou intata e inviolável a sua substância vital, e em todos os povos, entre os quais professar a fé católica equívale na realidade a sofrer perseguições, sempre se encontraram e se encontram milhares de denodados, que, impávidos em meio aos sacrifícios, às proscricções e aos tormentos, intrépidos diante de cadeias e da morte, não dobram os joelhos diante do Baal da prepotência e da força (cf. 3 Rs 19, 18). O grande público ignora, as mais das vezes, os seus nomes; mas eles estão inscritos com caracteres indeléveis nos anais da Igreja. E' para Nós um dever glorificar esses fiéis e esses fortes, esses infatigáveis e valorosos, esses eleitos e benditos de Deus, para os quais nem as aperturas dos tempos presentes, nem as dores e lágrimas maternais da Esposa de Cristo são motivos de escândalo ou estultice, mas ocasião e poderoso estímulo para manifestar, não por palavras, mas em atos, a retidão e o desinteresse de seus sentimentos, a sua absoluta fidelidade, a generosidade sublime de seu coração. Faltam palavras para dignamente reconhecer, para exaltar com justiça o heroísmo desses fidelíssimos entre os fiéis. A cada um deles vá a expressão de Nosso louvor e de Nossa gratidão. O Senhor, que prometeu recordar-se diante de seu Pai celeste daqueles que o tivessem confessado diante dos homens (cf. Mt 10, 32), será sua eterna recompensa.

▪ [*Anterior*](#)

▪ [*Índice*](#)

▪ [*Posterior*](#)



DOLOROSOS NAUFRÁGIOS

14. Se, contudo, a constância e a firmeza de tantos irmãos na fé é para Nós fonte de alegria e de santo orgulho, não Nos podemos subtrair à obrigação de mencionar também aqueles cujos pensamentos e sentimentos trazem as marcas do espírito e das dificuldades da época. Quantos sofreram detrimento ou mesmo naufragaram na fé e na própria crença em Deus! Quantos, intoxicados por uma aura de laicismo ou de hostilidade contra a Igreja, perderam o frescor e a serenidade de uma fé que fora até então o sustentáculo e a luz de suas vidas! Outros, bruscamente erradicados e arrebatados do solo nativo, erram ao acaso, expostos, especialmente os jovens, a uma decadência espiritual e moral, da qual não se pode avaliar suficientemente o perigo.

15. As vistas maternais da Igreja seguem com vigilante amor e com redobrada solicitude essas almas momentaneamente perdidas ou em perigo. Ela não se irrita. Ela ora. Ela espera: espera o retorno desses filhos, preocupada com encontrar meios aptos para acelerar essa hora. Por isso não recua diante de nenhum sacrifício; nenhuma pena é para ela excessivamente grave para alcançar esse fim. Está pronta para tudo. Para tudo, exceto somente uma coisa: que se lhe exija, para obter o retorno dos filhos dela separados - seja nos tempos passados, seja recentemente - que o faça a preço de qualquer diminuição ou ofuscamento do depósito da fé cristã a ela confiado.

▪ ***Anterior***

▪ ***Índice***

▪ ***Posterior***



AMARGAS SEPARAÇÕES

16. Parece-Nos oportuno um breve esclarecimento acerca de algumas ásperas afirmações saídas dos lábios de alguns dissidentes contra a Igreja Católica e o Papado. O nosso dever de caridade e de amor não fica certamente diminuído nem pelos ataques nem pelas injúrias. Sabemos distinguir entre os povos, frequentemente privados de liberdade, e os métodos que os regem. Conhecemos a servil dependência que alguns representantes da confissão chamada "ortodoxa" manifestam por uma concepção cujo escopo final, repetidamente proclamado, é a exclusão de qualquer religião cristã. Nós não desconhecemos o amargo caminho que devem percorrer muitos dos Nossos diletos filhos e filhas, aos quais um declarado sistema de violência constrangeu a separar-se formalmente da Madre Igreja, à qual os ligava a mais íntima convicção. Admiramos, com o coração comovido, a heróica firmeza de uns; com profunda dor e não menor amor paterno vemos a angústia espiritual de outros, cuja força exterior de resistência cedeu sob o excesso de uma injusta pressão, forçando-os a aparentar uma separação que seu coração aborrece e sua consciência reprova.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



O CRISTIANISMO CATÓLICO NO ATORMENTADO MANDO MODERNO

17. A fidelidade do cristão católico ao divino patrimônio de verdade, entregue por Cristo ao magistério da Igreja, não o condena de modo algum como não poucos crêem ou parece crerem - a uma desconfiada reserva ou a uma fria indiferença em face dos graves e urgentes deveres da hora presente.

18. Ao contrário; o espírito e o exemplo do Senhor, que veio procurar e salvar o que se havia perdido; o preceito do amor, e em geral o senso -social que se irradia da boa nova; a história da Igreja, que evidencia que esta foi sempre o mais firme e constante sustentáculo de todas as forças do bem e da paz; os ensinamentos e exortações dos Romanos Pontífices, especialmente no curso dos últimos decênios, sobre a conduta dos cristãos para com seus semelhantes, a sociedade e o Estado; -tudo isto proclama a obrigação do crente de ocupar-se, segundo a sua condição e suas possibilidades, com desinteresse e coragem, das questões que um mundo atribulado e agitado deve resolver no campo da justiça social, não menos que na ordem internacional do direito e da paz.

19. Um cristão convicto não pode confinar-se num cômodo e egoístico "isolacionismo", quando é testemunha das necessidades e misérias de seus irmãos; quando a ele chegam as implorações de socorro dos economicamente enfraquecidos; quando conhece as aspirações das classes trabalhadoras por condições de vida mais normais e justas; quando é conhecedor dos abusos de uma concepção econômica, que sobrepõe o dinheiro às obrigações sociais; quando não ignora os descomedimentos de um intransigente nacionalismo, que nega ou conculca a solidariedade entre os povos, solidariedade que a cada um impõe múltiplos deveres para com a grande família das Nações.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



A COMUNIDADE DOS POVOS

20. A doutrina católica sobre o Estado e a sociedade civil foi sempre fundada sobre o principio de que, segundo a vontade divina, os povos formam juntamente uma comunidade que tem fins e deveres comuns. Mesmo em tempos em que a proclamação deste principio e de suas conseqüências práticas provocava soberbas reações, a Igreja negou o seu consenso ao errôneo conceito de uma soberania absolutamente autônoma e isenta de obrigações sociais.

21. O cristão católico, convencido de que cada homem é o seu próximo e de que cada povo é membro, com iguais direitos, da família das Nações, associa-se de pleno coração àqueles generosos esforços, cujos primeiros resultados podem ser bem modestos e cujas manifestações chocam-se não raro com fortes oposições e obstáculos, mas que tendem a tirar cada Estado da estreiteza de uma mentalidade egocêntrica, mentalidade que teve uma parte preponderante de responsabilidade nos conflitos do passado e que, se não fosse vencida ou ao menos refreada, poderia conduzir a novas conflagrações, talvez mortais para a civilização humana.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



O PESADELO DE UMA NOVA GUERRA

22. Jamais, como hoje, desde a cessação das hostilidades, os espíritos se sentiram tão oprimidos pelo pesadelo de uma nova guerra e pela ânsia de paz. Alguns se apegam ao antigo axioma, não inteiramente falso, mas que se presta a subentendidos, e do qual se tem freqüentemente abusado: "Si vis pacem, para bellum": se queres a paz, prepara a guerra. Outros julgam encontrar a salvação na fórmula: paz a toda custal Ambas as partes desejam a paz, mas ambas a põem em perigo; uns, porque provocam desconfiança; outros, porque encorajam a segurança de quem prepara a agressão. Ambas, portanto, comprometem, sem o querer, a causa da paz, precisamente numa época em que a humanidade, esmagada sob o peso dos armamentos, angustiada pela previsão de novos e mais graves conflitos, treme ao só pensamento de uma futura catástrofe. Por isto Nós queremos indicar brevemente quais são os caracteres de uma verdadeira vontade cristã de paz.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



A VERDADEIRA VONTADE CRISTÃ DE PAZ VEM DE DEUS

23. A vontade cristã de paz vem de Deus. Ele é o "Deus da paz" (Rom 15, 33) ; Ele criou o mundo para ser uma morada da paz; Ele proclamou o seu preceito de paz, daquela "tranqüilidade na ordem", de que fala S. Agostinho.

24. A vontade cristã de paz tem também suas armas. Mas as principais são a oração e o amor: a oração constante ao Pai celeste, Pai de todos nós; o amor fraterno entre todos os homens e todos os povos, porque todos são filhos do mesmo Pai que está nos céus, o amor que com a paciência procura manter-se sempre pronto e disposto a entender-se e por-se de acordo com todos.

25. Estas duas armas procedem de Deus, e onde elas faltam, não se sabe senão manejar as armas materiais e não poderá haver verdadeira vontade de paz, porquanto esses armamentos puramente materiais provocam necessariamente a desconfiança e criam como que um clima de guerra. Quem não vê, portanto, qual a importância para os povos de conservarem e reforçarem a vida cristã e quão grave é sua responsabilidade na escolha e na vigilância daqueles a quem confiam a imediata conservação dos armamentos?

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



É FACILMENTE RECONHECÍVEL

26. 2º A vontade cristã de paz é facilmente reconhecível. Respeitadora do divino preceito de paz, ela não mais transforma uma questão de prestígio ou de honra nacional em caso de guerra ou ao menos numa ameaça de guerra. Ela evita criteriosamente de procurar pela força das armas a reivindicação de direitos, que, embora legítimos, não compensam os riscos de suscitar um incêndio com todas as suas tremendas conseqüências espirituais e materiais.

27. Aqui se patenteia igualmente a responsabilidade dos povos nos problemas capitais da educação da juventude, da formação da opinião pública, que os métodos e meios modernos tornam hoje tão impressionável e mutável, em todos os terrenos da vida nacional. Ora, esta ação deve se exercer assiduamente a fim de valorizar a solidariedade de todos os Estados para a defesa da paz. Qualquer violador do direito deve ser posto, como perturbador da paz, em um infamante isolamento fora da sociedade civil. Possa a organização das "Nações Unidas" tornar-se a plena e pura expressão desta solidariedade internacional da paz, cancelando de suas instituições e de seus estatutos todo vestígio de sua origem, que fora necessariamente uma solidariedade de guerra!

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



É PRÁTICA E REALÍSTICA

28. 3º A vontade cristã de paz é prática e realística. O seu imediato escopo é remover ou ao menos mitigar as causas de tensões que agravam moral e materialmente o perigo de guerra. Estas causas são, entre outras, principalmente a relativa estreiteza do território nacional e a penúria de matérias primas. Ao invés, portanto, de remeter, com grandíssimas despesas, os alimentos às populações prófugas, aglomeradas de qualquer jeito em qualquer parte, por que não facilitar a emigração e a imigração das famílias, encaminhando-as para regiões onde encontrarão mais facilmente os viveres de que têm precisão? E ao invés de restringir, comumente sem justos motivos, a produção, por que não deixar ao povo a possibilidade de produzir segundo a sua normal potencialidade, de modo a ganhar o pão cotidiano com o fruto de sua atividade, antes do que recebê-lo como esmola? Finalmente, ao invés de levantar barreiras para reciprocamente impedir-se o acesso às matérias primas, por que não tornar o seu uso e o câmbio livre de todos os vínculos não necessários, sobretudo daqueles que criam uma ruínosa desigualdade de condições econômicas?

▪ [Anterior](#)

▪ [Índice](#)

▪ [Posterior](#)



E' SINAL DE FORÇA. A SOLIDARIEDADE DOS POVOS CONTRA O ESPÍRITO DE AGRESSÃO

29. 4º A verdadeira vontade cristã de paz é força, não fraqueza ou cansada resignação. Ela é a mesma coisa que a vontade de paz do eterno e onipotente Deus. Toda guerra de agressão contra aqueles bens que a ordem divina de paz obriga incondicionalmente a respeitar e garantir, e portanto também a proteger e defender, é pecado, delito, atentado contra a majestade de Deus, criador e ordenador do mundo. Um povo ameaçado ou vítima já de uma injusta agressão, se quiser pensar e agir cristãmente, não pode permanecer numa indiferença passiva; tanto mais a solidariedade da família dos povos interdiz aos demais o comportar-se como simples espectadores, numa atitude de impassível neutralidade. Quem poderá sequer avaliar os danos já causados no passado por uma tal indiferença, bem estranha ao sentimento cristão, para com a guerra de agressão? Como essa indiferença fez provar agudamente o sentimento da falta de segurança entre os "grandes" e sobretudo entre os "pequenos"! E em compensação trouxe ela qualquer vantagem? Ao contrário; ela não serviu senão para reafirmar e encorajar os autores e fautores de agressões, coagindo os povos, abandonados a si mesmos, à necessidade de aumentar indefinidamente seus armamentos.

30. Apoiada em Deus e sobre a ordem por Ele estabelecida, a vontade cristã de paz é portanto torre como o aço. Ela é de tempera bem diversa que o simples sentimento de humanidade, assaz freqüentemente feito de pura impressionabilidade, que não detesta a guerra senão devido aos seus horrores e às suas atrocidades, as suas destruições e as suas conseqüências e não pela sua injustiça. A semelhante sentimento, de cunho demoníaco e utilitário, e de origem materialista, falta a sólida base de uma estreita e incondicional obrigação. Isto cria um terreno, no qual se enfileiram o engano do compromisso estéril, a tentativa de salvar-se à custa de outrem, e em todo caso a fortuna do agressor.

31. Isto é tão verdadeiro, que nem a só consideração das dores e males derivados da guerra, nem a cuidadosa dosagem da ação e das vantagens, servem finalmente para determinar se é moralmente lícito, ou talvez em qualquer situação concreta obrigatório (sempre que exista possibilidade fundada de bom êxito) rechaçar pela força o

agressor.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



O PRECEITO DIVINO DE PAZ

32. Uma coisa, porém, é certa: o preceito da paz é de direito divino. O seu fim é a proteção dos bens da humanidade, enquanto bens do Criador. Ora, entre esses bens alguns são de tanta importância para a convivência humana, que a sua defesa contra a agressão injusta é sem dúvida plenamente legítima. Para esta defesa deve haver a solidariedade das nações, que têm o dever de não deixar abandonado o povo agredido. A segurança de que tal dever não deixará de ser cumprido, servirá para desencorajar o agressor e até para evitar a guerra, ou ao menos, na pior das hipóteses, para abreviar os sofrimentos.

33. Fica assim melhorado o axioma: "si vis pacem, para bellum", como também a fórmula "paz a toda custa". De qualquer modo, é a sincera e cristã vontade de paz. Para tê-la, movem-nos sem dúvida a vista das ruínas da última guerra, a silenciosa condenação que sai dos grandes cemitérios, onde se alinham as intermináveis filas de suas vítimas, a ainda inapagada nostalgia dos prisioneiros e dos prófugos, a angústia e o abandono de não poucos presos políticos, cansados de ser injustamente perseguidos. Mas também mais nos deve estimular a voz poderosa do preceito divino de paz, o olhar docemente penetrante do divino Menino do presépio.

34. Ouvi, ressoando na noite como os sinos de Natal, as admiráveis palavras do Apóstolo das gentes, ele também inicialmente escravo dos mesquinhos prejuízos do orgulho nacional e racista, com ele derrubados sobre o caminho de Damasco: "Ele (Jesus Cristo) é a nossa paz, Ele que de dois povos fez um só..., matando as inimizades em si mesmo... E vindo, evangelizou a paz a vós que estáveis longe, e a paz àqueles que estavam perto" (Ef 2, 14, 16, 17).

35. Por isto, Nós, nesta hora, com toda a força de Nossa voz, vos esconjuramos, diletos filhos e filhas do mundo inteiro: trabalhai pela paz segundo o coração do Redentor. juntamente com todas as almas retas, que, mesmo sem militarem nas vossas fileiras, estão a vós unidas pela comunidade deste ideal, cooperai para difundir e fazer triunfar a vontade cristã de paz.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



EXORTAÇÃO À JUVENTUDE CATÓLICA

Mas o Nosso brado se dirige com maior confiança à juventude católica. As inesquecíveis manifestações de Setembro findo reuniram em Roma, numa multidão sem precedentes, os representantes da juventude católica acorridos das mais diversas Nações. E eles demonstraram com luminosa clareza a sua solidariedade na vontade de paz.

36. Da colunata da Nossa Patriarcal Basílica Vaticana, na presença de uma juventude entusiasmada, lamamos então benzido a primeira pedra da Domus Pacis em construção: a casa da paz, destinada a dar à juventude do mundo católico, em treme à Cúpula de S. Pedro, a convicção de pertencer a uma grande família que abraça com igual amor a todos os seus filhos. A vós, jovens, que na flor da vossa idade tendes a responsabilidade de um amanhã ainda tão incerto, Nos dizemos: Não vos contenteis com edificar a Domus Pacis sobre a via Aurelia. Ela será somente o símbolo da vossa vontade de paz; mas é preciso agora por em obra todos os vossos tesouros de dedicação e tenacidade para fazer do mundo mesmo uma domus Pacis, sobe a qual o espírito e as promessas de Belém adejem serenamente e onde a atormentada humanidade encontre finalmente a paz.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



INVOCAÇÃO FINAL. A PALESTINA

37. Com esta esperança invocamos a proteção do Altíssimo sobre todos os povos e nações, especialmente sobre aqueles que mais que os outros se encontram expostos às ameaças de guerra, às agitações e devastações. E como, nesta vigília do Santo Natal, o Nosso pensamento não buscaria ainda uma vez aquela terra da Palestina, onde o Filho de Deus feito homem viveu a sua vida terrestre; a Palestina, onde, mesmo com a suspensão das hostilidades, não aparece ainda um seguro fundamento de paz? Possa encontrar-se enfim uma feliz solução que, enquanto venha em socorro das necessidades de tantos milhares de míseros prófugos, satisfaça ao mesmo tempo os votos de toda a cristandade, ansiosa pela tutela dos Lugares Santos, tornando-os livremente acessíveis e protegidos, mediante a constituição de um regime internacional.

38. Nós imploramos igualmente a assistência divina sobre quantos estimam dedicar-se à segurança e aperfeiçoamento da paz, com suas orações e sua colaboração ativa: aos dirigentes dos povos, àqueles que podem exercer uma eficaz influência sobre a opinião pública, e em geral àqueles cujos sinceros convites à paz são mais facilmente acolhidos pelos povos; sobre as inumeráveis fileiras de vítimas da guerra, e sobre muitos outros, cuja mísera condição se torna cada dia mais angustiada, enquanto se prolonga a intolerável espera de uma paz definitiva, moralmente justa e duradoura, isenta de todo prejuízo ou superstição de raça e de sangue.

39. No entanto, esperando da graça divina a realização destes ardentes votos, concedemos de coração a vós todos, diletos filhos e filhas, unidos a Nós pelos vínculos da fé e do amor, a Nossa paternal Bênção Apostólica.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*



Pio XII

RADIOMENSAGEM DE NATAL DE 1949

O JUBILEU DE 1950

EXPECTATIVA DOS POVOS

1. Nunca talvez como nesta vigília que abre o fausto acontecimento do novo Ano jubilar, o Nosso coração de Pai e de Pastor vos sentiu tão estreita e intimamente junto de si, queridos filhos e filhas do Universo: Parece-Nos ver e ouvir - e o Nosso coração não Nos engana - o palpar de milhões e milhões de fiéis a unísono conosco, qual coro imenso de fêrvidas ações de graças, de vivos desejos, de humildes invocações ao Pai, dador de todo o bem, ao Filho, expiador de toda a culpa, ao Espírito Santo, dispensador de toda a graça.

2. Movidos de profundo desejo de libertação espiritual, atraídos pela fascinação dos bens celestes, esquecidos por algum tempo das agruras da terra, dirigis-vos a Nós e como que repetis, .mas em bom sentido e com reta intenção, o pedido já outrora feito ao Redentor (Mc 8, 11-12; Lc li, 16): "dai-nos um prodígio do céu".

3. Pois bem, hodie scietis quia veniet Dominus, et mane videbitis gloriam eius; o prodígio que esperais ser-vos-á hoje anunciado; o sinal, melhor, o meio de remissão e de santificação amanhã mesmo vos será dado, no momento em que, por Nossas mãos, a mística Porta será uma vez mais removida. patenteando a entrada ao maior templo da Cristandade, símbolo do Redentor Jesus, que nos foi dado par Maria para que todos incorporados n'Ele, encontremos a salvação: "Ego sura ostium. Per me si quis introierit, sal(Jo 10, 9).

4. De toda a Igreja de Cristo, que estendeu os seus membros a todas as plagas do mundo, se olha nestes dias para Roma, para esta Sé Apostólica, manancial perene de verdade, de salvação e de bem.

5. Sabemos quantas esperanças fundais sobre este Ano Santo. Em Nosso coração há firme confiança de que a Providência divina há de

operar nele e por ele as maravilhas da sua misericórdia para com a família humana. Sustém-Nos a esperança de que o Anjo do Senhor não encontre obstáculos no seu caminho, antes ache aplanadas as vias e abertos os corações por aquela boa vontade que faz inclinar o céu para a terra.

6. Nós mesmos, a quem a Providência divina reservou o privilégio de anunciá-lo e concedê-lo ao mundo inteiro, sentimos o presságio da sua importância para o próximo meio século.

7. Parece-Nos que o Ano Santo de 1950 há de ser decisivo sobretudo para a auspiciada renovação religiosa do mundo moderno, e portador da solução da crise espiritual que angustia os espíritos do nosso tempo. A desejada harmonia dos valores celestes e terrenos, divinos e humanos, ofício e dever da nossa geração, será realizada ou ao menos apressurada, se os fiéis de Cristo mantiverem firmes os propósitos concebidos, prosseguirem com tenacidade nas obras empreendidas, e não se deixarem seduzir por vãs utopias nem desviar por interesses e egoísmos partidaristas ou parcialistas.

8. Decisiva também para o futuro da Igreja, internamente empenhada no esforço de tornar mais sincera e mais difundida entre o povo a santidade dos seus membros, enquanto externamente se esforça por transfundir e alargar o seu espírito de justiça e de amor às próprias instituições civis.

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



A ABERTURA DA PORTA SANTA

9. Animados destes sentimentos e destes desejos, penetrados da dignidade de uma tradição que remonta aos tempos do Nosso Predecessor Bonifácio VIII, Nós amanhã, ao abrirmos com três marteladas á Porta Santa, teremos a consciência de realizar não um ato puramente tradicional, mas um rito simbólico de alto significado e alcance, não só para os cristãos, mas para toda a humanidade.

10. Nós quereríamos que aquela tríplice martelada soasse no fundo dos corações de todos os que têm ouvidos de ouvir (cfr. Mt 11, 15).

11. Ano Santo, ano de Deus,

**- de Deus,
cuja
majestade
e grandeza
condena o
pecado;**

**- de Deus,
cuja
bondade e
misericórdia
oferece o
perdão e a
graça a
quem
estiver
disposto
para a
receber;**

**- de Deus,
que neste
Ano Santo
quer
aproximar-
se ainda
mais do**

homem e
ficar mais
que nunca
perto dele.

12. Quantos fazem do pecado uma simples "fraqueza", e da fraqueza até uma virtude! *"Equidem"*, escrevia já o pagão Salústio (Catil. 52), *"nos vera vocabula rerum amisimus, quia bona aliena largiri liberalitas, malarum rerum audacia fortitudo vocatur"*.

Transformando artificialmente o sentido das palavras nas mais importantes questões da vida pública e privada, levamo-las a esconder o que a consciência não quer pôr a claro; e coonestar o que a alma delas condena; a negar o que deveriam lealmente reconhecer.

13. Quantos põem no lugar do verdadeiro Deus os seus ídolos, ou então, embora afirmem a sua crença em Deus e a vontade de servi-lo, fazem d'Ele uma idéia que é produto dos próprios desejos, das próprias tendências e das próprias fraquezas! Deus na sua imensa grandeza, na sua imaculada santidade, Deus cuja bondade compreende tão bem os corações que Ele mesmo formou (cfr. Sl 32, 15) e cuja benignidade está sempre pronta a vir em seu auxílio, não é retamente conhecido por muitos. E daí tantos cristãos de um cristianismo de pura rotina, distraídos e desleixados, e por outra parte, tantas almas atormentadas e sem esperança, como se o Cristia- fosse, em si mesmo, "a boa nova". Falsas idéias de Deis, vãs criações de espíritos demasiado humanos, as quais o Ano Santo deve dissipar e expulsar dos corações!

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



O ANO DO GRANDE RETORNO E DO GRANDE PERDÃO

14. A espontânea simpatia com que os povos acolheram o anúncio deste Ano Santo, confirma a confiança que Nós nele temos fundada. Não será uma festa ruidosa, nem um pretexto de piedosas distrações, nem mesmo um vaidoso alarde aparatoso de forças católicas no sentido que o mundo entende quando faz consistir o êxito feliz no consenso momentâneo das multidões. O Ano Santo deve agir mais seriamente e mais a fundo nas almas, deve estimular e promover mais largamente as virtudes privadas e públicas, deve ser e apresentar-se mais íntima e puramente cristão.

15. Deverá corresponder à Vontade augusta de Deus, deverá assinalar-se como o Ano do grande Retorno, Ano do grande Perdão, ao menos naquela medida que a nossa idade tem sido, mesmo no passado recente, era de apostasia e de culpa.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



ANO DO GRANDE RETORNO.

16. Desde hoje, pois, dirigimos ao mundo inteiro a Nossa palavra, para que todos e cada um dos homens, de todas as regiões e de todas as praias, com a urgência própria da extraordinária hora que passa, realizem o grande retorno desejado. Este Nosso convite quer ser, sobretudo, convite de pai que vive e se afadiga e sofre e ora e espera pelo bem e felicidade dos filhos. E todos os homens, sobre a terra, são Nossos filhos, saltem lure et destinatione, mesmo aqueles que Nos abandonaram, que Nos ofenderam, que Nos fizeram e fazem sofrer.

17. Filhos longínquos, extraviados, desiludidos e amargurados, vós particularmente a quem vozes enganosas e talvez, também, incauta visão das coisas, apagaram no coração o afeto que um dia nutríeis pela Santa Igreja, não queirais repelir a oferta de reconciliação que Deus mesmo vos faz por Nosso meio e num tempo verdadeiramente aceitável. Estai desde já persuadidos que são suaves os caminhos do regresso à casa do Pai e pleno de gozo o abraço que vos espera.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



RETORNO A DEUS DOS INCRÉDULOS. RETORNO DOS ATEUS.

18. Primeiro que tudo, oxalá este Ano Santo marque a hora do regresso a Deus para as almas que, por causas várias e múltiplas, perderam de vista e extinguiram no coração a imagem e a lembrança do seu Criador, do qual têm a vida, como todos os seres a existência, e em quem está, para eles, o sumo bem.

19. Quer estejam longe por inerte e agnóstica atitude ante o máximo problema da vida; quer se tenham por satisfeitos com uma fictícia visão do universo que nega o necessário e devido posto ao primeiro Princípio espiritual de quanto é ou pode ser, já seja que, não tolerando a Sua indestrutível presença, por estulta emulação do Seu supremo domínio, Lhe movam guerra loucamente, tentando sufocar o testemunho que d'Ele lhes dão todas as criaturas e o próprio coração, - esses tais sofrem o espasmo dum exílio, o isolamento do universo, o vazio do deserto, a que por si mesmos se condenaram, aceitando o ateísmo. Para eles só há um remédio, o regresso, o retorno: retorno à reflexão e ao bom-senso humano, retorno à investigação serena e profunda da razão das coisas, subindo degrau a degrau a escada da criação, do efeito à causa, até repousar plenamente apaziguada a mente investigadora; retorno, finalmente, à humildade e à docilidade da criatura. Aparecer-lhes-a ante os olhos, e poderão quase tocá-lo no irrefragável testemunho das Suas obras, o Deus dos viventes, o Nosso Pai, o amor que atormenta enquanto não é possuído .

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



RETORNO DOS PAGÃOS

20. Diz-Nos o coração que este Ano Santo verá muitos destes regressos, como também verá multiplicarem-se as conversões dos pagãos à fé cristã em terra de Missões. Certamente vos confortará saber que do jubileu de 1925 até hoje, o número dos cristãos naqueles longínquos territórios mais que duplicou. Nalgumas regiões da África, a Igreja visível tornou-se até a orientadora da vida social através do influxo cristão profundamente exercido sobre os costumes públicos e privados. Mas, com a mais viva dor de Nossa alma, não podemos desviar o pensamento dos graves perigos que assoberbam ou já devastaram a religião e as suas instituições em outros países da Europa e da Ásia, como na China martirizada, onde subversões trágicas reduziram florescências de vida a cemitérios de morte.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



RETORNO DOS PECADORES A CRISTO

21. Que o Ano Santo marque, para as almas aliciadas pela miragem lisonjeira do pecado e que andam longe da casa Paterna, a hora do retorno a Jesus Cristo Redentor. São crentes e católicos, aos quais desgraçadamente o espírito, tão débil como a carne, levou a ser trânsfugas dos próprios deveres e a esquecerem os verdadeiros tesouros, durante longos anos seguidos, ou em habitual alternativa de deserções e de lábeis encontros. Enganam-se, se julgam possuir uma vida cristã e aceite a Deus, sem que a graça santificante permaneça habitualmente em seus corações.

22. Dos fáceis compromissos entre terra e céu, tempo e eternidade, sentidos e espírito, são arrastados ao perigo de morrer de miséria e de fome, longe daquele Jesus que não reconhece como seus os que querem servir a dois senhores. Para estes chagados de espírito, leprosos, paralíticos, sarmentos arrancados sem seiva de vida, seja o Ano Santo tempo de cura e de restabelecimento. O anjo da piscina probática quer renovar para todos eles o prodígio das águas salutareas. Quem recusará este banho de vida?

23. O velho Pai da parábola evangélica espera ansioso, no limiar da Porta Santa, que o filho transviado retorne contrito. Quem quererá obstinar-se no deserto da culpa?

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



RETORNO DOS DISSIDENTES À IGREJA

24. Oh! se este Ano Santo pudesse também saudar o há séculos esperado grande retorno à única verdadeira Igreja de muitos que crêem em Jesus Cristo, mas que dela por motivos vários se separaram! Com gemidos inenarráveis o Espírito, que está nos corações dos bons, eleva hoje como brado de súplica a mesma prece do Senhor: ut unum sint (Jo 17, 11). Com justa apreensão em face da audácia com que se move a frente única do ateísmo militante, o que há longo tempo se perguntava é hoje clamado em alta voz: Por que ainda separações? Por que ainda cismas? Para quando se deixa a união concorde de todas as forças do espírito e do amor?

25. Se outras vezes da Sé Apostólica partiu o convite à unidade, nesta ocasião Nós o repetimos mais ardente e paternal, levados como Nos sentimos pelos apelos e súplicas de tantos e tantos crentes esparsos por toda a terra, que, após as trágicas e lutuosas vicissitudes sofridas, volvem olhos para esta mesma Sé como para a âncora de salvação do mundo inteiro. Para todos os adoradores de Cristo, - sem excluir aqueles es que, numa sincera mas vã expectativa, O adoram prometido nas profecias dos Profetas e não vindo já, - abrimos Nós a Porta Santa, e ao mesmo tempo os braços e o coração daquela paternidade, que por inescrutável desígnio divino Nos foi comunicada por Jesus Redentor.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



RETORNO DO MUNDO AOS DESÍGNIOS DE DEUS

26. Seja, finalmente, este jubileu o Ano do grande Retorno da humanidade inteira aos desígnios de Deus.

27. O mundo moderno, da mesma forma que tentou sacudir o suave jugo de Deus, repudiou simultaneamente a ordem por Ele estabelecida, e com a mesma soberba do anjo rebelde, no princípio da criação, pretendeu instituir outra a seu arbítrio.

28. Após quase dois séculos de tristes experiências e extravios, todos os que têm ainda mente e coração retos confessam que semelhantes disposições e imposições - as quais têm nome, mas não substância de ordem, - não deram os resultados prometidos nem corresponderam às naturais aspirações do homem. Esta falência manifestou-se num dúplice campo: no campo social, e no campo das relações internacionais.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



NO CAMPO SOCIAL

29. No campo social a alteração dos desígnios de Deus operou-se na própria raiz, deformando a divina imagem do homem. A real fisionomia da criatura, de origem e destino divinos, foi substituída pelo falso retrato do homem autônomo na consciência, legislador de si mesmo sem que ninguém lhe possa exigir responsabilidades, irresponsável ante os seus semelhantes e ante o agregado social, sem outro destino fora da terra, sem outro fim que o gozo dos bens finitos, sem mais norma que a do fato consumado e da satisfação indisciplinada das suas cúpidas ambições.

30. Daqui brotou, e se consolidou, ao longo de muitos lustros, nas mais desvairadas aplicações da vida pública e privada, aquela ordem excessivamente individualista, caída hoje, quase por toda a parte, em grave crise. Mas nada de melhor, também, trouxeram os sucessivos inovadores. Partindo das mesmas premissas falsas e declinando por outros caminhos, conduziram a consequências não menos funestas, até chegarem à total subversão da ordem divina, ao desprezo da dignidade da pessoa humana, à negação das mais sagradas liberdades fundamentais, ao domínio de uma só classe sobre as outras, à escravização de toda a pessoa e coisa em face do Estado totalitário, à legitimação da violência e ao ateísmo militante.

31. Aos defensores de um e de outro sistema social, ambos longe e contrários dos desígnios de Deus, chegue persuasivo o apelo a que tornem aos princípios naturais e cristãos que fundamentam a justiça efetiva no respeito das legítimas liberdades. E apague-se assim, com o reconhecimento da igualdade de todos na inviolabilidade dos próprios direitos, a luta inútil que exaspera os tímidos em ódio fraterno.

32. Mas além destes votos que são constante solicitude do Nosso múnus apostólico, Nós queremos dirigir uma palavra de exortação paterna àqueles que põem toda a sua esperança nas promessas da doutrina e dos chefes que se professam explicitamente materialistas e ateus.

33. Humildes e oprimidos, por mais triste que seja a vossa condição, ficando em vós sempre de pé o direito de reivindicardes o que é justo, e nos outros o dever de vo-lo reconhecerem, recordai que

possuís uma alma imortal e um destino transcendente.

34. Não queirais trocar os bens celestes e eternos pelos caducos e temporais, especialmente nesta idade em que, por toda a parte, homens honestos e próvidas instituições acolheram mais eficientemente o vosso brado de socorro e compreenderam o vosso drama, decididos a guiar-vos pelos caminhos da justiça.

35. A fé e esperança que depositais não raro em homens, tanto mais generosos e persuasivos em prometer, quanto mais certos estão de não poderem obter a rápida solução dos vossos problemas todos, que eles sabem apresentar aos vossos olhos em plena luz, - problemas dos quais algum, pela própria limitação da natureza humana, é dificilmente solúvel, - essa fé e esperança, dizemos, reservai-a primeiro para as promessas de Deus que não engana.

36. Os legítimos cuidados que vos ralam para conseguirdes o pão de cada dia e conveniente habitação - indispensáveis para a vossa vida e das vossas famílias - procurai que não se oponham aos destinos celestes, não vos façam esquecer nem descuidar da alma e dos tesouros imortais que Deus vos confiou nas almas dos vossos filhos, não vos obscureçam a visão nem impeçam o conseguimento dos bens eternos que serão a vossa felicidade perpétua e se concretizam no supremo valor para que fomos criados: Deus nossa bem-aventurança. Só uma sociedade iluminada pelos ditames da fé, respeitadora dos direitos de Deus, com a certeza da conta que os chefes responsáveis hão de dar ao juiz Supremo no íntimo da sua consciência e diante dos vivos e dos mortos, - só uma sociedade assim saberá reconhecer e interpretar retamente as vossas necessidades e justas aspirações, defender e propugnar os vossos direitos, guiar-vos sabiamente no cumprimento dos vossos deveres, segundo a jerarquia dos valores e a harmonia da convivência doméstica e civil estabelecidas pela natureza.

37. Não esqueçais que, sem Deus, a prosperidade material é, para quem a não possui, uma ferida atormentadora, mas para quem a tem é uma sedução mortal. Sem Deus a cultura intelectual e estética é um rio cortado da nascente e da foz: reduz-se a pântano, enche-se de areia e lodo.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



NO CAMPO INTERNACIONAL

38. Esperamos enfim para este Ano Santo o retorno da sociedade internacional aos desígnios de Deus. Segundo eles, todos os povos na paz e não na guerra, na colaboração e não no isolamento, na justiça e não no egoísmo nacional, são destinados a formar a grande família humana, encaminhada para a perfeição comum, em auxílio mútuo e eqüitativa distribuição de bens os quais são tesouro de Deus confiado à guarda dos homens.

39. Queridos filhos, se houve alguma hora ocasião que Nos parecesse propícia para exortar os que governam os povos a pensamentos de paz, esta do Ano Santo parece-nos mais que todas oportuna. Ela é e quer significar também um poderoso apelo e simultaneamente um contributo à confraternização das gentes.

40. Para esta Mãe de povos que é Roma, convergirão inumeráveis grupos de peregrinos, de diversa estirpe, nação, língua, costumes e sentimentos. E dentro destes mesmos muros conviverão, encontrar-se-ão pelas mesmas ruas, descansarão nas mesmas pousadas, participarão nos mesmos ritos, matarão sedes de alma nas mesmas fontes-do espírito, gozarão dos mesmos confortos, aqueles que tiveram por encargo semear a morte e aqueles que lhes sofreram os espantosos efeitos, o que invadiu e o que lhes ficou sujeito, o que rodeou os campos de arame farpado e o que neles sofreu dura prisão. Não temos Nós, pois, razão de crer que estes milhares e milhares dos Nossos devotos filhos e filhas virão a ser a vanguarda fiel na cruzada em favor da paz, e que com a Nossa bênção levarão consigo para as suas pátrias o pensamento e a força da paz de Cristo, a fim de lá ganharem novos soldados para tão santa causa?

41. Não permita o Senhor que esta "trégua de Deus", auspiciosa inspiradora de pacíficos intentos, venha a ser perturbada ou violada por insanos propósitos não só entre as nações, mas entre os diversos partidos de um mesmo país. A mão sacrílega que tal fizesse condenar-se-ia por si mesma aos castigos da justa ira de Deus, e não poderia deixar de atrair sobre ai a execração de toda a humanidade.

42. Nós, pois, neste Ano Santo de graças extraordinárias, acalentamos em Nós a esperança de um grande retorno: grande pelo

número de filhos, para os quais reservamos o mais afetuoso amplexo, grande pelas longínquas paragens de onde alguns deles virão, grande pelas vastas e benéficas repercussões, que necessariamente dele hão de derivar. Que os Nossos filhos, que todos os homens de boa vontade, tomem a peito, com carinho, não desiludir as esperanças do Pai comum, que de contínuo ergue os braços ao céu para que a nova efusão de misericórdia divina sobre o mundo vá além de toda a medida.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



ANO DO GRANDE PERDÃO

43. Por meio deste encontro de amor compassivo e benigno, que de Roma se ateará por toda a terra, todo o retorno a Deus, a Cristo Jesus, à Igreja e aos divinos desígnios será selado com o amorável abraço do Pai das misericórdias, que perdoa toda a culpa e toda a pena a quem ama. Jesus descobriu-nos a verdadeira face de Deus, figurando-o no pai que acolhe, abraça, perdoa ao filho pródigo no seu contrito e confiante retorno à casa, da qual se tinha loucamente afastado.

44. Se o jubileu para os homens é tempo de extraordinário retorno, para Deus será ocasião de perdão mais amplo e amoroso.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



ARREPENDIMENTO E EXPIAÇÃO

45. E quem é que não tem necessidade do perdão de Deus? Todavia o Senhor, se está pronto a perdoar, não dispensa o pecador do arrependimento sincero e da justa expiação.

46. Seja, pois, o Ano Santo, principalmente, ano de arrependimento e de perdão. O arrependimento e a expiação interiores e voluntários são condição indispensável de qualquer renovação humana, significam paragem no resvaladouro, exprimem o reconhecimento dos próprios pecados, manifestam a seriedade do bom querer.

47. E a expiação voluntária adquire maior valor quando for coletiva e prestada em união com o primeiro Expiador das culpas humanas, Jesus Cristo nosso Redentor.

48. Expiai, queridos filhos, neste Ano Santo que recorda a grande expiação do Calvário, as vossas culpas e as dos outros. Sepultai todo o passado culpável num sincero arrependimento, persuadidos de que se a presente geração foi tão duramente atingida pelos castigos que ela fabricou por suas próprias mãos, é porque pecou mais conscientemente e mais perversamente.

49. Passam-Nos diante dos olhos, em lúgubre desfile, os vultos doloridos dos órfãos, das viúvas, das mães em expectativa de um regresso que, talvez, não se dará, dos perseguidos pela justiça e pela religião, dos prisioneiros, dos prófugos, dos exilados à força, dos encarcerados, dos desempregados, dos oprimidos, dos que sofrem no espírito e na carne, das vítimas de toda a injustiça. Tantas e tantas lágrimas que regam a face da terra, tanto e tanto sangue que a tingem, embora sejam já de si expiação, e em muitos casos não por culpas próprias, exigem, por sua vez, outra expiação, para ser destruído o pecado e sorrir de novo a alegria.

50. Quem quererá alheiar-se deste mundo de expiação que tem por cabeça o próprio Divino Crucificado e abraça toda a Igreja militante?

▪ [*Anterior*](#)

▪ [*Índice*](#)

▪ [*Posterior*](#)



PERDÃO ENTRE OS HOMENS

51. Com tão largas promessas da parte de Deus, talvez nunca Ano Santo algum, tenha vindo a aconselhar, mais oportunamente, a mansidão, a indulgência e o perdão entre homem e homem.

52. Quando em tempos recentes, tomando como pretexto uma guerra desafortunada ou culpas políticas, se desencadeou uma vaga de represálias, desconhecida até agora na história, ao menos no que respeita ao número de vítimas, sentimos invadir-Nos o coração uma acerba dor, não só pela desventura que multiplicava as desventuras e lançava no luto milhares de famílias muitas vezes inocentes, mas também porque com grande mágoa, víamos ali o trágico testemunho da apostasia do espírito cristão.

53. Quem quer ser sinceramente cristão deve saber perdoar. "Servo iníquo", adverte a parábola evangélica (Mt 18, 33) -, "não devias também tu ter piedade do teu conservo, como eu tive piedade de ti?"

54. A caridade e a misericórdia, quando ocorrem motivos justos, não contrastam com o dever da reta administração da justiça. A intolerância imprudente e o espírito de represália, sim, sobretudo quando a vingança é excitada pelo poder público contra quem, mais que prevaricar, tenha errado, ou quando a pena mesma, merecidamente infligida, se prolongue além de todos os limites razoáveis.

55. Inspire o Senhor sentimentos de reconciliação e de concórdia a quantos têm sobre si as responsabilidades públicas e, sem prejuízo do bem comum, ponha-se fim àqueles resíduos de leis extraordinárias, que não se refiram a delitos comuns merecedores de justa punição. Essas leis de exceção, longos anos após a cessação do conflito armado, só provocam, em tantas famílias e indivíduos, sentimentos de exasperação contra a sociedade em que são estrangidos a sofrer.

▪ [*Anterior*](#)

▪ [*Índice*](#)

▪ [*Posterior*](#)



PERDÃO AMPLO

56. Por isso, Nós tornamos a rogar às supremas Autoridades dos Estados, especialmente dos cristãos, em nome do próprio Jesus Cristo que precedeu com o exemplo orando pelos mesmos que o acatavam, tornamos a rogar, dizemos, queiram exercer generosamente o seu direito de graça, mandando para esse efeito, na ocasião tão solene e propícia do Ano Santo, se concedam, como mitigação da justiça punitiva, as anistias que as leis de todos os países civilizados prevêem.

57. A religião e a piedade, que, como são Nossos desejos, inspirarão esses atos de benevolência, longe de enfraquecerem a força da lei ou fazerem diminuir nos cidadãos o respeito por ela, serão pelo contrário mais forte motivo para que os beneficiados com o regresso à almejada liberdade ou com o encurtamento da pena, surjam moralmente e reparem, quando for o caso, o passado, com sincera e duradoura emenda, sob o signo da fé.

58. Nós e juntamente conosco tantos corações de parentes aflitos, pedimos este conforto, porque a alegria dos filhos é gáudio do Pai. E desde agora expressamos o Nosso público e fervoroso agradecimento aos Governantes que, em vária medida, acolheram já favoravelmente o Nosso voto, ou Nos deram qualquer esperança de realizá-lo.

▪ [*Anterior*](#)

▪ [*Índice*](#)

▪ [*Posterior*](#)



CONVITE A ROMA

59. "Securus iam carpe viam".

Queridos filhos, eis, nas palavras que aí ficam, aberto o Nosso coração, na vigília da abertura da Porta Santa: lede nele as Nossas intenções, as Nossas esperanças e os Nossos desejos.

60. Recolhei o Nosso convite para a casa paterna; de perto e de longe, de toda a região e continente, de todas as fronteiras e por todas as estradas, transpondo os oceanos e sulcando os céus, vinde a esta Roma, que, sempre maternal, vos abre os braços: "*Securus iam carpe viam, peregrinos ab oris - occiduis quisquis venerandi culmina Petri - .. petis*" (Pauli Diaconi Carmina, VIII, 19-21 - Monum. Germ. hist., Poetae lat. aevi carol., t. I, p. 46).

61. Vós, que já por longos anos deixastes o lar doméstico e vos enrijecestes nas asperezas das viagens longas com os exércitos em guerra, com os bandos de prófugos, de emigrantes, dos dizimados, retomai o caminho, mas desta vez com alegria, como legiões pacíficas de orantes e de penitentes em demanda da pátria comum dos cristãos.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



"ROMA MIHI PATRIA".

63. Pois que, sem privilégios de estirpe ou de casta, Roma é pátria de todos, todo o cristão deve dizer "Roma mihi patria". Aqui se manifesta mais particularmente a sobrenatural Providência de Deus sobre as almas. Aqui hauriram os santos as normas e inspirações dos seus heroísmos. Esta terra bendita conheceu os triunfos dos primeiros mártires e foi campo de exercício e ação de invictos confessores. Aqui é a rocha inabalável, onde ancorareis os vossos anseios: o lugar, o antigo tropaeum do sepulcro glorioso do Príncipe dos Apóstolos, que sustém a Cátedra viva do Vigário de Cristo.

63. No esplendor das Basílicas, na pompa das liturgias solenes, nas penumbras dos antigos cemitérios cristãos, ao lado das relíquias insignes dos Santos, respirareis auras de santidade, de paz e de universalidade que operará na vossa vida uma profunda renovação cristã.

64. E vós, diletos filhos de Roma, mais vizinhos Nossos e a Nós ligados por mais imediato ministério pastoral, que muitas vezes, neste passado decênio Nos tendes dado inequívocas provas de devoção filial, não sereis segundos a ninguém em ajustardes os vossos propósitos e proceder aos altos fins do Ano Santo. Toca-vos o exercício de uma caridade particular no acolhimento que fareis aos irmãos que de longe vêm, uma exemplar morigeração de costumes, fervorosa prática dos deveres religiosos.

65. Acolha o onipotente e misericordioso Deus estes Nossos votos, e sobre vós que Nos escutais, sobre todos os homens de boa vontade, sobre aqueles de quem esperamos o retorno, desça, como penhor das mais amplas misericórdias do céu, a Nossa Bênção Apostólica.

▪ [*Anterior*](#)

▪ [*Índice*](#)



Pio XII

RADIOMENSAGEM DE NATAL DE 1950

O FIM DO ANO SANTO

INTRODUÇÃO

1. Decorreu já um ano, Veneráveis irmãos e queridos filhos, a contar da última vigília do Natal, dia memorando em que, no meio da vibrante expectativa do mundo católico, promulgamos e iniciamos o grande jubileu, que veio imprimir sulco tão profundo na vida da Igreja e superou as previsões mais otimistas.

2. Parece-Nos ainda ouvir, como eco de ontem, as marteladas que abriram aquela santa passagem e a tornaram porto espiritual de todas as gentes; e parece-Nos sentir ainda o júbilo com que os fiéis acolheram a boa nova.

3. Daquele limiar sagrado voou nesse momento o Anjo do Senhor para os quatro ângulos da terra, como a reunir e a acompanhar até à Pátria comum dos crentes os inumeráveis esquadrões de romeiros, desejosos de se purificarem nas águas salutares da penitência e ansiosos de realizar o grande regresso e de merecer o grande perdão.

4. Hoje o mesmo Anjo parece dizer, como naquele dia longínquo o Arcanjo Rafael a Tobias: "Bendizei na terra ao Senhor e dai graças a Deus. Eu volto Aquele que me enviou. Escrevei tudo o que sucedeu" (Tob 12, 20).

5. A palavra fim - que as leis da vida presente impõem a todas as coisas, por mais queridas e santas que sejam, e a todos os acontecimentos, até aos mais agradáveis e fecundos - será também marcada nas Portas Santas jubilares, deixando nos corações um sentimento ao mesmo tempo de alegria e de pesar saudososo, semelhante ao dos três Apóstolos na descida do Tabor.

6. Se é digno e justo, em todo tempo e em toda parte, dar graças ao

Pai, doador de todo o bem perfeito, com mais razão se levantará amanhã do Nosso coração e dos Nossos lábios o hino do reconhecimento, depois de pormos o selo na Porta Santa. Com ele se harmonizarão com particular entusiasmo, em mil línguas diversas mas num sentimento só, as vozes do Mundo católico.

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



MARAVILHAS INCOMPARÁVEIS.

7. Ao pisarmos pela última vez aquela soleira, transposta por tantos peregrinos vindos em busca de purificação e de perdão, há de voltar à Nossa mente, como numa visão única, todo o cortejo de maravilhas deste Ano Santo verdadeiramente incomparável: o brilho magnífico das grandes cerimônias litúrgicas, como também o resplendor invisível, mas por isso mais belo ainda, das almas renovadas e santificadas pelas lágrimas do arrependimento no tribunal da penitência e peias do amor junto dos altares.

8. Reviverão no Nosso pensamento as solenes Canonizações e Beatificações, vivo testemunho de quanto pode realizar a natureza humana ajudada pela graça divina e de quanto é fecunda, em obras benéficas, a Santa Igreja, através de todos os tempos.

9. Ouviremos de novo os irreprimíveis clamores de júbilo, as orações devotas e os cânticos, cujo entusiasmo fazia ressoar as abóbadas da Basílica Vaticana. Esta, incapaz de conter as multidões sempre crescentes, teve de alargar-se para fora, estendendo os grandes braços da sua colunata. Veremos de novo, em espírito, os dias da Páscoa e do Corpo de Deus; a tarde da Canonização de S. Maria Goretti; a manhã, resplandecente de brilho excepcional e misterioso, que ouviu proclamar o Dogma da Assunção de Maria Santíssima. Veremos de novo as grandes procissões de penitência e de propiciação, que honraram, pelas ruas da Roma cristã, as imagens do Crucificado e da Virgem Mãe. Acumular-se-ão na Nossa mente as lembranças de tantos Congressos, que tiveram por assunto as ciências sagradas ou problemas do apostolado; os ecos das Nossas palavras que a voz dos povos, junto à da Imprensa e da Rádio, difundiam pelo Mundo; os documentos pontifícios, dirigidos a tanta variedade de pessoas, em particular a Encíclica *Humani generis* e a Nossa exortação ao Clero, da qual esperamos os frutos mais abundantes.

▪ [*Anterior*](#)

▪ [*Índice*](#)

▪ [*Posterior*](#)



RECORDAÇÕES COMOVENTES.

10. E passarão diante do Nosso espírito, com profunda saudade, as imagens queridas dos vossos rostos. Dos vossos sobretudo, Veneráveis Irmãos no Episcopado, que em número tão imponente, viestes ter conosco e ouvistes com tanta docilidade a Nossa palavra. Também dos vossos rostos, queridos filhos e filhas; não podemos esquecer nunca a expressão dos vossos olhares e menos ainda os movimentos dos vossos lábios, que Nos confiavam tantas penas e esperanças íntimas. Comoção indizível, que Nos enternecia também a Nós, todas as vezes que descíamos ao meio do Nosso querido povo cristão.

11. Nenhuma solicitude e nenhum cansaço pôde subtrair-Nos aos vossos anelos, ou fazer-Nos interromper os encontros convosco. Admitir-vos à Nossa presença, esperar-vos e ansiar até por vós, era mais necessidade do coração do que dever do Nosso ofício pastoral. E sempre que Nos demorávamos a saudar-vos - nomeando-vos nação por nação, diocese por diocese, paróquia por paróquia, grupo por grupo - quedamos, por assim dizer, reunir todas as vossas palavras e orações - que vós ambicionáveis ardentemente fazer passar pelas Nossas mãos - para tudo apresentarmos a Jesus.

12. Quanto desejávamos então poder estreitar-vos todos ao Nosso coração; fazer-vos sentir a todos como Nós correspondíamos à ternura com ternura e fazer penetrar em todos vós palavras de confiança e de esperança) Em vós especialmente, pobres e doentinhos, prediletos de Jesus e de Nós próprio, que alguns dias formastes o adorno mais belo da Basílica Vaticana e aparecestes sempre aos Nossos olhos como o mais opulento e magnífico tesouro da Igreja.

▪ [*Anterior*](#)

▪ [*Índice*](#)

▪ [*Posterior*](#)



ENCONTRO DO TÚMULO DO PRÍNCIPE DOS APÓSTOLOS

13. Mas se, durante o Ano Santo, a Confissão de S. Pedro do Vaticano foi testemunha e centro de tão imponentes manifestações da unidade na fé e no amor dos católicos de todo o Mundo, ainda sob outro aspecto a glória deste lugar sagrado atingiu o seu auge: Neste Ano jubilar, terminaram frutuosamente, não só as escavações debaixo da mesma Confissão em busca do túmulo do Apóstolo, mas também o exame científico nelas originado. Por essas investigações Nos interessamos desde os primeiros meses do Nosso pontificado. Agora, o mais breve possível, uma publicação documentada levará ao conhecimento do público o resultado das cuidadosíssimas pesquisas realizadas.

14. O resultado obtido é da maior riqueza e importância. A questão essencial é a seguinte: Foi de fato encontrado o túmulo de S. Pedro? A tal pergunta responde a conclusão final dos trabalhos e dos estudos com um Sim claríssimo. O túmulo do Príncipe dos Apóstolos foi encontrado.

15. Uma segunda questão, subordinada à primeira, refere-se às relíquias do Santo. Foram também encontradas? Ao lado do sepulcro, apareceram restos de ossos humanos, mas não é possível provar com certeza que pertençam aos despojos mortais do Apóstolo: Não fica ainda assim prejudicada a realidade histórica do túmulo. E a cúpula gigantesca levanta-se exatamente sobre o sepulcro do primeiro Bispo de Roma, do primeiro Papa; sepulcro humílimo na origem, mas sobre o qual a veneração dos séculos posteriores, com maravilhosa sucessão de trabalhos, levantou o maior templo da Cristandade.

▪ [*Anterior*](#)

▪ [*Índice*](#)

▪ [*Posterior*](#)



OS FRUTOS DO ANO SANTO

16. Mas agora esses milhões de homens - vindos dos quatro pontos cardeais até ao centro da catolicidade a fim de tomarem parte no acontecimento mundial do Ano Santo, de ganharem ó jubileu, de se retemperarem num banho de purificação e de santificação, e de alcançarem, com alegria e o mais perto possível da nascente, as graças das fontes do Salvador (cf. Is 12, 3) - contentar-se-ão porventura com regressar às próprias terras como privilegiados entre centenas de milhões que não puderam gozar tal favor? Contentar-se-ão com repetir-lhes belas coisas, de que foram testemunhas, e com descansar, nestas recordações, das tristes e cotidianas realidades algum tempo esquecidas? Não, de maneira nenhuma. Devem convencer-se agora da missão que lhes toca, ao mesmo tempo honrosa e cheia de responsabilidades: a de se tornarem, por meio da palavra e do exemplo, mensageiros e propagadores desse espírito, que continua a palpitar-lhes no coração.

17. Como árvore no jardim do pai de família, o Ano Santo floriu esplendidamente; e se vemos as suas flores, ao murcharem, cobrir a chão de pétalas, é apenas para deixarem agora crescer e amadurecer os frutos. E bem preciso se torna que estes cresçam e amadureçam! Deles tem o Mundo fome e sede, enquanto as condições de vida e as misérias materiais e espirituais estão bem longe de dar-lhe a legítima satisfação que espera. As necessidades e os cuidados diários ocupam e absorvem todas as energias de tantos corações, que já não encontram nem tempo nem disposição nem gosto para dar aos interesses da alma aquele mínimo, que é dever essencial de todo o cristão.

18. Mesmo onde, com trabalho assíduo, o clero secular e regular, ajudado pela fervorosa colaboração dos, leigos, faz prosperar a vida religiosa, o número dos cristãos espiritualmente pouco alimentados, enfraquecidos ou vacilantes na fé, é ainda tão grande que não pode deixar de preocupar a solicitude maternal da Igreja.

19. Arrancar do estado de letargia, cômoda mas perigosa, esses filhos da Igreja, é dever urgente que se impõe ao apostolado católico.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



OBSTÁCULOS AO APOSTOLADO DA IGREJA

20. Qualquer observador atento, capaz de considerar e apreciar as circunstâncias presentes na sua realidade concreta, fica necessariamente impressionado à vista dos graves obstáculos que se opõem ao apostolado. Do mesmo modo que a massa de lava encandeceste escorre, metro a metro, pelos flancos do vulcão, assim a onda devastadora do espírito do século avança ameaçadora e se propaga em todos os campos da vida e em todas as classes da sociedade.

21. A marcha e o ritmo, e de igual modo os efeitos, variam segundo os diversos países, desde o desconhecimento, mais ou menos cômico, do influxo social da Igreja até à desconfiança sistemática, que sob algumas formas de governo reveste o caráter de hostilidade aberta e de verdadeira perseguição.

22. Temos plena confiança de que os Nossos queridos filhos e filhas terão clarividência e coragem para enfrentar e cumprir resolutamente as obrigações derivadas de tal situação. Sem aspereza, mas também sem debilidade, hão de procurar com os fatos dissipar os preconceitos e suspeitas de bastantes transviados, acessíveis ainda a uma exposição serena e objetiva; far-lhes-ão compreender que - longe de haver a menor incompatibilidade entre a fidelidade devida à Igreja e a dedicação aos interesses e ao bem-estar do povo e do Estado -as duas ordens de deveres, que o verdadeiro cristão deve ter sempre presentes ao espírito, estão intimamente unidas em perfeita harmonia.

23. De propósito passamos em silêncio nesta ocasião certas discordâncias, que se manifestaram recentemente entre católicos e outros grupos religiosos, as quais inoportunamente se infiltraram até no campo das discussões políticas. Esperamos que - à margem de tais polemicas não menos desagradáveis que nocivas - se encontrarão, em todos os grupos não católicos, homens e mulheres de boa vontade que alentem em seus corações desejos que não sejam de desunião nem de discórdia fraterna. A isto os levará a justa preocupação dos perigos que ameaçam presentemente a sagrada herança da fé cristã.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



OS GRANDES AUSENTES

24. Se alguém fosse tentado a perder de vista esta necessidade e dever de união, repare -quanto é possível - no que sucede a alguns povos, fechados numa espécie de muralha de ferro, e observe as condições a que ficaram reduzidos, na vida espiritual e religiosa.

25. Verá milhões de irmãos e irmãs na fé, ligados por antigas e santas tradições de fidelidade a Cristo e de filial adesão a esta Sé Apostólica; verá populações inteiras, cujos feitos heróicos, para garantir a conservação e defesa da própria fé, estão escritos com caracteres indeléveis nos anais da Igreja; vê-los-á, dizemos, despojados muita vez dos direitos civis e da própria liberdade e segurança pessoal, e separados violentamente de toda a comunicação viva, segura e inviolável com o Centro da Cristandade, ainda mesmo para os assuntos mais íntimos de suas consciências, enquanto pesa sobre eles a angústia de se sentirem quase sós e de crerem às vezes que se encontram abandonados.

26. Debaixo da cúpula de Miguel Ângelo - onde ressoavam as vozes dos peregrinos de todos os países livres que, nas línguas mais diversas, entoavam hosanas com as mesmas expressões de fé e os mesmos cantos de júbilo - o lugar deles, estava vazio. Que ausência esta! E como era dolorosa ao coração do Pai comum e aos corações de todos os fiéis unidos na mesma fé e no mesmo amor! Mas eles, os grandes ausentes, estavam mais presentes ainda, precisamente porque naquelas multidões inumeráveis, conscientes da própria fé, parecia bater um só coração e viver uma só alma, causadora da sua unidade misteriosa mas eficaz.

27. A todos estes confessores de Cristo, carregados injustamente de cadeias visíveis ou invisíveis, e vítimas de injúrias pelo nome de Jesus (At 5, 41), enviamos neste fim do Ano Santo a Nossa comovida, carinhosa e paternal saudação. Oxalá possa chegar até eles, atravessar os muros das prisões e os arames farpados dos campos de concentração e dos trabalhos forçados, lá longe, em regiões remotas, impenetráveis aos olhares da humanidade livre, sobre os quais está estendido um véu de silêncio, o qual não conseguirá, porém, impedir o juízo final de Deus nem o veredicto imparcial da história.

28. Pelo nome dulcíssimo de Jesus, Nós os exortamos a suportar generosamente os próprios sofrimentos e as próprias humilhações; prestam assim uma contribuição de valor inestimável à grande cruzada de oração e penitência, que principiará com a extensão do Ano Santo a todo o orbe católico.

29. E, - numa efusão de caridade, segundo o exemplo de Cristo, dos Apóstolos e dos verdadeiros seguidores do Redentor-, atinjam as orações deles e as nossas aqueles mesmos que enfileiram ainda hoje entre os perseguidores.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



A PAZ INTERNA DOS POVOS

30. Volvendo agora o olhar para o futuro, problema primacial e urgente é o da paz interna de cada povo. Infelizmente a luta pela vida, a preocupação do trabalho e do pão dividem em campos adversos homens que habitam a mesma terra e são filhos da mesma pátria. Dum e doutro lado apresentam a exigência, sem dúvida legítima, de serem considerados e tratados não como objetos mas como sujeitos da vida social, sobretudo no Estado e na economia nacional.

31. Por isso, muitas vezes e com insistência cada vez maior, temos Nós apontado a luta contra o desemprego e o esforço pela obtenção duma bem entendida segurança social, como condição indispensável para se unirem num só corpo todos os membros dum povo, dos mais altos aos mais humildes.

32. Sendo assim, ousará acaso lisonjear-se de servir a causa da paz interna, quem procurar ver hoje, nos grupos que se opõem aos seus próprios interesses, a fonte de todas as dificuldades e um obstáculo ao ressurgimento e ao progresso?

33. Ousarão lisonjear-se de servir a causa da paz interna aquelas organizações que, para defender interesses dos seus membros, não recorram já às normas do direito e do bem comum, mas se apoiem na força do número organizado e na fraqueza dos dentais? Ou estes não contam só por não estarem igualmente organizados ou por tenderem a subordinar o uso da força às regras do direito e do bem comum?

34. A paz interna, portanto, não a podem esperar os povos senão de homens que na defesa dos próprios interesses particulares e das próprias opiniões - sejam eles governantes ou governados, chefes ou súditos se não obstinem nem se amesquinhem dentro da própria visão das coisas, mas saibam pelo contrário alargar o horizonte e elevar as vistas ao que exige o bem de todos. A lamentação, que se ouve em bastantes países, de se verem as gerações novas deploravelmente alheias à vida pública, não virá também de, só muito pouco ou muito raramente, lhes ser apresentado o exemplo, belo e fascinados, de homens como os descritos agora?

35. Mais fundo que as inegáveis dificuldades políticas e econômicas, esconde-se pois outra miséria, mais grave ainda, a espiritual e moral: grande número de espíritos tacanhos e corações mesquinhos, de egoístas e oportunistas, desses que se associam ao mais poderoso do momento, que se deixam levar - seja ilusão ou pusilanimidade - pelo espetáculo das grandes -assas, pelos clamores da opinião pública ou pelo delírio da excitação. Por iniciativa própria, não dariam eles um só passo para caminhar decididamente à luz do espírito de Deus e dos princípios eternos, com imperturbável confiança na Providência. No esquecimento deste dever dum cristianismo vivo está a miséria verdadeira e íntima dos povos.

36. Como o cupim vai devorando as casas, assim esta miséria corrói interiormente os povos e os torna incapazes da própria missão. Foi assim que os fundamentos do regime industrial capitalista sofreram mudanças essenciais, aceleradas pela guerra mas de há muito preparadas. Povos que durante séculos haviam sido dominados, abrem o caminho da própria independência; outros, até agora privilegiados procuram conservar a própria situação por caminhos antigos e novos... O anseio, cada vez mais forte e generalizado, dum segurança social, não passa da repercussão dum estado de espírito de povos, em cujo seio muitas coisas, que eram ou pareciam tradicionalmente inabaláveis, se tornaram caducas e incertas.

37. E esta comunhão de incertezas e de perigos, criada pelas circunstâncias, por que não produz também, dentro de cada povo, a natural solidariedade? As preocupações de quem dá trabalho não são acaso, sob este aspecto, as mesmas dos operários? A produção industrial não está hoje mais que nunca ligada à produção agrícola, pelo influxo recíproco dos destinos de ambas? E vós, vós que permaneceis insensíveis ante as angústias do prófugo, errante e sem lar, não vos deveríeis sentir solidários com ele, uma vez que amanhã poderá ser igual a vossa sorte?

38. Por que não se há de tornar para todos caminho de salvação esta solidariedade de quantos vivem desassossegados e em perigo? Por que não há de este espírito de solidariedade constituir ponto de apoio da ordem natural da sociedade, nas suas três formas essenciais - família, propriedade e Estado -para chamá-las a uma colaboração orgânica, adaptada às condições do presente? As condições do presente dizemos, pois, não obstante todas as

dificuldades, elas são sempre um dom de Deus destinado a robustecer o nosso espírito cristão.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



A PAZ EXTERNA

39. Os homens desprovidos deste sentido cristão e - ou cegamente agarrados ao passado ou fanaticamente inclinados diante " do ídolo, muitas vezes quimérico, do futuro, mas uns e outros descontentes do presente - eis um grave perigo tanto para a paz interna dos povos como para a paz externa.

40. Não pretendemos aqui aludir ao agressor que vem de fora com orgulho da sua força e desprezo de todo o direito e de toda a caridade. Armas poderosíssimas e, por assim dizer, tropas auxiliares encontra-as ele no interior do País; são as crises dos povos e as suas faltas de coesão espiritual e moral.

41. E' preciso, portanto, que as nações se não deixem levar por motivos de prestígio próprio ou por idéias antiquada, que originem dificuldades políticas e econômicas ao reforço interno dos outros povos não se preocupando com o perigo comum de todos.

42. E' preciso compreenderem que os naturais e mais fiéis aliados hão de vir donde o pensamento cristão, ou .pelo menos a fé em Deus, têm valor ainda mesmo nos negócios públicos, e não tomarem como base única um suposto interesse nacional ou político, desprezando ou não tendo em conta as diferenças profundas na concepção fundamental do mundo e da vida.

43. Sugere-Nos estas advertências a vista do equívoco e da irresolução na frente dos amigos sinceros da paz, mesmo diante de perigo tão grave. E, já que temos a peito o bem de todas as Nações, pensamos que o único meio para a defesa da paz ou a melhor garantia do seu restabelecimento é a estreita união de todos os povos, senhores dos seus destinos, unidos por sentimentos de confiança recíproca e de mútuo auxílio.

44. Infelizmente, porém, nas últimas semanas, aprofundou-se mais ainda a linha de fratura, que, no mundo externo, divide em campos opostos toda a comunidade internacional, ficando em perigo a paz do mundo. Nunca a história humana conheceu discórdia mais gigantesca, cujas dimensões se medem pela própria vastidão da terra. Num lastimoso conflito, que hoje se produzisse, as armas seriam tão exterminados que tornariam a terra, por assim dizer,

inanis et vacua (Gèn I, 2), solidão e caos, semelhante ao deserto não da origem mas sim do ocaso. Todas as nações seriam envolvidas no conflito, que iria por sua vez repercutir-se e multiplicar-se entre os cidadãos do mesmo País, pondo em perigo extremo todas as instituições civis e os valores do espírito, uma vez que o dissídio abrange agora todos os problemas, até os mais difíceis, que noutros tempos se debatiam separadamente.

45. Em razão da sua gravidade, exige imperiosamente o cruel e iminente perigo que se aproveite qualquer oportunidade de fazer triunfar a prudência e a justiça, sob o signo da concórdia e da paz. Sirva este perigo para reavivar sentimentos de bondade e compaixão com todos os povos, que aspiram sincera e unicamente à paz e à tranqüilidade da vida. Torne a reinar a confiança recíproca nos organismos internacionais, a qual pressupõe sinceridade de intenções, e lealdade na discussão. Abram-se as barreiras, rompam-se as vedações, conceda-se a cada povo o direito de observar a vida de todos os outros, e desapareça o isolamento de alguns países em relação ao resto do mundo civilizado, donde nascem tantas dificuldades para a causa da paz.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



SOLICITUDE DA IGREJA PELA PAZ DO MUNDO

46. Quanto desejaria a Igreja concorrer para aplanar o caminho deste contacto entre os povos! Diante dela, Oriente e Ocidente não representam princípios opostos, mas participam duma herança comum, para a qual ambos contribuíram notavelmente e são ainda chamados a contribuir no futuro. Por força da sua divina missão, ela é mãe de todos os povos, fiel auxiliadora e guia experimentada de todos os que procuram a paz.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



GRANDÍSSIMA INJUSTIÇA

47. Apesar de tudo - com a maior injustiça! - em círculos bem conhecidos é-Nos lançada a acusação de querermos a guerra e de colaborarmos para ela com Potências "imperialistas" que, segundo se afirma, esperam mais na força de engenhos bélicos homicidas do que na aplicação do direito.

48. Que havemos de responder a tão cruel ultraje? Perscrutai os doze anos agitados do Nosso Pontificado, examinai cada palavra articulada pelos Nossos lábios e cada período saído da Nossa pena: não entrareis senão incitamentos à paz.

49. Recordai em particular o fatal mês de Agosto 1939, quando, ao tornarem-se mais violentos os tem dum sangrento conflito mundial, elevávamos a N voz das margens do Lago de Albano, conjurando, nome de Deus, governantes e povos a resolverem as suas dissensões por meio de comuns e leais acordos. Nada se perde com a paz, tudo se pode perder com a guerra! exclamamos então.

50. Disponde-vos a considerar tudo isto com ânimo sereno e reto, e tereis de reconhecer que se há ainda neste mundo, oprimido por interesses encontrados, algum porto seguro em que a pomba da paz possa vir pousar tranqüilamente - é sem dúvida aqui, neste território consagrado pelo sangue do Apóstolo e dos mártires, onde o Vigário de Cristo não conhece dever mais santo nem missão mais agradável do que ser infatigável propugnador da paz.

51. Assim temos procedido no passado. Assim procederemos no futuro, enquanto aprouver ao divino Fundador da Igreja conservar sobre os Nossos débeis ombros a dignidade e o peso de Pastor supremo.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



RECURSO À ORAÇÃO

52. Longo, acidentado e espinhoso é o caminho que leva à verdadeira paz. Mas a grande maioria dos homens está pronta de boa vontade a suportar todos os sacrifícios, contanto que seja poupada à catástrofe de nova guerra. Tão grande porém é a empresa e tão débeis os meios puramente naturais, que os Nossos olhares se voltam para o alto e as mãos se erguem suplicantes para a majestade d'Aquele, que do esplendor da Divindade desceu até nós e se fez como "um de nós".

53. O poder do Senhor - que dirige o coração dos governantes para onde lhe apraz, como rios de água a que determina o curso (cf. Prov 21, 1) - pode deter a tempestade, que agita o barco em que se encontram temerosos não só os companheiros de Pedro mas a humanidade inteira. Todavia, para os filhos da igreja é dever sagrado implorarem, com orações e sacrifícios, que o Senhor do mundo, Jesus Cristo, Deus bendito nos séculos (Rom 9, 5), impere aos ventos e ao mar, e conceda ao gênero humano atormentado a tranquillitas magna (Mt 8, 26) da verdadeira paz.

54. Com estes sentimentos, a vós amados filhos e filhas, e a todos os que no vasto mundo ouvem a Nossa voz, concedemos de coração a Bênção Apostólica.

▪ [*Anterior*](#)

▪ [*Índice*](#)



Pio XII

RADIOMENSAGEM DE NATAL DE 1951

SOBRE A IGREJA E A PAZ

INTRODUÇÃO: SUA VE FESTIVIDADE

1. Já pela décima terceira vez Nos concede a graça do Eterno e Sumo Sacerdote dirigir desta augusta Sé a Nossa palavra ao universo católico na solenidade das festas do Natal. Tão doce festividade permite-Nos cada ano transmitir a todos os fiéis do mundo a nossa paternal saudação, com o sentimento profundo desse laço misterioso, que, junto do presépio do Salvador, congrega entre si - na fé, na esperança e no amor - as almas remidas por Cristo.

2. Diante do ruir de tantas instituições terrenas, da falência de tantos programas caducos, o Espírito de Deus sustenta a Igreja sua Esposa, enche-a de plenitude de vida e vigor de juventude, que se renova sem cessar e revela, cada vez mais luminosamente, o caráter sobrenatural que ela possui: inefável conforto para todos os crentes, indecifrável enigma para os inimigos da fé.

3. Mas, por maior que seja a alegria de Nos sentirmos, neste novo encontro natalício, ao lado dos fiéis de todos os continentes, - e, além desses, ao lado de todos os que Nos estão unidos pela fé em Deus, as duras realidades do momento projetam sobre tão alegre festividade a sombra triste de nuvens que continuam a pesar ameaçadoras sobre o mundo.

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



O CONTRIBUTO DA IGREJA PARA A CAUSA DA PAZ.

4. Bem sabemos a íntima satisfação e a docilidade incondicional com que os nossos devotos filhos ouvem sempre a voz do Pai comum; mas também não ignoramos com que ânsia eles esperam de novo uma palavra Sua a respeito do importante assunto da paz, que emociona e agita os corações, palavra que seja exata e concreta, em especial no tocante ao contributo da Igreja para a causa dessa paz; quer dizer, esperam que lhes digamos em que não pode consistir esse contributo; em que pode e deve consistir; e em que consiste de fato.

Digne-se inspirar as Nossas palavras o Pai celeste, que, no nascimento do Seu divino Filho, enviou à terra coros de anjos a cantarem a paz.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



EM QUE NÃO PODE ENTÃO CONSISTIR O CONTRIBUTO DA IGREJA PARA A CAUSA DA PAZ. SUPOSTA NEUTRALIDADE POLÍTICA DA IGREJA.

5. As condições presentes exigem de Nós um juízo franco e sincero dos fatos. Estes, de fato, atingiram tal gravidade que nos obrigam a ver o mundo dividido em dois campos opostos, e a humanidade inteira dividida em dois grupos tão profundamente separados, que dificilmente se permite a mínima liberdade de manter qualquer atitude de neutralidade política entre as partes adversas.

6. Ora, os que erroneamente consideram a Igreja potência terrena como as outras, uma espécie de império mundial, facilmente chegam a exigir dela, como das demais, a renúncia à neutralidade e a opção definitiva a uma das partes contrárias. Não é lícito todavia pretender que a Igreja renuncie à neutralidade política, pela simples razão de ela não poder vir a colocar-se ao serviço de interesses puramente políticos.

7. Nem se vá crer que se está a jogar com palavras ou conceitos. Basta possuir uma noção elementar do fundamento em que se baseia a Igreja como sociedade, para compreender o Nosso pensamento, sem necessidade de explicações ulteriores. O divino Redentor fundou a Igreja para comunicar à humanidade a sua verdade e a sua graça, até ao fim dos tempos. A Igreja é o seu "corpo místico". E' toda de Cristo e Cristo de Deus (cf. 1 Cor 3, 23).

8. Políticos, e porventura até homens da Igreja, que pretendessem tornar a Esposa de Cristo aliada sua ou instrumento das suas combinações políticas, nacionais ou internacionais, iriam contra a essência mesma da Igreja e prejudicar-lhe-iam a vida; numa palavra, abaixá-la-iam até ao plano de debate dos conflitos movidos por interesses temporais. E isto é sempre verdade, ainda quando se realiza por fins e interesses em si legítimos.

9. Quem portanto quisesse apartar a Igreja da sua suposta neutralidade, ou fazer pressão sobre ela na questão da paz, ou diminuir-lhe o direito de determinar livremente se quer tomar partido nos vários conflitos, quando e como, não lhe facilitaria com isso a cooperação na obra da paz. A Igreja de fato não pode nunca pronunciar-se em coisas políticas por motivos puramente políticos,

mas só "sub specie aeternitatis", à luz da lei divina, da sua ordem, dos seus valores e das suas normas.

10. Potências e instituições puramente terrenas não raro saem da neutralidade para declarar-se hoje por um campo e amanhã talvez pelo oposto. jogo de combinações, que pode explicar-se pela variação incessante de interesses temporais. Mas a Igreja mantém-se longe de tais combinações mudáveis. Se é verdade que chega a pronunciar-se, não o faz porque abandone a neutralidade anteriormente observada, mas porque Deus não é nunca neutral a respeito das coisas humanas e do curso da história, e portanto também o não pode ser a sua Igreja. Se esta fala, é em virtude da sua missão divina, imposta por Deus. Se fala e julga de problemas do dia, fá-lo com clara consciência de antecipar, por virtude do Espírito Santo, as sentenças que no fim dos tempos serão confirmadas e sancionadas pelo seu Senhor e Cabeça, juiz do universo.

11. Esta é a função própria e sobre-humana da Igreja com respeito às coisas políticas. Que quer, portanto, dizer essa frase vazia que lhe exige renúncia à neutralidade?

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



A IGREJA NÃO JULGA POR CRITÉRIOS EXCLUSIVAMENTE POLÍTICOS.

12. Outros, ao invés, querem impor-lhe neutralidade para bem da paz. Mas os que assim pensam carecem também de idéia exata sobre o posto que a Igreja ocupa no curso dos grandes acontecimentos mundiais.

13. Ela não pode descer da alta esfera sobrenatural, que não conhece neutralidade política - no sentido que toma o conceito quando aplicado às Potências terrenas: - o que não destrói, porém, mas pelo contrário reforça, a parte por ela tomada nas angústias e nos trabalhos dos seus membros divididos por um e outro campo, nem lhe destrói a inquietação que sente pela luta de opiniões e anseios dentro das suas próprias fileiras. A Igreja não pode prestar-se a julgar por critérios exclusivamente políticos; nem ligar os interesses da religião a tendências comandadas por fins puramente terrestres; nem dar ocasião a que se duvide com fundamento sobre o seu caráter religioso; nem ainda esquecer, um momento sequer, que a sua qualidade de representante de Deus na terra não lhe permite ficar indiferente, um instante que seja, entre o "bem" e o "mal" nas coisas humanas. Se isto lhe fosse pedido, ela teria de negar-se, e os fiéis duma parte e da outra deveriam, levados pela fé e esperança sobrenaturais, compreender e respeitar esta sua atitude.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



SENDO ASSIM, EM QUE CONSISTIRA O CONTRIBUTO QUE A IGREJA PODE E DEVE PRESTAR A CAUSA DA PAZ?

14. Não pode ser exclusivamente político, nem a Igreja se coloca, em virtude da sua posição e finalidade, no mesmo campo dos vários Estados, sejam eles amigos, adversários ou neutros, e difiram embora por idéias e tendências políticas. Mas qual deverá ser então, perguntamos de novo, o seu contributo para a paz? E qual o título jurídico e a natureza específica desse contributo?

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



O TÍTULO JURÍDICO E A NATUREZA DA MISSÃO PACIFICADORA DA IGREJA.

15. Título jurídico? Olhai. Em lugar algum o encontrareis tão claro e tão palpável como no presépio de Belém. O Menino, que nele se reclina, é o Filho eterno de Deus feito homem, e o seu nome é "Princeps pacis", o Príncipe da paz. Príncipe e instituidor da paz, tal é o caráter do Salvador e Redentor de todo o gênero humano. A sua missão, alta e divina, é estabelecer a paz entre cada um dos homens e Deus, entre os homens uns com os outros e entre as nações.

16. Esta missão e este propósito de paz não nascem, porém, de pusilanimidade e fraqueza, capazes de opor ao mal e aos maus apenas resignação e paciência. Tudo na fragilidade do Menino de Belém é oculta majestade e força represada, retida apenas pelo amor, as quais tornam os corações dos homens capazes de promover e conservar a paz, e lhes dão vigor para vencer e dissipar tudo o que poderia comprometê-la.

17. Mas o nosso Divino Salvador é também Cabeça invisível da Igreja; e por isso a missão de paz que tem, continua a subsistir e a exercer-se na igreja. Cada ano o regresso do Natal reaviva nesta a íntima consciência do título que a habilita a contribuir para a obra da paz, título único, que transcende todas as coisas terrenas e deriva imediatamente de Deus, título que é elemento essencial da sua natureza e do seu poder religioso.

18. De novo se prostra a Igreja este ano diante do presépio, e recebe do Divino Infante a missão do Príncipe da paz. Junto dele, embebe-se dos sentimentos de verdadeira humanidade, verdadeira no sentido mais pleno da palavra, porque é a própria humanidade de Deus, seu Criador, Redentor e Restaurador. Fixos com afeto os olhos no rosto do Príncipe da paz, infinitamente amável, ela sente o latejar do seu coração a anunciar o amor que abraça todos os homens, e inflama-se de ardente zelo pela missão pacificadora do seu Senhor e Cabeça, missão que é também da Igreja.

19. A consciência desta missão revelou-se sempre viva e ativa na Igreja, especialmente no Romano Pontífice, sua cabeça visível; por isso o Nosso grande predecessor Leão XIII lembrou com pleno direito a ação pacificadora dos Papas, quando em 1899, na véspera

da primeira Conferência da paz, pronunciou estas palavras: "E o que os moveu (aos Romanos Pontífices) foi a consciência dum ministério altíssimo, foi o impulso dum espiritual paternidade que irmana e salva!" (Alocução ao Sacro Colégio dos Cardeais, 11 de Abril de 1899. Leonis XIII P. M. Acta, vol. XIX, Romae, p. 271). E ainda hoje se dá o mesmo, como dissemos.

20. Quando, porém, a Igreja e o seu Supremo Pastor se volvem da intimidade - suave, pacificadora e reconfortante - do Menino de Belém, para contemplar o mundo que vive longe de Cristo, sentem-se repassados por uma corrente de ar gelado. Esse mundo não fala senão de paz, mas... não tem paz; reivindica para si, a fim de estabelecer, todos os títulos jurídicos possíveis e impossíveis, mas não conhece ou não reconhece a missão pacificadora que emana imediatamente de Deus, a missão de paz da autoridade religiosa da Igreja.

21. Pobres míopes, cujo restrito campo visual não se estende além das possibilidades que se podem encontrar na hora presente, nem ultrapassa as cifras das possibilidades militares e económicas! Como haviam eles de fazer a menor idéia do peso e importância da autoridade religiosa na solução dos problemas da paz? Espíritos superficiais, incapazes de ver, em toda a verdade e amplitude, o valor e a força criadora do Cristianismo, como não haveriam de sentir ceticismo e desprezo a respeito do poder pacificador da igreja? Outros porém - e queira Deus sejam maioria - dar-se-ão conta, mais ou menos conscientemente, que esbulhando a autoridade religiosa da Igreja dos requisitos para uma ação eficaz em favor da paz, só se conseguiu tornar mais profunda a condição trágica do conturbado mundo hodierno.

22. O abandono da fé cristã levou não poucos a este quase intolerável excesso. E poder-se-ia dizer que Deus, ao delito do afastamento de Cristo, respondeu com o flagelo dum ameaça permanente à paz e com o pesadelo angustioso da guerra. Incomparável, como o seu título jurídico, para a obra da paz, é ainda assim o valor do contributo que a Igreja lhe presta.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



RELAÇÕES DA IGREJA COM OS ESTADOS.

23. A Igreja não é uma sociedade política mas religiosa; não obstante, tem com os Estados relações não só exteriores mas também internas e vitais. Fundada por Cristo como sociedade visível, encontra-se como tal, com cada Estado no mesmo território, cuida dos mesmos homens, e, em muitas formas e sob vários aspectos, usa os mesmos bens e as mesmas instituições.

24. Mas, a estas relações, exteriores e quase naturais por causa da convivência humana, juntam-se outras internas estas e vitais, que

têm o seu princípio e origem na pessoa de Jesus Cristo enquanto Cabeça da Igreja. Pois o Filho de Deus, ao fazer-se homem e verdadeiramente homem, entrou por isso mesmo em nova relação verdadeiramente vital com o corpo social da humanidade, com o gênero humano, que na sua unidade implica a igual dignidade pessoal de todos os homens; e entrou ainda em nova relação com as múltiplas sociedades particulares, sobretudo com aquelas que, no seio dessa unidade, são necessárias para assegurar-lhe a ordem externa e a boa organização, ou que pelo menos lhe dão maior aperfeiçoamento natural.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



A SOCIEDADE DOS ESTADOS.

25. Estas sociedades são, em primeiro lugar, a família, o Estado e também a Sociedade dos Estados, porque o bem comum, fim essencial de cada um destes, não pode existir nem conceber-se sem relação intrínca deles com a unidade de gênero humano. Sob este aspecto, a união indissolúvel dos Estados é postulado natural, um fato que aos mesmos se impõe e ao qual eles, embora alguma vez com hesitações, se submetem como a voz da natureza, esforçando-se outrossim por dar a essa união mútua um regulamento exterior estável ou seja uma organização.

26. Por sua natureza, devido à índole social do homem, e não obstante todas as sobras como ensina a história, o Estado e a Sociedade dos Estados, com a sua estrutura orgânica são formas da unidade e ordem que deve reinar entre os homens, formas necessárias para a própria vida humana e eficaz fator do seu aperfeiçoamento. O próprio conceito dessas organizações diz tranquilidade na ordem, aquela "tranquillitas ordinis", que é a definição da paz dada por santo Agostinho, pois são essencialmente organizações de paz.

27. Com elas assim concebidas Jesus Cristo, Príncipe da Paz, entrou em nova e íntima relação que vitalmente as eleva e consolida. E esta nova relação persevera na Igreja na qual Ele continua a viver. Nisto está o fundamento do singular contributo em favor da paz oferecida pela Igreja em virtude da sua natureza, quer dizer, quando a sua existência e ação entre os homens tem o lugar que lhes compete.

28. E como se efetua tudo isto senão mediante o contínuo, luminoso e confortante influxo da graça de Cristo sobre a inteligência e a vontade dos cidadãos e dos seus Chefes? Leva-os, com efeito, a reconhecerem e procurarem realizar as finalidades estabelecidas pelo criador em todos os campos da convivência humana, a esforçarem-se por dirigir a esses objetivos a colaboração dos indivíduos e dos povos, e a exercerem a justiça e a caridade social no interior dos Estados e nas mútuas relações que os unem.

29. Se a humanidade, conformando-se com a vontade divina, lançar mão deste meio seguro de salvação que é a perfeita ordem cristã do mundo vera bem cedo desfazer-se praticamente até a possibilidade

da guerra mesmo justa, que deixara de ter razão de ser desde que esteja garantido o funcionamento da Sociedade dos Estados, como genuína organização de paz.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



QUAL É, FINALMENTE, O CONTRIBUTO PRÁTICO QUE A IGREJA PRESTA A CAUSA DA PAZ? A ORDEM CRISTÃ, FUNDAMENTO E GARANTIA DA PAZ.

30. As últimas palavras mostraram claramente o Nosso pensamento. Hoje ainda, como outras vezes o fizemos, ante o presépio do divino Príncipe da Paz, vemo-Nos na necessidade de declarar: o mundo está bem longe da ordem querida por Deus em Cristo, ordem que é garantia da paz real e duradoura.

31. Dir-se-á talvez que, sendo assim, não vale a pena traçar as grandes linhas de tal ordem do mundo e realçar o contributo fundamental da Igreja para a consolidação da paz. Objetar-se-á, em segundo lugar, que deste modo não fazemos senão estimular o cinismo dos cépticos e aumentar o desânimo dos amigos da paz, não podendo esta ser defendida senão com o recurso aos valores eternos do homem e da humanidade. Opor-se-nos-á, enfim, que damos efetivamente razão, na causa da paz, aos que vêem a última e definitiva palavra na "paz armada", solução deprimente para as forças econômicas dos povos e exasperante para os nervos.

32. Se se quiser, porém, ver o centro do problema tal como se apresenta no momento atual; se se quiser, não só na teoria mas também na prática, fazer idéia do contributo que todos, e em primeiro lugar a Igreja, podem verdadeiramente prestar, ainda em conjunturas desfavoráveis e a despeito dos cépticos e dos pessimistas, julgamos indispensável fixar os olhos na ordem cristã, perdida de vista por muitos hoje em dia.

33. Este olhar convencerá principalmente todo o observador imparcial que o centro do problema da paz é hoje de ordem espiritual, é falta ou defeito espiritual. Escasseiam sobremaneira no mundo de hoje as convicções profundamente cristãs; são muito poucos os verdadeiros e perfeitos cristãos. E assim, são os próprios homens que põem obstáculos à realização da ordem querida por Deus.

34. Mas é preciso que cada um se persuada desse caráter espiritual inerente ao perigo duma guerra. Inspirar esta persuasão é dever em primeiro lugar da Igreja, e é este hoje o seu primeiro contributo para a paz.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



AS ARMAS MODERNAS.

35. Também Nós - e mais que ninguém - deploramos a monstruosa crueldade das armas modernas. Deploramo-la e não cessamos de pedir que não venham a ser usadas. Doutra parte, porém, não é porventura uma espécie de materialismo prático, de sentimentalismo superficial, o considerar, no problema da paz, unicamente ou principalmente a existência e a ameaça de tais armas, fazendo caso omissso da ausência da ordem cristã, que é a verdadeira garantia da paz?

36. Daqui, entre outros motivos, as divergências e até as inexatidões sobre a liceidade ou iliceidade da guerra moderna. Daqui igualmente a ilusão de certos políticos que se fiam demasiado na existência ou remoção de tais armas. Também a elas com o tempo se vai perdendo o medo. Ou, pelo menos, não bastaria esse pavor para suster no momento o desencadear duma guerra, especialmente onde os sentimentos dos cidadãos contam pouco nas determinações dos Governos.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



O DESARMAMENTO.

37. Por outro lado, o desarmamento, ou seja, a redução simultânea e recíproca das armas, sempre aliás desejada e solicitada por Nós, é garantia pouco sólida duma paz duradoura, se não for acompanhada da abolição das armas do ódio, da cobiça e da imoderada ambição de predomínio. Em outros termos, quem une demais a questão da paz com a das armas materiais comete o erro de descuidar o aspecto principal e espiritual do perigo duma guerra, a sua visão não vai além dos números e limita-se necessariamente ao momento em que o conflito ameaça desencadear-se. Embora amigo da paz, chegará sempre tarde demais para salvá-la.

38. Se se quiser de verdade impedir a guerra, dever-se-á antes de tudo procurar a cura da anemia espiritual dos povos e da inconsciência sobre a própria responsabilidade perante Deus e os homens, fruto da falta de orientação cristã do mundo, a qual é o único esteio firme da paz. A isto se dirigem presentemente os esforços da Igreja.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



A ORDEM CRISTÃ, ORDEM DE LIBERDADE.

39. Mas a Igreja esbarra aqui numa dificuldade particular, originada das presentes condições da sociedade. O esforço pela ordenação cristã do mundo, enquanto fator principal de pacificação, é ao mesmo tempo estímulo a que se forme justo conceito da verdadeira liberdade. Porque a ordem cristã, enquanto organização de paz, é essencialmente ordem de liberdade. E' o concurso solidário de homens e povos livres, dirigidos a realizar progressivamente, em todos os campos da vida, os desígnios de Deus sobre a humanidade. E' fato doloroso porém que hoje não se estima, ou já não se possui a verdadeira liberdade. Em tais condições, a convivência humana, como ~ organização de paz, internamente acha-se enfraquecida e lânguida, e externamente em perigo constante.

40. Aqueles, por exemplo, que no campo econômico ou social, desejam fazer cair tudo sobre a sociedade, até mesma a direção e segurança das próprias existências, ou esperam hoje o alimento espiritual cotidiano cada vez menos de si próprios - isto é, das próprias convicções e conhecimentos - e cada vez mais tudo já preparado pela imprensa, rádio, cinema e televisão, como hão de ter conceito da verdadeira liberdade, como a hão de estimar e desejar, se ela desapareceu das suas vidas?

41. Não passam de simples rodas nos diversos organismos sociais, deixaram de ser homens livres capazes de assumir e aceitar uma parte de responsabilidade na administração pública. Por isso, se os ouvimos gritar - Abaixo a guerra!, - como havemos de ter confiança? Em verdade, não é a voz deles, é a voz anônima do grupo social a que estão ligados.

42. Esta é a condição dolorosa que peia igualmente a ação da Igreja nos seus esforços de pacificação, no seu. apelo à consciência da verdadeira liberdade humana, elemento indispensável, na concepção cristã, da ordem social enquanto organização de paz. Seria vão repetir tal apelo a homens destituídos dessa consciência e mais inútil ainda dirigi-lo a uma sociedade reduzida a puro automatismo.

43. Tal é por desgraça a fraqueza generalizada dum mundo que tem gosto de chamar-se com ênfase "mundo livre". Mas ilude-se ou não

se conhece a si mesmo: a sua força não está na verdadeira liberdade. E' novo perigo, ameaçador da paz, que é necessário denunciar à luz da ordem social cristã. Dai deriva também, em bastantes homens de autoridade no chamado "mundo livre", certa aversão contra a Igreja, considerada como reclamadora importuna de alguma coisa não possuída mas ambicionada, que, por estranha inversão das idéias, com injustiça se pretende que ela própria não mostra: queremos dizer a estima e o respeito da genuína liberdade.

44. Mas o convite da Igreja encontra ainda menor ressonância no campo oposto. Neste, de fato, pretende-se estar de posse da verdadeira liberdade, porque a vida social não se agita ao sabor da inconsciente quimera do indivíduo autônomo, nem torna a ordem pública indiferente :) mais possível aos valores que apresentam como absolutos, mas tudo está estreitamente ligado e dirigido para a conservação e desenvolvimento duma determinada coletividade.

45. O resultado porém do sistema aludido não tem sido feliz, nem se tornou nele mais fácil a ação da Igreja, porque nele é ainda menos defendido o verdadeiro conceito da liberdade e da responsabilidade pessoal. E como poderia ser de outro modo onde Deus não ocupa o seu posto soberano, nem gravitam à sua volta a vida e atividade do mundo? A sociedade não passa neste caso de enorme máquina, cuja ordem é só aparente, porque deixou de ser a ordem da vida, do espírito, da liberdade e da paz. Como numa máquina, a sua atividade exerce-se materialmente, destruindo a dignidade e a liberdade humana.

46. Numa sociedade assim, o contributo da Igreja para a paz e a sua recomendação duma ordem verdadeira, dentro da verdadeira liberdade, encontram-se em condições bastante desfavoráveis. Os pretensos valores sociais absolutos podem, ainda assim, entusiasmar certos jovens em momento tão importante da vida, enquanto outros e não poucos no campo adverso, desiludidos prematuramente por experiências amargas, se entregam ao ceticismo, ao tédio e ao desinteresse pela vida pública e social.

▪ [*Anterior*](#)

▪ [*Índice*](#)

▪ [*Posterior*](#)



OS BONS SERVIÇOS DA SANTA SÉ NA SOLUÇÃO PACÍFICA DOS CONFLITOS.

47. A paz, como dissemos, não pode ser assegurada se Deus não reina na ordem do universo por ele estabelecida na sociedade devidamente organizada dos Estados, fomentando cada um deles internamente a paz dos homens livres e de suas famílias, e externamente a dos povos, de que a Igreja, no seu campo de ação e segundo o seu dever, se constitui fiadora. Tal foi sempre o desejo de homens grandes e prudentes, mesmo fora dela, e ultimamente ainda por ocasião do Concílio Vaticano (Conc. Vat. Postulata Patrum, de re militari et bello - Coll. Lac. t. 7 n. 9 p. 861-866).

48. Entretanto a Igreja presta o seu contributo para a paz despertando e estimulando o conhecimento prático do fundo espiritual do problema; fiel ao espírito do seu Fundador e à sua missão de caridade, ela empenha-se, segundo as suas possibilidades, em oferecer os próprios serviços onde quer que vê surgir qualquer ameaça de conflito entre as nações. Esta Sé Apostólica, em particular, não se furtou nunca nem se furtará a tal dever.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



A IGREJA DO SILÊNCIO.

49. Nós bem sabemos, e deploramo-lo com coração profundamente aflito, que o nosso convite de paz só chega amortecido a vastas regiões do globo, onde encontra apenas uma "Igreja do silêncio". Milhões de homens estão impedidos de professar abertamente diante de Deus as suas responsabilidades em favor da paz. Dos seus próprios lares e das igrejas, até a tão íntima e familiar tradição do presépio foi banida pelo despótico arbítrio de poderosos. São milhões os homens que se encontram impossibilitados de exercer influxo cristão em prol da liberdade moral e da paz, porque liberdade e paz são hoje monopólio de perturbadores de profissão e de adoradores da força.

50. Ainda assim, mesmo com os braços presos e os lábios cerrados, a "Igreja do silêncio" responde magnificamente ao nosso apelo. Indica com o olhar sepulturas ainda frescas de seus mártires e cadeias de confessores, na esperança de o seu mudo holocausto e de os seus sofrimentos serem a mais forte ajuda para a causa da paz, por constituírem a mais alta invocação e o mais poderoso título para obter, do Príncipe divino da paz, graça e misericórdia para que se cumpra sua missão. Da pacem, Domine, in diebus nostris!

▪ [*Anterior*](#)

▪ [*Índice*](#)

Pio XII

RADIOMENSAGEM DE 31 DE DEZEMBRO DE 1951

AOS DETIDOS NOS INSTITUTOS PENAIS

AOS DETIDOS NOS INSTITUTOS PENAIS

1. Vínculos especiais de paternal amor Nos ligam a todos os que sofrem, e, nessa solicitude assídua, vós não sois os últimos, diletos filhos e filhas da Itália e do mundo, vós que gemeis nos Institutos penais, para onde vos levaram, através de caminhos amargos, circunstâncias inexplicáveis por vezes até a vós próprios.

2. Mas nestes dias de solenidades natalícias, de que todo o cristão recolhe motivos de alegria, Nós sentimo-Nos mais perto de vós, porque vos vemos em maiores anseios de conforto e de clarões de esperança, no meio da solidão e das trevas.

3. E estamos também ao lado das vossas famílias, não raro desprovidas, com a vossa ausência, não só do pão mas também da alegria própria do Natal, que está em gozar dos sagrados mistérios da infância de Jesus no aconchego quente e afetuoso do santuário doméstico.

4. Mas, se esta doçura vos é negada alguma vez pelo rigor da justiça humana, outros confortos mais profundos e verdadeiros vos oferece o recém-nascido divino, deitado em dura palha por nosso amor, esse Jesus invocado com razão por todos, e em especial por vós, com as palavras da liturgia do Advento: "Veni, et educ vinctum de domo carceris" - Vem e solta o preso do cárcere (Ant. O Clavis; cf. Is 42, 7).

5. Todos, cá na terra, somos de algum modo réus e prisioneiros. Para todos veio Jesus. Mas para vós, veio-vos trazer uma libertação mais nobre e íntima, aquela que redime do jugo e das cadeias das paixões e do pecado, para levar a paz do espírito anunciada na Noite santa. Esta libertação opera o interior renovamento da vida, e conduz até à luz restauradora duma Epifania de redenção.

6. Se conseguirdes, nas asas da fé, libertar-vos das penas que vos afogam, não só gozareis essas alegrias secretas, mas de tal modo as possuireis que nada vo-las conseguirá nunca roubar: nem adversidades, nem asperezas do cárcere, nem possíveis erros da justiça terrena, nem incompreensões dos homens, nem sequer o remorso, pois este transformar-se-á, pela graça, em salutar e consolador arrependimento.

7. Reprovando e renegando alguns de vós, no mais íntimo da alma, um triste passado, vê-lo-ão destruído por completo pela fé e pelo amor; e, com a iluminação e elevação da fé, todos reconheceréis a vaidade do mundo à luz do espírito cristão, e descobrireis, na vossa condição presente, ocasiões preciosas e fontes sumamente fecundas de grandíssimos bens. Que providencial desígnio não poderá realizar-se em vós, se vos entregardes humildemente e de bom grado nas mãos de Deus, severas hoje sem dúvida, mas sempre benéficas!

8. Ainda que se tenha dado convosco, por assim dizer, "um mistério de iniquidade", Nós, pelo conhecimento que temos da fragilidade e fraqueza incomensurável, que muitas vezes cega o espírito humano, Nós compreendemos o triste drama que pode ter-vos surpreendido e enredado num concurso infeliz de circunstâncias. Nem sempre serão elas inteiramente imputáveis ao vosso livre alvedrio, se bem que as leis humanas, pela sua natural imperfeição, não possam ter em conta todas as atenuantes que diminuem a responsabilidade, nem consigam, menos ainda, perdoar todas as fraquezas. Seja como for, a vós pertence fazer que surja no vosso espírito um fulgor de redenção, análogo ao que rodeou Jesus, quando, na sua inocência, veio tomar sobre si as nossas culpas.

9. Assim, cada um de vós se tornará agente consciente da própria ressurreição morai, e merecerá a honra de ser ministro da justiça altíssima de Deus, uma vez que a violência não consiga exacerbar o vosso espírito, nem o abatimento vencê-lo. Para a justiça divina, é igualmente gloriosa a ordem inviolada e a ordem restaurada na expiação. Deste modo, cada um dos que se libertam da culpa, na realidade interior da própria consciência, deixa de ser réu e alvo de vingança, para se tornar colaborador de Deus no restabelecimento da ordem violada.

10. E como no céu se faz maior festa por um pecador que se

converte, assim na terra toda a pessoa honesta se deve inclinar diante de quem caiu, talvez num momento de extravio, mas consegue depois a custo remir-se e levantar-se.

11. Portanto, os longos dias passados nesses lugares de pena, onde vos acompanha - como em prisão voluntária - o Nosso coração, estão longe de ser dias perdidos. Podereis acaso perder alguma poisa aos olhos de Deus, se conformais a vossa vontade com a vontade daquele que tem sempre desígnios de misericórdia e de vida, ainda quando exerce a justiça? Menos perdereis ainda quando empregardes o tempo em obras de caridade, interessando-vos pelos sofrimentos alheios, alentando, confortando e ajudando os irmãos que sofrem convosco.

12. Quando, pois, a inocência testemunhasse em favor da vossa consciência, e a apresentasse total ou parcialmente ilibada, e estivésseis convencidos que os rigores da justiça humana se fizeram sentir além de qualquer proporção com a culpa, oh!, não maldigais o destino adverso ou as criaturas falazes, mas abri antes a alma à confiança no triunfo final da verdade e do bem, confortai-vos com a certeza de estarem solidárias convosco todas as pessoas conscienciosamente honestas; sede de tal maneira fortes na desventura que consigais ser indulgentes com os erros de direito e de fato, a que infelizmente está sujeita a inevitável imperfeição do juízo humano, e trabalhando valorosamente pela vossa reintegração jurídica e moral, fazei que uma vida de imerecida expiação resplandeça de beleza sobre-humana, para além da mesma reparação do erro.

13. Muito mais dolorosa é a sorte daqueles que, em não poucos países, sofrem inocentes em conseqüência de leis iníquas, inspiradas em falsas concepções que presidem à vida da sociedade, ou ditadas por facciosas paixões políticas, ou então pelo blasfemo preconceito que considera crime o culto de Deus. Para estes filhos da Nossa predileção, perseguidos pela justiça, vai todo o Nosso afeto humano e sobrenatural de Pai. Compreendemos que atroz martírio, especialmente moral, os aflige. Mas se Deus Onipotente, que é a mesma justiça - cuja aplicação integral reserva para a mansão eterna, onde não haverá nem sombra de mal se o Onipotente, dizíamos, não impede às vezes que o inocente seja injustamente castigado na terra, isso significa que, respeitando soberanamente as leis da liberdade humana, não deixará sem sanções o seu desenfreado exercício, e que sabe tirar do mal

maiores bens, reservando-os para as mesmas vítimas, e para a sociedade que lhes rega de lágrimas o escasso pão de que as nutre.

14. No entanto, se não deixamos de exortar os legisladores e magistrados a rever, reparar e sanar essas anomalias ou aberrações, que constituem desdouro da justiça, especialmente da cristã, e ultraje dos direitos divinos, - a vós, vítimas inocentes, repetimos a palavra reconfortante, do Anjo: "Forti animo esto, in proximo est, ut a Deo cureris", tem ânimo; Deus está próximo a curar-te (Tob 5, 10).

15. Mas até esse dia, está-vos assinada uma vocação extraordinária, diremos mesmo, de privilégio: expiar pelo mundo que na verdade é culpado. Esta expiação anda salutarmente unida às bem-aventuranças, anunciadas pelo Salvador no Sermão da Montanha: "bem-aventurados os que sofrem...; bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça. . . ; bem-aventurados os que sofrem perseguição por amor da justiça... ; bem-aventurados sois quando vos perseguirem por causa de mim" (cf. Mt 5).

16. Oh! se vos fosse dado, amados filhos e filhas, espalhados por toda a face da terra, ver quão agradável é a vossa imolação aos olhos de Deus, quão grande é a sua eficácia para a salvação do mundo, e qual a confiança que o Vigário de Cristo ousa depositar sobre os vossos sofrimentos, para obter de Deus a paz sincera e a verdadeira salvação do mundo, nestes tristíssimos tempos!

17. Uma palavra enfim, ainda mais afetuosa e paterna, queremos dirigir a vós, que sois objeto da enternecida predileção do vosso Amigo divino, e que ainda na idade juvenil, já conheceis os amargos frutos da vida. Envenenados precocemente pela perversão da sociedade hodierna, postos em circunstâncias adversas à reta educação, sois talvez mais vítimas que culpados.

18. Sirva a vossa condição de severa advertência àqueles que, mais do que vós, são verdadeiramente culpáveis; aos que fazem da imprensa, dos espetáculos, das associações, e por vezes da mesma escola, meios de ganancioso lucro, se não mesmo de premeditada corrupção da infância, calcando aos pés a sagrada inocência das crianças, e acumulando imensas ruínas morais.

19. Amados jovens, o que aconteceu na vossa idade inexperiente, sepultai-o com o arrependimento cristão, numa total ressurreição

para o ideal da honestidade e da virtude. Que as vossas dores presentes não despedacem as vossas esperanças, nem o entusiasmo da vossa juventude. O Menino Jesus olha-vos com particular benevolência. Ele vos sustentará, para que a frágil planta da vossa vida, salva desta prova, cresça como roble forte a desafiar as borrascas, servindo como exemplo de temor de Deus e de obediência às leis.

20. Amados filhos e filhas. Em correspondência aos celestes dons, que o Menino Jesus faz descer ao lugar da vossa dor, ofereci-lhe corajosa e generosamente, a Ele que desde o berço se ofereceu em expiação pelos pecados do mundo, as vossas penas e tristezas, com aquele ardor de fé que transforma as lágrimas em pérolas, a dor em alegria.

21. Longe de menosprezar o vosso dom, transformá-lo-a em título precioso de misericórdia, salvação e graça, para vós mesmos e para as vossas famílias, para o mundo inteiro e para a Igreja. Não menos que dos templos dedicados ao seu culto, também dos cárceres, dos campos de concentração, dos hospitais, de todos os lugares onde se sofre, chora e reza, suba ao céu o perfume do incenso que aplaca e salva. Nós suplicamos à divina Bondade que apresse para cada um de vós o dia da libertação, para que, de regresso ao seio das vossas famílias e da sociedade, - transformados e como que sublimados pela prova, aceite com fé cristã, - vos torneis a sua honra, e uma defesa contra o mal que a ameaça.

22. Com estes votos e a constante lembrança de vós, desça sobre vós e sobre os que vos são queridos, como penhor de alegrias celestes, a Nossa paternal Bênção Apostólica.

▪ *Índice*



Pio XII

RADIOMENSAGEM DE NATAL DE 1952

A DESPERSONALIZAÇÃO DO HOMEM MODERNO

O NATAL, GRANDE ESPERANÇA DE SALVAÇÃO

1. **Levate capita vestra; ecce appropinquat redemptio vestra: Levantai as vossas frentes, porque está próxima a vossa redenção (Lc 21, 28). Este jubiloso -anúncio do Divino Mestre refere-se ao dia supremo em que Ele voltará de novo à terra "com grande poder e majestade" (ib. 27), para recomeçar o seu diálogo com a Humanidade, na qualidade de soberano juiz. A liturgia do Natal recorda-o e dirige-o aos fiéis, convidando-os assim a remover da alma todo o véu de angústia, e a penetrar-se da grande esperança de salvação. Esta renova-se em cada Natal e irradia do humilde presépio de Belém, que nos revela a benignidade e misericórdia de Deus Onipotente (cf. Teto 3, 4).**

2. **Este mesmo convite a levantar os vossos olhos para o sol da esperança, queremos hoje fazê-lo Nosso, amados filhos e filhas, e dirigi-lo a todos vós, como saudação e voto de Pai. Incite-vos o doce mistério do Nata1 a realizar o que o celeste Menino iniciou em o seu nascimento. Que o místico fulgor da Noite santa, mensageiro de firme esperança e de seguro conforto, reverbere nos vossos espíritos, mais que nunca sedentos de uma e de outro, mas que em vão se procurariam na aridez da terra, visto serem dádivas do céu.**

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



O DOLOROSO CORO DOS POBRES E DOS OPRIMIDOS.

3. A Nossa auspiciosa saudação dirige-se, primeiro que a outros, aos pobres; aos oprimidos, aos que por qualquer motivo gemem na aflição, e cuja vida está como que dependente do sopro de esperança que se lhes comunica, e da parte de socorro que se lhes consegue dar.

4. São tantos e tantos estes amados filhos! O coro dolente de pedidos e vozes de auxílio está longe de diminuir, como os não poucos anos, já decorridos desde o fim da guerra, levavam justamente a esperar. Não só perdura, mas .torna-se por vezes mais intenso, em razão das numerosas e urgentes necessidades, chega até Nós, pode dizer-se, de todas as partes do mundo, confrangendo o Nosso coração pelas dores e lágrimas que revela. Uma triste experiência já mesmo Nos ensinou que, ao chegar notícia de melhoramento nas condições gerais de algum país, se deve quase sempre aguardar o anúncio de novas calamidades noutra, com novas misérias novas necessidades. Por muito que nesses momentos pesem sobre o Nosso coração as penas incessantes de tantos filhos, a palavra do Divino Mestre, - "*non turbetur cor vestrum neque formidet... vado et venio ad vos*" (Jo 14, 27-28) -, serve-nos de forte incitamento para fazer quanto de Nós depende, a fim de lhes dar conforto e remédio.

5. E' verdade que nesse desejo de providenciar e socorrer não estamos só, inúmeras propostas e projetos, em ordem a prevenir as misérias e dar-Lhes remédio, formulam-nas todos os dias entidades públicas e particulares. Muitos desses projetos, que nos apresentam pessoas ou grupos, denotam sem dúvida a boa vontade dos seus autores. Mas a sua mesma abundância heteróclita, e as contradições em que freqüentemente incorrem, manifestam um estado geral de perplexidade. A salvação não pode vir unicamente da produção e da organização.

6. Dir-se-ia que Humanidade de hoje, tendo sabido construir a maravilhosa e complexa máquina do mundo moderno, subjugando em seu serviço forças ingentes da natureza, se mostra incapaz de lhe dominar o avanço, como aquele que, tendo deixado escapar o leme das mãos, corre o perigo de ser submergido e despedaçado. Essa incapacidade de domínio deveria naturalmente levar os

homens, que são vítimas dela, a não esperar a salvação unicamente dos técnicos da produção e da organização. O trabalho destes, só quando unido e orientado para melhorar e fortalecer os verdadeiros valores humanos, poderá contribuir, e notavelmente, para resolver os graves e vastos problemas que angustiam o mundo. Em caso nenhum, porém, conseguirá estabelecer um mundo sem misérias. Quanto desejaríamos que todos se convencessem disso, aquém e além do oceano!

7. Entretanto, neste problema tão urgente de ir em socorro dos que sofrem, é necessário que a Humanidade levante os olhos para a ação de Deus, a fim de aprender constantemente, do seu modo de operar, infinitamente sábio e eficaz, a maneira de auxiliar e resgatar os homens dos seus males. Precisamente nesse sentido, projeta luz maravilhosa o mistério do Natal. Com efeito, em que consiste a substância deste inefável mistério senão na obra empreendida por Deus, e progressivamente levada a termo, para socorro da sua criatura, a fim de a arrancar do abismo da mais grave e geral miséria em que tinha caído - a miséria do pecado e do afastamento do sumo Bem?

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



DOIS CONCEITOS FUNDAMENTAIS DA OBRA SALVADORA DE DEUS.

8. Contemplai com humildade o modo instrutivo como Deus realiza a sua obra de salvação. Dois princípios fundamentais, como que duas normas, ditados pela sua sabedoria infinita, regem e guiam a execução do seu plano redentor, imprimindo-lhe o inconfundível caráter da harmonia e da eficiência, próprio da ação divina.

9. Primeiro que tudo, longe de perturbar a ordem preexistente, por Ele estabelecida na criação, Deus conserva intacta toda a força das leis gerais que governam o mundo e a natureza do homem, embora essa se encontre enfraquecida pelas debilidades contraídas. Nessa ordem, constituída .também para salvação da criatura, Ele nada subverte -nem .suprime; ao contrário, insere-lhe novo elemento que a integra e transcende - a Graça. Por meio da luz sobrenatural desta, a criatura poderá conhecê-lo melhor, e pela sua força sobre-humana, reverenciá-lo melhor.

10. Em segundo lugar, para tornar eficaz essa ordem geral em cada caso concreto, que nunca é idêntico aos outros, Deus estabelece contacto imediato com os -homens, e , realiza-o no mistério da Encarnação, pela qual a segunda Pessoa da Santíssima Trindade se faz homem entre os homens. Lança deste modo como que uma ponte sobre a distância infinita que medeia entre a Majestade auxiliadora e a criatura indigente, e harmoniza entre si a eficácia imutável da lei geral e as exigências próprias de cada indivíduo.

11. Quem contempla esta inefável harmonia da ação divina, em que se conjugam a sabedoria, a onipotência e o amor de Deus, .não pode deixar de exclamar com absoluta confiança: O Rex gentium... qui facis utraque urram: veni et salva hominem (Brev. Rom. Ant. a. Nativ. 22 dec.); tem que a apontar por modelo, quando se trata de situar, no plano terreno, uma ação de socorro às misérias humanas.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



DOIS CAMINHOS FALSOS.

12. Dir-se-ia que a Humanidade de hoje não é capaz, especialmente no caso de misérias bastante extensas, de realizar esta dualidade na unidade, esta - necessária adaptação da ordem geral às condições concretas e sempre diversas, não só de cada indivíduo, mas dos povos que se deseja socorrer.

13. Umas vezes, espera-se que a salvação venha de certo plano rigorosamente uniforme e inflexível, extensivo a todo o mundo; de determinado sistema que deveria agir com a segurança dum medicamento comprovado; de uma fórmula social, redigida em frios artigos abstratos. Outras vezes, afastando essas receitas gerais, confia-se a salvação às forças espontâneas do instinto vital, e na melhor hipótese, aos impulsos afetivos dos indivíduos e dos povos, sem preocupação de que .dai resulte a subversão da ordem existente, embora seja por demais claro que a ordem não pode nascer do caos. Estes dois caminhos são falsos, e de modo nenhum espelham a sabedoria de Deus, vimeiro e exemplar socorredor da miséria. V superstição esperar a salvação de fórmulas rígidas, aplicadas materialmente à ordem social, pois se lhes atribui um poder quase prodigioso, que elas não podem ter. Por outro lado, colocar a esperança exclusivamente nas forças criadoras da ação vital de cada indivíduo - é contrário aos desígnios de Deus, Senhor da ordem.

14. Para uma e outra deformação desejamos chamar a atenção dos que se prestam a socorrer os povos, mas especialmente para a superstição de ter por certo que a salvação brotará da organização dos homens e das coisas numa estreita unidade, por esta ser capaz do mais alto rendimento.

15. Se, julgam eles, - mediante uma organização estudada e posta em prática com os cuidados mais minuciosos, tanto nas grandes linhas como nos mínimos pormenores -, se consegue coordenar as forças dos homens e os recursos da natureza num só complexo orgânico, capaz de assegurar a máxima e sempre crescente capacidade de produção, derivará desse complexo toda a espécie de bens desejáveis: a abastança, a segurança de cada um, e a paz.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



A VIDA SOCIAL NÃO PODE CONSTRUIR-SE À MANEIRA DAMA GIGANTESCA MÁQUINA INDUSTRIAL.

16. Sabe-se aonde se há de ir buscar o tecnicismo para o inserir no pensamento social: nas gigantescas empresas da indústria moderna. Não temos aqui intenção de pronunciar juízo sobre a necessidade, utilidade e inconvenientes de semelhantes formas de produção. Constituem seara dúvida aplicações maravilhosas da potência inventiva e construtiva do espírito humano; são justamente apresentadas à admiração do mundo essas empresas, que, segundo normas maduramente estudadas, conseguem coordenar e englobar, na produção e na administração, a atividade dos homens e das coisas; nenhuma dúvida também que a sua sólida ordem e por vezes a beleza completamente nova e própria das formas externas são motivo de legítimo orgulho :para a idade presente. O que, pelo contrário, devemos negar é que elas .possam e devam valer, como modelo geral, para conformar e ordenar a moderna vida social.

17. Antes de tudo, é claro principio de sabedoria que só há verdadeiro progresso quando se acrescentam novas conquistas às antigas, novos bens aos adquiridos no passado, numa palavra, quando se sabe entesourar experiência. Ora a história ensina que outras formas de economia nacional têm sempre tido influxo positivo em toda a vida social; influxo de que aproveitaram não só as instituições essenciais - como a família, o Estado e a propriedade privada - mas também as constituídas em virtude de livre associação. Indicamos, por exemplo, as indiscutíveis vantagens verificadas onde predominava a empresa da agricultura ou dos misteres.

18. Sem dúvida, também a moderna empresa industrial teve efeitos benéficos; mas o problema, que hoje se apresenta, é este: Um mundo, que não reconheça senão a forma econômica dum enorme organismo produtivo, será igualmente capaz de exercer influxo benéfico na vida social em geral, e nas três instituições fundamentais em especial? Devemos responder: o caráter impessoal de .tal mundo opõe-se à tendência totalmente pessoal daquelas instituições, dadas pelo Criador à sociedade humana. De fato, o matrimonio e a família, o Estado e a propriedade privada tendem, por sua natureza, a formar e desenvolver o homem como pessoa, a protegê-lo e a torná-lo capaz de contribuir, com a sua

voluntária colaboração e responsabilidade pessoal, para a conservação é desenvolvimento, também pessoal, da vida social. A sabedoria criadora de Deus fica portanto alheia àquele sistema de unidade impessoal, que atenta contra a pessoa humana, fonte e fim da vida social, imagem de Deus no seu mais íntimo ser.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



A "DESPERSONALIZAÇÃO" DO HOMEM MODERNO.

19. Infelizmente não se trata aqui de hipóteses e previsões, pois já se, vê na prática esta triste realidade: onde a mania da organização invade e tiraniza o espírito humano, manifestam-se logo os sinais da falsa e anormal orientação do desenvolvimento social. - Em não poucos países o Estado moderno vai-se tornando gigantesca máquina administrativa. Estende a sua intervenção a quase toda a vida: quer tornar matéria da sua administração toda a gama dos setores político, econômico, social e intelectual, até o nascimento e a morte. Neste clima do impessoal, que tende a penetrar e a envolver toda a vida, não é portanto nada de maravilhar que o sentido do bem comum desapareça da consciência dos indivíduos, e o Estado perca cada vez mais o .primordial caráter duma comunidade moral de cidadãos.

20. Deste modo se revela a origem e o ponto de partida da corrente, que reduz a estado de angústia o homem moderno: a sua "despersonalização". Ficou privado em grande parte da sua fisionomia e do seu nome; em muitas das mais importantes atividades da vida, ficou :reduzido a puro objeto da sociedade; pois esta, por sua vez, foi transformada em sistema impessoal, numa fria organização de forças.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



EFEITOS DO MULTÍPLICE DESCONHECIMENTO DA PESSOA HUMANA.

21. Quem tenha ainda dúvidas sobre tal estado de coisas, olhe para o populoso mundo da miséria, e pergunte às tão variadas categorias de indigentes que -respostas lhes costuma dar a sociedade, disposta como está a desconhecer a pessoa. Pergunte-se ao indigente vulgar, falto de qualquer recurso, que não raras vezes se encontra nas cidades, nas vilas e nos campos; pergunte-se ao pai de família necessitado, freqüentador assíduo dos Centros de assistência social, e cujos filhos não podem esperar por longínquos e vagos prazos duma idade de ouro sempre para vir. Pergunte-se . também a um povo inteiro em nível de vida inferior ou bastante baixo, que - tomando lugar na família das nações ao lado de irmãos que vivem na suficiência ou até na abundância - espera em vão, duma Conferência internacional para outra, qualquer melhoramento estável da própria sorte.

22. Qual é a resposta que muitas vezes dá a sociedade hodierna ao desempregado que se apresenta na agência de emprego, predisposto já por hábito, quem sabe, a nova desilusão, mas ainda não resignado ao imerecido destino de se julgar um ser inútil? E qual é a resposta que se dá ao povo que, por mais que faça e se esforce, não consegue libertar-se das garras atrofiastes do desemprego em massa?

23. A .todos estes já de longa data se repete incessantemente que o seu caso não pode ser tratado pessoal e individualmente, que a solução deve ser encontrada numa regulamentação que se há de estabelecer, num sistema que abrangerá tudo, e que, sem prejuízo essencial da liberdade, conduzirá homens e coisas a uma crescente e mais coesa força de ação, resultante de maior utilização do progresso técnico. Quando se realizar tal sistema - assim se afirma - surgirá automaticamente a solução para todos: um nível de vida em constante -ascensão e o emprego geral em toda parte.

24. Estamos longe de pensar que o contínuo adiamento para uma futura e poderosa organização de homens e coisas, seja expediente mesquinho de quem não quer prestar socorro. julgamos pelo contrário que se trata de firme e sincera promessa, capaz de excitar confiança. Entretanto não se vê sobre que sólidos fundamentos

possa apoiar-se tal promessa, uma vez que as experiências realizadas até agora conduzem antes ao ceticismo a respeito de tal sistema. Este ceticismo é, além disso, justificado por uma espécie de círculo fechado, em que o fim estabelecido e o método adotado correm um após outro sem jamais se encontrar nem harmonizar. Realmente, onde se quer assegurar a ocupação de todos, com a contínua elevação do nível de vida, tem-se motivo para perguntar ansiosamente até que ponto ele se poderá elevar sem provocar uma catástrofe, e sobretudo sem ocasionar a desocupação em massa. Parece deste modo que se deve procurar o mais alto grau possível de emprego, mas procurando ao mesmo tempo assegurar a sua estabilidade.

25. Nenhuma confiança pode portanto iluminar tal panorama, dominado pelo espectro daquela insolúvel contradição, nem se fugirá nunca das suas malhas, se se continua a contar apenas com o elemento da mais alta produtividade. E' mister considerar os conceitos de nível de vida e emprego de mão de obra não como fatores puramente quantitativos, mas como valores humanos no pleno sentido da palavra.

26. Quem portanto quer prestar auxílio às necessidades dos indivíduos e dos povos, não pode esperar a salvação dum sistema impessoal de homens e coisas, mesmo poderosamente desenvolvido sob o aspecto técnico. Todo o plano ou programa deve ser inspirado pelo princípio de que o homem - como sujeito, guarda e promotor dos valores humanos - está acima das coisas e mesma acima das aplicações do progresso técnico e que importa sobretudo preservar de uma nefasta "despersonalização" as formas fundamentais da ordem social mencionadas, e utilizá-las para criar e desesenvolver as relações humanas. Se as forças sociais forem dirigidas para esse fim, -não só realizarão uma função sua natural, mas trarão valioso contributo à satisfação das necessidades atuais, porque lhes compete a missão de promover a perfeita solidariedade recíproca dos homens e dos povos.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



A SOLIDARIEDADE RECÍPROCA DOS HOMENS E DOS POVOS.

27. E sobre a base desta solidariedade, e não sobre sistemas vãos e instáveis, que Nós convidamos os homens a edificar a sociedade. Aquela exige que desapareçam as desigualdades clamorosas e irritantes no nível de vida dos diversos grupos de um povo. Na consecução desse objetivo, prefira-se à coação externa a ação eficaz da consciência, que saberá impor limites às despesas de luxo e impelirá igualmente os menos ricos a cuidar antes de tudo do necessário útil, e a economizar o restante, quando o houver.

28. A solidariedade dos homens entre si exige, não somente em nome do sentimento fraterno mas também da própria conveniência recíproca, utilizar todas as possibilidades na conservação dos empregos existentes e na criação doutros novos. Por isso, aqueles que são capazes de aplicar capitais, considerem, à luz do bem comum, se poderão conciliar com a sua consciência pô-los de lado com vã cautela, deixando de fazer tais investimentos dentro dos limites das possibilidades econômicas, nas proporções e no momento oportuno. Por outro lado, procedem contra a consciência aqueles que, usufruindo egoisticamente os próprios empregos, impedem que outros encontrem trabalho, permanecendo assim desocupados. E quando a iniciativa privada se mostra inoperosa ou insuficiente, os poderes públicos são obrigados a proporcionar, na maior medida possível, meios de trabalho, empreendendo obras de utilidade geral, e a facilitar, com a orientação e outros auxílios, a colocação dos que procuram trabalho.

29. O nosso convite, para tornar eficaz este sentimento e esta obrigação de solidariedade, estende-se também aos povos como tais: cada povo, no concernente ao nível de vida e à ocupação da mão de obra, desenvolva as suas possibilidades e contribua para o progresso correspondente de outros povos menos favorecidos. Se bem que ainda a reais perfeita realização da solidariedade internacional dificilmente possa conseguir a igualdade absoluta dos povos, urge todavia que ela seja praticada ao menos em medida tal que chegue a modificar sensivelmente as condições atuais, que estão bem longe de representar uma proporção harmoniosa. Noutros termos, a solidariedade dos povos exige, a cessação das enormes diferenças no nível de vida e simultaneamente nos

investimentos no grau de produtividade do trabalho humano. Esse resultado não se obterá mediante uma regulamentação mecânica. A sociedade humana não é uma máquina, nem se pode tornar tal, mesmo no campo econômico. Ao contrário, é preciso ter sempre em conta o contributo da pessoa humana e da individualidade dos povos, como base natural e primordial, de que será sempre necessário partir para chegar ao fim da economia pública, isto é, para assegurar a suficiência permanente de bens e serviços materiais, ordenados por sua vez a melhorar as condições morais, culturais e religiosas. Esta solidariedade e a desejada melhor proporção de vida e de trabalho, deveriam portanto efetuar-se nas várias regiões, mesmo relativamente grandes, onde a natureza e o desenvolvimento histórico dos povos interessados mais facilmente podem oferecer para isso uma base comum.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



OS SOFRIMENTOS DE CONSCIÊNCIA NA SOCIEDADE HODIERNA.

30. As dificuldades econômicas não são todavia as únicas que sofre o homem na sociedade atual. Muitas vezes surgem, em conexão com elas, dificuldades de consciência, sobretudo para o cristão preocupado de viver segundo os ditames da lei natural e divina. A consciência, a que se deveria confiar em grande parte o remédio e a salvação, vê-se assim condenada a íntimas torturas pelos propugnadores da concepção impessoal da sociedade. É talvez este o ponto extremo a que chega o homem, no seu esforço de remediar os males, quando se afasta do divino modelo.

31. Realmente, a sociedade moderna, que pretende prever e organizar tudo, entra em confusão, em razão da sua mentalidade mecânica, com a vida, refratária a cálculos quantitativos; mais exatamente, entra em luta com aqueles direitos que o homem exercita segundo a natureza, sob a sua única responsabilidade pessoal, isto é, como autor de novas vidas de que permanece sempre principal tutor. Estes conflitos internos entre sistema e consciência velam-se com os nomes de "questão da natalidade e problema da emigração".

▪ [*Anterior*](#)

▪ [*Índice*](#)

▪ [*Posterior*](#)



QUESTÃO DA NATALIDADE E PROBLEMA DA EMIGRAÇÃO.

32. Quando os esposos querem permanecer fiéis às leis intangíveis da vida estabelecidas pelo Criador, ou quando, para salvaguardar essa fidelidade, procuram libertar-se das estreitezias, que os , oprimem dentro da pátria, e não encontram outro remédio senão a emigração - outras vezes sugerida pelo desejo de lucro, hoje muitas vezes imposta pela séria, - ei-los a esbarrar, como em frente duma lei inexorável, contra as determinações da sociedade organizada, contra o frio cálculo que estabeleceu antecipadamente quantas pessoas em determinadas circunstâncias um país pode ou deve alimentar no presente ou no futuro. E, seguindo nesses cálculos preventivos, tenta-se mecanizar as próprias consciências: surgem as medidas oficiais para a limitação da natalidade; a pressão da máquina administrativa da chamada segurança social, servida pelo influxo exercido na opinião pública no mesmo sentido; e finalmente a negação ou a anulação prática do direito natural da pessoa a não ser impedida na emigração. Nega-se-lhe porém sob pretexto do bem comum, entendido aliás falsamente ou falsamente aplicado, sancionado por determinações legislativas ou administrativas.

33. Tal regulamentação inspira-se no cálculo frio, na tentativa de comprimir a vida entre moldes estreitos de tabelas fixas, como se ela fosse um fenômeno estático. Os exemplos apresentados são suficientes para demonstrar como essa regulamentação se torna negação e ofensa da própria vida e do seu caráter essencial, que é o dinamismo incessante recebido da natureza e manifestado na variadíssima escala das circunstâncias individuais. Bem graves são as conseqüências que daí resultam. Numerosas cartas, que Nos são endereçadas, revelam a angústia de cristãos dignos e honestos, que sentem a consciência atormentada pela rígida incompreensão duma sociedade inflexível nas suas determinações. Esta move-se como máquina segundo os cálculos, aras ao mesmo tempo comprime sem piedade e despreza os problemas que pessoal e profundamente atingem os indivíduos na sua vida moral.

34. Não seremos certamente Nós quem vá negar que esta ou aquela região se encontre, no momento presente, sobrecarregada com relativa superpopulação. Mas querer sair da dificuldade formulando o princípio da que o número dos homens deve ser regulado segundo a economia pública equívale a subverter a ordem da natureza e todo

o mundo psicológico e moral que lhe está conexo. Grande erro seria responsabilizar as leis naturais pelas presentes angústias, quando é claro que estas são conseqüência da falta de solidariedade dos homens e dos povos entre si!

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



OPRESSÕES E PERSEGUIÇÕES.

35. As consciências sofrem, nos nojos dias, ainda outras opressões. Assim sucede quando se impõem aos pais, contra as suas convicções e vontade, os educadores dos seus filhos, ou quando se faz depender o acesso ao trabalho ou ao lugar do trabalho, da filiação em determinados partidos ou em organizações que têm origem no mercado de trabalho. Tais discriminações são sintoma duma idéia inexata da função própria das organizações sindicais e do seu fim próprio, que é a tutela dos interesses do operário assalariado no seio da sociedade moderna, cada vez mais anônima e coletivista: Qual é na verdade o objetivo essencial dos sindicatos, senão a afirmação prática de que o homem é sujeito e não objeto das relações sociais? senão proteger o indivíduo em frente da irresponsabilidade coletiva de proprietários anônimos? senão representar a pessoa do trabalhador perante quem é levado a considerá-lo apenas como força produtiva, com determinado preço? Deste modo, como poderiam achar normal que a defesa dos direitos pessoais do trabalhador esteja cada vez mais nas mãos duma coletividade anônima, que opera mediante gigantescas organizações, com caráter de monopólio? Ferido assim nos seus direitos pessoais, deverá ser particularmente penosa ao trabalhador a opressão da sua liberdade e da sua consciência, ao ver-se preso nas redes duma feroz máquina social.

36. Quem julgasse infundada esta Nossa solicitude pela verdadeira liberdade, ao referir-nos, como o fazemos, àquela parte do mundo que costuma chamar-se "mundo livre", deveria considerar que também nele, primeiro a .guerra propriamente dita, depois a "guerra fria" conduziram forçadamente as relações sociais num sentido que inevitavelmente diminui o exercício da liberdade. Na outra parte do mundo, essa tendência desenvolveu-se em toda a extensão, até às suas últimas conseqüências.

37. Em vastas regiões, onde o peso do poder absoluto subjuga corpos e almas, a Igreja é a primeira a sofrer cruel angústia. Os seus filhos são vítimas de persesuição permanente, direta ou indireta, aberta umas vezes, disfarçada outras. Antigas cristandades ou comunidades, conhecidas pelo ardor da sua fé, pela glória dos seus Santos, pelo esplendor das suas obras de ciência teológica ou de arte cristã, e sobretudo pela difusão da caridade e da civilização no

meio do povo, encontram-se ,próximas da ruína da sua grandeza externa. Cristandades recentes - vinha do Senhor, rica de promessa, regada pelo suor e pelo sangue de novos apóstolos - sustentadas pela oração e pelos sacrifícios de todo o mundo católico, foram flageladas inesperadamente pelo mesmo furacão, que derruba sem piedade na sua passagem o roble anoso e a tenra vergôntea.

38. Que ficará destas cristandades, antigas e novas, quando vier o "fim das tribulações", que Nós imploramos sem cessar? E' segredo imperscrutável dum Deus sempre bom. Entretanto o livro da vida regista em todo aquele mísero mundo as gestas de íntima força de ânimo, os inumeráveis heroísmo despertados pelo Espírito Santo para defesa do Reino de Deus, do nome de Jesus, única salvação, e da honra da sua Santíssima Mãe. Os cristãos perseguidos sabem que estes bens supremos podem exigir, e muitas vezes exigem de fato, amargas renúncias e até o sacrifício da vida.

39. Nós não idealizamos. Hoje, como sempre aconteceu durante as perseguições, haverá casos de fraqueza e de capitulação, não raro compreensíveis, ainda que não justificáveis; haverá até casos de traição. Contudo boa parte das informações que se difundem não dizem a verdade senão a meias, quando não chegam mesmo a deformá-la ou a falseá-la completamente. Deste modo, com a conspiração do silêncio e a alteração dos fatos, subtrai-se à consciência do público a dura luta que Bispos, sacerdotes e leigos têm de sustentar pela defesa da fé católica.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



OS SOFRIMENTOS DOS POVOS.

40. E agora o Nosso pensamento dirige-se com particular e afetuosa solicitude para o exército sofredor dos pobres espalhados pelo mundo; pobres conhecidos ou desconhecidos, em países civilizados ou em regiões ainda não regeneradas pela cultura cristã ou simplesmente humana.

**41. Passam diante dos olhos do espirito as famílias, sobre que .
paira, como espectro ameaçador, o perigo de se verem separadas da fonte de todo o ganho com o repentino cessar do trabalho; para outras, acrescenta-se à incerteza do ganho a insuficiência dele, tal que não lhes consente adquirir vestuário conveniente e nem sequer o alimento necessário para não adoecer. A condição piora, quando elas são obrigadas a habitar em poucas divisões sem mobília e completamente desprovidas das modestas comodidades que tornam -a vida menos penosa. E se a divisão é uma só e deve servir para cinco, sete ou dez pessoas, todos podem imaginar quanto mal-estar! E que dizer daquelas famílias, que têm algum trabalho, mas, não possuindo casa, vivem à sorte em barracas, em cavernas que não se destinariam nem sequer para animais!**

**42. Amarga é igualmente a miséria daqueles que, tendo ficado quase privados de -todos os seus rendimentos pela constante e anais ou .
menos crônica desvalorização da moeda, caíram na mais triste indigência, , muitas vezes depois duma vida de economia e de .
trabalho fatigante, agora obrigada a concluir-se na vergonha de mendigar.**

43. Mas o espetáculo mais desolador é o apresentado pelas famílias a que falta tudo. Famílias em "miséria negra": o pai não trabalha; a mãe vê definhar os filhos, absolutamente impossibilitada de socorrê-los; cada dia falta o pão, cada dia falta com que cobrir-se, e mal de todos quando a doença vem fazer ninho naquela caverna transformada em habitação humana.

44. Enquanto o Nosso pensamento vai para estas visões de pobreza e de miséria, o Nosso coração enche-se de ânsia e sente-se oprimido - podemos dizê-lo - por uma tristeza mortal. Pensamos nas conseqüências da pobreza e especialmente nas conseqüências da miséria.

45. Para algumas famílias é um morrer de todos os dias e de todas as borras; um morrer particularmente para os pais, multiplicado pelo número das pessoas queridas que vêm sofrer e definhar. Entretanto as doenças agravam-se, por não serem curadas convenientemente; atacam sobretudo as crianças, porque faltam os meios capazes de prevenir. Acrescente-se o enfraquecimento e a conseqüente inferioridade física de gerações inteiras, a deseducação civil de extensas camadas da população, o mau comportamento de tantas pobres mães, arremessadas para o fundo do abismo por julgarem encontrar assim o único caminho de saída para a sua vergonhosa indignação. Não é, além disso, raro o caso da miséria que leva até ao delito. Quem freqüenta, por dever de caridade, as prisões, continua a afirmar que não poucos homens, honestos no fundo, vieram a parar na prisão, porque a extrema indignação os impeliu para qualquer ato considerado.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



JESUS E OS POBRES.

46. Diante de tudo isto, surge a pergunta: que coisa ensinou aos homens o exemplo de Cristo? de que modo se comportou Jesus a respeito da pobreza e da miséria, durante a sua vida terrena? É bem verdade que a sua missão de Redentor foi libertar os homens da escravidão do pecado, suma miséria. Todavia a magnanimidade do seu coração sensibilíssimo não podia consentir-lhe fechar os olhos ao sofrimento e aos que sofrem, no meio dos quais escolhera viver. Filho de Deus e arauto do seu Reino celestial, julgou delícia inclinar-se comovido sobre as chagas da carne humana e os andrajos da pobreza. Não se contentou com proclamar alei da justiça e da caridade, nem com censurar com ardentes anátemas os duros, os desumanos, os egoístas, nem com advertir que a sentença definitiva do juízo final terá como norma e expressão a prática da caridade, como prova do amor de Deus; mas pessoalmente se desvelou em ajudar, sarar e alimentar.

47. Certamente não perguntou, se e até que ponto, a miséria que tinha diante de si se devia a um defeito ou falta da ordem política e econômica do seu tempo. Não porque isto lhe fosse indiferente. Ao contrário Ele é o Senhor do mundo e da sua ordem. Mas assim como a sua intervenção de Salvador foi pessoal, assim quis ir ao encontro das outras misérias com o sei amor que operava de pessoa a pessoa. O exemplo de Jesus é hoje como sempre um estrito dever para todos.

▪ [*Anterior*](#)

▪ [*Índice*](#)

▪ [*Posterior*](#)



O SOCORRO DAS MISÉRIAS.

48. Nós mesmo, nos anos tão árduos do Nosso Pontificado, quisemos que tudo o que das várias partes do mundo Nos enviava a caridade dos fiéis mais favorecidos revertesse num fluxo constante em benefício dos Nossos filhos mais .pobres e abandonados. Quisemos permanecer junto dos prófugos e ajudá-los, a voltar para as suas casas; procuramos assegurar aos órfãos casa, pão e uma nova mãe. Empenhamo-Nos em Nos aproximar dos encarcerados, dos doentes, dos prisioneiros de guerra detidos ainda longe das suas terras e das vítimas das terríveis inundações.

49. Infelizmente, cada vez tivemos que notar com profunda mágoa que os nossos esforços eram e são inadequados à gravidade e à grandeza das necessidades. Por isso, quereríamos que mais intenso, e por assim dizer, multiplicado amor para com os pobres, fizesse nascer um rio de socorro, santamente impetuoso, que penetrasse onde quer que exista um velho abandonado, um doente necessitado, uma criancinha que sofre, uma mãe que se consome por nada lhe poder fazer.

50. Diletos filhos, pobres e míseros de toda a terra! Pedimos a lesos que vos faça sentir como estamos perto de vós com a Nossa ansiedade paterna, cheia de angústia e vibração.

51. Sabe o Senhor como Nós queríamos ter a sua onipresença e onipotência, para entrar em cada uma das vossas habitações elevar-vos auxílio e conforto, pão e trabalho, serenidade e paz. Queríamos estar convosco, quando estais. oprimidos pela canseira nos campos e nas oficinas, desolados pelas doenças que vos afligem, ou dilacerados pelas garras da fome.

52. Não poderíamos finalmente deixar de observar que a melhor organização de caridade não bastaria, por si só, para assistir aos homens necessitados. E' mister acrescentar necessariamente a ação pessoal, cheia de solicitude, empenhada em superar a distância entre o necessitado e o benfeitor, e que se acerca do indigente, porque é irmão de Cristo e também nosso irmão.

53. A grande tentação de uma época que se diz social - na qual, além da Igreja, o Estado, os municípios e as outras entidades públicas se

dedicam a tantos problemas sociais - é que as pessoas, mesmo crentes, quando o pobre lhes bate à porta, mandam-no sempre às instituições e organizações, julgando que o seu dever pessoal já está suficientemente cumprido com as contribuições dadas àqueles organismos, mediante pagamento de contribuições ou ofertas voluntárias.

54. Sem dúvida, o necessitado receberá a vossa ajuda por esta via. Mas muitas vezes ele conta também convosco, ao menos com a vossa palavra de bondade e conforto. A vossa caridade deve assemelhar-se à de Deus, que veio pessoalmente trazer socorro. E' este o conteúdo da mensagem de Belém.

55. Finalmente, os organismos de assistência não podem sempre dar o seu auxílio numa forma individual, como seria necessário: por isso a instituição de caridade necessita, como complemento indispensável, de auxiliares voluntários.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



EXORTAÇÃO.

56. Tudo isto Nos arrima a solicitar a vossa colaboração pessoal. Esperam por ela os indigentes, aqueles que a vida reduziu à miséria, os infelizes de toda sorte. Quanto depende de vós, fazei que nenhum haja de dizer tristemente, como aquele homem do Evangelho, doente há trinta e oito anos: "Senhor, não tenho ninguém por mim!" (Jo 5, 7).

57. Com votos para que o genuíno amor cristão, nutrido por uma viva e profunda fé católica, mitigue os sofrimentos materiais e espirituais e vença a inimizade dos corações, damos com afeto - a todos vós, diletos filhos e filhas, que Nos ouvis, e àqueles que vos estão vizinhos na fé num Deus verdadeiro e pessoal, como também às vossas famílias e a todas as pessoas e coisas que vos são caras - a Nossa Bênção Apostólica.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*



Pio XII

RADIOMENSAGEM DO NATAL DE 1953 SOBRE OS PERIGOS DO TECNICISMO

EM VOLTA DO RADIO SO BERÇO DO REDENTOR

1. "O povo, que habitava nas trevas, viu uma grande luz". Com esta vívida imagem o espírito profético de Isaías (Is 9, 1) anunciou a vinda à terra do celestial .Menino, Pai do futuro século e Príncipe da paz. Com esta mesma imagem - na maturidade dos tempos feita realidade confortadora das gerações humanas, que se sucedem neste mundo cheio de trevas - Nós desejamos, diletos filhos 'e filhas do Orbe católico, iniciar a nossa Mensagem natalícia e servir-Nos dela para conduzir-vos mais uma vez ao berço do Salvador recém-nascido, fúlgida fonte de luz.

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



LUZ QUE BRILHA NAS TREVAS

2. Luz que dissipa e vence as trevas é, com efeito, o Natal do Senhor no seu significado essencial, que o Apóstolo São João expôs e compendiou no sublime exórdio do seu Evangelho, eco da solenidade da primeira página do Gênesis ao aparecer da primeira luz. "O Verbo fez-se carne e habitou entre nós; e nós fomos testemunhas da sua glória, daquela glória que o Unigênito recebe do Pai, cheio de graça e de verdade" (Jo 1, 14). Vida e luz em si mesmo, resplandece nas trevas e concede - a todos aqueles que para Ele abrem os olhos e o coração, àqueles que o recebem e crêem nele - o poder de se tornarem filhos de Deus (cf. Jo 1, f2).

3. Não obstante porém tão generosa fulguração de luz divina que promana do humilde presépio, deixa-se ao homem o poder tremendo de mergulhar nas antigas trevas, causadas pelo primeiro pecado, nas quais o espírito se estiola com obras aviltantes da ?norte. Para estes cegos voluntários, que se tornaram tais por haverem .perdido ou debilitado a fé, o .próprio Natal não conserva outro atrativo senão o de uma festa puramente humana, seduz-se a pobres .sentimentos e a recordações puramente terrenas, embora ordinariamente se envolva de carinho, mas como realidade sem conteúdo ou fruto sem substância. Em volta do Tádioso berço do Redentor, persistem portanto zonas de trevas, e movem-se homens de olhos fechados ao celestial fulgor. Não porque o Deus Encarnado não tenha, mesmo no mistério, luz para iluminar cada homem que vem a este mundo, mas porque .muitos, deslumbrados pelo efêmero esplendor dos ideais e das obras humanas, circunscrevem o olhar aos limites do criado, incapazes de levantá-lo ao Criador, princípio, harmonia e fim de tudo o que existe.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



O PROGRESSO TÉCNICO

4. A estes homens em trevas desejamos indicar a "grande luz" que irradia do presépio, convidando-os, antes de mais nada, a reconhecerem a causa que hoje os cega e torna insensíveis ao que é divino. Não é senão a exagerada e, algumas vezes, exclusiva estima do chamado "progresso técnico". Este, primeiramente sonhado como mito onipotente e manancial de felicidade, e depois levado com toda a sorte de recursos até às mais audazes conquistas, impôs-se às consciências como fim último do homem e da vida, substituindo-se portanto a qualquer espécie de ideais religiosos e espirituais. Hoje vê-se com clareza cada vez maior que a sua indevida exaltação cegou os olhos dos homens modernos, tornou surdos os seus ouvidos, a ponto de se verificar neles o que o Livro da Sabedoria flagelava nos idólatras do seu tempo (Sab 13, 1): são incapazes de reconhecer através do mundo visível Aquele que é, de descobrir pela obra o artista. Muito mais hoje - para aqueles que caminham nas trevas - permanecem envolvidos em absoluta obscuridade o mundo do sobrenatural e a obra da Redenção, que transcende toda a natureza e foi levada a termo por Jesus Cristo.

▪ [Anterior](#)

▪ [Índice](#)

▪ [Posterior](#)



VEM DE DEUS E CONDUZ POR SI A DEUS

5. No entanto não se devia verificar tal extravio; e estas Nossas censuras não hão de ser entendidas como reprovação do progresso técnico em si mesmo. A Igreja ama e favorece os progressos humanos. E inegável que o progresso técnico vem de Deus; pode e deve, portanto, conduzir a Deus. O crente admira as conquistas da técnica, serve-se delas para penetrar mais profundamente no conhecimento da criação e das forças da natureza, que procura dominar com máquinas e instrumentos, a fim de reduzi-las ao serviço do homem e ao enriquecimento da vida terrena. Ao fazer isto sente-se como arrastado a adorar o Dador daqueles bens que admira e utiliza, sabendo bem que o Filho eterno de Deus é o "primogênito de todas as criaturas, pois nele foram feitas todas as coisas nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis" (Col 1, 15-16). Muito longe, portanto, de sentir-se inclinado a negar as maravilhas da técnica e o seu legítimo emprego, o crente encontra-se talvez, por conhecer esse progresso, mais disposto a dobrar o joelho diante do celeste Menino do presépio. Tem maior consciência da sua dívida de gratidão Aquele que é origem da inteligência e das coisas; está mais disposto a inserir as mesmas obras da técnica no coro dos anjos de Belém: "Glória a Deus no mais alto dos Céus" (Lc 2, 14). Ao lado do ouro, do incenso e da mirra, oferecidos pelos Magos ao Deus Menino, ele achará até natural pôr as modernas conquistas da técnica: máquinas e números, laboratórios e descobertas, energia e recursos. Ainda mais, fazer-lhe o crente essa oferta é como apresentar-lhe a obra por Ele mesmo mandada um dia e agora felizmente executada, se bem que não até ao fim. "Povoai a terra e submetei-a" (Gên 1, 28) disse Deus ao homem ao entregar-lhe a criação como herança provisória. Que longo e áspero caminho desde então até aos nossos tempos, em que os homens podem de algum modo dizer terem cumprido o divino preceito!

▪ [Anterior](#)

▪ [Índice](#)

▪ [Posterior](#)



A TÉCNICA MODERNA NO APOGEU DO ESPLENDOR E DO RENDIMENTO

6. A técnica, de fato, conduz o homem hodierno a uma perfeição nunca antes atingida no domínio do mundo material. A máquina moderna permite um modo de produção, que substitui e multiplica a energia humana do trabalho. Este liberta-se inteiramente da contribuição das forças orgânicas e assegura um máximo de potencial extensivo e intensivo, e ao mesmo tempo um máximo de precisão. Abraçando com um olhar os resultados dessa evolução, parece-nos colher da própria natureza o assentimento satisfeito a tudo quanto o homem nela operou e o incitamento a que proceda ulteriormente na investigação e utilização de suas extraordinárias possibilidades. Ora, é evidente que toda pesquisa e descoberta das forças da natureza, efetuadas pela técnica, resultam em procura e descoberta da grandeza, da sabedoria, da harmonia de Deus. E deste modo considerada a técnica, quem a poderá desaprovar ou condenar?

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



O PERIGO DE QUE ELA OCASIONE GRAVE DANO ESPIRITUAL. O "ESPÍRITO TÉCNICO".

7. No entanto parece inegável que a mesma técnica, levada no nosso século ao apogeu do esplendor e do rendimento, se transforma por circunstâncias de fato em grave perigo espiritual. Diríamos que dá ao homem moderno, inclinado diante do seu altar, um sentido de auto-suficiência, e de satisfação plena das suas aspirações de conhecimento e de poder sem limites. Com o seu múltiplo emprego, a absoluta confiança que suscita, as inexauríveis possibilidades que promete, a técnica moderna desenvolve, em torno do homem contemporâneo, visão tão vasta que leva muitos a confundi-lo com o próprio infinito. Atribui-se-lhe, por conseqüência, uma autonomia impossível, que por sua vez se transforma, no pensar de alguns, em errada concepção da vida e do mundo, que se designa com o nome de "espírito técnico". Mas este, em que consiste exatamente? Em se considerar, como o mais alto valor humano e da vida, tirar o maior proveito das forças e dos elementos da natureza; em se colocarem como fim, de preferência a todas as outras atividades humanas, os possíveis métodos técnicos de produção mecânica, vendo neles a perfeição da cultura e da felicidade terrena.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



TENDE A RESTRINGIR À MATÉRIA O OLHAR DO HOMEM...

8. Há, antes de tudo, erro fundamental nesta falseada visão do mundo, originada pelo "espírito técnico". O panorama, à primeira vista sem limites, que a técnica desvela aos olhos do homem moderno, reduz-se, por mais extenso que seja, a um aspecto parcial da vida no conjunto da realidade, visto exprimir apenas as relações desta com a matéria. E' assim um panorama alucinante, que vem afinal a encerrar o homem - demasiado crédulo na imensidade e onipotência da técnica - numa prisão vasta mas limitada, e portanto, com o tempo, insuportável ao seu genuíno espírito. O olhar, bem longe de prolongar-se através da realidade infinita, que não é só matéria, sentir-se-á oprimido pelas barreiras que esta necessariamente lhe opõe. Daqui a recôndita angústia do homem contemporâneo, tornado cego por se ter voluntariamente circundado de trevas.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



... TORNA-O CEGO ÀS VERDADES RELIGIOSAS.

9. Quando se deixa embriagar pelo "espírito técnico", bem mais graves são os danos que o homem sofre no setor das verdades propriamente religiosas e nas relações com o sobrenatural. O evangelista São João alude também a essas trevas, que o Verbo de Deus encarnado veio dissipar. Impedem a compreensão espiritual dos mistérios de Deus:

10. Não que a técnica, em si mesma, leve a renegar os valores religiosos, por força da lógica; esta, como dissemos, conduz antes a descobri-los. Mas esse "espírito técnico" põe o homem em condição desfavorável para procurar, ver e aceitar as verdades e os bens sobrenaturais. A mente, que se deixa seduzir pela concepção da vida ditada pelo "espírito técnico", fica insensível, desinteressada e, portanto, cega diante das obras de Deus, de natureza completamente diversas da técnica, como são os mistérios da fé cristã. E o próprio remédio -que consistiria num redobrado esforço para estender o olhar para além da barreira das trevas e para estimular na alma o interesse pelas realidades sobrenaturais -. é inutilizado logo de início pelo mesmo "espírito técnico". Este, com efeito, torna os homens incapazes de reconhecer a extrema instabilidade e superficialidade do nosso tempo. Tal defeito devem reconhecer, como uma das suas consequências, aqueles mesmos que aprovam verdadeira e sinceramente o progresso técnico. - Os homens impregnados do "espírito técnico" dificilmente encontram acalma, a serenidade e a interioridade requeridas para poderem reconhecer o caminho que leva ao Filho de Deus feito homem. Esses chegarão pelo contrário a denegrir o Criador e a sua obra, declarando construção defeituosa a natureza humana, por a capacidade e ação do cérebro e dos outros órgãos, necessariamente limitada, impedir a realização de cálculos e projetos tecnológicos. - Estão ainda menos aptos para compreender e estimular os altíssimos mistérios da vida e da economia divina, como o mistério do Natal em que a união do Verbo Eterno com a natureza humana põe em jogo realidades e grandezas bem diferentes das consideradas pela técnica. O pensamento deles segue outros caminhos e outros métodos, dominado pela unilateral sugestão daquele "espírito técnico" que não reconhece, nem aprecia como realidades, senão o que pode exprimir-se em relações numéricas e cálculos utilitários. Julgam assim decompor a realidade nos seus

elementos, mas tal conhecimento fica à superfície e move-se numa direção apenas. - E evidente que o homem, adotando o método técnico como único instrumento da investigação da verdade, deve renunciar a penetrar, por exemplo, as profundas realidades da vida orgânica e, mais ainda, as da vida espiritual, as realidades vivas do indivíduo e da sociedade humana, por não poderem decompor-se em relações quantitativas. Dum espírito assim conformado, como se poderá pretender assentimento e admiração diante das imponentes realidades a que fomos elevados por Jesus Cristo, mediante a sua Encarnação e Redenção, a sua Revelação e a sua Graça?

Prescindindo mesmo da cegueira religiosa que deriva do "espírito técnico", o homem, quando possuído por ele, é diminuído no seu pensamento, nisso precisamente que o torna imagem de Deus. Deus é inteligência infinitamente compreensiva, ao passo que o "espírito técnico" faz tudo para coarctar no homem a livre expansão da inteligência. - Ao técnico, mestre ou discípulo, que pretende salvar-se desta diminuição, não basta simplesmente profunda formação intelectual, mas é sobretudo necessária formação religiosa. Esta, ao contrário do que se tem por vezes afirmado, é a mais apta para proteger o seu pensamento contra influências unilaterais. Então desaparecerá a estreiteza do conhecimento; então a criação há de aparecer iluminada em todas as dimensões, especialmente quando se esforçar diante do presépio por compreender "qual é a largueza, o comprimento, e a altura, e a profundidade, e o conhecimento da caridade de Cristo" (cf. Ef 3, 18-19). Em caso contrário, a idade técnica realizará a sua monstruosa obra-prima de transformar o homem num gigante do mundo físico, à custa do espírito reduzido a pigmeu do mundo sobrenatural e eterno.

▪ [*Anterior*](#)

▪ [*Índice*](#)

▪ [*Posterior*](#)



O INFLUXO DO "ESPÍRITO TÉCNICO" NA ORDEM NATURAL DA VIDA DOS HOMENS MODERNOS E NAS RELAÇÕES RECÍPROCAS ENTRE ELES...

11. Mas não fica por aqui o influxo exercido pelo progresso técnico, uma vez que seja acolhido na consciência como coisa autônoma e como fim em si mesmo. Ninguém deixa de ver o perigo dum "conceito técnico da vida", que está em considerar a vida exclusivamente pelo lado dos valores técnicos, como um elemento e fator técnico. O seu influxo repercute-se tanto no modo de viver dos homens modernos, como nas recíprocas relações entre eles. .

12. Olhai-o ,por um momento em atividade no meio do povo entre o qual já se difunde, e notai em especial como alterou o conceito humano e cristão do trabalho, e que influxo exerce na legislação e na administração. O povo acolheu favoravelmente, e com razão, o progresso técnico, porque diminui o peso do esforço e aumenta a produtividade. No entanto, é preciso confessar que, se tal sentimento não se mantém nos devidos limites, o conceito humano e cristão do trabalho sofre necessariamente prejuízo. Do mesmo modo, do inexato conceito técnico da vida, e portanto do trabalho, deriva considerar-se o tempo livre como fim em si mesmo, em vez de o olhar e utilizar como justo alívio e restabelecimento, ligado essencialmente ao ritmo da vida ordenada, na qual repouso e trabalho se alternam num tecido único, e se integram numa só harmonia. - Mais visível é o influxo do "espírito técnico" aplicado ao trabalho, quando se tira ao domingo a sua dignidade singular - como dia do culto divino e do repouso físico e - espiritual para os indivíduos e a família - e ele se reduz, em vez disso, a um dia de folga como outros no decurso da semana. Estes podem até ser diferentes para cada membro da família, quando se espera obter maior rendimento de tal distribuição técnica da energia material e humana. Igual influxo se verifica quando o trabalho profissional está de tal maneira condicionado e sujeito ao "funcionamento" da máquina e dos instrumentos, que arruina rapidamente o trabalhador, consumindo-lhe um ano de exercício da profissão a força de dois ou mais anos de vida normal .

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



... NA DIGNIDADE PESSOAL DEDES, NA ECONOMIA GLOBAL...

13. Renunciamos a expor com mais vagar como este sistema, inspirado exclusivamente em vistas técnicas, ocasiona, ao contrário do que se esperava, desperdício de -recursos materiais e também das principais fontes de energia - entre as quais é preciso incluir sem dúvida o próprio homem, - e como por conseqüência esse sistema deve vir a revelar-se peso dispendioso para a economia global. Não podemos todavia deixar de assinalar nova forma de materialismo que o "espírito técnico" introduz na vida. Bastará aludir a que ele a esvazia do seu conteúdo, porque a técnica é ordenada para o bem do homem e do complexo dos valores espirituais e materiais que respeitam à sua natureza e à sua dignidade pessoal. Onde, porém, a técnica dominasse autônoma, a sociedade humana transformar-se-ia numa .multidão incolor, em qualquer coisa de impessoal e esquemático, contrária portanto ao que a natureza e o seu Criador mostram querer .

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



... E NA FAMÍLIA

14. Sem dúvida grandes partes da humanidade não foram ainda atingidas pelo chamado "conceito técnico da vida"; mas é de temer que, onde quer que penetre sem reservas o progresso técnico, cedo se manifeste o perigo das deformações indicadas. E pensamos com particular angústia no perigo que ameaça a família, que na vida social é o mais sólido princípio de ordem, pois consegue suscitar, entre os seus membros, inúmeros serviços pessoais, que se renovam quotidianamente, e consegue ligá-los com vínculos de afeto à casa e ao lar, além de que desperta em cada are o amor da tradição familiar na produção e na conservação dos bens de uso. - Onde, porém, penetra o conceito técnico da vida, a família afrouxa o laço pessoal da sua unidade, perde calor e estabilidade. Não permanece unida senão quando exige -a produção em massa, para a qual se corre com insistência cada vez maior. já não temos a família como obra de amar e refúgio de almas, mas apenas como desolado depósito, ou de ruão de obra para a .produção, ou de consumidores dos bens .materiais produzidos, segundo peçam as circunstâncias.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



O "CONCEITO TÉCNICO DA VIDA" FORMA PARTICULAR DO MATERIALISMO.

15. O "conceito técnico da vida", portanto, não é outra coisa senão forma particular do materialismo, enquanto oferece, como última resposta á questão da existência, uma fórmula matemática e de cálculo utilitário. Por isso, o desenvolvimento técnico de hoje, como se tivesse consciência de estar envolto em trevas, manifesta inquietação e angústia, que notam especialmente os que se aplicam febrilmente a procurar sistemas sempre mais complicados e arriscados. Um mundo assim guiado não pode dizer-se iluminado da luz nem animado da vida, que o Verbo, esplendor da glória de Deus (Heb 1, 3), veio comunicar aos homens, ao fazer-se homem.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



GRAVIDADE DA HORA PRESENTE, ESPECIALMENTE PARA A EUROPA.

16. Ao Nosso olhar - constantemente ansioso por descobrir no horizonte sinais de estável claridade (se não daquela luz plena de que falou o Profeta) - eis que se oferece pelo contrário a visão caliginosa duma Europa inquieta, onde o materialismo de que falamos, em vez de resolver, lhe exaspera os problemas fundamentais, intimamente ligados com a paz e ordem do mundo inteiro.

17. E' verdade que ele não ameaça este continente mais seriamente do que as outras regiões da terra. Julgamos até que estão mais expostos aos referidos perigos, e mais abalados no equilíbrio moral e psicológico, os povos que tarde e de improviso foram atingidos pelo rápido progresso da técnica. Com efeito a evolução importada, seguindo não com movimento constante mas por saltos descontínuos, não encontra nem na neutralidade de cada indivíduo nem na cultura tradicional fortes diques de resistência, de correção e de nivelamento.

18. Todavia as Nossas graves apreensões a respeito da Europa são motivadas pelas incessantes desilusões em que vão naufragando, de há anos para cá, os sinceros desejos de paz e de alívio sonhados por estes povos, e isto por culpa, ainda, da maneira materialística de pôr o problema da paz. Nós pensamos em modo particular naqueles que julgam a questão da paz como de natureza técnica, e olham a vida dos indivíduos e das nações sob o aspecto técnico-econômico. Esta concepção materialística da vida ameaça tornar-se a regra de proceder de afadigados agentes de paz e a receita da sua política pacifista. Julgam eles que o segredo da solução está em dar a todos os povos a prosperidade material, mediante a constante subida da produtividade do trabalho e do nível de vida, assim como, há cem anos, merecia a absoluta confiança dos Estadistas esta fórmula semelhante: Peto livre comércio a eterna paz.

▪ [Anterior](#)

▪ [Índice](#)

▪ [Posterior](#)



O CAMINHO RETO PARA A VERDADEIRA PAZ.

19. Nunca porém qualquer materialismo se mostrou meio apto para implantar a paz, sendo esta, antes de mais, atitude de espírito e, só secundariamente, equilíbrio harmônico de forças externas. É, portanto, erro de princípio confiar a paz ao materialismo moderno, corruptor do homem nas suas raízes e sufocador da sua vida pessoal e espiritual. A mesma desconfiança leva, aliás, a experiência, pois demonstra, mesmo em nossos dias, que o dispendioso potencial de forças técnicas e econômicas, quando distribuído mais ou menos em igualdade entre as duas partes, vem a impor receio de ambos os lados. Portanto, obter-se-ia assim uma paz do medo somente; não a paz que é segurança do futuro. Isto é preciso repeti-lo sem descanso, e persuadi-lo ao povo e a todos aqueles que se deixam facilmente alucinar pela miragem de a paz consistir na abundância dos bens. Não, a paz segura e estável é sobretudo problema de unidade espiritual e de disposições morais. Exige, sob pena de nova catástrofe para a humanidade, que se renuncie à falaz autonomia das forças materiais, as quais, nos nossos tempos, mal se distinguem das armas propriamente bélicas. A presente condição de coisas não melhorará, se todos os povos não reconhecerem os comuns fins espirituais e morais da humanidade, se não se ajudarem uns aos outros a atingi-los, e, por conseguinte, se não se entenderem entre si para opor-se à dissolvente discrepância que domina entre eles quanto ao nível de vida e à produtividade do trabalho.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



A UNIÃO DOS POVOS DA EUROPA.

20. Tudo isto pode ser feito, e é até urgente que se faça, na Europa, produzindo a união continental entre os povos, diferentes embora entre si, mas geográfica e historicamente ligados uns aos outros. Poderoso incentivo para tal união é a manifesta falência da política contrária e o fato de os próprios povos, ainda nas camadas mais humildes, esperarem a realização de tal união, julgando-a necessária e praticamente possível. Parece, portanto, ter chegado o tempo de a idéia se tornar realidade. E' por isso que Nós exortamos a que trabalhem nesse sentido, primeiro que tudo os políticos cristãos, a quem bastará recordar que foi sempre empenho do Cristianismo toda a espécie de união pacífica de povos. Por que se há de hesitar ainda? O fim é claro; as necessidades dos povos estão à vista de todos. A quem pedisse antecipadamente garantia absoluta de feliz resultado, haveria que responder que se trata sem dúvida dum risco mas necessário; dum risco, mas adaptado às possibilidades presentes; dum risco razoável. E' preciso sem dúvida proceder cuidadosamente; avançar com bem calculados passos; mas por que desconfiar, precisamente agora, do alto grau conseguido pela ciência e experiência política, as quais sabem prever suficientemente os obstáculos e ter prontos os remédios? Deve sobretudo decidir-nos o grave momento em que a Europa se debate; pata ela não há segurança sem risco. Quem exige absoluta certeza, não mostra boa vontade para com a Europa.

▪ [Anterior](#)

▪ [Índice](#)

▪ [Posterior](#)



GENUÍNA AÇÃO SOCIAL CRISTÃ.

21. Sempre em vista deste fim, Nós exortamos igualmente os políticos cristãos a atuarem no interior dos próprios países. Se a ordem não reina na vida interna dos povos, é inútil esperar a união da Europa e a segurança da paz no mundo. Num tempo como o nosso, em que os erros se transformam facilmente em catástrofe, um político cristão não pode - hoje menos que nunca - aumentar as tensões sociais internas, dramatizando-as, transcurando o que há de positivo e deitando a perder a reta visão do que é razoavelmente possível. Dele se espera tenacidade na aplicação da doutrina social cristã, tenacidade e confiança, mais do que mostram os adversários nos seus erros. Se a doutrina social, desde há mais de cem anos, se desenvolveu e se tornou fecunda na prática política de muitos povos, - infelizmente não de todos, - aqueles que chegaram demasiado tarde não têm hoje motivo de lamentar que o Cristianismo deixe no campo social uma lacuna, que, segundo eles, se deve preencher mediante a chamada revolução das consciências cristãs. A lacuna não está no Cristianismo, mas na mente de seus acusadores.

22. Sendo assim, o político cristão não presta serviço à paz interna, nem, por conseguinte à paz externa, quando abandona a base sólida da experiência objetiva e dos princípios claros, e se transforma numa espécie de propagandista carismático duma nova terra social, contribuindo para agravar a desorientação dos espíritos já incertos. Disto se torna culpável quem julga que pode empreender experiências na ordem social e principalmente quem não está resolvido a fazer predominar em todos os grupos a legítima autoridade do Estado e a observância das justas leis. Será acaso necessário demonstrar que a fraqueza da autoridade solapa a solidez dum país, mais que todas as outras dificuldades, e que a fraqueza dum país traz consigo o enfraquecimento da Europa e põe em perigo a paz geral?

▪ [Anterior](#)

▪ [Índice](#)

▪ [Posterior](#)



A AUTORIDADE DO ESTADO.

23. E' preciso, portanto, reagir contra a falsa opinião de que o justo predomínio da autoridade e das leis abre necessariamente a porta à tirania. Nós mesmo, alguns anos atrás, neste mesmo dia (24 de Dezembro de 1944), falando da democracia, notávamos que num Estado democrático, não menos que em qualquer outro bem ordenado, a autoridade deve ser verdadeira e efetiva. Sem dúvida a democracia quer realizar o ideal da liberdade; mas ideal é somente aquela liberdade que se afasta de todo o desenfreamento, aquela autoridade que une à consciência do próprio direito o respeito pela liberdade, dignidade e direito dos outros, e é ao mesmo tempo cônica da própria responsabilidade em relação ao bem geral. Naturalmente esta genuína democracia não pode viver e prosperar senão na atmosfera do respeito para com Deus e da observância dos mandamentos, bem como da solidariedade ou fraternidade cristã.

▪ *Autorior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



CONCLUSÃO.

24. Desta sorte, diletos filhos e filhas, a obra da paz prometida aos homens no esplendor da noite de Belém, será enfim levada a termo com a boa vontade de cada um; mas principia na plenitude da Verdade que afugenta as trevas dos espíritos. Como na criação "ao princípio era o Verbo" e não eram as coisas nem as suas leis, nem a sua potência e abundância; assim na execução da misteriosa empresa confiada pelo Criador à humanidade, deve pôr-se ao princípio o mesmo Verbo, a sua verdade, a sua caridade e a sua graça; somente depois a ciência e a técnica. Quisemos apresentar-vos esta ordem e pedimo-vos que a façais vingar eficazmente. Temos por nós a história, que bem sabeis ser boa mestra. Parece, entretanto, que aqueles que não a entendem, e se inclinam por isso mesmo a tentar novas aventuras, são mais numerosos que os outros e os vêm a sacrificar às suas loucuras. Nós falamos em nome destas vítimas, que choram ainda, perto ou longe, sobre as sepulturas e já receiam que se abram outras; das que habitam ainda entre rumas e já vêm aproximar-se novas destruições; vítimas que esperam ainda, como prisioneiros ou dispersos, mas já temem de novo pela própria liberdade. O perigo é tão grande que, junto do berço do Príncipe eterno da paz, Nós tivemos de proferir palavras graves, embora com risco de provocar temores ainda mais vivos. Pode-se, porém, sempre confiar que, com a graça de Deus, será um temor salutar e eficiente, que leve à união dos povos, reforçando assim a paz.

25. Ouça estes Nossos anseios e votos a Mãe de Deus e Mãe dos homens, a Imaculada Virgem Maria - diante de cujo altar se prostram este ano, de modo especial, os povos da terra - a fim de que interponha entre esta e o Trono de Deus a sua materna intercessão.

26. Com estes votos nos lábios e no coração - a vós todos, diletos filhos e filhas, às vossas famílias e especialmente aos humildes, aos pobres, aos oprimidos, aos perseguidos pela sua fidelidade a Cristo e à Igreja - damos com efusão de coração a Nossa paterna Bênção Apostólica.

▪ *Autorias*

▪ *Índice*